

A collection of various outdoor furniture is scattered on a vibrant green lawn. There are several folding chairs with different striped patterns (blue and white, green and white, yellow and green), a solid green plastic chair, a wooden chair with a striped cushion, and a lounge chair with a colorful floral pattern. A white plastic chair is also visible. The scene is set outdoors on a well-maintained lawn.

Você  
morrerá  
se a perder...

# A FESTA DO BAIRRO

JAMIE DAY

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM





Você  
morcea  
se a gente...

A  
**FESTA  
DO  
BAIRRO**  
JAMIE DAY

Wladimir

Jamie Day

## A Festa do Bairro

ROMANCE

Teddy  
Solomon

# Ficha Técnica

Título: A Festa do Bairro  
Título original: The Block Party – a novel  
Autor: Jamie Day  
Editora: Marta Ramires  
Tradução: Sofia Ribeiro  
Revisão: Isabel Garcia  
Capa: Maria Manuel Lacerda/LeYa  
ISBN: 9789896619381

Direitos reservados  
CASA DAS LETRAS  
uma chancela da empresa LeYa, S.A.  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
Tel. (+351) 21 427 22 00  
Fax. (+351) 221 471 77 37  
E-mail: [info@casadasletras.leya.com](mailto:info@casadasletras.leya.com)

© 2023, J.D. Publications LLC.  
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor  
[www.leya.com](http://www.leya.com)

Esta é uma obra de ficção. Todas as personagens, organizações e os acontecimentos retratados neste romance são ou produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia.

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

## Ficha Técnica

## MEMORIAL DAY, ATUALIDADE

Capítulo 1

## MEMORIAL DAY, UM ANO ANTES

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

## VERÃO

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

## OUTONO

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

## INVERNO

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

## PRIMAVERA

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

## MEMORIAL DAY, ATUALIDADE

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

MEMORIAL DAY, UM ANO DEPOIS. . .

Epílogo

Agradecimentos



*À Kathleen  
e a tudo que ela fez para que esta festa acontecesse*

## MEMORIAL DAY, ATUALIDADE



## Capítulo 1

A intenção de Alexandra Fox era tomar apenas umas bebidas na festa do quarteirão. Três, no máximo.

Oh, paciência. A mulher planeja, Deus ri.

Mas Deus não teve de organizar aquela festa. Ela sim. O *slogan* do bairro podia muito bem ter sido: *Vá perguntar à Alex, acho que ela deve saber*. Basicamente, a letra de uma canção de drogas dos anos sessenta. Daí a bebida na mão. Se a Alice no País das Maravilhas precisava de comprimidos para funcionar como deve ser – bem, Alex de Meadowbrook, no Massachusetts, podia beber um pouco de vinho.

– O que é que aconteceu às toalhas azuis? – perguntou uma vizinha.

Alex assustou-se com o som da voz dela.

– Eram tão bonitas.

Alex olhou para as toalhas de mesa vermelhas como se não pudesse acreditar na sua estética horrível.

– Concordo cem por cento – disse ela com o toque certo de nojo. Se tivesse conseguido encontrar as azuis na cave, teria usado essas. Mas havia uma boa probabilidade de as ter deitado fora por engano meses antes.

– Que chamada de atenção tão boa – continuou Alex. – Vou lembrar-me delas para o ano. – Quase atirou um beijo ao ar para selar o acordo, mas ainda não estava assim tão bêbada.

*Em vez de apontar o dedo ao que achas que não funciona, pensou ela, talvez me pudesses ter ajudado a enviar os dezoito convites... ou a servir a comida, ou a montar o campo de badmínton. Mas não... que pena as toalhas de mesa vermelhas.*

– Ah, tens de experimentar a salada de batata da Emily – disse Alex, na esperança de mandar aquela pessoa embora. – É de morrer, completamente.

Direcionou a atenção da vizinha para as mesas dobráveis empilhadas bem alto com bandejas de sobremesas e tigelas de batatas fritas, que ofereciam migalhas que os pássaros ousados ocasionalmente arrebatavam, descendo em voo. Os pratos de carne chiavam ao sol.

Lá se foi a vizinha e, *finalmente*, Alex teve um momento livre para si,

sem ninguém a pedir nada, o que significava que podia ficar a beber em paz do seu copo de plástico vermelho.

Retomaria a sobriedade no dia seguinte. Havia coisas piores. Não seria grande problema, desde que conseguisse evitar o marido, Nick... pelo menos até ficar sóbria.

Os sons das crianças a brincar enchiam o ar, enquanto os respetivos pais conversavam em grupos ou descansavam nas cadeiras de praia, que pontilhavam a ilha do beco sem saída. Alex resistiu ao impulso de desdenhar.

*Se vocês todos soubessem o que eu sei,* pensou ela, quase a sorrir com a ideia, *estariam a fugir desta festa a sete pés, não a jogar cornhole[1], isso é certo.*

Sentiu um puxão suave na parte de trás da camisa. Ao virar-se, pôs os olhos turvos numa menina que vivia quatro portas abaixo, em Alton Road. Conhecia aquela cara, mas nem por nada se conseguia lembrar do nome da criança.

– Os cachorros-quentes já estão prontos? – perguntou a menina... ou seriam meninas? Estava a ver a dobrar?

Caraças!

Alex apontou para a fileira de grelhas ao longe, operadas por uma fila de pais suados.

– Como é que eu hei de saber se os cachorros-quentes estão prontos, querida? – questionou. – Não estou a trabalhar na grelha, ou estou?

Os olhos da menina arregalaram-se. Alex teve medo de que a criança se desfizesse em lágrimas. Não pretendia ser indelicada, apenas factual. Esta abordagem funcionava bem com os seus clientes da mediação de divórcio, mas era obviamente menos eficaz com uma criança num churrasco de bairro.

– Vem comigo – disse ela, com a voz mais alegre.

*Molly. O nome desta menina é Molly Sanders. Pronto. Não bêbeda.*

Pegou na mão da menina. O frágil aperto da criança fez com que fosse mais fácil manter-se em pé.

– Vamos ver juntas os cachorros-quentes.

Uma chama de sol persuadiu gotas de suor a chegarem à pele de Alex. Água. Preciso de água.

Os cachorros-quentes na grelha estavam, de facto, prontos. Mas Alex não. Meteu a mão na piscina insuflável e pôs-se à pesca nas profundezas geladas, acabando por retirar de lá uma garrafa de plástico de vinho branco do tamanho de uma garrafa de mergulho. Encheu o copo vermelho quase até à borda. Serviu-se também de uma garrafa de água, como se isso pudesse equilibrar as coisas.

Alex ficou à coca de Nick. Não tinham falado muito desde a grande discussão, há dois dias. Quis a sorte que ela escolhesse a churrasqueira que ficava mais longe do bar de ratã, estilo Havai. Atrás desse bar, Nick Fox misturava os *cocktails* mais elaborados, nenhum dos quais teria deixado Alex beber. Ainda bem que ela tinha abastecido o bar para ele naquela manhã. Nick

tinha prometido fazê-lo, mas não o fez, deixando o trabalho para ela. Sentia-se mais do que merecedora da bebida de que se servira enquanto o fazia. Pouco importava que fosse antes do meio-dia. A estrutura de pé, que Nick tinha comprado numa feira da ladra há uns anos, inclinou-se para um lado como se estivesse prestes a tombar.

Alex sentia o mesmo.

Aquele seria o seu último copo até à noite, prometeu a si mesma. *Água e café a partir de agora e até ao fim*. Ainda estava completamente funcional. Conseguia manter uma conversa. Ninguém estava a olhar para ela com ar esquisito, pois não?

A rua estava bastante movimentada agora e ficaria assim até tarde naquela noite. Se Alex andasse ao seu ritmo – afastando-se de Nick, é claro – poderia festejar com os vizinhos, para contentamento do seu coração.

A festa era um pandemónio controlado, com quinze famílias (três não apareceram) e trinta e tal miúdos. *Rock* clássico saindo a todo o volume de um par de altifalantes comprados exclusivamente para aquele acontecimento anual. Abundavam os jogos ao ar livre, com o relvado da ampla casa de Alex a funcionar como campo de badmínton.

Passou os olhos pelas casas ao longo do perímetro do beco sem saída. Nick, arquiteto de profissão, tinha projetado a bela casa dos dois. Mas agora ela via aquelas habitações como realmente eram: cascas vazias, uma ilusão de normalidade e segurança. Se aquelas paredes falassem... ui, os segredos e mentiras que haveriam de partilhar.

*Como mudou tudo tanto num único ano?*

De bebida na mão, Alex retirou-se para a sombra de uma pérgula ali perto, em segurança, longe da vista dos olhos curiosos.

Passado um momento, um homem entrou na tenda, alguém que Alex não queria ver.

Ela não sabia o seu nome de batismo, mas todos na cidade o tratavam por Homem Peste. O Homem Peste era um comercial do controlo de pestes e, ele próprio, uma peste na vizinhança. Era alto e magro, com ombros descaídos e olhos salientes como os das moscas que era contratado para exterminar. O seu uniforme, um macacão todo verde com um boné também verde a condizer, adornado com um logótipo colorido com motivo de bicho, disse que estava ali para trabalhar. Certamente não tinha sido convidado.

Alex fez-lhe uma careta.

– O que está aqui a fazer? – perguntou ela. – Esta festa é privada.

O Homem Peste ofereceu um sorriso estranho.

– Estou a divulgar o meu novo negócio. – Presenteou Alex com um panfleto, que ela não aceitou. Não o teria conseguido ler, de qualquer forma, com a visão a focar e a desfocar. – Atualmente, trabalho por conta própria – disse ele.

– Ah sim? – O tom de voz de Alex era frio.

– Pois, perdi o emprego depois de alguém, desta mesma rua, ter feito uns

telefonemas desfavoráveis sobre mim – disse o Homem Peste. – Acho que as minhas táticas de vendas não correram lá muito bem com os seus vizinhos.

– Eu contratei os seus serviços uma vez – disse Alex. – Mas só depois de me ter assustado para eu o fazer. Talvez haja alguma verdade nessas queixas.

O Homem Peste encolheu os ombros.

– Eu estava simplesmente a explicar que, uma vez que eu tratei da casa do seu vizinho, as pragas provavelmente procurariam abrigo na sua residência. Os bichos não querem saber de quem paga a hipoteca. Vão para onde não há veneno. Eu estava só a tentar ajudar.

– Há quem chame a esse tipo de ajuda tática do susto – disse Alex. – Olhe, você não foi convidado e eu não quero que persiga os meus vizinhos: tocar às campainhas como se houvesse um incêndio do lado de fora, assustar as pessoas quase até à morte, encher os carros de panfletos ou partir as janelas quando as coisas não correm à sua maneira.

O Homem Peste parecia indignado.

– De que é que está a falar? – perguntou. – Eu mato insetos. Não parto janelas.

A expressão de Alex endureceu.

– Tanto eu como você sabemos que foi você quem atirou pela janela do meu cunhado aquela pedra com o bilhete preso. Se ele o vir por aqui, o senhor não estará em segurança. Lembra-se de que ele tem uma arma, certo? Eu, se fosse a si, não lhe iria bater à porta.

Alex não esperou por uma resposta. Saiu da pérgula em passo de marcha e deparou logo com Nick. Chocaram com força um no outro, o suficiente para entornar o vinho do copo de plástico de Alex em cima do marido.

– Credo, Alex – disse Nick. Baixou os olhos, com nojo, para a enorme mancha molhada que tinha no polo. – Estiveste a beber? – perguntou.

– Não – disse Alex, usando uns músculos recém-descobertos para não balançar.

Nick cheirou o ar.

– Cheiras a álcool – disparou. – Meu Deus, Alex, nós *falámos* sobre isto.

– É uma festa, Nick – disse Alex. – Não sejas tão sério, está bem? Não és a minha mãe.

– Graças a Deus – murmurou Nick entre dentes.

Alex tentou não mostrar que estava picada.

– O que queres dizer com isso? – perguntou.

– Quero dizer que dizes o que queres, fazes o que queres e que se lixem as consequências. Tu prometeste que não ias beber mais, Alex.

– Divirto-me um bocado durante um dia... – disse Alex com voz arrastada. Para o caso de Nick não ter compreendido, espetou um único dedo.

Os olhos de Nick, que normalmente eram de um tom castanho adocicado, escureceram como o carvão. Deu um passo atrás para avaliá-la.

Alex também recuou, mal se aguentando ao torcer um tornozelo nos sapatos de cunha. Não queria estar ao pé dele. Nick pôs as mãos nas ancas,



com a mesma expressão na cara com que dava sermões a Lettie.

– Estou só a divertir-me, amor – disse Alex. – Deixa lá, sim? Organizar a festa deu uma trabalhadeira dos diabos. E a Lettie... ela está quase a ir para a faculdade e eu ainda estou muito incomodada com a nossa discussão. Será que não posso libertar um bocado de tensão sem que me estejas a observar como um falcão?

– Desta maneira, não, não podes – respondeu Nick, com um tom acutilante.

Alex enxotou-o com a mão. Não precisava de um sermão. Não queria um ralhete. Era uma mulher adulta, que podia tomar as suas próprias decisões de vida.

– Não gosto mesmo de ser tratada como uma criança – disse ela. – Acho que mereço um pouco de gratidão do meu maldito marido, não uma palestra... ou também achas que as toalhas de mesa vermelhas são uma merda?

Nick parecia completamente perplexo.

– O que é que as toalhas de mesa têm que ver com estares com os copos na festa do quartoirão?

– Esquece – disse Alex, irritada. Torceu a pulseira *David Yurman* que Nick lhe tinha comprado para o décimo segundo aniversário deles, resistindo à vontade de a arrancar e de lha atirar à cara. Estavam em jogo demasiadas *nuances* para que Nick entendesse. Preferia estar com as amigas, de qualquer maneira. Compreendiam-na muito melhor do que o marido alguma vez compreenderia.

Deu um passo atrás, mas acabou por ser um passo a mais. O pé de Alex entrou em contacto com a lateral da piscina infantil cheia de água, gelo e bebidas. Tão depressa estava a recuar, como estava de rabo no chão, coberta de água e gelo, com bebidas a boiar à sua volta.

Viraram-se cabeças. As pessoas pararam de falar. Todos os olhos caíram sobre Alex.

Ela saltou para fora da piscina como se estivesse eletrificada, erguendo as mãos acima da cabeça, triunfante, para assinalar que tinha feito aquilo intencionalmente.

– Estava a ficar calor aqui fora – gritou Alex para os embaçbacados. – Eu estou bem. Bem fresquinha. Literal e figurativamente.

*Foi uma recuperação inteligente,* pensou.

Seguiu-se uma salva de palmas, mas não conseguiu sobrepor-se à conversa sussurrada e aos risos dissimulados.

Nick segurou o braço de Alex.

– Mas que raio, Alex. Tu és uma desgraça – disse entre dentes. – Controla-te, se faz favor. Vai para casa. Dorme até isso passar, antes que te envergonhes ainda mais. A Lettie não devia ter de te ver assim. E olha, Alex, faças o que fizeres, não voltes.

Bem, essa doe.

Alex conseguiu manter o sorriso estampado no rosto enquanto voltava para casa. Era difícil andar com as calças de ganga encharcadas. A camisa molhada oferecia uma antevisão velada da barriga, mas felizmente nada mais.

– Estou bem. Estou bem – disse ela a todos que lhe perguntassem. – Uma rapariga já não pode cair numa piscina?

Uma vez em casa, Alex despiu-se na casa de banho. Colocou a roupa encharcada no cesto. Estava zangada com os comentários de Nick, mas mais chateada ainda por não ter pensado em trazer outra garrafa de vinho da piscina. A casa estava «seca» desde março. *Provavelmente é o melhor.* Ia dormir um pouco e voltava para a festa mais tarde. Nick não mandava nela.

Alex instalou-se no sofá. O ar condicionado estava ligado, gelando-lhe a pele. Puxou uma manta felpuda até ao queixo. A sua mente revisitou o incidente, desencadeando torrentes de vergonha.

*És melhor do que isso*, disse Alex a si mesma. *O Nick teve razão em ficar horrorizado. Fiz mesmo figura de parva. O que se passa comigo? Graças a Deus, a Lettie não estava por ali para assistir àquilo.*

Os olhos de Alex acabaram por fechar-se. Não tardou a mergulhar num sono sem sonhos.

Passado algum tempo, acordou com um sobressalto. A luz do dia ainda se infiltrava por baixo da cortina, informando Alex de que ela não tinha passado o tempo da festa a dormir.

Sentou-se direita, depressa demais, e a sala começou a andar à roda. Os seus ouvidos precisaram de algum tempo para se sintonizarem com o som forte do lado de fora da janela. Alguma coisa não estava bem. Tinha ouvido de tudo ao longo dos anos – fogo de artifício, gargalhadas, música –, mas sirenes da polícia na festa do quarteirão de Alton Road?

Era uma estreia, sem dúvida.

---

[1] O *cornhole* é um jogo de relvado popular na América do Norte em que os jogadores ou as equipas se revezam a atirar sacos de feijão de tecido para um tabuleiro elevado e inclinado com um buraco na extremidade mais distante. (N. do E.)

## **Memorial Day (Atualidade)**

### **Página online da comunidade de Meadowbrook**

#### **Post de Regina Arthur**

Alguém sabe o que está a acontecer? Acabei de ouvir o que parecia ser uma centena de sirenes a passar.

##### **Ed Callahan**

Ajudava se soubéssemos onde moras! Costumas pensar?

##### **Resposta de Tom Beck**

Ah, o Ed está de volta. Mas quem é que te desbloqueou, Ed?

##### **Laura Ballwell**

Eu também as ouço. Acho se passa alguma coisa em Alton Road.

##### **Resposta de Susanne Horton**

Passa-se alguma coisa com as Flaúsinas da Alton? É de admirar que não tenham mandado a Guarda Nacional. LOL!

##### **Resposta de Joseani Wilkins**

Não tem piada. Passa-se alguma coisa grave.

##### **Regina Arthur**

Nunca ouvi tantas sirenes.

##### **Janet Pinkham**

Há mais alguém a ter problemas com os sacos de lixo da câmara, que se rasgam na costura? Já aconteceu quatro vezes, por isso tenho de usar dois, já para não falar na porcaria que fez.

##### **Resposta de Katherine Leavitt**

Por favor, Janet, comece um *post* novo para isso. Há uma situação grave em Alton Road. Não é hoje a festa do quarteirão deles, do Memorial Day?

##### **Resposta de Laura Ballwell**

Sim!!! O meu marido está a tentar escutar o rádio da polícia. Fiquem atentos!

##### **Christine Duddy**

Estou a enviar pensamentos e orações.

##### **Resposta de Susanne Horton**

Já agora envia também o fiscal das finanças. Eles deviam pagar impostos mais altos. Ah! Ah!

##### **Henry St. John**

Acho que deve haver um incêndio, ou algo assim. Acabei de ver três carros de bombeiros a passar pela minha casa.

**Tom Beck**

Alguém que viva perto de Alton Road, vê fumo?

**Resposta de Ross Weinbrenner**

O único fumo que eu vi é da frota deles e das churrasqueiras. Quem aqui já foi convidado para a grande festa do quarteirão do Memorial Day dos Altonitas?

**Resposta de Ross Weinbrenner**

Eles nem sequer convidam pessoas de Tucker Street. Que fica a DUAS ruas da deles. Duas ruas não é perto o suficiente para fazer parte do quarteirão?

**Resposta de Ed Callahan**

Hã, não.

**Resposta de Susanne Horton**

Altonitas!! Ah! Ah!

**Laura Ballwell**

Pessoal, por favor!! Isto é sério. Talvez tenha havido um acidente grave ou algo assim?

**Regina Arthur**

O meu marido acabou de ouvir o código 187 no *scanner*.

**Resposta de Susanne Horton**

Isso é o código para ter a mania?

**Resposta de Tom Beck**

Não, parva. É o código de um homicídio.

# MEMORIAL DAY, UM ANO ANTES



## Capítulo 2

Da sua perspetiva na sombra, Alex viu Nick dispor uma pilha de sacos de serapilheira numa linha perfeitamente reta, no relvado meticulosamente aparado do vizinho deles. Admirou de longe o corpo magro, mas não musculoso do marido, com plena consciência de que não era o clima festivo que fazia o seu coração bater com força. Bermudas à parte, Nick era o amor da sua vida.

Mas Alex não podia ficar sentada, de braços cruzados, a admirar o marido. Tinha trabalho para fazer. Era a organizadora da festa do quarteirão, que implicava uma série de responsabilidades.

Verificou o telemóvel. Não faltava muito para que aqueles sacos estivessem cheios de crianças a correr como feijões gigantes aos pulos. Sorriu ao lembrar-se de Lettie a fazer isso mesmo. Os dias eram compridos, mas os anos eram curtos – um lugar-comum, mas nem por isso menos verdadeiro.

Embora a festa estivesse ao rubro, com pessoas em toda a parte a beber, comer e jogar, não foi difícil a Alex ver a filha. Como seria de esperar, Lettie era a única na festa do quarteirão vestida de preto, as *Doc Martens* em gritante contraste com os ténis e as sandálias que todos os outros usavam. Passou devagar pelo pai sem um olhar sequer, a bebericar despreocupadamente do seu copo de plástico vermelho.

Alex esperava que contivesse apenas refrigerante.

– Lettie – chamou Alex –, porque não partilhas a tua *playlist* com o tio Ken? Vinham a calhar umas músicas mais atuais.

Nesse preciso instante, os Doobie Brothers soaram dos altifalantes que o cunhado de Alex, Ken Adair, fora buscar à cave. Ken, que em tempos tocara guitarra numa banda do liceu, tinha prometido formar uma banda qualquer para se apresentar na festa do quarteirão. Felizmente para todos, não tinha conseguido ou o tempo ou o talento da vizinhança para levar a cabo a sua ameaça.

Lettie descartou a mãe com um aceno da mão.

– Eu tinha vontade de ajudar com a música desta festa, tipo, há quatro

anos, quando ainda queria saber disso – disse ela. – Mas agora já não quero.

Levantou o copo de plástico, num gesto de saudação, antes de marchar dali para fora. Lettie tinha ordens para participar da festa do quarteirão, mas isso não significava que tivesse de socializar.

– Ela vai voltar a si. Dá-lhe tempo – disse uma voz nas costas de Alex.

Alex virou-se e viu Willow Thompson, uma mulher alta e magra, de trinta e tal anos, cabelo loiro-escuro cheio de caracóis irritantemente perfeitos. Era o relvado de Willow que receberia as corridas de sacos. Tecnicamente, o relvado era de Willow e Evan, pelo menos até o divórcio ser finalizado.

– Vai voltar a si quando? – perguntou Alex. – Quando tiver um bebé e voltar a precisar de mim?

Willow limitou-se a encolher os ombros.

Para alguém que nunca tinha tido uma carreira, que ganhava dinheiro em empregos a tempo parcial aqui e ali – sendo o último numa creche –, Willow vestia-se sempre para impressionar. Enfeitada com corsários justos, sandálias de tiras e uma blusa de seda solta, perfeita para o clima quente, parecia pronta para comandar uma multidão, mesmo num churrasco.

– Vai ser mais fácil quando aquela coisa na escola passar – disse Willow. – Se é que isto ajuda, a Riley sente-se mal com o que aconteceu. Ela não apoia o vandalismo, mas apoia a *ideia* por trás dele.

– É bom saber – disse Alex. Não parecia assim tão apreciativa.

Riley Thompson, filha única de Willow, era presidente da associação de estudantes e o equivalente a uma celebridade de topo entre os jovens de Meadowbrook. Era também a melhor amiga de infância, transformada em algoz, de Lettie, mas Alex não guardava rancor. As amizades das raparigas tinham mais drama do que um festival de Shakespeare. Foram os eventos mais recentes que Alex achou um pouco mais difíceis de ignorar.

– Eu vou ver como estão os hambúrgueres – disse Alex, antes de Willow ter oportunidade de mudar de assunto para o seu divórcio pendente, o tema predileto. – Depois pomos a conversa em dia, sim? – Alex fez um aceno amigável. E lá foi para a tenda onde o futuro ex-marido de Willow, um fotógrafo de moda conhecido, mas temperamental, chamado Evan Thompson, estava a grelhar a carne.

Evan parecia ser a versão masculina de Willow, com a camisa da moda, os calções perfeitos e sapatos que era provável terem acabado de sair diretamente da caixa. Enquanto casal, ficavam lindos juntos, mas as personalidades chocavam como riscas e xadrez. Willow era uma espécie de pessoa caseira, ao passo que Evan queria sempre andar na estrada. Não ajudava que as suas estadas frequentes em Nova Iorque e os vários locais exóticos para fotografar modelos sensuais tornassem difícil para Willow confiar nele. Some-se a isso as festas excessivas e a irresponsabilidade geral, enquanto Willow cuidava de tudo, e o casal acabou com um casamento inflamável.

Embora a decisão fosse firme, ainda não tinham pedido os papéis para o

divórcio. Para o bem de Riley, Willow e Evan concordaram em continuar a coabitar até depois da formatura do liceu, altura em que a casa seria vendida. Mas o casal fez com que o voto «até que a morte nos separe» soasse a ameaça.

– Então, o que o maior erro da minha vida tinha a dizer? – Evan indicou Willow com um aceno de cabeça, enquanto as mãos se ocupavam a colocar hambúrgueres na chapa.

Alex tinha um sorriso estampado no rosto.

– Referes-te à mãe da tua preciosa filha?

– Ela pode ser parecida com a mãe, mas, graças a Deus, a Riley saiu mais a mim em termos de personalidade.

– Continuamos todos a ser amigos, Evan. – Alex suprimiu um suspiro. – Estamos a tentar apoiar os dois. Vamos manter a cordialidade. – Espetou um termómetro de carne na parte mais grossa de um hambúrguer que Evan tinha posto na chapa. A leitura digital exibia 43 graus.

– Este hambúrguer está praticamente vivo – disse Alex. – Não vamos servir *E. coli* às crianças, está bem? Muito obrigada. – Ela deu uma palmadinha suave na bochecha de Evan.

– Queres comer? – perguntou Evan. – Grelho qualquer coisa no churrasco só para ti.

– Não, estou bem – disse Alex. – Talvez daqui a bocado. – Não queria que Lettie a visse a devorar um ser que tinha sido senciente. Não estava com disposição para sermões.

– O que é que a Lettie vai almoçar? – perguntou Evan. – Vou fazer alguma coisa especial para ela.

– O meu coração – disse Alex por cima do ombro, afastando-se.

A partir deste ponto, a festa decorreu sobretudo em piloto automático, mas não sem pequenos incêndios para Alex apagar ao longo do caminho. Por volta das quatro da tarde, lidou com uma crise de pães de hambúrguer (encontrou mais pacotes no congelador da sua cave) e com um concurso de gritos entre crianças de dez anos (localizou as respetivas mães) e deu uma corrida ao supermercado para ir buscar mais barras de chocolate depois de Nick ter deixado um pacote muito perto do fogo.

Finalmente, conseguiu respirar. Levantou os pés numa espreguiçadeira, pronta para saborear o seu vinho. Passados uns instantes, viu Emily, a irmã mais nova, entrar na garagem do número 13 de Alton Road com o seu *Audi*. Um *Lexus* prateado e reluzente entrou atrás dela.

O número 13 estava agora desocupado, pois a família Weaver tinha diminuído de tamanho desde que o seu mais novo se licenciara. A imponente mansão de tijolo entrara no mercado há poucos dias e já tinha um comprador ansioso.

Emily parecia equilibrada e confiante, com a sua roupa profissional casual. O seu sorriso luminoso só faltava dizer: «Esta casa está vendida.» Na qualidade de uma das agentes imobiliárias mais procuradas de Meadowbrook,



Emily Adair – assim como o marido, o comercial-maravilha de *software*, Ken Adair – adorava a emoção de um negócio fechado.

Do *Lexus* saíram os clientes de Emily, um belo indiano e a sua impressionante companheira loira, provavelmente a esposa. A acompanhar o casal estava um jovem no final da adolescência, talvez com vinte e poucos anos, de cabelo e olhos escuros, que provavelmente seria filho deles.

Emily cruzou o olhar com o de Alex, do outro lado da rua e acenou com entusiasmo para que ela se juntasse a eles.

– Alex – disse Emily, ainda radiante –, esta é a família Kumar: Samir, Mandy e o filho, Jay. Família Kumar, esta é a minha irmã e, para minha sorte, a minha vizinha do lado, Alexandra Fox, Alex para abreviar.

Pode não se adivinhar a relação entre Alex e Emily, mesmo com uma avaliação demorada. Embora as irmãs partilhem o cabelo escuro brilhante e os olhos esverdeados, Emily era franzina, ao passo que Alex era várias dezenas de centímetros mais alta, com uma estrutura mais forte. Emily ficou com nariz redondo e pequeno do pai e Alex tinha herdado a estrutura óssea mais marcante da mãe. Diferenças genéticas à parte, as duas mulheres tinham a sua própria beleza clássica.

– Então, boas notícias – disse Emily. – Os Kumar estão muito interessados em fazer uma oferta e eu sugeri que fizéssemos a segunda visita hoje, para lhes poder mostrar o bairro.

Aquele tom a subir, que Alex tão bem conhecia, era um indício não muito subtil de que o negócio estava praticamente fechado.

– Escolheram um dia perfeito para vir – disse Alex.

Samir não fez nenhum movimento para lhe apertar a mão. Pelo contrário, Mandy ofereceu um aperto de mão caloroso... e firme também. Jay não se envolvia e ficou à parte.

– Estamos aqui todos para a nossa festa anual do quarteirão – continuou Alex.

– Querida. – Nick chamou Alex do outro lado da rua. – Acabou a mostarda!

– Está bem – retorquiu ela, forçando um tom alegre na sua voz. – Vou chamar a polícia. Não te preocupes. – Fez um sorriso contraído a Mandy. – Aquele é o meu marido, Nick – disse ela. – É uma pessoa fantástica, muito hábil com uma caixa de ferramentas na mão, não tanto com condimentos.

Mandy, que tinha a pele brilhante e um sorriso radiante, retribuiu com uma gargalhada educada, enquanto assistia à cena com os seus olhos azuis penetrantes. O marido, Samir, dirigiu a sua atenção para a casa gigantesca que Alex achava ser muito mais do que três pessoas precisavam.

– A festa parece tão divertida. Que excelente tradição – disse Mandy, que combinava com Willow, no que tocava a estilo.

O próprio Samir não era desleixado no vestir. Alex percebeu que era fastidioso com a aparência, ao reparar na camisa de fato sem vincos, as mãos bem cuidadas, a polidez dos sapatos, o brilho da bracelete do relógio e o rosto

bem barbeado.

– Relembrem-me dos impostos aqui – pediu Samir a Emily, num tom sugestivo de que qualquer número que ela dissesse seria excessivo.

– Tenho isso na ficha de apresentação – disse Emily, sem perder um instante.

– Tantas crianças – observou Mandy, ainda a contemplar as vistas.

Alex ouviu algo melancólico na voz de Mandy, que ela atribuiu ao facto de ter um filho que, tal como Lettie, já tinha passado há muito do tempo das brincadeiras no quintal.

– Ken. – Emily chamou o marido, que estava ao alcance da sua voz. – Vem cá, querido. Deixa-me apresentar-te.

– Grande casa – resmungou Samir. – Quem é que precisa de uma casa tão grande na nossa idade?

– É linda – disse Mandy, que se saiu muito bem a ignorar a queixa do marido, se é que a ouviu.

Alex ficou a ver Ken atravessar a rua como um imperador conquistador – o peito para fora, ostentando o seu melhor sorriso, «o maior prazer em conhecê-los». Tinha charme, e Alex adorava-o como família, mas o seu radar de tretas tocava sempre bem alto na presença de Ken. Ainda parecia em forma, com o seu polo azul, tinha de lhe dar crédito por isso. Ir religiosamente ao ginásio cinco dias por semana tinha, de certa forma, mantido a idade à margem, enquanto oferecia um vislumbre do atleta que tinha sido. Quase bonito demais, Ken irradiava um magnetismo que atraía as pessoas para junto de si, incluindo Emily.

Ken chegou com a sua preciosa garrafa de *Johnnie Walker Blue Label*. Alex soube então que aquilo era uma encenação. Com cada garrafa a custar mais de duzentos dólares, tratava-se de um prémio que Ken normalmente reservava para si. Choque dos choques, trazia três copos nas mãos.

– Mandy, Samir, este é o meu marido, Ken Adair – disse Emily.

À maneira habitual de Ken, dirigiu-se primeiro ao homem. Na sua cabeça, continuava a ser um mundo de homens e Samir seria aquele que tinha o livro de cheques, que tomaria a decisão final.

– Sou muito egoísta com o uísque caro – disse Ken, olhando apenas para Samir. – Tornou-se uma tradição minha bebê-lo apenas *uma vez* por ano, na festa do quarteirão. E desde que comecei esta tradição, tenho uma pequena superstição relativamente a partilhá-lo.

– Pequena? – interrompeu Emily. – Nunca partilha uma única gota: nunca.

– Exatamente – confirmou Ken. – Mas a minha mulher persuasiva convenceu-me a oferecer um pouco aos nossos novos vizinhos, em jeito de brinde de boas-vindas. Portanto, posso servir-lhes uma bebida?

Samir deu uma risadinha.

– Bem, é um pouco cedo para mim, mas agradeço a oferta.

– Não faz mal – disse Ken. – E só para que saiba, tenho influência no

conselho urbanístico, se estiver interessado em fazer obras. Na verdade, estou a converter a nossa garagem num apartamento para a minha sogra. Vai dar cabo de mim nos impostos, mas ela vale a pena. A família é tudo, não é assim, querida?

– Claro – disse Emily, sem o seu charme de vendas.

– Sim, eu faço o que for preciso pela minha família. Pôr umas centenas de milhares de quilómetros na *F-150*, a levar o meu filho de um torneio de lacrosse para outro ao longo dos anos, mas ele agora é um meio-campo titular em Syracuse. É um programa da primeira divisão, caso não saibam. E tem uma bolsa de estudos completa.

Emily pigarreou.

– Temos outro filho, o Dylan, que também é desportista no liceu de Meadowbrook – disse ela.

Ken parecia ligeiramente atónito.

– Sim, sim, isso mesmo. O D também é um grande jogador. Esforça-se imenso!

*Esforça-se imenso? Esforça-se imenso para brilhar tanto como o Logan*, pensou Alex, e passou-lhe pela cabeça entornar o uísque chique do Ken em cima da cabeça dele.

Deixou o impulso passar. A obsessão de Ken com os êxitos de Logan nada mais era do que viver à sombra da fama alheia, mas isso não fazia com que fosse mais fácil de engolir.

Ken virou-se finalmente para a mulher de Samir, como se reparasse nela pela primeira vez.

– E a Mandy? É assim que se chama, não é? Aceita uma bebida?

Quando os olhos deles se encontraram, Ken ficou perfeitamente imóvel. Alex não sabia bem como interpretar a expressão do seu rosto. Ele era conhecido por ser apreciador de mulheres, especialmente as atraentes, mas parecia impressionado com a beleza de Mandy. *Arrebatado* foi a palavra que lhe veio à cabeça. E a expressão de Mandy também mostrou uma faísca – que certamente não tinha estado lá antes. Era como se uma pequena explosão tivesse acontecido entre eles. Alex sentia o ambiente eletrificado. Pelo olhar no rosto da irmã, dava para ver que Emily também tinha reparado.

## Capítulo 3

### Lettie

Eu sei o que a maior parte das mães da festa do quarteirão está a pensar, pelo menos as que têm filhos mais pequenos. Vejo juízos de valor nos olhos delas. Como estou de preto e não enfeitada com cores primaveris, pensam em coisas como *perturbada*, *deprimida*, *mal-humorada*, *irritada*, *desafiadora* e *adolescente drogada*. Bem, cinco em seis não é mau. Não consumo drogas. Nunca as experimentei. Também nunca bebi álcool. Assunto à parte, não vou a muitas festas.

Para ser sincera, não quero saber da minha popularidade. E também não sou puritana em relação a substâncias que alteram o estado de consciência. Os meus amigos do comité de crise climática da escola fumam sempre umas ganzas depois da nossa reunião semanal, e eu não me importo. Percebo. Quem não precisaria de aliviar um pouco o stress depois de duas horas a falar sobre o derretimento das calotas polares, ondas de calor perigosas, escassez de alimentos e secas intermináveis?

Tenho a certeza de que as mães de Meadowbrook não pensam muito sobre o aquecimento do nosso planeta, no conforto das suas casas com ar condicionado ou enquanto conduzem os SUV enormes, mas é certo que adoram aparências. Veem os meus calções de ganga escuros, as pernas brancas como pasta de dentes, toda a atitude das minhas *Doc Martens*, sem maquilhagem, cabelo comprido num rabo-de-cavalo, e acreditam que isso não vai acontecer aos seus preciosos filhos.

Bom, se as ajuda a dormir melhor.

O meu pai chama-me. Consigo prever o que vai dizer antes que o diga. «Lettie», chamará, com aquela voz profunda de pai, «já comeste alguma coisa?»

Vou ter com ele em passo de marcha.

– Lettie – diz ele. – Já comeste alguma coisa? – Bingo.

– Não tenho fome.

Três palavras. Metade da minha quota diária.

– Bem, e que tal um hambúrguer vegetariano? – pergunta o pai. Ele sabe que eu não toco em carne. Mas não gosta. Acha que tenho carência de proteínas. Não tenho. A proteína vegetal é igualmente boa, já lhe disse inúmeras vezes, mas quando mete uma coisa na cabeça não ouve os factos.

– Não quero, obrigada – digo.

Já seis palavras e o dia ainda é uma criança. Que treta! Vou compensar amanhã.

– Lançar ovos? – pergunta o pai.

Aponta para si mesmo, depois para mim, como se eu não soubesse que ele quer que sejamos companheiros de equipa.

É preciso tudo o que tenho, toda a força de vontade que consigo reunir, para não fazer uma careta. Não posso partir o coração do meu pai, mas lançar ovos? Ó meu Deus, não! Dos oito aos treze anos, fiz equipa com o meu pai e fomos imbatíveis. Somos o Tom Brady/Rob Gronkowski do lançamento do ovo. Algures na cave há uma caixa de troféus de plástico ridículos que o meu tio Ken compra todos os anos para distribuir como prémios para vários jogos, incluindo o lançamento de ovos. No entanto, para desespero do meu pai, retirei-me das competições depois de ter vivido o que agora julgo que foi o meu despertar – ou seja, quando acordei para a estupidez que são estes concursos. Ano após ano, o meu pai tenta corajosamente que eu reverta a situação. Acha que mais um troféu nos vai aproximar.

Bendito coração de manteiga.

Não é que eu não tenha tentado relacionar-me com o meu pai. A sério, tentei. Não sou o tipo de adolescente que acha que os pais são estúpidos e não têm nada a oferecer. O meu pai tem uma inteligência louca. E é um tipo fantástico e, sim, eu adoro-o. Mas ele não quer falar sobre coisas que são importantes para mim: o aquecimento global, o problema da imigração, o controlo de armas, questões de género – a lista continua.

Agora estamos num outro género de rota de colisão. A faculdade está ao virar da esquina e os custos da minha formação académica tornaram-se o seu tema de conversa preferido. Ele acha que é um desperdício de dinheiro gastar uma quantia obscena numa licenciatura. Acho que não quero ir para a Universidade de Massachusetts. A Califórnia chama por mim! O Estado mais progressista do país, onde eu poderia trabalhar na crise climática a partir da linha de frente. Se o meu pai não pagar a Universidade da Califórnia, vou fazer um empréstimo. Ele vai dizer-me que eu não entendo como funcionam os juros. Vai querer assustar-me com a ideia de me afogar em dívidas. Boa sorte quando tentares comprar um carro ou uma casa, dirá ele.

Enfim! Se eu comprar um carro, há de ser uma carrinha ecológica onde eu possa viver. Não quero cá McMansões do tipo Meadowbrook, a cuspir carbono.

– Talvez no ano que vem... o lançamento de ovos – digo ao meu pai, atirando-lhe um osso. Vejo a mágoa nos olhos dele. Como não tenho *desculpa* no meu dicionário, peço-lhe desculpa no meu íntimo.

Dou-lhe um abraço rápido, que mais do que compensa a minha recusa. Tenho esperança de que o meu abraço também lhe transmita que não guardo ressentimentos, embora ele me tenha posto de castigo durante metade do verão. Se eu fosse minha filha, teria feito o mesmo.

Aventurei-me à procura de um pouco de privacidade, esforçando-me ao máximo por evitar qualquer contacto visual. Esta algazarra nunca foi divertida, mas como agora sou o tema de conversa da cidade, graças àquela câmara de segurança da escola, estou a precisar de um esconderijo.

Infelizmente, não posso procurar refúgio no meu quarto, que é onde eu quero estar. Estou sem margem de negociação por ser inquestionavelmente culpada de uma transgressão bastante grande.

A gordura dos hambúrgueres perfuma o ar enquanto vagueio até às traseiras da casa dos Thompsons, que fica ao lado da nossa, na extremidade do beco sem saída. Estou a pensar em enfiar os pés na piscina dos Thompsons, mas em vez disso, tenho a má sorte de me cruzar com o meu primo direito, Dylan Adair. Sobressaltado, Dylan sai da espreguiçadeira como um gato assustado quando me vê, revelando toda a figura da Riley Thompson, que estava escondida debaixo dele.

Dylan endireita-se mais. Infelizmente, o meu olhar baixa. Vejo o que eu vejo e que ele também sabe que está lá. Fica com a cara vermelha, assim como eu, antes de dar um salto para a piscina, agindo como se sempre tivesse sido sua intenção fazer aquilo.

– Olá, Lettie, como estamos? – diz Dylan com indiferença, tentando ser fixe e casual. Apoia os cotovelos na berma da piscina, levantando o tronco de modo a deixar que a água desça em cascata pelo seu peito musculoso. Tem dado com força extra no ginásio desde que o irmão, o Logan, ganhou ouro no lacrosse no seu ano de caloiro. O Dylan pode não ser um craque como o Logan, mas a sua beleza sombria e taciturna, juntamente com a destreza atlética, são o suficiente para lhe render os afetos da rapariga inegavelmente mais bonita da nossa escola, Riley Thompson – que, por acaso, é a pessoa a quem mais quero dar um soco na cara.

A Riley levanta-se da espreguiçadeira como Vénus saindo da sua concha. Tem um biquíni branco que ficaria com metade do tamanho na minha estrutura mais larga e grossa. Não me interpretem mal; não sou obcecada com a imagem corporal. Gosto do meu aspeto, mas também estou ciente de que a Riley é absolutamente linda e eu nunca vou ter um corpo como o dela, por mais horas que passe no ginásio (muito poucas), ou por mais dónutes de mel a que renuncie (talvez não o suficiente).

– Olá, Lettie – cumprimenta a Riley, inclinando a cabeça para a direita como se, de repente, se tivesse rasgado um tendão do seu pescoço. – Há novidades?

Eu poderia dizer *há escassez de alimentos* ou *desigualdades salariais*, mas em vez disso, respondo:

– Nada.

E depois olhamos uma para a outra com curiosidade, tentando decidir o que vem a seguir. A resposta parece ser o silêncio.

Eu podia confrontar a Riley, dizer-lhe que sei que foi ela quem me denunciou, mas de que serviria? Foi precisamente o Dylan que me disse que a Riley me identificou nas fotografias da câmara de segurança que a polícia de Meadowbrook postou nas redes sociais. A polícia queria prender o vândalo da escola e a Riley queria fazer de heroína. É bom saber que a lealdade à família se sobrepõe aos broches.

– Depois pomos a conversa em dia – digo aos dois.

– *Tchau*, Lettie – diz a Riley com um aceno de mão.

O meu olhar e o de Dylan cruzam-se por breves instantes. Dá para ver que está preocupado com a ideia de eu confrontar a Riley, de estragar o arranjinho deles. Embora eu me queira vingar dela, não vou fazer isso às custas do meu primo.

Passo pela casa da Brooke Bailey. Brooke seria a mãe sensual da rua se ao menos tivesse filhos. Não tem marido porque ele está morto – caiu de um navio de cruzeiro. A polícia classificou o caso como sendo um acidente. Os rumores implicavam a Brooke. Na qualidade de eleitora independente, continuo indecisa.

Atravesso para o relvado da casa vazia ao lado da Brooke. Estou a tentar esquecer a maior parte do que acabou de acontecer quando vejo um sujeito indiano atraente, mais ou menos da minha idade, no baloiço que em tempos pertenceu à família Weaver. Sai fumo da sua boca quando ele puxa um *Juul* dos lábios. A sua bela cabeça fica envolta em névoa. Como nunca vi este sujeito, presumo que esteja à espera de comprar a casa dos Weavers, mas parece muito jovem para andar à procura de casa e tenho a sensação de que é inteligente demais para estar a fumar cigarros eletrónicos, o que faz dele uma pessoa perturbada.

Pode-se dizer que estou intrigada. Mas não sou tímida.

– Oi – cumprimento.

Ele levanta a cabeça. Credo, aqueles olhos castanhos! É mais bonito do que qualquer rapaz da escola, mas não pelos padrões de Meadowbrook, que dão tratamento preferencial aos tipos desportistas mais tradicionais.

– Oi para ti também – responde ele. Dá uma segunda passa, expelindo uma nuvem de vapor branco que evapora rapidamente no ar quente. Oferece-me o *Juul*.

– Não, obrigada – digo. – Não te conheço.

– Sou o Jay – diz ele, oferecendo novamente o *Juul*, como se isso nos fizesse passar de desconhecidos a amigos de cigarradas eletrónicas.

Sorrio ao recusar.

– Lettie – digo.

Saltamos o aperto de mão.

– Acho que nunca ouvi esse nome – diz Jay.

– É um diminutivo de Elizabeth... bem, mais ou menos – digo. –

Quando eu era pequena, pronunciei o meu nome Lettiebeth e o Lettie como que pegou. Ninguém me chama Elizabeth. Agora sou apenas Lettie.

Jay dá uma passa, e lá sai o vapor.

– Sabias que uma única cápsula *Juul* contém a mesma quantidade de nicotina de um maço de vinte cigarros normais? – digo.

Jay faz um sorrisinho.

– Porque é que achas que fumo este?

Dá uma palmadinha no baloço ao seu lado, um convite que eu aceito. Se gosto de andar de baloço? Muito mais do que lançar ovos, isso é certo. Aperto o corpo no baloço de plástico, que se comprime como uma camisa de forças sob o meu peso. Continuo a ouvir a agitação da festa do quarteirão nas traseiras da casa dos Weavers: a música má do tio Ken aos berros, miúdos a gritar enquanto correm, caos geral de festa a abafar o canto dos pássaros, que é o nosso ruído de fundo habitual.

Planto os pés no chão, empurrando-me para trás para criar um pouco de impulso, feliz por ter um escape para a minha energia nervosa. Dá para ver que o Jay é mais velho do que eu, mas apenas alguns anos. Gosto do seu cabelo desgrehado e do estilo informal: calças de ganga, *t-shirt* branca por baixo de uma camisa desabotoada. Usa *Nikes* brancos, sem meias.

– Então, Lettie – diz o Jay –, qual é a tua história?

– É uma grande pergunta para ser a primeira.

– Não tenho muito tempo – diz o Jay. – Os meus pais estão a ver se compram esta casa e não vai demorar muito.

– Com certeza comprar uma casa não é uma decisão rápida – respondo.

Agora é o Jay que se ri.

– Não conheces a minha mãe – diz ele, antes de me lançar um sorriso cativante. – Quando a minha mãe se fixa nalguma coisa, e está fixada na compra desta casa, isso acontece e acontece muito depressa.

Foco-me mais no seu bigode, com os pelos aparados. Normalmente, não me sentiria atraída por esse visual, mas funciona com o Jay.

– Vais morar aqui com eles? – pergunto, esperando que a resposta seja sim.

– Vou – diz ele um pouco melancólico, como se preferisse que fosse não.

– Tens irmãos ou irmãs? – Olho para a monstruosidade de tijolos à nossa frente. É muita casa para três, especialmente quando o único «miúdo» parece já ter idade suficiente para ter o seu próprio apartamento.

Um olhar distante invade os olhos de Jay, um peso que não estava presente há momentos. Existe neles uma história, mas eu não vou espreitar. Fico com a cara quente. Sinto-me um pouco maldisposta, com medo de ter dito a coisa errada. A expressão do Jay suaviza, salvando-me de mais constrangimentos.

– Não, sou só eu – diz.

– Vais para o liceu de Meadowbrook? – pergunto.



Jay ri-se.

– Levei um chuto da Northeastern há seis meses.

Um chuto? Foi expulso da faculdade? Naturalmente, vêm-me mil e um pensamentos à cabeça, o suficiente para eu parar de baloiçar. O que é que ele fez? Foram as notas? Drogas? Animo-me com a perspetiva de o Jay poder tornar este quarteirão muito mais interessante, mas espero que não seja nada muito mau. Mesmo assim, não vou perguntar.

– E tu? – pergunta o Jay. – Andas em Meadowbrook?

– Andei – respondo-lhe.

– Então, acabaste o liceu. Parabéns.

– Não, vou para o último ano – explico. – Acabei de ser suspensa nas últimas duas semanas de aulas, só isso.

O Jay parece impressionado, como se fôssemos espíritos afins.

– Conta-me – diz ele, com um brilhozinho nos olhos cor de chocolate.

Eu penso: *Porque não, raios?*

Mostro-lhe o meu telemóvel, especificamente a imagem no ecrã.

– És tu? – pergunta ele.

Aceno com a cabeça. Não dá para ver a minha cara na fotografia. Os meus olhos brilham tão intensamente, da ótica sensível da câmara de segurança, que tenho as feições desfocadas. A lata de *spray* que tenho na mão vê-se bem.

– Grafíti? – pergunta o Jay.

Aceno novamente antes de lhe contar a história de como fui para a escola com uma *t-shirt* a dizer: *Bite Me!*<sup>[2]</sup>. A *t-shirt* tinha a fotografia de uma maçã com uma grande dentada. Evidentemente, violava os padrões de decência escolar, qualquer coisa sobre discurso ameaçador. Foi-me feito um ultimato: a minha mãe podia levar-me outra *t-shirt*, ou eu teria de ir para casa e faltar a um teste importante.

– Eu fico do género, quero lá saber! Vocês precisam de exemplos de discurso de ódio real? – O meu jogo de indignação é forte.

– Deduzo que não tenham engolido esse argumento – diz o Jay.

– Nem por nada – confirmo. – E estou a pensar na injustiça de tudo isso, não para mim, mas para os problemas *reais* com que a escola se devia preocupar: emissões de gases de efeito estufa, o tamanho das turmas, aconselhamento de saúde mental, *bullying*, pobreza, abuso infantil, questões de género, questões raciais, mas não, a minha *t-shirt* é o *grande* problema que deve ser abordado.

– A tua mãe levou-te uma *t-shirt*?

– Levou – confesso –, mas no dia a seguir criei uma petição *online* onde afirmava que a minha *t-shirt* não era indecente e que os padrões por que a escola se rege precisavam de ser todos reescritos. Naturalmente, forneci a nova linguagem. Consegui trezentas assinaturas num par de semanas, até de alguns alunos do terceiro ciclo.

– Então, o que aconteceu? – pergunta o Jay, parecendo intrigado.

– A minha petição foi rejeitada na reunião do conselho diretivo.  
– Imagino que seja aqui que o grafiti entra em jogo – diz o Jay.  
– Essa fotografia que te mostrei é de mim a pintar «Bite Me!» e uma maçã com uma dentada na porta do ginásio da escola.  
– Oh! – diz o Jay, de olhos arregalados.  
– E provavelmente teria conseguido safar-me, mas a namorada do meu primo identificou-me às autoridades.  
– Como assim? – diz o Jay. – Essa imagem podia ser de qualquer rapariga.

Abro a fotografia no meu telefone, usando os dedos para ampliar a imagem, especificamente a mão que segura a lata de tinta em *spray*. O que está claro agora é uma descoloração no meu pulso – uma marca de nascença. Mostro ao Jay a mesma marca na minha pele.

– A Riley Thompson mora ali. – Aponto para a casa da Riley. – Era a minha melhor amiga quando éramos pequenas e a minha marca de nascença era um grande tema de conversa. Fascinava-a. Ela não tem uma única mancha no corpo.

– Quanto é que ela lucrou em denunciar-te? Recompensa em dinheiro?

Não sei porquê, mas tenho a sensação de que o dinheiro é muito importante para o Jay.

– Dinheiro, não. Mas ela é presidente da associação de estudantes. Talvez se tenha sentido na obrigação de o fazer. Ou tenha querido melhorar a sua credibilidade junto das pessoas com poder. Sempre se sentiu atraída pelo prestígio.

– Tens de fazer a escola de verão? – quer saber o Jay.

– Não, ainda posso fazer os trabalhos de casa e os testes, para não chumbar no trimestre. Não é a pior coisa.

– Como é que os teus pais lidaram com isso?

– Não bem – digo. – Estou de castigo durante metade do verão. Posso arranjar um emprego, ir trabalhar, voltar para casa e pronto. Ah, e posso ir a esta estupidez da festa do quarteirão, provavelmente porque os meus pais sabem que eu não quero estar aqui. – Gesticulo para o grande acontecimento que decorre do outro lado da casa.

– Isto é que são carradas de castigo – diz o Jay com uma risada. – Bem, podes falar comigo neste verão, supondo que me mudo para aqui.

Gostava que assim fosse, mas não partilho isso com ele.

– Não és a única inadaptada de Meadowbrook – acrescenta o Jay, apontando para si mesmo.

Agora estamos a andar de baloiço, cada vez mais alto. As correntes rangem sob o nosso peso conjunto.

– Quem disse que sou inadaptada? – respondo.

O Jay lança-me um olhar que me desmascara.

– Está bem, sou inadaptada – admito.

– E eu tenho vinte anos e ainda moro com os meus pais – diz ele, e

depois dá mais uma passa no *Juul*. – Podemos ser amigos.

Não damos um aperto de mão, mas isso é apenas uma formalidade.

– Como vais passar o tempo em prisão domiciliária quando eu não estiver por perto para te distrair das tuas agruras? – pergunta o Jay.

Encolho os ombros.

– Posso dar um avanço no meu ensaio de verão para o meu curso avançado de Psicologia – digo-lhe. – Vou escrever sobre vingança. A Riley inspirou-me.

Ofereço um sorriso perverso. O Jay não tem grande reação.

– Escrever sobre vingança é fixe, acho eu – diz ele, com indiferença. No fôlego seguinte, porém, a sua expressão muda para um sorriso arrepiante. – Mas vingar-se... isso, sim, é algo para saborear realmente.

---

[2] Literalmente, «Morde-me», mas significando aqui «Que se lixe». (*N. da. T.*)

## Capítulo 4

O sol da manhã entrava pelas janelas da cozinha como um farol anunciando a chegada de um novo dia. Para Alex, isso traduzia-se em voltar à rotina – não propriamente ao ramerrame, já que ela trabalhava por conta própria. Era uma de entre vários moradores de Alton Road que tinham argumentado (sem sucesso) para que a festa do quarteirão se realizasse a um domingo, não à segunda-feira do Memorial Day. Só queria um dia mais para recuperar.

Bebeu o seu primeiro gole desesperado de café, tão consciente do latejar na cabeça, lamentando a sua escolha de encerrar a festa, noite alta, com aquele último copo de vinho. Tinha gostado bastante das festividades da véspera, mas estava contente por faltar um ano inteiro para desembalarem as provisões para repetir.

Mal tinha recebido a sua primeira dose rejuvenescedora de cafeína quando entrou a trote na cozinha *Zoe*, a cadela da família, uma rafeira acastanhada, esbranquiçada e amarelada que todos adoravam e apenas uma pessoa alimentava. *Zoe* tinha vindo do abrigo de animais ali perto, depois de Lettie ter passado meses a implorar por um animal de estimação. Nick mostrou-se resistente, dadas as suas agendas ocupadas, mas Alex sentia-se continuamente culpada por Lettie ser filha única. Nick acabou por se habituar à ideia, mas nunca pensou em *Zoe* como sendo responsabilidade sua. Na sua cabeça, a cadela era de Lettie.

De certa forma, tinha razão. Sem Lettie, não haveria *Zoe*. Sempre que Lettie chorava por não ter uma irmã ou um irmão, Alex ficava de coração partido. Não era por opção, mas isso era demais para explicar a uma criança. Quando Lettie tinha idade suficiente para compreender, já estava acostumada ao seu estatuto. Quando parou de pedir um irmão e começou a pedir um cão, Alex atirou-se à ideia. Lettie arranhou uma companheira de brincadeiras e Alex não teve de responder a perguntas desconfortáveis.

Alex encheu a tigela de comida de *Zoe*, percebendo que a da água também precisava de ser cheia.

Nick apareceu na cozinha, a fazer o nó na gravata.

– A tigela de água da *Zoe* estava outra vez vazia – disse Alex.

– E bom dia para ti – disse Nick. – Algum arrependimento pós-festa?

– Nenhum – mentiu Alex. Era como se John Henry estivesse a tentar martelar o seu caminho para fora do crânio dela.

– Que sorte – disse Nick, esfregando as têmporas. – Acho que estou a ficar velho para a festa do quarteirão.

Sem qualquer sentimento de compaixão, Alex apontou novamente para a tigela de água vazia.

– Estás velho para prestar mais atenção à Zoe? É mais ou menos isso que estou aqui a pedir. Tenho muita coisa em cima de mim.

– Pois. E eu não?

– *Okay*, Nick, não é isso que eu estou a dizer. Estou a pedir-te ajuda, só isso.

– Tens uma filha que quis ter um cão. Que tal pedires-lhe a ela?

Alex levou as mãos às ancas. Sentia a tensão arterial aumentar. Ainda era muito cedo para isso.

*Calma. Fica calma*, disse Alex para consigo. *Não há razão para levar esta conversa estúpida a altos desnecessárias... ou baixos.*

– Desculpa, estás a recusar-te a ajudar?

Nick levou a tigela ao lavatório e encheu-a de água.

– Não, estou só a observar que tens uma filha que implorou por um cão e tu nunca lhe pedes que ajude com a Zoe. Nunca. É como se, nos dias que correm, tivesses medo de a confrontar seja com o que for. Ela não é um ovo frágil, Alex. Não precisas de lidar com ela como se fosse uma florzinha de estufa. Podes puxar por ela, que vai continuar a amar-te.

Alex ficou de boca aberta. Queria a resposta perfeita, alguma coisa que piasse realmente, mas o seu vasto vocabulário produziu apenas um único «Pff».

Acabou por encontrar algumas palavras.

– Como é que esta conversa virou para o meu estilo de parentalidade com a Lettie? E acho que a enfrentei muito – disse Alex, que tinha visões da sua pessoa a atirar a tigela de água de Zoe à cabeça de Nick como se fosse um *Frisbee*.

– A sério? Tu nem sequer a querias castigar por ter sido suspensa.

– Isso não é verdade.

Mas era verdade. Alex sentiu que a suspensão era punição suficiente, mas sugeriu pô-la de castigo por duas semanas quando Nick insistiu. Acabou por ter de aplicar a si própria as mesmas táticas de mediação que usava com os clientes. Chegaram a um compromisso – sem vencedores, nem vencidos – e puseram Lettie de castigo durante seis semanas, em vez da proposta de Nick de todo o verão.

De café na mão, Nick saiu da cozinha quando Lettie entrou vagarosamente, com o rosto fixo no telefone. Estava de castigo, mas não sem uma ligação ao mundo que a salvasse.

Alex recompôs-se rapidamente. Não queria que Lettie soubesse que ela e

o pai tinham estado a trocar palavras tensas. Quase conseguia ouvir a reprimenda de Nick: *Não podes continuar a protegê-la da vida real.*

– Dormiste bem, querida? – perguntou Alex.

– Sim – disse Lettie, sem se dar ao trabalho de estabelecer contacto visual.

– Consegues arranjar os trabalhos de casa? O diretor Corey disse...

– Mãe, está tudo bem – disse Lettie.

– Certo – disse Alex. *Porque é que falar com adolescentes é como manusear uma granada viva?*

– A tia Emily vendeu a casa dos Weavers àquela família?

A pergunta de Lettie apanhou Alex de surpresa.

– Viste os Kumars a olhar para a casa ontem?

Antes que Lettie pudesse responder, Emily, que entrara livremente, como sempre, invadiu a cozinha pela porta lateral.

– Tenho um problema sério – anunciou. Tirou um queque de um prato que Alex tinha preparado para o pequeno-almoço. Emily deu uma dentada no bolo e só depois olhou para Alex a pedir autorização, que ela lhe deu com um aceno cordial.

– Bom dia, Lettie – disse Emily, com a boca cheia de queque.

– Bom dia, tia Emily – respondeu Lettie. – Diz-me uma coisa, vendeste a casa dos Weavers àquela família?

– Ainda não – respondeu Emily, um pouco bruscamente.

Alex conhecia bem aquele tom e conseguia adivinhar a origem da angústia da irmã.

– Fixe – disse Lettie, com uma indiferença que não jogava bem com o seu interesse inicial.

Lettie foi-se embora, enquanto Emily, estranhamente, tirou o saco de lixo branco do caixote de lixo da cozinha.

– Hum, o que estás a fazer, mana? – perguntou Alex.

– O Ken foi ao contentor – disse Emily, como se isso explicasse tudo.

– E vais levar o meu lixo para lá também?

– Não propriamente – disse Emily, e saiu, disparada, porta fora.

Alex não hesitou em ir atrás dela.

– Hã, para onde vais com isso?

Emily não respondeu. Estava muito ocupada a atravessar a rua, dirigindo-se para casa dos Weavers.

Alex tinha uma sessão de mediação marcada para o início da manhã. Não tinha tempo para a irmã ter um colapso total, mas parecia que era isso que estava na iminência de acontecer. Correu para ir ter com Emily, que se movia a um ritmo próximo do trote, o saco de lixo balançando na sua mão.

– O que é que estás a fazer? – perguntou Alex, enquanto Emily inseria o código no cofre para recuperar a chave.

– Preciso de arranjar uma maneira de impedir que os Kumars comprem esta casa – disse Emily. Destrancou a porta, entrando na casa vazia com

urgência.

Alex seguiu-a até ao átrio ecoante. Os quartos escassamente mobilados eram uma encenação para serem exibidos.

– Os Kumars fizeram uma oferta?

– Vinte mil acima do pedido, e é um negócio a dinheiro. – Emily fez parecer que a venda tinha sido realizada.

Alex seguiu Emily por um lanço de escadas até à cave, ainda perplexa por a irmã levar um saco de lixo da sua casa para ali.

– O que te preocupa? – perguntou Alex, movendo-se rapidamente para manter o ritmo. – A casa tem algum problema que não tenhas divulgado?

Alex esperava que assim fosse, porque ter Emily numa crise emocional significava uma crise também para Alex.

– Ainda não – disse Emily.

A cave estava inacabada, mas bastante limpa, com um piso cinzento, de cimento liso e plano como uma pista de patinagem. Emily correu para um canto, onde desamarrou o saco de lixo. Por motivos que Alex não conseguia entender, Emily começou a atirar o lixo para o chão. Saíram invólucros e embalagens enrugados, borrar de café encharcadas, que se espalharam como um revestimento de vírus, papel de cozinha de folha dupla e plásticos que deveriam ter sido reciclados.

– Meu Deus, Emily! – disse Alex. – Mas que raio é que tu estás a fazer?

Emily não respondeu. Estava muito atarefada a vasculhar no lixo, à procura, com séria intenção, como se pudesse encontrar alguma coisa de valor. Por fim, levantou-se, segurando, entre tantas possibilidades, uma casca de banana escurecida.

– Serve – disse ela. Deixou aquela confusão no chão e voltou a subir as escadas, forçando Alex a segui-la.

– Emily, para com isso! – gritou Alex, dirigindo o seu apelo para as costas da irmã. – O que se passa contigo?

Alex seguiu Emily até à bem iluminada sala de estar. Lembrou-se do texto comercial, que anunciava muita luz solar, e não era mentira.

Erguendo-se na ponta dos pés, Emily esticou-se para desprender um varão de cortina de metal polido do seu suporte de parede. Começou a desenroscar o terminal do varão enquanto ainda segurava a casca de banana.

– Emily, querida – disse Alex num tom muito mais suave –, preciso de chamar uma ambulância? Perdeste a cabeça?

Emily estava muito ocupada a mexer no terminal do varão para responder. Logo que o terminal saiu, tentou enfiar a casca de banana no varão oco, mas não encaixava.

– Caraças, é grossa demais – lamentou-se. – Tem de ser camarão e eu não tenho camarão. Vou ter de ir ao supermercado.

– Por que raios é que haverias de meter um camarão dentro do varão do cortinado? – exigiu saber Alex. – Seja o que for que estejas a fazer, tens de parar já e falar comigo.

Emily deixou-se cair no soalho, com o corpo a tremer. O varão da cortina rolou para longe com um som metálico. Ela deixou cair a casca de banana no colo e enterrou o rosto nas mãos.

– Vai acontecer outra vez – lamentou Emily. – Eu sinto isso.

Alex fazia ideia daquilo a que a irmã se referia. Também podia adivinhar o que Emily estava a fazer com o lixo.

– Estás a tentar sabotar esta venda? A *tua* venda?

Emily assentiu com a cabeça.

– Li uma história na Internet sobre uma mulher que pôs camarão dentro dos varões dos cortinados da sua antiga casa de família antes de se ir embora. Ninguém conseguia descobrir a origem do fedor. Levou todos à loucura.

– Oh, Ly! – disse Alex, com um suspiro pesado.

– Também pensei em colar cartão molhado nas paredes, para tentar criar mofo preto, mas acho que não vou ter tempo antes da inspeção. Só tenho três dias!

Alex afundou-se até ao chão e colocou um braço em volta do ombro da irmã.

– Estás completamente desvairada, sabias?

– Eu sei – admitiu Emily, mas não parecia importar-se de facto com isso.

– Isto tem que ver com a Mandy Kumar, não é? – O rosto de Alex mostrava uma mistura perfeita de empatia e amor.

– Tive olhares demorados no meu tempo – disse Emily. – Mas os olhos do Ken basicamente saltaram-lhe das órbitas. Quer dizer, a Mandy é bonita e tem uma excelente figura, admito, mas não estava à espera de precisar de uma taça para apanhar a baba do meu marido.

– Tens a certeza de que foi isso que aconteceu? – Alex fez a pergunta mesmo tendo visto isso acontecer, exatamente assim.

– Pior ainda, a Mandy ficou toda excitada com o Ken – disse Emily.

– O Ken é muito bonito. Muitas mulheres têm essa reação ao conhecê-lo, mas isso não significa nada.

Isso só fez com que a expressão de Emily azedasse.

– Eu sei a diferença entre alguém que se põe a mirar casualmente o meu marido e algo mais... e *aquilo* foi algo mais.

– Eu acho, sinceramente, que estás a fazer uma tempestade num copo de água – disse Alex. – Talvez eles tenham trabalhado juntos ou algo assim? Ele pode tê-la reconhecido e ter sido uma coisa inócua.

– Já lhe perguntei e ele disse que não, definitivamente não. E isso teria surgido na conversa se fosse assim, certo? Em vez disso, o Ken aproveitou a minha pergunta como uma oportunidade para me dar um sermão sobre a minha veia ciumenta. Não quero saber do que ele diz. Vai acontecer outra vez e vai ser com ela. Sinto isso nos meus ossos.

– O Ken e a Mandy?

– Sim, o Ken e a Mandy – rosnou Emily. – Tenho a mesma sensação que tinha antes.



*Antes.* Alex não precisava de esclarecimentos.

– Não há maneira de teres a certeza disso – disse Alex.

– Eu sabia que ele andava a dormir com a secretária. Quando ele me disse que não faria algo tão cliché, eu soube que ele estava, de facto, a fazer algo tão cliché.

– Isso foi há quinze anos. Vocês têm estado bem desde então. Ultrapassaste tudo isso.

– Quem engana uma vez, engana sempre – disse Emily.

Alex levantou-se e puxou Emily consigo, para cima. Colocou as mãos nos ombros da irmã para que Emily não pudesse esconder-se do seu olhar.

– Querida – disse Alex, na sua voz mais compassiva. – Tu e o Ken agora estão bem. Esforçaste-te muito e ultrapassaste.

Era verdade. Foi preciso um ano e meio de trabalho árduo, mas Emily e Ken conseguiram recuperar da infidelidade. Foi um processo doloroso para ambos, que exigiu humildade, compromisso e uma honestidade desconfortável. Ken não teve escolha a não ser deixar o emprego, vender a casa e mudar-se e foi assim que Emily passou a morar na mesma rua que a irmã.

Quando o caso de Ken veio à tona, ninguém encorajou Emily a ficar com ele, incluindo Alex. Emily chegou a essa decisão após uma extensa terapia. Arrependido, Ken concordou em entregar à mulher o telemóvel, bem como as palavras-passe, enquanto implorava por uma segunda oportunidade. Foram necessários anos para reconstruir a confiança e voltar a ter o casamento numa base estável.

Ou assim acreditava Alex.

– Um olhar não devia deixar-te tão incomodada. – Alex segurou a casca de banana e um cheiro a fruta podre fez-lhe cócegas no nariz.

Emily revirou os olhos de uma maneira que podia ter sido Lettie a fazer.

– A sério? Estás realmente a dizer-me que não viste.

Alex franziu a testa, desejando que a honestidade não fosse a melhor política.

– Está bem, eu vi qualquer coisa – admitiu. – Mas não posso dizer que tenha sido mais do que uma química inicial.

– Eu diria que isso é o suficiente para eu sabotar esta compra.

– Não há um juramento profissional, ou algo assim?

– Assumimos um compromisso. Não acho que seja a mesma coisa.

– É mais ou menos a mesma coisa. E, independentemente disso, o que estás a fazer aqui pode meter-te num sarilho perante a lei. Portanto, vou a casa buscar uma vassoura e vamos limpar esta porcaria juntas. Podes voltar a colocar o varão.

– Muito bem – concordou Emily. Parecia estável, recuperada, como se uma tempestade repentina tivesse ido e vindo.

– Alex, eu só te peço que me prometas que não me vais mentir. Se vires alguma coisa diz, está bem? Preciso do meu próprio sistema de segurança

interna. Não aguento mais uma rodada.

Era difícil a Alex ver a irmã como uma igual em termos de maturidade. Em vez disso, via Emily através de uma lente antiga, recordando a irmã como uma adolescente problemática, que se podia passar e cometer uma loucura, como espalhar lixo numa casa que estava prestes a vender.

– Claro que digo – disse Alex, sabendo que as provas da traição de Ken teriam de ser inquestionáveis e irrefutáveis para fazer disso uma promessa que pudesse cumprir.

## Capítulo 5

### Lettie

Pela janela do meu quarto, vejo chegar o caminhão das mudanças. É um caminhão grande, mas, também, a casa é grande. Um *Lexus* metalizado entra na garagem e Samir Kumar sai dele. Está vestido como se fosse jogar golfe: calças caqui e uma bela camisa de manga curta. Avança pelo seu novo caminho de acesso, de mãos nas ancas, a olhar em volta, depois abana a cabeça, consternado. Tenho a sensação de que não consigo acreditar que comprou a casa.

Mandy Kumar não poderia ter tido uma reação mais diferente. Salta do carro como se a escola tivesse acabado e fossem as férias de verão, parecendo ela própria estival no seu vestido azul-celeste, com o raio de sol do seu cabelo louro puxado num rabo-de-cavalo apertado.

Estou a pensar no Jay, se quer saber da nova casa o bastante para aparecer no dia das mudanças. Ou talvez tenha esperança de que ele queira saber de mim o bastante para fazer uma aparição. Não trocámos números de telefone, mas encontrei-o *online*. Embora eu não tenha tido coragem de fazer um pedido de amizade, não acaba aqui o meu interesse por ele.

Assim que esse pensamento surge, um *Subaru* azul reluzente desce a Alton Road, rápido demais para as mãos do quarteirão. O carro para bruscamente ao lado do *Lexus*. Passado um momento, Jay aparece. O meu coração dá um salto quando o vejo.

As minhas primeiras paixonetas foram príncipes da Disney e, definitivamente, há no Jay algo que lembra uma personagem principesca quando ele se aproxima, alto e magro, dos seus pais. Põe-se ao lado do pai. Partilham uma gargalhada rápida sobre alguma coisa, o que me surpreende. O Jay tinha-me dado a impressão de ser uma profunda desilusão para os pais, algo que tínhamos em comum. Interessante.

Momentos depois da sua chegada, o Jay está a ajudar o pai a descarregar o carro. Isso diz muito sobre o seu carácter. Pode querer dizer que não é preguiçoso, mas, pensando duas vezes, foi expulso da faculdade. Talvez não

tenha sido pelas notas? Penso no que ele me disse na festa do quarteirão – sobre a vingança ser para saborear. Pergunto-me se chegou a essa conclusão com base na experiência pessoal.

Claro que a vingança me traz ao pensamento a Riley Thompson. Se alguém merece uma vingança é a Riley, e não só por me ter denunciado como a vândala da escola. Não, já fui muitas vezes vítima do seu coração cruel.

Consigo ver a janela do quarto da Riley do meu. Houve um tempo em que comunicávamos uma com a outra usando as luzes do quarto para enviar código Morse. Naquela época, eu ingenuamente presumi que a nossa amizade continuaria para sempre. Depois veio o terceiro ciclo e, com ele, o início do *bullying* da Riley.

Em retrospectiva, eu não devia ter ficado surpreendida com a reviravolta dos acontecimentos. Tornámo-nos amigas apenas por uma questão de proximidade, não de personalidade. Como éramos da mesma idade e do mesmo sexo, e ambas filhas únicas, eu e a Riley fomos empurradas para a vida uma da outra.

Durante vários anos, fomos inseparáveis. Riley era a minha melhor amiga, a minha fiel companheira de «doce ou travessura». Usávamos sempre disfarces complementares no Dia das Bruxas. Para a nossa última combinação de disfarces, eu fui de bola de beisebol e ela, de taco. Que prenúncio! Num ano andávamos de braço dado, de casa em casa, a receber todos os doces que conseguíamos levar, no ano seguinte, estou à porta da casa da Riley sem ela porque me abandonou por um novo grupo de gente mazinha. A Willow atirou uns pacotes extras de Re'se's Pieces na minha fronha nesse ano. *Pedaços de Pena*, foi como lhes chamei. Acabaram no lixo.

Claro que fiquei magoada, mas o que é que eu podia fazer? A Riley tinha encontrado um novo grupo de amigas, todas elas raparigas populares, que nunca me teriam aceitado como uma das suas. Eu não me vestia como deve ser, não ficava obcecada pelas mesmas coisas nem queria saber o que cada rapaz andava a fazer. Já nessa altura, eu começava a pensar mais na desflorestação do que em *gloss* para os lábios e *leggings* da moda.

O início do fim chegou quando Riley deixou de me cumprimentar na escola. Na linguagem feminina, o silêncio é essencialmente uma declaração formal de guerra. Ser ignorada era uma coisa. Eu era capaz de lidar com isso. Quando a Riley começou a funcionar com uma «mentalidade de matilha», quando ela e as suas companheiras me isolaram, fui transformada de pessoa em presa. Foi a primeira vez que experimentei uma verdadeira vergonha na minha vida.

Ah, claro, tivemos muitas palestras na escola sobre as terríveis consequências do *bullying*. Expressões como *dar uma mão aos outros*, *ser compassivo*, *empoderar-se mutuamente*, *optar pela bondade*, e blá-blá-blá foram marteladas no nosso cérebro a partir de setembro, mas a Riley e o seu grupo foram impenetráveis ao velho ditado que diz que, quando não se tem nada de bom a dizer, o melhor é ficar-se calado.

Os rapazes que fazem *bullying* têm tendência a dar murros ou empurrões, mas as raparigas são muito mais insidiosas. São ninjas emocionais, desferindo golpes furtivos que só se sentem ou veem quando já se está a sangrar e à beira da morte social.

Sem que eu soubesse, a Riley e o seu bando puseram-me sob vigilância – à espera, a observar, com a esperança de que eu desse um passo em falso. Não tardou a que eu lhes desse o que elas queriam. O meu grande erro foi ser simpática, na aula de matemática, com um miúdo que estava perto do degrau inferior na hierarquia social da escola. O nome do rapaz era Matthew Bird, um miúdo bastante simpático, mas que não tinha as roupas de marca, as competências atléticas ou os amigos certos para o tornarem popular. O que ele tinha era um emaranhado indisciplinado de cabelo escuro que, a juntar ao apelido Bird<sub>[3]</sub>, lhe valeu a alcunha de *Ninho de Pássaro*.

Depois de Matt me ter ajudado com um trabalho de matemática quando faltei um dia à escola, retribuí inocentemente o favor. Acho que a Riley nos viu juntos na biblioteca. Foi só isso. No dia a seguir chamaram-nos «pombinhos» e ganhei o meu novo apelido: *Loony Lettie*. O facto de *loon* ser, além de «doida», o nome de um pássaro a sério, a «mobelha», fez com que a provocação fosse cruel e inteligente, uma combinação perfeita.

Lembro-me do que estava a almoçar no dia em que ouvi pela primeira vez o meu novo nome: piza, feijão-verde e uma tacinha de puré de maçã. O trauma faz destas coisas. Certifica-se de que uma pessoa se recorda de todo e qualquer pormenor doloroso do acontecimento que o desencadeou para que este se possa instalar na sua mente e viver lá para sempre.

*Loony Lettie* e *Ninho de Pássaro* tornaram-se uma sensação da noite para o dia na Escola de Meadowbrook. As piadas começaram a voar. Perceberam: a voar? Estás a nidificar com o Matt ao almoço? A migrar para sul de férias? Até houve alguém que pôs uma pilha de galhos dentro da minha carteira da escola. Está bem, admito que essa até teve uma certa graça. As raparigas diziam que gostavam das minhas penas quando se referiam às minhas roupas. Dei por mim a rir com elas, pensando se eu pudesse entrar nas piadas não seriam tão penosas.

Não funcionou.

Nem todos me puseram de parte, e foi provavelmente isso que me salvou. Os miúdos do teatro foram sempre acolhedores e muitos deles estavam metidos em várias causas, o que fez avançar o meu ativismo. Também nunca deixei de ser amiga do Matt Bird, mas ele afastou-se no início do oitavo ano. Nunca mais soube dele. Imagino que guarde memórias dolorosas de Meadowbrook, de modo que não guardo rancor por cortar laços.

Com a partida do Matt, as piadas de pássaros acabaram, graças a Deus, mas por essa altura, o gelo entre mim e a Riley tinha crescido quilómetros de espessura.

Até que um dia aconteceu um milagre. A Riley convidou-me para ir às compras com ela e os seus amigos. Eu não poderia ter ficado mais feliz. Não

gostava de ser uma pária e o convite parecia sincero. Pensei que os meus piores dias podiam ter ficado para trás.

Quando estávamos a sair de uma loja, que vendia coisas brilhantes a que as adolescentes não resistem, ouvi um forte *bip, bip*. Alguma coisa tinha feito disparar o sistema de alarme da loja. Quando dei por mim, a funcionária da caixa estava a sair de trás do balcão para nos confrontar. Apareceu um gerente a exigir que esvaziássemos as mochilas. Fizemos o que nos foi dito e fiquei atordoada – horrorizada, na verdade – ao encontrar, na minha mochila, três objetos que definitivamente não tinha colocado lá.

Quando dei por mim, o gerente tinha chamado a segurança do centro comercial e eles ligaram para os meus pais. Chorei como se fosse ser levada para a prisão na volta para casa. Jurei por tudo que não roubei nada. Insisti que outra rapariga tivesse colocado os objetos na minha mochila para me pregar uma partida, mas, a princípio, os meus pais não acreditaram em mim. Partiram do princípio de que eu tinha tentado impressionar um grupo de novos amigos.

Foi a mãe, não o pai, quem me deu o benefício da dúvida. Confrontou Willow com a alegação. Mais tarde, nessa noite, a Riley apareceu à minha porta a chorar. Eu já tinha ouvido a expressão *lágrimas de crocodilo*, mas de repente ela tinha um significado real.

Um pouco de pressão por parte da mãe bastou para que a Riley quebrasse como o Humpty Dumpty. A minha punição foi imediatamente revogada. A Riley ficou de castigo. E teve de me escrever uma carta a pedir desculpas.

As coisas na escola mudaram depois disso. A Riley e as amigas tornaram-se elitistas, mas na maior parte das vezes deixavam-me em paz. As piadas pararam e o *bullying* também. Eu tinha as minhas amigas, a Riley tinha as suas. Seguiu-se uma trégua gélida, que durou anos. Acabei por começar novamente a falar com a Riley, mas só depois de ela e o meu primo Dylan começarem a namorar. Ele não ouviu os meus apelos.

Agora, pensando nos acontecimentos recentes, aposto que a Riley não deixou o passado para trás. Quando viu a minha marca de nascença naquela fotografia da câmara de vigilância, viu uma oportunidade de desforra. Toda aquela coisa de presidente da associação de estudantes deu-lhe uma boa cobertura para me denunciar. E tenho a certeza de que ela sabia que o Dylan nunca guardaria o seu segredo. Afinal, somos família. Não, a Riley *queria* que eu soubesse o nome do delator.

Um jato de raiva dispara dentro de mim, ao pensar no seu sorriso presunçoso quando contou à direção da escola o que sabia. Por causa dela, tive de aguentar uma embaraçosa suspensão, que pode afetar as minhas hipóteses de ir para a faculdade! É verdade que errei ao desfigurar a propriedade da escola, mas aquele código de indumentária é completamente ridículo. Tinha de se fazer alguma coisa. Se eu pensasse, por um segundo que fosse, que a Riley tinha motivos honrosos, podia deixar passar. Mas não tinha,

portanto, não sou capaz. Foi uma desforra pela treta da escola. Bem, a desforra dá para os dois lados, cabras!

Lá vou eu, atravesso Alton Road para onde Jay está a levar caixas do carro para a casa. Os pais não estão por perto, portanto podemos conversar em privado.

Jay aproxima-se com um largo sorriso que mostra as suas covinhas.

– Que tal, Lettie? – pergunta. – É bom ver-te outra vez.

É mais difícil do que eu pensava olhá-lo nos olhos.

– Nada de especial – respondo. – Como estão a correr as mudanças?

– Bem – diz o Jay.

Ora esta, eu não esperava que isto fosse um entrave à conversa. Gostava de saber para onde foi a minha autoconfiança. Irrracionalmente, culpo um jogo do Mata, no quarto ano. Tenho medo de que a minha expressão diga que sou tão sombria e taciturna como a minha roupa, ou pior, que estou a usar a mesma roupa que usei no dia da festa do quarteirão.

Inspiro. Ao expirar, encontro finalmente a minha voz.

– Lembras-te do que disseste sobre a vingança ser algo para saborear?

– Claro – diz Jay, com um brilhozinho malandro a bailar-lhe nos olhos.

– Acho que gostava de ter a tua ajuda numa coisa.

O sorriso de Jay amplia-se, tornando-se um pouco sinistro. Sinto um arrepio, apesar do calor do dia.

– Ainda bem que pediste, Lettie – diz ele. – Tenho muito gosto em ajudar.

– Então, como começamos? – pergunto.

Jay nem para para pensar.

– Primeiro temos de saber tudo o que conseguirmos sobre a tua vizinha: para onde ela vai, o que faz, com quem sai, esse tipo de coisa.

– Porquê? – quero saber.

– Se há uma coisa que eu aprendi, a fazer o que faço..., é que toda a gente tem segredos.

---

[3] Pássaro. (*N. da T.*)

## **Memorial Day (Atualidade)**

### **Página online da comunidade de Meadowbrook**

#### **Ross Weinbrenner**

Sugiro que andemos para trás para descobrir quem foi preso.

#### **Laura Ballwell**

Sugiro que deixemos a polícia fazer o seu trabalho.

#### **Susanne Horton**

E que tal não dizer aos outros o que fazer porque, tás a ver, «América».

#### **Christine Doddy**

Tudo isto é tão bizarro. Quer dizer, Meadowbrook não tem homicídios.

#### **Resposta de Ross Weinbrenner**

Bem, agora já tem, **Christine Doddy**. Quem nessa rua tem problemas conjugais? Eu começaria por aí. É sempre a pessoa mais chegada que acaba com o outro.

#### **Resposta de Ed Callahan**

Isto é o *Donas de Casa Reais* de Meadowbrook? Ah! Ah!

#### **Resposta de Janet Pinkham**

Ah, eu adoro essa série! Ainda dá? Estão a filmar aqui?

#### **Resposta de Ed Callahan**

**Janet Pinkham** Vê se tomas os remédios.

#### **Ross Weinbrenner**

Estou a falar a sério. Um casamento tenso é como um monte de madeira encharcada de gás. Basta uma pequena faísca para incendiar tudo. Então, que casais em Alton Road têm problemas conjugais?

#### **Resposta de Christine Doddy**

Vale mais perguntar quem não tem.



VERÃO



## Capítulo 6

Numa luminosa manhã de terça-feira, Alex caminhava por Alton Road depois de um passeio de três quilômetros. *Zoe* seguia ao seu lado com uma expressão orgulhosa no rosto, a abanar a cauda e de língua pendurada no canto da boca.

Alex sabia que o ar fresco e o exercício lhe faziam bem, mas também sentia a pressão da sua agenda preenchida. Devia ser Lettie a levar *Zoe* à rua, mas Alex não estava com vontade de atazaná-la. Vieram-lhe à cabeça as críticas de Nick por lidar com Lettie como se ela fosse uma florzinha de estufa. Alex não precisava dos seus bitaites de sofá sobre parentalidade. O próprio Nick também podia puxar um pouco mais pela filha, mas para quê criar atritos quando o peso podia ser colocado noutro lugar.

Como era ela quem levava *Zoe* a passear, comprometeu-se a aproveitar ao máximo esse passeio, que lhe proporcionava uma das poucas ocasiões na semana para literalmente parar e aproveitar as pequenas coisas. Vários vizinhos seus eram jardineiros experientes, portanto ela dedicou o seu tempo a admirar a deslumbrante variedade de cores que brotavam de sementes impossivelmente minúsculas.

Aquela manhã marcou o início do que seria mais um dia caótico para Alex, que incluía uma mediação de divórcio bem litigiosa, com um pai que deixou a filha de treze anos conduzir o seu carro pelo bairro. Parar em frente a um canteiro exuberante, desfrutar do simples ato de inalar o rico aroma dos lírios, fê-la esquecer, ainda que apenas por um momento, que o mundo estava cheio de más decisões.

Para Alex, escolher uma nova carreira não figurava entre elas. Há três anos, esteve à beira do colapso como advogada de direito de família. O horário era intenso e a preparação para o tribunal fez do *Pepto-Bismol* o seu melhor amigo. Passar para a mediação de divórcio em tempo integral transformou Alex numa versão mais gentil, mais paciente e menos confusa de si mesma.

Tinha adorado estudar direito, mas exercer advocacia não era nada como estar na sala de aulas. Agora, em vez de tentar vencer, de dar uma tarefa aos seus oponentes até à submissão, de obter o melhor negócio para os seus

clientes, focava-se em garantir que ambas as partes se sentiam vencedoras e vencidas. Então, porque precisava de vinho à noite para descomprimir, perguntou-se Alex. Será que Nick tinha razão quando disse que a partida de Lettie, dentro de um ano, desencadeou emoções reprimidas? Ou teria ela acaso medo de como poderia ser a vida de um progenitor com o ninho vazio?

Ela e Nick falaram durante anos sobre o que fariam quando fossem libertos das obrigações parentais do dia a dia, mas agora que estavam em desacordo, a embirrar um com o outro, com falta de afeto, etc., a ideia de passar mais tempo a sós com o marido era menos apelativa. Poderiam estar a seguir o mesmo caminho dos clientes dela? Até recentemente, Alex não pensava assim. Ele andava tão tenso por aqueles dias, mas talvez lamentasse, tal como Alex, que, em breve, a sua única filha fosse voar do ninho.

Finalmente, Alex deu por si em frente à casa dos Kumars. Zoe levantou a pata para marcar o seu território numa gloriosa roseira em flor. A paz momentânea que Alex desfrutava deu logo lugar aos pensamentos sobre Emily, trazendo novas preocupações sobre a adaptação da irmã à presença de Mandy Kumar no quartirão. Não cheirava a camarão, o que já era bom sinal.

Desde o dia em que os Kumars se mudaram, estava tudo sossegado, tanto quanto Alex sabia. Isso não significava que Emily estivesse à vontade. O problema com os traidores era que sabiam como deslizar pela erva sem serem vistos – e Ken, pelo menos uma vez na vida, tinha sido tão sinuoso como eles.

– Alex, tens um minuto? – A voz ansiosa de Willow Thompson rasgou os pensamentos de Alex. Willow atravessou a rua e lançou-se imediatamente às suas preocupações. – Preciso do teu conselho – disse ela. – Tenho notado grandes levantamentos de dinheiro da minha conta à ordem e estou a começar a entrar em pânico.

Alex mudou para o modo profissional, como os super-heróis vestem o manto.

– Pediste oficialmente o divórcio, como eu sugeri? – perguntou ela.

O constrangimento transparecia no rosto de Willow.

– Eu ia fazê-lo, mas o Evan continua a insistir para que esperemos até ao final do próximo ano letivo. Menos perturbação para a Riley, diz ele.

Alex conseguiu manter o gemido para si mesma, enquanto pensava: *Como é que as pessoas inteligentes podem ser tão burras?*

– Acho que consigo entender o argumento dele – disse Alex em tom comedido. – Mas adiar até o pedido? – Ela parecia perplexa. – Isso turva as águas financeiramente... e é só o começo. Vocês precisam de começar a definir limites claros e um plano. Contactaste algum dos advogados que recomendei?

– Ainda não – admitiu Willow. – Eu ia contactar, mas meteram-se coisas pelo meio.

*O que poderia ser mais importante do que isto?*, queria Alex gritar.

– Olha, querida, não estou a tentar deixar-te preocupada. – Alex colocou a mão no ombro de Willow. – Mas precisas de ter alguém ao teu lado, a lutar

por ti, quando os problemas aparecem.

– Então ele pode simplesmente tirar dinheiro da conta? – perguntou Willow, como se não tivesse ouvido uma única palavra que Alex acabara de dizer.

– Até entrarem os papéis e haver ordens judiciais em vigor, não há nada que impeça qualquer um de vocês de usar o dinheiro das contas conjuntas. Eu não compreendo porque é que não contratas simplesmente um advogado para dar entrada ao pedido. Podes fazer isso, meter os papéis, mesmo sem advogado. Só precisas dos formulários e de um notário, que por acaso sou, e terei muito gosto em tratar da papelada contigo. Realmente não é problema.

Willow parecia não estar convicta.

Alex não tinha tempo para a convencer do contrário.

– Acho que não devo fazer isso – disse Willow, depois de pensar um pouco. O seu olhar inquieto e a expressão tensa sugeriam que havia mais naquela história do que ela tinha partilhado. – O Evan anda a ameaçar-me com a convenção antenupcial. Ele estava a ser razoável com o dinheiro no início, disse que compreendia a minha situação, que apreciava o que sacrificiei pela nossa família, mas quando o confrontei com os levantamentos, enlouqueceu. Não ias acreditar como ficou chateado.

Alex tinha visto a convenção antenupcial de Willow vezes suficientes para tê-la memorizado em parte. Qualquer estudante de Direito do segundo ano diria que aquela maldita coisa era férrea. A família abastada de Evan certificara-se de que assim era. Ela não devia ter assinado, mas o amor jovem e a ingenuidade andam de mãos dadas como biscoitos e leite.

– Oh, Willow, lamento. – Alex apertou a mão da vizinha. Não guardava rancor de Willow, ou de Riley, melhor dizendo. Todo aquele absurdo do *bullying* tinha ficado no passado, deixando muito espaço no coração de Alex para a compaixão.

Alex esquecia-se muitas vezes de como Willow era jovem, comparada com o resto das mães de Alton Road. Riley tinha dezassete anos, a mesma idade de Lettie, o que significava que Willow tinha apenas vinte anos quando a filha nasceu, ainda andava na faculdade. Tanto quanto Alex sabia, Willow nunca obteve o diploma. Conseguir um emprego que pagasse uma hipoteca Meadowbrook seria difícil.

Mas Evan safava-se. Gabava-se do dinheiro da família como tivesse sido ele a ganhá-lo. Ele era... o quê? Cinco anos mais velho que Willow? Seis? Alex só sabia que Willow andava na faculdade e Evan já era fotógrafo profissional quando se conheceram numa exposição de arte. Independentemente disso, ele devia estar grato a Willow. Ela dedicou-se a Riley enquanto ele galanteava o mundo por causa do seu trabalho cheio de *glamour*.

– Então, a palavra final é que ele pode fazer isto? Tirar o dinheiro sem recurso? – perguntou Willow, de testa franzida.

Alex achou que ela parecia mais preocupada do que zangada.

– De quanto é que estamos a falar? – perguntou ela.

– Eu diria mil a mais.

– Num mês?

– Numa semana – esclareceu Willow.

– Credo – resmungou Alex. Se ela tivesse um milhar a mais, iria diretamente para o plano de poupança para os estudos de Lettie, não para o nariz de alguma modelo sensual, que provavelmente era onde Evan estava a meter os seus levantamentos.

– Mete os papéis. E é já – pediu Alex. – Não vais ficar desamparada.

Willow abanou a cabeça.

– A Riley faz dezoito anos neste inverno e a convenção antenupcial limita a pensão de alimentos a mil e quinhentos por mês. Não posso ficar em Meadowbrook com esse dinheiro... já viste o valor a que as rendas estão? Provavelmente vou precisar de dividir casa. Imagina *este* anúncio na *Craigslis*: divorciada de trinta e sete anos, procura companheira de casa não fumadora e que goste de gatos porque o seu ex-marido amargo, infantil, ladrão, que dorme com modelos, não a trata com nenhuma decência depois de ela ter passado dezoito anos a ser a sua esposa dedicada. Tenho a certeza de que a minha caixa de entrada será *inundada* de respostas.

– Willow, tu não tens gato – disse Alex, tentando trazer um pouco de leveza ao momento.

– Ainda não. Estou a planear ter. Não tenho dúvidas de que precisarei do apoio emocional.

– Que tal ires morar com a Brooke por uns tempos? Ela é solteira. Tenho a certeza de que ia gostar de ter companhia.

– A Brooke Bailey? – Willow falou como se não conhecesse a vizinha. – Ela é perfeita demais, linda demais, e eu iria sentir-me constantemente insegura. E, além disso, ela não é solteira, é viúva. Há uma diferença, e tu sabes muito bem.

Um tom sombrio invadiu a voz de Willow, juntamente com uma sobranalha levantada, ambas alusões subtis a um rumor de longa data na vizinhança de que a morte accidental de Jerry Bailey não tivesse sido tão accidental assim e que a viuvez enlutada de Brooke poderia ter sido uma espécie de encenação.

– *Pode* ser que tenhas de arranjar um emprego – acrescentou Alex. – A Riley vai para a faculdade. É um bom momento para explorar a Willow 2.0.

Willow lançou a cabeça para trás para soltar uma gargalhada sardónica.

– Vou fazer questão de pôr caramelo extra no teu *macchiato* – disse ela.

– Não vai chegar a isso – disse Alex, pensando que poderia chegar a isso.

– És incrível, como sempre. – Willow inclinou-se para dar um beijo rápido na bochecha de Alex. – Obrigada pelo conselho. Eu conto-te as novidades.

Willow deu a volta sobre os calcanhares e apressou-se de volta para a

sua casa, onde Alex desconfiava que ela não confrontaria Evan com as suas preocupações, nem ligaria a um advogado.

Alex também estava a ir para casa, passando pela dos Kumars, quando ouviu um barulho estranho atrás de si. *Zoe* também ouviu e ladrou um aviso. Ao virar-se, Alex focou o seu olhar num bosque na extremidade do relvado traseiro dos Kumars. Estava à espera de ver algum animal a passar – um veado, muito provavelmente –, mas, para sua surpresa, vislumbrou o que era certamente os contornos de um homem, a sair sorrateiramente do quintal dos Kumars para entrar na floresta atrás da casa, movendo-se como um comando numa missão noturna.

O coração de Alex pulou várias batidas ao pensar num gatuno ali tão perto, mas a confusão logo substituiu o medo. Mesmo à distância, Alex conseguia ver quem estava a entrar no trilho de caminhada atrás da casa dos Kumars, que levava a um lago quase privado, a quatrocentos metros de distância. Era o seu cunhado, Ken Adair.

## Capítulo 7

### Lettie

Não tive notícias do Jay desde que ele se ofereceu para me ajudar a planear a minha vingança contra a Riley. Pergunto-me o que andarás ele a preparar. Para ser sincera, estou nervosa com a situação. Não quero fazer nada muito drástico – só quero uma pequena vingança, que me fizesse sentir melhor relativamente à minha situação atual.

Ficar de castigo durante seis semanas inteiras, logo no início do verão, parece uma pena de prisão perpétua. Eu nunca tinha pensado muito na prática de colocar as pessoas em isolamento, até isso ser relevante para a minha vida, o que é irónico, porque falamos sobre esse tipo de pensamento tacanho no meu comité de crise climática. Até o fogo alastrar à volta da casa da pessoa ou as águas das cheias subirem, ou não haver nada no poço para beber, as alterações climáticas não parecem ser assim tão importantes. Depois, de repente, *PAM!*, é uma chatice estar-se na nossa pele.

E, neste momento, é uma chatice estar na minha pele – sozinha, isolada, com pena de mim própria, entediada até ao limite, pela primeira vez na vida a pensar nos problemas dos presos. De certa forma, parece que me deparei com uma parede de tijolos metafórica. Primeiro, estou a abrir, a terminar o ano que me alta. Faço uma escolha de guarda-roupa completamente complacente e, de repente, estou a esconder-me como o Quasimodo.

Claro que durmo num colchão confortável, não numa masmorra, mas os sentimentos de isolamento e solidão não devem ser muito diferentes. Pelo menos é assim que me sinto. Passo os meus dias rodeada pelas mesmas vozes, os mesmos sons e cheiros, já para não falar na tensão evidente entre os meus pais. Apanhei pedaços de discussões. Não sei bem do que se trata, mas o facto de a mãe comprar vinho às caixas não pode ser bom sinal.

Pelo menos os meus amigos estão solidários – ou estiveram. Fizeram *tag* do meu nome em todos os memes **LIBERTEM A LETTIE** que circularam nas redes sociais, enviaram-me mensagens engraçadas e vídeos curtos do estacionamento do Target, onde muitos de nós nos reunimos nas noites de

sexta-feira. (Meadowbrook não tem entretenimentos nem coisas para fazer.)

– ADORAMOS-TE, LETTIE! – gritaram em uníssono para a câmara. – Temos saudades! Volta para nós!

Pouco tempo depois, aborreceram-se e as mensagens pararam. Ultimamente, quase nem tenho notícias deles. Tão depressa se é o herói da escola, um vigilante adorado, a imagem de marca da liberdade de expressão, como se é o *hashtag* da moda da véspera.

Tudo isso me traz de volta ao meu quarto, onde estou a olhar pela janela, à espera de ver o Jay Kumar a atravessar a rua de carro a qualquer momento. Se estou obcecada por ele? Talvez um pouco. Mas não sou obcecada paranoica. Quer dizer, mesmo que não estivesse de castigo, não ia espíá-lo.

Infelizmente, tenho estado a observar tanto que reparei que o Jay tem um pequeno padrão. Todas as manhãs, por volta das dez e meia, sai de carro e volta vinte minutos depois com um café e bolos do Starbucks.

É por isso que estou a olhar pela janela às 10:45 da manhã, à espera do Jay. Lá ouço um carro a atravessar Alton Road e, sem surpresa, é o *Subaru* dele. O Jay para e sai do carro com um café numa mão e um saco castanho na outra. Será homem de bolo folhado ou de queque? São estas as questões monumentais que pondero enquanto basicamente estou à coca do meu novo vizinho.

Tenho resistido à vontade de lhe enviar uma mensagem de texto desde que trocámos números. Não quero parecer desesperada, embora esteja... só um bocadinho. O Jay provavelmente esqueceu-se de mim e do meu plano de vingança.

Assim que penso nisso, ele olha para a minha janela e faz-me um pequeno aceno. Não resisto ao impulso de me baixar, como se estivesse a esconder-me da polícia. Deito-me na cama, de respiração ofegante, apavorada com a ideia de espreitar novamente pela janela.

Depois, o meu telemóvel vibra. Verifico-o sem mudar de posição. É uma chamada do Jay. Merda! Atendo.

– Oi, Lettie – diz ele. – Caíste do poleiro?

Fico com a garganta completamente seca. É como se eu tivesse perdido a capacidade de falar.

– Porque não saís? – pergunta ele. – Devíamos conversar.

– Está bem – respondo-lhe. – Desço num minuto.

– Tenho um *croissant* a mais, se quiseres.

Eu penso: *Homem de croissant*? Nunca teria adivinhado.

Desço as escadas a correr. Lá fora, pestanejo ao sol da manhã enquanto marcho pelo nosso caminho de tijoleira vermelha, arrependida por não ter posto uns óculos de sol ou vestido uma roupa mais gira. Agora não há tempo para vestir outra coisa.

– Continuas de castigo? – pergunta o Jay.

– Continuo – digo-lhe, apreciando a proporção perfeita de barba por fazer dispersa para a pele lisa e morena.



Do bolso das calças de ganga, o Jay extrai o cigarro eletrónico. Oferece-me e eu recuso com um abanar de cabeça.

– Ah, esqueci-me – disse ele. – Não fumas.

Sinto um pulsar de excitação ao vê-lo inalar.

– Os teus pais não se importam? – Aponto para a nuvem de vapor que ele sopra. – Quer dizer, há opções de pequeno-almoço mais saudáveis.

O seu rosto ilumina-se, mas não chega a rir. De repente, sinto-me muito pequena.

– Eles? – Espeta o polegar atrás de si, para a sua casa. – Importam-se com tudo o que eu faço.

– Pois – digo eu, como se tivéssemos muito em comum, mas ficar de castigo não é bem como ser expulso da faculdade.

– Gostas do bairro? – pergunto, odiando o tremor na minha voz.

– A mesma merda, numa rua diferente – diz ele, depois de dar mais uma passa. – O meu pai é um pouco pior aqui, acho eu.

– Pior? Tipo, o que queres dizer com isso, pior?

– Digamos que há um caminho Kumar e eu não o sigo. A minha mãe é psicóloga, portanto diagnosticou os meus «problemas», e o meu pai é psiquiatra, portanto tem o remédio para me pôr bom. Nunca se viu maior combinação parental de pesadelo do que esta. Mas é o meu pai quem mais se esforça para eu me orientar na vida.

Tenho muitas perguntas, mas não me sinto à vontade a intrometer-me.

– O que é que fazes o dia todo? – pergunto, enfiando as mãos nos bolsos. – Vais só buscar café e andar por aí?

O Jay espreita por cima do meu ombro. O seu olhar viaja até à janela do meu quarto. Estremeço, não sabia que o constrangimento pode doer.

– Tens andado a espiar-me? – pergunta. Um sorriso manhoso aflora-lhe o rosto.

Sou tomada por uma terrível sensação de estar a afundar-me. Quaisquer palavras que eu pudesse ter parecem ter escorregado da minha boca para o estômago.

– Não te preocupes – diz-me ele. – Se eu estivesse de castigo, estaria à procura de qualquer fonte de entretenimento. Lamento não ser mais interessante.

Quero dizer que ele é a pessoa mais interessante de Meadowbrook, talvez a pessoa mais interessante que já conheci, mas consigo desencantar alguma contenção.

– A única coisa que sei é que vais ao Starbucks e não pareces fazer muito mais. – Mantenho a coisa vaga, esperando que seja o suficiente para o pôr a falar.

O Jay oferece-me um sorriso casual.

– Eu codifico. O dia inteiro. Todos os dias. É isso que eu faço.

– Sim, o que estás a codificar?

– Uma coisa que me vai tornar bilionário.

Arregalo os olhos.

– Isso é um monte de *Juuls* – digo, e ele ri-se. – Estás a fazer uma aplicação? Atualmente toda a gente faz aplicações.

– Se eu te contasse...

– Terias de me matar... – digo, terminando o pensamento para ele.

De castigo ou não, tenho a certeza de que a minha mãe não iria querer que eu travasse amizade com o belo fumador de cigarros eletrónicos, mais velho e que deixou a faculdade.

Como se me lesse os pensamentos, o Jay vira a cabeça quando dá uma passa, soprando o vapor em direção à sua casa, não à minha. Fá-lo com atitude, como se estivesse a marcar uma posição, uma demonstração descarada de desrespeito para com os seus pais, talvez.

Guarda o seu *Juul* e pega no telemóvel, que depois segura para eu ver.

– Quero mostrar-te uma coisa – diz-me.

Mostra uma gravação de vídeo. Reconheço a pessoa na moldura do telemóvel como sendo o pai do Jay, um grande plano do seu rosto largo, que preenche o ecrã.

– Não vou deixá-lo passar o dia inteiro na cave sem fazer nada da vida nem do seu tempo – diz o pai do Jay para alguém, mas não consigo ver quem.

Ele interrompe a reprodução com o polegar.

– Está a falar com a minha mãe – diz-me o Jay. – Eles fazem muito isso, queixam-se de mim.

– E tu... gravaste? – digo, arquejando, depois baixo o tom de voz. – Isto é no quarto deles? Andas a gravá-los a fazer...? É porque se andas, isso é mesmo muito depravado.

O Jay faz uma cara como se estivesse doente.

– Credo, não – diz ele. – Os meus pais não fazem sexo. O meu pai não avia a receita de *Viagra* há três anos.

– Sabes que o teu pai toma *Viagra*?

– Eu já te disse, Lettie, toda a gente tem segredos... e os segredos são difíceis de guardar nos tempos que correm. – O Jay inclina a cabeça para o lado. – Então, estás preparada para descobrir os da Riley? Da minha parte, está tudo a postos.

Gaguejo antes de poder falar.

– Tudo a postos? O que é que está a postos? O que é que queres dizer com isso? – Sinto o coração agitado e uma ligeira tontura.

– A Riley. O teu grande plano de vingança – diz ele. – Tu é que pediste isto, Lettie. – A voz do Jay adquire uma acutilância que eu nunca lhe tinha ouvido. – Estás a recuar? Esfalfei-me para conseguir o que tu queres. Não me digas que agora te estás a acobardar.

Ouçoo alto e bom som o que está nas entrelinhas: *recua e acabou tudo entre nós*. Ele nunca mais vai falar comigo. Serei uma mera rapariguinha parva aos seus olhos. Penso em tudo o que sofri por causa da Riley. Não faz mal uma pequena desforra, pois não?

– Não estou a recuar – digo-lhe, embora falte convicção à minha voz. – Qual é o plano?

– O plano é que tenho boas informações de que a Riley vai sair hoje à noite e tu e eu vamos ver onde ela vai e o que faz.

– Como é que sabes isso? – pergunto. Depois penso na gravação secreta que ele fez dos pais. Quem sabe do que o Jay é capaz?

– Não és a única a ter feito um trabalho de reconhecimento dos vizinhos – diz ele com um sorriso.

A sensação de pânico no meu peito intensifica-se.

– Não posso ir hoje à noite – disparo. – Estou de castigo. Lembras-te?

Sinto-me tão infantil que não consigo olhá-lo nos olhos, por isso olho antes para os meus pés.

– Lettie – diz Jay, levantando gentilmente o meu queixo com um dedo comprido e elegante até eu o olhar nos olhos –, quando se trata de vingança, não se chega a lado nenhum jogando pelo seguro.

## Capítulo 8

Sabe Deus que lhes faria bem um programa a dois, mas a sensação era de que não valia o trabalho que dava preparar-se para isso. Alex detestou todas as roupas que experimentou para um concerto a que Nick estava mais entusiasmado em ir do que ela – alguma banda dos anos noventa a tentar visitar os seus dias de glória.

Um copo de vinho no sofá era o único programa de que ela precisava. Passou o dia numa extenuante sessão de mediação com um casal que se estava a divorciar e que usava o dinheiro e o tempo para se atacar um ao outro, em vez de chegarem a acordo sobre um cronograma de férias. Ela sempre esteve habituada às zangas conjugais dos seus clientes, mas agora parecia levar o seu trabalho para casa da pior maneira possível. Os conflitos que se desenrolavam no seu escritório estavam de alguma forma a distorcer a sua perspetiva, fazendo com que fosse mais difícil dizer a diferença entre a realidade e uma projeção de medos e ansiedades relativamente ao seu próprio casamento.

Pelo menos a casa estava em sossego. Alex estava ocupada a preparar-se para a noite. Nick ainda não tinha chegado do trabalho. Ela partiu do princípio de que Lettie estaria no seu quarto, onde passava a maior parte do tempo enquanto estava de castigo.

Até esse dia, Alex arrependia-se de ter cedido a Nick na punição de Lettie. Era demais e ela queria repensar toda aquela maldita coisa. Abordaria o assunto com Nick mais tarde, tentando reduzir a pena da filha por bom comportamento. *Ele que me acuse de ser demasiado branda como mãe*, pensou. *Não tem, propriamente, todas as respostas.*

Era um pouco cedo para uma bebida, mas Alex deu por si a abrir uma garrafa de vinho e a encher um copo até cima. Embora Nick gostasse de um *cocktail* de vez em quando, Alex estava contente por ele não estar em casa para a ver beber. Não queria atirar outra vez a deixa «são cinco horas em algum lugar», a menos que fosse absolutamente necessário. O mundo estava dividido em vinte e poucos fusos horários e era bem possível ela ter usado essa desculpa com frequência suficiente para cobrir todos eles.

À hora esperada, Alex ouviu o carro de Nick entrar na garagem

enquanto ela se servia de mais uma dose. Bebeu um grande gole, depois outro e, em vez de tentar terminar tudo, deitou o resto do copo pelo lava-louça. Passou o copo por água, ciente de que estava a livrar-se das provas, sem saber ao certo porque adotava essas medidas para esconder uma bebida... ou duas.

Passados uns momentos, Nick entrou na cozinha pela entrada lateral, seguido de perto por Emily.

Alex acolhia sempre bem as visitas improvisadas da irmã, mas desta podia prescindir. Tinham passado uns dias desde que viu Ken no bosque atrás da casa dos Kumars. Teve muitas oportunidades de partilhar o que viu, mas temia que isso fizesse mais mal do que bem.

Estava com esperança de que Emily se antecipasse a qualquer conversa, oferecendo alguma grande explicação, uma história maluca sobre Ken ter de correr para casa dos Kumars para ajudar a apagar um incêndio na cozinha, ou algo assim – qualquer coisa –, mas não teve essa sorte.

Pela parte que lhe tocava, revelar o que testemunhou era passível de dar início a uma avalanche de acusações que podiam ser o fim de Emily e Ken. Parecia-lhe demais suportar o peso dessa responsabilidade, portanto Alex estava a contar que o tempo tratasse do assunto por ela.

– Olá, querido – disse Alex, dando um beijo na bochecha de Nick para reduzir as hipóteses de ele sentir o cheiro a vinho no seu hálito. – Estás entusiasmado com o concerto?

– Muito! – disse Nick com uma alegria de criança.

– Quem vão ver? – perguntou Emily.

– Não sei – disse Alex –, os Wiggles ou algo assim.

Nick disparou um olhar incrédulo para Alex.

– Weezer – corrigiu. – Vamos ver os *Weezer* hoje à noite. Não os Wiggles. Deus do Céu, desperdicei este bilhete em ti?

– Tanto faz. Não quero saber da banda. – Disse isto com leveza, embora falasse a sério. – Mas espero realmente que não aches um desperdício sair com a tua mulher.

– Não, claro que não – disse Nick. Colocou um braço em volta do ombro dela para lhe dar um meio abraço. – É melhor ir preparar-me. Está a ficar tarde e vamos apanhar trânsito.

Nick preocupava-se com este tipo de coisas – trânsito, estacionamento, gasolina (nunca deixava o carro ficar abaixo de um quarto do depósito) –, ao passo que Alex era mais pelo improvisado. O stresse dele tornava-se frequentemente o de Alex, o que emprestava sempre um pouco de ansiedade às saídas noturnas.

Depois de Nick ter deixado a sala, Alex voltou a sua atenção para Emily.

– Então, o que te traz por cá, mana?

Em vez de responder, Emily inclinou-se para a frente, separando as lapelas da sua blusa de seda para revelar um impressionante pingente de esmeralda pendurado numa corrente de platina.

– Achei que ias gostar de ver isto – disse Emily, cujo sorriso radiante era

digno de qualquer tapete vermelho.

Alex susteve a respiração.

– É lindo.

– Prenda do Ken – disse Emily, que fez uma pequena dança de se abanar o corpo e os ombros, deliciada. – Eu sei que estás preocupada comigo, portanto queria ter a certeza de que sabes que agora está tudo bem em casa.

– Mais do que bem, diria eu – disse Alex. – Então, qual é a ocasião? – O aniversário de Emily era perto do Natal.

– Nenhuma razão em especial, apenas porque me ama – disse Emily, com um sorriso cintilante. – Acho que me devia sentir um pouco culpada por ter pensado o pior – acrescentou.

– Ou por encher a cave dos Kumars de lixo – disse Alex.

– Não estive no meu melhor, admito – disse Emily. – Mas agora estou a deixar tudo isso para trás. É passado. A propósito, vi a Lettie sair com o rapaz novo da rua.

Alex olhou a irmã com uma expressão confusa.

– Do que estás a falar? A Lettie está no quarto, ou pelo menos julguei que estivesse.

Nick voltou para a cozinha, dobrando os joelhos para fazer uma festa a Zoe.

– Querido, a Emily acabou de me dizer que viu a Lettie sair com o novo vizinho. Será que ela anda a sair às escondidas?

Nick pigarreou.

– Ah, não tive oportunidade de te dizer – disse ele –, mas a Lettie implorou para que eu a deixasse ir ver um filme com o Jay Kumar. Senti que ela não tem amigos no bairro como dantes e que seria uma boa oportunidade para remediar isso.

Um lampejo de raiva cegou momentaneamente Alex.

– Isso não é algo que talvez tu e eu devêssemos ter discutido antes?

Os olhos de Nick disseram que sim, embora ele tivesse feito o contrário.

– Ela tem estado muito encafuada ultimamente – disse ele.

– Chama-se estar de castigo – disse bruscamente Alex. – Um castigo que tu e eu concordámos. Na verdade, não me criticaste no outro dia por eu não ser suficientemente firme? Quanto a um adicional «Onde é que tinhas a cabeça?», o Jay Kumar não tem, tipo, uns trinta anos?

– Vinte – contribuiu Emily.

Os olhos de Alex ficaram ferozes.

– Mandaste a nossa filha, que está de castigo, sair com um rapaz de vinte anos que mal conhecemos? Desculpa lá, Nick, e *por favor*, não te inibas de levar isto a mal, mas o que é que se passa contigo?

Nick adotou uma postura defensiva, de costas literalmente encostadas à parede da cozinha. A raiva despontou nos seus olhos, mas diminuiu perante o olhar furioso de Alex.

– Desculpa – disse ele, a expressão e a voz parecendo genuinamente

arrepêndidas. – Tens razão. Eu devia ter falado contigo, mas estavas numa sessão de mediação e não estavas contactável, e eu estava tão ocupado. Tomei uma decisão rápida.

– Quando dizes *rápida*, queres dizer sem pensar? – A raiva de Alex continuava a crescer.

Desta vez, Nick não recuou.

– Dá-me *algum* crédito, está bem? – disse ele. – Sim, talvez não tenha pensado profundamente, mas não se pode dizer que não pensei nada. A Lettie está a ficar crescida e às vezes precisamos de confiar no seu discernimento. Para o ano vai estar na faculdade, a sair com miúdos de todas as idades. É uma rapariga inteligente... acho que ela e o Jay têm conversado e ela já o conhece melhor. Confia nele e, apesar de alguns erros que cometeu, é importante que saiba que continuamos a ter fé nela. E, além disso, eras tu que defendias um castigo mais leve. Não pensei que fosse ser um problema tão grande. Mas peço desculpa. Deveria ter-me esforçado mais por chegar à fala contigo. Foi um erro da minha parte.

Alex inspirou fundo. Não era uma batalha pela qual quisesse dar a vida. Dada a sua profissão, estava bem ciente de que a forma como os casais discutiam podia ser o fator determinante na saúde do casamento. Ela e Nick não eram propriamente um exemplo conjugal, especialmente nos dias que corriam, mas, no final, cada um tentava sempre ver o ponto de vista do outro.

– *Okay*, eu entendo... e obrigada por pedires desculpa. Adiante, vamos sair e ter uma boa noite – ofereceu Alex, como um ramo de oliveira. – Tenho uma ideia – disse ela. – Que tal uma bebida antes de irmos? Nick, podes servir o vinho enquanto eu mudo de roupa? Não gosto do que tenho vestido. Eu despacho-me. Não nos vamos atrasar.

O concerto tinha começado há cerca de quarenta minutos quando Nick envergonhou Alex ao ponto de ela querer rastejar para debaixo da cadeira. Antes disso, ela estava a divertir-se – até certo ponto. A banda era ruidosa o suficiente para lhe fazer doer a cabeça (ou seria o *cocktail* número não sei quantos?) e muitos dos espectadores podiam ser amigos de Lettie, mas também estavam presentes várias pessoas da sua geração – incluindo um cavalheiro particularmente exuberante, na fila atrás deles, vestido de flanela e uma *t-shirt* dos Weezer, como se o *grunge* ainda estivesse na moda.

O sujeito berrava com descarado entusiasmo no início de cada música. Infelizmente, não parava de berrar até ao fim da música. Depois, emborcava a cerveja. E começa tudo de novo.

– Sim, porra! Os Weezer são os maiores! Boa, Weezers! Rivers! «Beverly Hills»! «Beverly Hills»!

Evidentemente, «Beverly Hills» era a referência a uma das músicas de sucesso da banda e Rivers era o vocalista, que de certeza não queria saber

para nada do que aquele tipo tinha a dizer.

Mas Nick queria. Com efeito, queria saber e muito. Após a quarta música com gritos ininterruptos, Nick rodopiou para fulminar aquele homem, muito maior e muito mais intimidante a nível físico, que estava atrás dele.

Todo o corpo de Alex ficou tenso. Tinha estado no carro com Nick vezes suficientes para saber quando a sua raiva se iria transformar em fúria de estrada. Existia uma coisa chamada fúria de concertos?

– Eh, pá – gritou Nick, apontando o dedo para o homem –, vais-te calar, porra, para podermos aproveitar o concerto?

Falou tão alto que Rivers podia tê-lo ouvido.

Os aplausos irromperam da maior parte das pessoas ali perto.

Os olhos do homem incendiaram-se. Os pelos escuros da sua barba grossa espetaram-se como se tivessem apanhado um choque elétrico. Seguiu-se um olhar fixo, ao estilo do Velho Oeste, e Nick não deu sinais de recuar.

Alex teve visões de seguir na ambulância com Nick, telefonando à mãe dele para saber o seu tipo de sangue.

O barbudo ergueu o copo de plástico, talvez para atirar o seu conteúdo a Nick.

– Como queiras, meu – resmungou ele. Levou o copo aos lábios e a coisa ficou por aí.

Alex deveria estar orgulhosa do marido por ter tomado uma posição. Em vez disso, instalaram-se dentro dela camadas de constrangimento. Não conseguia virar-se de novo, portanto passou o resto do concerto sentada, a olhar em frente, temendo que a qualquer momento o homem que Nick confrontara retaliasse. Uma ida à barraquinha concessionada buscar um copo de vinho aliviou-lhe um pouco a tensão. Talvez, se ela tivesse sorte, se esquecesse completamente da noite quando chegasse a manhã seguinte.

Alex ainda estava acelerada durante o trajeto chuvoso até casa, ao passo que Nick era todo sorrisos e alegria. Ele sempre foi assim – tão depressa estava calmo como era uma tempestade. Ela tinha-se acostumado às suas tendências mercuriais, mas nem por isso era um prazer viver com elas.

Fiel a si mesmo, Nick transmitiu uma *playlist* dos Weezer do concerto que tinham acabado de ver. Para ele, a discussão era coisa do passado. O concerto, no entanto, continuaria durante a viagem para casa.

– Já não te chega de Weezer? – perguntou Alex.

– Nunca – disse Nick, aumentando o volume quando começou «Beverly Hills».

Alex tinha vontade de desligar a música, mas não queria provocar uma discussão. Em vez disso, encontrou um assunto que poderia interessá-lo. Contou-lhe que tinha visto Ken esgueirar-se à volta da casa dos Kumars.

– Isso é estranho, lá isso é – disse Nick. – E não é a única ocorrência estranha envolvendo os nossos novos vizinhos.

– Ai não? O que mais?

– Fui à casa dos Kumars na quinta-feira convidar o Samir para a noite de



póquer.

– Quando é que é, mesmo?

– Na próxima semana – disse Nick.

– Ele vai? – perguntou Alex.

– É essa a questão. A princípio, achei que sim. Pelo menos, parecia interessado. Perguntou-me que jogos jogávamos, e eu disse-lhe que era principalmente Texas H’ld’em, mas que misturamos um pouco.

– O Samir está à vontade com o jogo? – perguntou Alex. – Sei que, em algumas partes da Índia, não é aceitável.

Nick encolheu os ombros.

– Não sei há quanto tempo ele vive nos Estados Unidos nem quais são as suas tradições culturais. Mas sabe jogar Texas H’ld’em, porque me perguntou sobre as cegas.

– Estiveram a falar de cegueira? – Alex parecia confusa.

– Não, não é esse tipo de cegueira – disse Nick com uma gargalhada. – É um termo de póquer para uma regra quando não há apostas num jogo.

Alex não percebeu bem, mas deixou passar. O póquer não era a sua praia, mas estava contente por Nick se ter reunido com os vizinhos para se divertir. Quanto a Nick, não era surpresa para ela que ele fosse acolhedor com Samir Kumar e tentasse incluí-lo na sua noite de jogo.

– Então, o que aconteceu? – perguntou ela.

– Tal como eu disse, ele parecia interessado, mas depois perguntou onde é que nos reuníamos. Assim que eu lhe disse ser em casa do Ken, ficou muito tenso, depois disse-me que tinha outros planos e ia ter de deixar para a próxima. Mas parecia incomodado. Acho que nem agradeceu o convite. Basicamente, fechou-me a porta na cara, meio que abruptamente, e pronto.

– Que dia foi esse, mesmo?

– Quinta-feira – disse Nick.

– Então isso foi depois de eu ter visto o Ken fugir sorrateiramente da casa dele – disse Alex, pensativa. – Será que as duas coisas estão ligadas?

– Pode ser – disse Nick.

Alex perdeu-se nos seus pensamentos enquanto os Weezer cantavam. Talvez a única maneira de obter algumas respostas fosse fazer uma visita a Mandy Kumar. Ainda bem que as mulheres do bairro também tinham os seus encontros.

## Capítulo 9

### Lettie

Se acho estranho estar no *Subaru* do Jay Kumar, a seguir para algum sítio – não sei onde – por causa de um plano de vingança qualquer, meio engendrado, contra a namorada do meu primo? Hum, podes crer.

É um pequeno milagre que o meu pai tenha concordado sequer em deixar-me ir. Se ele tivesse dito que não, eu teria ido ter com a minha mãe. Se ela dissesse que não, estava completamente preparada para sair de mansinho. Tal como disse o Jay, a vingança não é um tipo de coisa que se jogue pelo seguro.

Por falar em segurança, a noite está nebulosa e chuvosa. O Jay conduz bem, embora vá consistentemente dez quilómetros acima do limite de velocidade, mesmo à chuva. Tem de ser uma coisa intencional, como se ele soubesse o número certo para nunca ser parado. Não chama nomes aos outros condutores, como o meu pai. Não, o Jay é calmo. Projeta um ar de controlo total.

Um cheiro a carro novo emana dos bancos de couro preto polido. O painel de instrumentos tem um brilho vermelho e apresenta todos os tipos de aparelhos de alta tecnologia. O Jay acomodou o telemóvel num suporte que se prende a uma das saídas de ar. Está a abrir uma aplicação de GPS que parece levar-nos à localização de outro veículo, especificamente o *BMW* da Riley.

Sim, isso mesmo, a Riley tem um *BMW*, tal como o pai. Enfim.

– Diz-me outra vez como sabes onde ela está – pergunto enquanto a chuva cai.

A música eletrónica de dança berra do sistema de som do carro do Jay, que sacode os assentos. Fico contente por ele pôr a música muito alto, para não termos de suportar a estranheza de conversa de circunstância. Podemos apenas conduzir e seguir o caminho para onde a Riley está estacionada. Mas, novamente, estou curiosa. Como é que ele sabe a localização dela?

– Chama-se rastreador GPS – diz-me o Jay. – Coloquei um pequeno dispositivo dentro do carro da Riley, que transmite um sinal para mim, para

que eu possa saber o paradeiro dela.

Engulo em seco quando um nó de preocupação nasce no meu peito, mas deixo passar o sentimento, porque o que é que vou fazer agora? Implorar ao Jay que me deixe sair à beira da estrada, nada mais nada menos do que à chuva, só porque está a infringir oito ou nove leis diferentes? Sim, provavelmente é o que eu devia fazer, mas não faço. Tenho dezassete anos e, tecnicamente, o meu cérebro ainda está em formação, portanto, em vez de agir com inteligência, digo:

– Sabes que não posso escrever isto no meu ensaio sobre a vingança. Com certeza o meu professor chamaria a polícia se eu fizesse isso.

O Jay descarta o assunto com uma gargalhada:

– Eu não escreveria nada incriminatório sobre ti. Além disso, a Riley não vai saber que está lá – garante. – E eu vou tirá-lo do carro dela hoje à noite, depois de ela ter ido para a cama.

Agora está finalmente a fazer clique para mim.

– Espera aí, tu *entraste à força* no carro da Riley?

Jay lança-me um olhar incrédulo.

– Se não, como é que punha lá o GPS?

Diz isto como se eu devesse saber, mas ainda estou a juntar as peças. Aquilo que concluo é o seguinte: o Jay é um criminoso. É um mau miúdo digital, que é provavelmente o único tipo de miúdo mau com quem consigo lidar. Realmente não me interessa pelos tipos curtos e grossos, durões, todos tatuados. Acho que gosto que os meus bandidos sejam mais rápidos com o rato do que com a pistola.

Desconfio fortemente que, se a minha mãe soubesse como o Jay realmente é – que pirateou o computador dos pais, arrombou o carro de uma vizinha, raramente saía do seu esconderijo na cave, foi expulso da faculdade, fumava cigarros eletrónicos como se fosse o Puf, o Dragão Mágico –, poria um ponto final na nossa crescente amizade. Desconfio que, se o meu pai descobrisse, estaríamos a mudar de casa.

Olho para a aplicação de GPS no telefone do Jay, que nos direciona para o carro da Riley, estacionado a cerca de dez quilómetros de distância, na zona conhecida como a Região do Metro. Aqui, as grandes casas e os amplos relvados dão lugar a ruas lotadas, repletas de bares, restaurantes e uma boa dose de vida noturna. Mas que raios está a Riley a fazer aqui fora? Os miúdos de Meadowbrook nunca andam pela Região do Metro. Este é o terreno fértil para as fraternidades universitárias e tipos recentemente pós-graduados, o que pode explicar por que razão o Jay parece extremamente confiante ao navegar por estas ruas. Conduz, fuma o seu cigarro eletrónico, deixando entrar um pouco de chuva quando sopra o fumo pela janela, verifica o GPS e faz tudo isto sem qualquer dificuldade.

Estou um pouco surpreendida, e talvez um nadinha enervada, por me sentir ainda *mais* atraída pelo Jay. Preocupa-me que seja por ele desrespeitar as regras de maneiras que eu nunca faria.

Sem aviso, o Jay desvia o carro para a direita, com força suficiente para me fazer revirar o estômago quando muda de faixa. Passado um momento, navega habilmente o seu *Subaru* num espaço apertado usando o tipo de habilidades de estacionamento paralelo que desconfio nunca irei ter.

– O carro dela está estacionado ali à frente – diz-me o Jay. Aponta para o outro lado da rua, cerca de cinco carros à nossa frente.

Lá está: a traseira de um carro preto que poderia ser o *Beamer* da Riley, mas não consigo ter a certeza, com a chuva e o nevoeiro.

– Eu não fazia ideia de que a Riley frequentava este lugar – digo.

– Há muita coisa sobre a Riley que tu não sabes. Mas é por isso que aqui estamos, não é assim? Para descobrir os segredos dela... e explorá-los.

– Onde é que achas que ela está? – pergunto, olhando para o mar de néon que nos rodeia.

– Pode estar em qualquer lugar – diz-me o Jay. – Vamos só ficar à espera.

Sou atingida por uma facada de pânico. Sem música. Sem condução. Sem distrações. Temos de *falar* um com o outro. O Jay deixa o carro em ponto morto enquanto esperamos e, por hábito, eu inclino-me e pressiono o botão que o desliga. É algo que faço com a minha mãe sempre que ela faz o mesmo.

O Jay lança-me um olhar, tingido de mágoa.

Estou completamente angustiada.

– Desculpa – digo, a gaguejar. – Eu devia ter perguntado. Estou meio condicionada a fazer isto. – Só me apetecia ser pequena o suficiente para rastejar para dentro do porta-luvas.

Jay dá uma passa.

– Deixa lá – diz ele, soprando vapor no ar que paira como nuvens em torno da sua cabeça. – Eu estava a ser irrefletido.

– É só que nunca na história da humanidade houve tanto dióxido de carbono na atmosfera – desabafo, espontaneamente. Há hábitos que são difíceis de quebrar.

– Ah sim? – O sorriso do Jay denota que ele não tem medo do iminente apocalipse climático.

– Os níveis pré-industriais eram de duzentas e setenta e oito partes por milhão. Agora já ultrapassaram as quatrocentas partes por milhão, o que é definitivamente causado pelo ser humano. Lamento se és um crente do ciclo natural, mas isso é uma treta completa. Fomos nós que fizemos isto.

– Não estou a discordar – diz ele.

– Da última vez que houve tanto dióxido de carbono na atmosfera, cresceram árvores no polo sul.

– És sempre assim tão alegre nas conversas? – pergunta o Jay.

Sinto-me a morrer por dentro.

A gargalhada do Jay arranca-me do abismo mental.

– Tudo bem – diz-me ele. – Tenho de pensar mais nestas coisas.

– Imagino que quando uma pessoa está a tentar tornar-se o próximo multimilionário da tecnologia, coisas como ar respirável não importem muito – digo, perguntando-me se algum dia vou aprender a ficar calada.

– O que mais te inspira, Lettie? Além do aquecimento do nosso planeta? – O Jay inclina-se para mim.

Cheiro a sua colónia (será que a pôs por minha causa?) e sinto o calor que irradia do seu corpo, enquanto a minha própria temperatura interna sobe um ou dois graus.

Quero dar-lhe uma boa resposta, algo que o faça pensar que sou mundana e tudo isso, mas tenho uma branca. O que é que me inspira?

– Porque é que estamos aqui? – pressiona o Jay. – Porque é que queres tanto isto?

Estou a pensar: *Loony Lettie, alarmes de segurança, todo aquele bullying de raparigas*, mas mantenho a minha resposta geral.

– Ela merece – digo.

– Não é propriamente uma resposta inspirada.

Sou salva de ter de me explicar melhor pela visão de uma jovem que sai aos tropeções de um bar chamado McCormick. Levo um momento a perceber que a cliente desequilibrada que não usa casaco, apenas um vestido azul que parece ter sido pintado, é na verdade a pessoa que viemos aqui para encontrar.

A Riley agarra-se a um parquímetro perto dela como se fosse o seu parceiro de dança. Os seus pés abandonam o passeio quando ela balança para a rua, regressando à calçada depois de fazer uma volta completa. Pode estar na vertical, mas isso não a torna estável. Balança para a frente e para trás, alheia à chuva que lhe encharca a roupa e o cabelo. Tão depressa acho que vai tombar para a esquerda, como acho que vai para a direita.

Antes de cair, um sujeito alto de casaco desportivo e calças de ganga irrompe do McCormick. Dobra-se para se proteger da chuva quando corre para alcançar a Riley, que começou a afastar-se do seu carro.

O Jay liga os limpa-para-brisas, mas não consigo ver bem o companheiro da Riley. A chuva está a deixá-lo desfocado e, para piorar a situação, abre um guarda-chuva, que usa para manter os dois secos.

Que cavalheirismo da sua parte.

A Riley mostra o seu apreço pelo Gajo do Chapéu, que a envolve nos seus braços.

O chapéu de chuva desce como um escudo, bloqueando a minha visão do que se está a passar do outro lado, mas dá para ver que a mão do sujeito está baixa o suficiente para segurar em concha uma parte da anatomia traseira da Riley, onde Dylan não haveria de achar que pertencesse. O chapéu de chuva desce ainda mais para que eu possa assistir a um beijo embriagado. Honestamente, já vi rituais de acasalamento em documentários sobre a vida selvagem que tinham mais classe.

O Jay tem o telemóvel à vista. Levo um momento a perceber que está a gravar todo o encontro. Não sei bem o que consegue captar em vídeo, tendo

em conta que a única coisa que eu consigo discernir é a parte de trás da cabeça da Riley.

Depois dos apalhões, o Gajo do Chapéu acompanha a Riley até ao lado do passageiro do seu carro. Penso que é uma coisa boa ela não conduzir. Sinto-me mais segura com esse tipo ao volante. Pelo menos consegue seguir em linha reta. Tão depressa estão estacionados como seguem de carro para longe da vista. Foi tão rápido.

O Jay sai do estacionamento e voltamos a segui-los, mas não há necessidade do GPS se conseguirmos mantê-los debaixo de olho.

Sinto-me um pouco menos culpada por seguir a Riley à socapa, porque agora vamos ter a certeza de que chega a casa em segurança. Verifico as horas no tabliê. O filme em que não entro acabou de sair. Seguimos o *Beamer* durante uns minutos.

– Não estão a voltar para Meadowbrook – diz-me o Jay.

– Temos de continuar a segui-la, para termos a certeza de que fica bem – respondo. – Definitivamente, aquele tipo com quem ela está *não* anda no liceu.

– Tudo bem, temos o suficiente – diz o Jay.

– O suficiente para quê? – pergunto, sem gostar do nervosismo da minha voz.

– Para a vingança – diz ele. – Pomos o vídeo e as fotografias *online*, com um *tag* na Riley e isso deve virar a vida dela de pernas para o ar.

Engulo em seco, pensando que isso também vai virar a vida do Dylan de pernas para o ar.

– Não podes fazer isso – disparo. – O Dylan vai ficar destroçado.

O Jay faz uma inversão de marcha no semáforo e começa a afastar-se da Riley.

– Para onde vais? – grito. – Estamos a ir no caminho errado!

O Jay não muda de direção.

– Não vou perder mais tempo com isto, Lettie. Temos um plano. Mas parece que não consegues avançar com ele. Não te preocupes. Não te vou obrigar.

Sinto-me toda em pânico.

– Preciso que vires o carro, Jay, e é agora. – O meu tom é mais velho e ousado do que eu.

– Então não te importas que eu poste as fotografias? – quer saber o Jay.

– Não – digo bruscamente. Então, de repente, compreendo. Sei exatamente o que o Jay está a pensar. – Se eu te disser para postares as fotografias, viras o carro?

– Isso mesmo – diz o Jay.

– E se eu disser para não postares, seguimos para casa?

– Isso mesmo, de novo – diz o Jay. – É assim que a vingança funciona, Lettie. É preciso fazer escolhas difíceis.

Eu não posso deixá-lo postar.

– E se lhe acontecer alguma coisa? – grito. – Quem é esse tipo com quem ela está? Ela pode estar metida em problemas. Não podemos simplesmente deixá-la.

O Jay lança-me um olhar oblíquo.

– Ela pareceu-te aflita?

É um bom argumento.

– Ela está bem, Lettie – diz ele, com total confiança. – E eu acho que ainda não percebeste bem essa coisa da vingança. É suposto *quereres* que aconteçam coisas más ao teu alvo.

– Mas não violação! – grito. – Não quero que se magoe. E também não quero magoar o Dylan.

– Mais uma vez, não é assim que a vingança funciona.

– Então, vamos ter de arranjar uma alternativa – insisto. O meu coração bate com tanta força que tenho medo que possa rebentar.

– Está tudo bem – diz o Jay. – Vamos esquecer tudo e ir para casa. Ela consegue cuidar de si, claramente não foi a primeira vez que esteve com aquele gajo.

– Mesmo assim, devíamos segui-la – digo.

– Porquê? Para ver em que Motel 6 vão acabar? Prefiro poupar combustível.

– Como é que sabes para onde ele está a levá-la? E se ele se aproveitar dela? – pergunto. – É evidente que ela está sob o efeito do álcool.

– Está bem, então dá-me luz verde para postar as imagens e passamos o tempo que quiseres a seguir a Riley por aí. São as tuas duas opções. Então, o que queres fazer, Lettie?

Quero dar um soco na cara do Jay, é isso que eu quero, mas ele vai a conduzir. Em vez disso, cravo os dedos nas pernas. Como é que me deixei meter nesta confusão? Pus-me a jeito, foi o que foi. Analiso os meus dedos. Mas que raio é que eu devo fazer? Postar as fotografias e talvez salvar a Riley, ou não postar e poupar o Dylan.

Até agora, a vingança está a ser um duro golpe.

– Relaxa, Lettie. Não é a primeira noite da Riley na cidade. Posso assegurar-te.

– Já a seguiste antes?

– Digamos que fiz um pequeno trabalho inicial de reconhecimento. Ela tem plena consciência do que está a fazer.

Admito que isso me deixa um pouco mais à vontade. Pelo menos vou ganhar tempo para decidir o que fazer com a gravação.

– Se isso te fizer sentir melhor – diz o Jay –, vou ficar de olho no GPS. Ter a certeza de que ela chega a casa em segurança.

O que mais podia eu fazer? Não posso controlar o que acontece no encontro dela, a não ser que apareça na festa. Acho que não está nas minhas mãos e, pelo menos, o Jay saberá o paradeiro dela para eu poder dormir esta noite.

– Manda-me uma mensagem quando ela estiver em casa, está bem?

– Tudo bem – garante o Jay. – Mas é provável que ela só volte de manhã. Tenho a certeza de que a mãe dela acha que está a dormir em casa de uma amiga: é o que eu teria dito aos meus pais noutros tempos.

– Bom argumento – digo.

– Olha, Lettie, é preciso que saibas que este não é o único segredo da Riley.

– Que mais? – pergunto. – Do que estás a falar?

Ele abre a consola central do *Subaru* e tira de lá um frasco de comprimidos de cor âmbar. Não tem rótulo, mas o Jay agita-o e o frasco chocalha como um maraca.

– Encontrei isto no carro da Riley – diz ele. – Talvez o devolva... ou talvez a faça pensar que o perdeu. Estas belezas não são brincadeira.

– O que são?

– Opiáceos de qualidade – diz, com satisfação. – A menos que tenha feito recentemente uma operação às costas, parece que a nossa pequena Riley não gosta só de rapazes e bebidas alcoólicas. Também gosta de cenas duras.

O Jay põe o pé a fundo no acelerador. O carro dispara em frente e o meu estômago achata-se com a força da aceleração. Olho para o velocímetro e vejo a agulha subir até parar cerca de trinta quilómetros por hora acima do limite de velocidade.

No rastreador GPS ainda consigo ver o carro da Riley a seguir na direção oposta, indo sabe-se lá para onde com um desconhecido qualquer.

A chuva cai agora com mais força.



## Capítulo 10

O trabalho tinha mantido Alex tão ocupada que levou três semanas para começar sequer a pensar em organizar uma confraternização de bairro – só as senhoras, desta vez. Quando finalmente se dedicou ao assunto, telefonou a Willow para escolher uma noite que fosse compatível com a agenda dela.

– Qual é a ocasião? – perguntou Willow.

– Nenhuma, na verdade. É só um pretexto para recebermos a Mandy no bairro, bebermos uns copos e darmos umas gargalhadas.

– Não vais fazer uma noite temática, pois não? – O potencial dessa ideia claramente horrorizou Willow.

– Porque não? – perguntou Alex, que já tinha arranjado umas ideias de temas no Pinterest.

– Porque não temos doze anos – disse Willow com firmeza. – Fui a casa de uma amiga há umas semanas e era uma festa de pijama. Declaro publicamente que já tive a minha dose de quarentonas de pijama.

– Que pena, na verdade parece divertido – disse Alex. – Enfiámos o pijama aconchegante e bebemos *mai tais*. Há alguma coisa para não gostar nisto?

– É alegria a mais para a minha atual situação – disse Willow. – O divórcio azedou-me para todos os tipos de brincadeiras. Nos tempos que correm, levo a minha bebida *muito* a sério.

Alex tinha um copo de vinho na mão e biscoitos no forno. Compreendeu muito bem a posição de Willow. Sempre que chegava inteira às seis horas, sentia-se orgulhosa do seu feito e merecedora da recompensa, a que sempre sacava a rola com grave intenção.

– Saltamos o pijama e focamo-nos nas bebidas e na conversa. Combinado? – disse Alex.

– Claro que vou – disse Willow. – Escolhe o dia. És tudo o que me resta.

Terminou a chamada antes que Alex pudesse furar *aquele* bolo de camadas. Alex perguntou-se se Willow estaria a insinuar que tinha problemas em casa com Riley, além de Evan. No passado, Alex comparou injustamente a proximidade de Willow e Riley com a sua relação com Lettie. Ela e Lettie

tinham um tipo diferente de vínculo, disse Alex a si mesma. Não tinha tempo para dedicar todos os seus momentos acordada aos caprichos e necessidades de Lettie. Fosse como fosse, a filha ter-se-ia rebelado contra tal atenção. Lettie possuía uma veia independente grande demais para que Alex conseguisse apertá-la nos braços e era por isso que não devia ter sido uma surpresa sentir a filha afastar-se. No entanto, parecia-lhe uma surpresa, talvez *surpresa* não fosse a palavra certa. Talvez fosse apenas uma mágoa antiga. Tinha uma filha e essa filha sairia de casa em breve.

Alex sentiu uma pontada de tristeza. Lamentou, mais do que nunca, ter concordado com o castigo de Nick. E, no entanto, em vez de enfrentar o marido, fez novamente uma frente unida para o bem da família. Quando é que ela ia encontrar a sua voz? Tinha-a em todos os outros lugares, porque não em casa?

Porque Nick tinha mau-feitio? Porque ela queria sempre manter a paz? Que desculpa esfarrapada. Ela não era uma panhonha. E ao deixar Lettie sair assim com Jay, Nick podia desempenhar o papel de herói aos olhos da filha. Aos de Alex, os rapazes com experiência traziam uma coisa: expectativas. Mas o que deveria ela fazer a esse respeito? Bater o pé novamente e dizer a Lettie que não podia encontrar-se mais com Jay Kumar? Boa sorte. A única coisa que iria conseguir era mais distância entre elas. Não era justo, pura e simplesmente. Ela e Nick precisavam de dois dedos de conversa.

Mas primeiro precisava de uma bebida.

A campanha afastou Alex da cozinha, do forno e dos biscoitos – mas não do vinho, que levou consigo para o corredor. Achou que era a UPS. Nenhuma das amigas se dava ao trabalho de se fazer anunciar antes de entrar.

Para surpresa de Alex, Brooke Bailey estava especada no degrau da entrada. Fiel a si própria, Brooke tinha chegado linda como sempre. Alex perguntou-se se ela usaria os serviços de um estilista e maquilhador antes de sair de casa.

Mas a verdade era que Brooke conseguia que tudo lhe ficasse bem. O seu tom de pele era azeitonado, o mais sensual que se podia imaginar. Com a figura que tinha, podia usar uma saca de batatas como vestido e dar a sensação de estar a fazer uma declaração de estilo. Fosse como fosse, Brooke Bailey sempre foi chique sem esforço – e, para piorar as coisas, era incrivelmente simpática e também extremamente inteligente.

Entrou em casa de Alex com um sorriso simpático, andando com os saltos pretos elegantes como se fossem mocassins. A saia estampada tinha bolinhas animadoras que ela combinava com uma simples *t-shirt* branca. Alex sabia por Nick que os tipos do bairro se perguntavam se os seios de Brooke eram reais, ao que ela replicava: «O que é que isso importa? São *realmente* impressionantes.

Brooke chegou com uma caixa castanha de pastelaria, selada com fita decorativa verde e rosa.

– São para ti – disse ela, oferecendo beijos rápidos na face de Alex.

Embora ela e Brooke não fossem particularmente próximas, eram vizinhas e davam-se bem o suficiente para que o gesto fosse tão caloroso quanto bem-vindo.

– Ora bem – disse Alex, equilibrando o vinho e a caixa da pastelaria nas mãos –, o que temos aqui?

– Acabei de voltar de Nova Iorque – disse Brooke enquanto seguia Alex até à cozinha. Até a sua voz era sensual, um timbre envolvente e profundo que oferecia indícios de romance e mistério. – Parei na Supermoon Bakehouse. Têm uns *éclairs* de framboesa com creme de pasteleiro de manteiga de ácer e pensei em trazer-te uma caixa. Fazes tanto por toda a gente por aqui, achei que alguém devia fazer alguma coisa simpática por ti.

Alex colocou os *éclairs* na bancada.

– Que querida por pensares em mim – disse ela. – E, por acaso, estava a pensar em ti. Ia mesmo agora ligar-te. Vou fazer uma noite de meninas e...

Alex interrompeu-se quando reparou na expressão conturbada da vizinha. Brooke cheirava o ar, procurando em volta a fonte de algum odor desagradável.

Naquele momento, também Alex sentiu o cheiro.

– Está alguma coisa a queimar? – perguntou Brooke, olhando, desconfiada, para o forno.

Alex quase gritou. O mais depressa que pôde, tirou uma pega de uma gaveta. Quando abriu a porta do forno, uma parede de fumo atingiu-a na cara e, passado um segundo, o detetor de fumo começou a tocar. Algures na casa, Zoe ladrava loucamente, implorando para que o barulho parasse.

Brooke tapou as orelhas, mas, diga-se em seu abono, não deixou o alarme perfurante incomodá-la por muito tempo. Entrou em ação, desligando o forno e, em seguida, abriu janelas para deixar sair o fumo. Saiu mais fumo quando Alex retirou uma bandeja de biscoitos carbonizados do forno.

Brooke colocou uma cadeira sob o detetor de fumo, subiu sem fazer esforço – nada mais, nada menos do que com os saltos altos – para premir um botão que silenciou o alarme. Era mesmo aquilo de que Alex estava a precisar, outro herói para fazê-la sentir-se pior consigo mesma, mas ficou grata com a chegada oportuna de Brooke.

– Olha, ainda bem que aqui estás para experimentar a minha nova receita de discos de hóquei caseiros – disse Alex, fazendo grande alarido da sua bandeja de ovos enegrecidos.

Brooke riu-se ao descer da cadeira.

Alex pôs de parte a sua breve pontada de ciúmes da linda Brooke, com a sua sobremesa perfeita e a maneira como geriu com tanta calma a situação stressante, para se concentrar em deitar no lixo os restos queimados dos biscoitos.

– Ia levá-los à Mandy Kumar como um pequeno presente de boas-vindas ao bairro e, ao mesmo tempo, convidá-la para o convívio de que te estava a falar. – Alex acenou com a mão à frente da cara para afastar o fumo

persistente.

Brooke reaveu a caixa de *éclairs* da bancada.

– Tenho a certeza de que não são tão bons como os teus biscoitos caseiros, mas porque não os partilhamos com a Mandy – disse Brooke. – Vou contigo. Ainda não a conheci, nem ao marido.

Depois de beber outro gole generoso de vinho, Alex saiu para a rua com Brooke. Foi um passeio rápido até à imponente casa colonial de tijolo que os Kumars agora ocupavam, do outro lado da rua. Talvez Mandy oferecesse alguma explicação para o facto de Ken parecer ser o seu homem da porta das traseiras. Graças a Deus, Brooke estava lá para amortecer a coisa.

O toque régio da campainha ecoou bem alto. Através de uma iluminação lateral, Alex conseguiu, pela primeira vez, ver bem o interior da nova casa dos Kumars. Reparou que faltavam móveis e toques pessoais. Dava uma impressão fria e pouco acolhedora, mas ela deduziu que a família precisava de mais tempo para se instalar.

Brooke fez um sorriso simpático quando Mandy Kumar abriu a porta. Ela usava um fato elegante, feito à medida, que lhe dava um ar profissional.

*Em que é que esta mulher trabalha?*, perguntou-se Alex.

– Olá – disse Mandy. Os seus olhos brilhantes cintilaram quando captaram a luz do sol do final da tarde. – Que surpresa agradável.

– Olá – disse Brooke, estendendo a caixa de *éclairs*. – Sou a Brooke Bailey, a vizinha do lado. Peço desculpa pela demora em vir conhecê-la. Tem sido uma correria. Eu e a Alex trouxemos isto, é um miminho de boas-vindas atrasado.

Mandy colocou a caixa da pastelaria numa mesinha de apoio do seu átrio cavernoso.

– Muito obrigada às duas. Que atenciosas – disse ela. – Querem entrar?

– Obrigada, mas fica para a próxima – disse Brooke. – Acabei de voltar de uma viagem de negócios a Nova Iorque e tenho muita coisa para pôr em dia.

– Ah sim? O que é que faz para ter ido a Nova Iorque? – perguntou Mandy.

*Uma pergunta normal*, pensou Alex, embora tenha captado uma expressão estranha no rosto de Brooke, implicando que o assunto não era um dos seus temas preferidos.

– Vendas e *marketing*, principalmente – ofereceu Brooke, um pouco vagamente.

Alex deu-se conta de que não sabia o nome da empresa para a qual Brooke trabalhava. Nunca tinha surgido em conversa.

– Está a gostar de Meadowbrook? – perguntou Brooke.

– É perfeito – disse Mandy. – É... – A sua voz tornou-se um fio e o olhar mais suave. Olhou para o beco sem saída, as casas resplandecentes que pertenciam às suas novas vizinhas: Brooke, Willow, Emily e Alex. – É exatamente aquilo que eu procurava. – Fez um sorriso melancólico.

– Fica mais perto do trabalho? – perguntou Brooke. – Adoro o seu fato, por falar nisso.

De repente, Alex sentiu-se bastante desmazelada, com as suas calças de ganga e a camisola largueirona.

– Na verdade, é um pouco mais longe, mas não me importo – disse Mandy. – Faço a viagem com o Samir e é mais tempo que passamos juntos.

– Isso é bom – disse Brooke. – Onde trabalha?

– Sou psicóloga na unidade de perturbação obsessivo-compulsiva do McLean Hospital – disse Mandy.

Alex parecia impressionada.

– Isso deve ser fascinante – disse ela.

– Recompensador, com certeza, mas tem os seus desafios – respondeu Mandy. – Posso falar sobre exposição para prevenir reações até já não me poderem ouvir, mas vou guardar isso para outra altura.

– E achava eu que o meu trabalho era intenso – disse Alex. – Os casais divorciados não gostam um do outro obsessiva e compulsivamente, mas eu não tenho de tentar reparar isso. Só preciso que cheguem a um acordo.

– Ah, então é mediadora matrimonial?

– Ex-advogada de divórcios, feita mediadora – esclareceu Alex. – Precisava de uma pausa da sala de audiências.

– Eu entendo isso – disse Mandy. – As batalhas jurídicas não passam de stresse e pressão, mesmo que estejam a ser travadas em nome de outras pessoas.

– É bem verdade – concordou Alex. – Então, a Mandy e o Samir conheceram-se no trabalho? – questionou.

– Não – respondeu Mandy. – Começámos a namorar na faculdade e depois, por acaso, os nossos percursos profissionais sobrepuseram-se há cerca de dez anos. Tem graça como as coisas são. Eu fui primeiro para o McL'an's, depois o Samir candidatou-se a um cargo em aberto um ano ou assim mais tarde. Agora ele é o diretor médico.

– Bem, deve ser bom estarem juntos com tanta frequência – disse Alex. Não conseguia imaginar-se a trabalhar com Nick no mesmo escritório, depois voltarem também para a mesma casa. Ter um pouco de espaço um do outro era sagrado, na opinião dela.

– Lembro-me de que estava muito ansiosa para conseguir essa casa – continuou Alex, pensando na festa do quarteirão. – O que a atraiu aqui?

Mandy retribuiu com um sorriso tenso. Foi como se a cor se esvaísse dos seus vibrantes olhos azuis.

– Precisávamos de uma mudança de cenário – acabou por dizer. – Chamem-lhe... um novo começo.

– Bem, ficamos contentes por ter escolhido o nosso bairro – disse Alex.

– Na verdade, viemos convidá-la para uma noite de mulheres na minha casa. Queria ver a sua disponibilidade.

Mandy animou-se com a oferta, abrindo um sorriso que mostrava dentes

brancos como pérolas.

– Oh, obrigada. Adorava.

Antes que Alex sugerisse uma data que pudesse servir, Samir Kumar apareceu no átrio, de pé atrás de Mandy.

– Olá – disse ele, olhando para Alex e Brooke com a mesma intensidade penetrante que exibira no dia em que se conheceram. – Passa-se alguma coisa? – perguntou.

Foi uma explosão gelada de ar ártico. Samir, uma vez mais vestido impecavelmente – brilho nos mocassins, nem um vinco nas calças caqui nem na camisa de fato, a aliança de ouro como se tivesse sido acabada de polir –, tinha os braços cruzados firmemente sobre o peito e olhava para a mulher como se ela tivesse feito algo errado. O seu olhar fez Alex recuar ligeiramente, uma reação inconsciente para criar mais distância entre ela e os Kumars.

– Samir, apresento-te a Brooke Bailey, a nossa vizinha do lado. A Brooke e a Alex convidaram-me para nos juntarmos em casa da Alex. Muito simpático, não é querido?

Alex reparou na deixa de Mandy, o que lhe pareceu estranho. Com certeza Samir era inteligente o bastante para reconhecer um gesto de vizinhos.

– Bem, estamos bastante ocupados – disse bruscamente Samir.

Alex e Brooke trocaram um olhar inquiridor.

– Ainda não escolhemos uma data – disse Brooke, um pouco a medo.

Uma expressão sombria e agitada perpassou o rosto de Samir. O ar à sua volta estava carregado. Aproximou-se de Mandy, de modo que os seus ombros se tocaram. A sua mão bem cuidada logo encontrou a parte de trás do braço de Mandy. Não parecia um gesto suave, mas sim um aperto forte.

– Tal como eu disse, estamos bastante ocupados. Não tivemos muito tempo para nos organizarmos. Infelizmente, nós vamos ter de deixar para uma próxima vez.

Nós?, pensou Alex. Queria dizer que Samir não foi convidado, mas seguiu a língua.

Alex olhou por cima do ombro de Samir para dentro da casa. Não viu caixas, nem tralha para desempacotar, nada para organizar, o que tornava a sua desculpa muito mais estranha.

Então, Alex apanhou nos olhos de Mandy uma sugestão de algo que era difícil de identificar. Seria um pedido de desculpa? Não, não era bem isso. A sua postura estava mais rígida, como se tivesse sido desencadeada uma reação de luta ou fuga.

Finalmente, entendeu. Era um olhar de medo.

– Ah, sim, peço desculpa. O meu entusiasmo levou a melhor – disse Mandy de forma bastante categórica. – Ando um bocado aérea com a mudança, o trabalho, sabem como é. Prometi ao Samir que nos concentraríamos na casa até estar tudo mais estabilizado. Ele não queria esta mudança tanto como eu, por isso espero que compreendam. Fica para a

próxima?

Alex desviou o olhar para Samir, cujos olhos escuros continham uma expressão vitoriosa. A sua boca tremeu muito ao de leve, como se ele se debatesse com um sorriso de escárnio.

– Sim, claro – disse Alex, sem saber de que outro modo responder. – E fique à vontade para aparecer sempre que precisar... de uma pausa – acrescentou.

– Obrigada – disse Mandy, apertando as mãos à frente da cintura, os nós dos dedos entrelaçados brancos, sem pinga de sangue. – Entro em contacto num momento mais oportuno.

– Ótimo – disse Brooke, expulsando o mal-estar com uma respiração trémula. – Diga qualquer coisa. Espero que goste dos bolos e, uma vez mais, bem-vinda ao bairro.

Samir não olhou para a caixa, apesar de Brooke ter tentado direcionar a sua atenção para a mesinha de apoio, onde se encontrava o presente de boas-vindas.

– Obrigado – disse ele, mas não parecia nada grato. A sua mão nunca saiu do braço de Mandy. Puxou-a para trás com toda a delicadeza. De olhos fixos em Alex, a expressão dura e inflexível sondando-a de uma maneira muito desagradável.

Fechou a porta com um estalido suave, nenhum dos dois se dando ao trabalho de dizer adeus.

## Capítulo 11

### Lettie

Tenho um emprego na Quinta Kimball. É uma empresa familiar desde antes dos meus pais nascerem. Os proprietários são pessoas simpáticas que não encharcam tudo em pesticidas e tentam apoiar práticas agrícolas sustentáveis, principalmente vendendo o que cultivam. Estou a ajudar o meio ambiente indo de bicicleta para o trabalho, o que faço mesmo à chuva. Ainda ando na bicicleta que os meus pais me deram quando fiz treze anos – um motivo de orgulho, pois estou a tentar limitar o meu consumo. Sei que os meus esforços para acabar com o aquecimento global não vão manter os ursos polares no gelo, mas é melhor do que nada, acho eu.

É o meu terceiro verão a trabalhar aqui. Os donos fizeram-me um bolo para comemorar o fim oficial do meu confinamento. Que queridos. Não houve nenhuma celebração formal em casa para assinalar a minha libertação da guarda parental; acabou quando eu saí com o Jay.

Por falar nisso, já se passaram semanas desde que ele e eu fomos atrás dos segredos da Riley. Recebi a mensagem que ele me prometeu informando que a Riley tinha voltado para casa em segurança, mas só às dez horas da manhã seguinte. Para onde ela tinha ido e com quem não estava incluído na mensagem.

Já não sei bem como me sinto em relação à questão da vingança. Já não sei bem como me sinto em relação a muitas coisas, na verdade. Quer dizer, quem é a Riley Thompson? Eu achava que a conhecia... não pensava muito nela, para ser sincera. E agora? Ela está a trair o meu primo e merece uma desforra. Pena que eu não tenha estômago para lha servir.

Mas isso é um problema. A vingança é a minha única ligação ao Jay e eu não estou disposta a abrir mão dela... a abrir mão dele. Só que não sei como avançar.

Decido mudar o meu foco: em vez de me vingar, escrever sobre vingança.

Até agora, tudo o que li sugere que o «olho por olho» do Antigo



Testamento não me trará nenhuma sensação de desfecho ou de catarse. É cada vez menos claro para mim por que razão as pessoas se dão a esse trabalho. Segundo a minha pesquisa, eu conseguiria uma sensação fugaz de superioridade, logo seguida por um buraco oco no estômago, quando acabasse por me sentir pior comigo mesma. Existe algum benefício evolucionário para o ato de vingança embutido no nosso cérebro, mas ainda não avancei o suficiente no meu artigo para saber mais.

Mas não preciso de um doutoramento em psicologia para saber que a Riley enfrascada, que anda por aí, não é boa para o meu primo: isso é óbvio. Fazer com que o embeijado do Dylan tome consciência desse facto sem lhe quebrar o coração ou revelar que eu e o Jay andámos a espiar a namorada vai requerer algum tato.

O Dylan esteve num acampamento de lacrosse, mas agora está em casa. O meu objetivo é convencê-lo a fazer um hiato da Riley, mas primeiro preciso de ajudar a última freguesa do meu turno.

Demora mais tempo explicar-lhe como usar o leitor de cartão de crédito do que pôr num saco as suas compras: espargos, brócolos, mirtilos e manjerição. Não deixo transparecer a minha irritação. Na verdade, é um aparelho confuso. Ao sair, a cliente coloca dois dólares no frasco de gorjetas «Para a Universidade». Retribuo com um sincero agradecimento.

– Onde andas na escola? – pergunta ela.

Explico que vou para o último ano do Liceu de Meadowbrook. A sua próxima pergunta é facilmente antecipada.

– Sabes para onde queres ir?

– Estou com esperança de ir para a Universidade de Southern California – digo. – Quero estudar Ciências Ambientais.

Fica um pouco surpreendida, dá para ver. Ninguém acha que os miúdos inteligentes vendem frescos.

– Bem, boa sorte, querida – diz ela, e vai-se embora.

A sorte é uma coisa boa, mas ajudar a convencer o meu pai cheio de princípios a pagar o elevado preço da minha escola de sonho seria muito mais útil. Estamos destinados a um confronto por eu ir para a Universidade de Southern California, mas isso fica para depois. É pena que a mãe esteja sempre do lado do pai, porque me dava mesmo jeito ter o apoio dela por uma vez na vida.

Quando o meu turno termina, salto para a bicicleta e volto para casa. Chego lá em pouco menos de quinze minutos. Tenho as pernas a arder no fim da viagem, porque Meadowbrook tem muitas colinas e a minha bicicleta está desesperadamente a precisar de... bem, de uma nova bicicleta. Mas não vou ceder ao consumismo.

Faço a cena de casa: falar com o meu pai usando um total de vinte e sete palavras que transmitem honestamente tudo o que precisa de ser dito. A última vez que tivemos uma «conversa» a sério, eu era suficientemente pequena para chorar por causa de um joelho esfolado. Sou uma finalista

perfeitamente normal, o que significa que longas conversas com o meu pai, nas quais absorvo a sua sabedoria e a aplico imediatamente à minha própria vida, acontecem apenas nos filmes.

– Onde vais, Lettie? – pergunta-me o meu pai quando saio pela porta da cozinha. Tem aquela expressão de «vamos fazer qualquer coisa juntos» nos olhos. Coitado.

– Vou à procura do Dylan – digo-lhe, e lá vou eu.

Sinto que a dúvida do meu pai me segue lá fora. Pergunta-se se perdeu alguma oportunidade importante de forjar um vínculo mais forte entre pai e filha. Eu devia dizer-lhe que estamos bem, pelo menos até chegarmos ao debate universitário. Ele deveria mesmo concentrar-se na minha mãe, não em mim. Ele alguma vez foi ver o lixo para a reciclagem? Parece que a tendência para a bebida dela está a piorar. A minha mãe de antes não tinha hálito de uva antes de o sol se pôr.

Encontro o Dylan no seu quintal a usar uma rede de ressalto de lacrosse para jogar sozinho a apanhar a bola. Ali está ele, acabado de chegar do campo de lacrosse, ainda a tentar melhorar, a tentar elevar o seu nível de jogo. É uma espécie de ritual de acasalamento. Quanto melhor ele estiver em campo, mais impressionada a Riley ficará. Coitado, não faz ideia de que a sua vida amorosa é, na verdade, uma farsa.

Solto um suspiro ao aproximar-me.

– Como é, D? – digo.

O Dylan vira-se. A sua expressão ilumina-se.

– Oi, com'ê, Lettie.

Atira uma bola a uma velocidade impossivelmente rápida para a rede de ressalto, que a devolve para ele com a mesma rapidez. De alguma forma, acaba na bolsa do taco. Eu não entendo este desporto. Se os jogadores estivessem em cima de vassouras, atrás da Snitch Dourada, eu seria fã.

– Tens um segundo? – pergunto.

– Claro – diz ele. Aproxima-se, a afastar da cara o cabelo comprido e suado. Cheira a meia de ginástica. – Como é? – repete.

O Dylan nunca foi grande conversador.

– Como é que vai isso? – digo. Não faço ideia de como abordar suavemente o tema.

– Hum, bem – responde ele.

Segue-se um silêncio constrangedor. Desconfio que ele tenha dito tudo o que tem a dizer sobre o tema do seu bem-estar. Eu e o Dylan temos algum ADN em comum, mas isso não nos trouxe uma ligação emocional forte. Aprendi a ver o meu primo como quem vê um animal do jardim zoológico: algo a ser olhado com uma certa curiosidade e tristeza. O que é que mexe com ele? Se ele tem sentimentos reais, estão enterrados tão profundamente no seu subconsciente que acho que nem uma retroescavadora poderia desenterrá-los.

Desconfio que se eu pudesse desbobinar-lhe os pensamentos, vê-los dispostos diante de mim, eles não seriam muito diferentes dos da *Zoe*: bola,

comida, sono e, no caso dele, sexo. A Zoe não dedica grande consideração a este último, pois está esterilizada, o que, por sinal, é a coisa responsável a fazer.

– Como vai o lacrosse? – pergunto, ainda a patinar.

– O acampamento foi incrível. A liga de verão começou agora – conta-me.

– A Riley foi ver-te jogar? – É uma transição canhestra, mas vai ter de servir.

– Não – diz ele, e eu percebo algo nos seus olhos, um vislumbre daquela profundidade oculta sobre a qual me perguntei. Talvez ele já saiba o que se passa com a namorada e isto se resolva sem o meu envolvimento.

– Tudo bem com vocês os dois? – disparo.

Ele olha para mim como se eu tivesse dito alguma coisa em mandarim.

– Hum, sim, estamos fixes – diz-me.

Bolas! Estou num comboio que não leva a lado nenhum.

– Sabes... – digo, fazendo um momento de pausa. – Há muitas miúdas na escola que te acham giro.

Ele olha-me com uma expressão vazia. Não o culpo. O meu discurso não tem um fio lógico.

– Ah sim? Fixe – diz ele.

A bola toca o ressalto, a rede, outra vez o ressalto – e assim por diante.

– Quero dizer, eu entendo que tu e a Riley são chegados e isso tudo, mas é o último ano, D. Porque é que não abres as asas e levantas voo, porque é que não experimentas algo novo?

Não posso crer quando me vejo a bater os braços como se fossem as asas de um pássaro.

O Dylan olha para mim como se eu tivesse tomado psicadélicos.

Paro de bater os braços.

– Estou só a dizer que se quiseses conhecer alguém novo, basta dizeres que eu faço com que aconteça. – Emito a minha oferta com um ar de confiança suprema que não tenho nada de projetar.

Na minha cabeça, estou a ter uma conversa completamente diferente: *Dylan, eu tenho de te contar uma coisa. A Riley anda a trair-te com outro tipo, além de que tem um problema de drogas. Como é que eu sei isto tudo? Hum... bem, sabes, é que a segui com um rastreador GPS e...*

É aqui que os meus desejos de Boa Samaritana e a dura realidade da verdade chocam induzindo o meu silêncio.

– Então está bem – diz Dylan, compreensivamente encabulado. – Eu digo-te se precisar de ajuda para a minha vida amorosa, Lettie.

Volta para a rede de ressalto e eu afasto-me, sentindo-me completamente parva.

Quando estou a caminho de casa, vejo um *Mercedes* entrar na garagem da casa ao lado. A Brooke Bailey sai do carro mais recomposta do que um *puzzle* completo. Tem uma série deslumbrante de pulseiras que reluzem nos

seus braços morenos tonificados. Os seus seios parecem estar cinco passos à sua frente e se as ancas, naquelas calças de ganga justas, balançassem mais, poderiam provocar uma brisa.

O olhar da Brooke cruza-se com o meu e ela acena, educada, dando-me uma boa perspectiva das suas unhas tratadas e pintadas de vermelho-sangue.

Trocamos saudações simpáticas, mas não me sinto muito simpática. Em vez disso, estou a pensar que a Riley é uma versão jovem da Brooke Bailey, uma *femme fatale* ainda verde.

Toda a gente sabe do cruzeiro e do Jerry, o marido desaparecido. E todos pensam a mesma coisa. O meu grande medo agora é que um dia a Riley cresça e faça ao Dylan o que eu tenho a certeza de que a Brooke fez ao marido: atirá-lo ao mar de um navio de cruzeiro e safar-se do homicídio.

## Capítulo 12

A noite das mulheres começou prontamente às sete horas. A primeira bebida servida foi vinho, embora Alex conhecesse o ditado *wine before liquor, never sicker*, vinho antes de outras bebidas alcoólicas dá a pior indisposição. Tinha providenciado pelo menos um pouco de privacidade. Nick estava fora nessa noite e Lettie estava no andar de cima, no seu quarto, de auscultadores nos ouvidos, e não saía do quarto a menos que fosse arrastada. Fosse como fosse, nenhum dos dois queria ali estar para as festividades.

Era raro Alex ter um momento de paz, quanto mais uma noite inteira. Ainda bem que o dia seguinte era domingo, para ela poder recuperar.

Zoe cumprimentou cada convidada com o seu latido de marca e o abanar ansioso da cauda, acabando por se instalar com um brinquedo de peluche no tapete da sala de estar. Durante algum tempo, as mulheres conversaram agradavelmente enquanto iam bicando a travessa de queijos que Alex tinha preparado. Todas contribuíram, trazendo alguma coisa para partilhar. Willow fez aperitivos com *bacon* e queijo azul, de comer e chorar por mais. Emily, fiel a si própria, excedeu-se (como sempre, nas festas) e preparou *bruschetta* e uma salada *caprese*, que também desapareceu depressa. Não era o estilo de Brooke fazer alarido na cozinha, mas não se importava de desperdiçar num *catering* de topo – neste caso, *cocktails* de camarão servidos em copos de cristal de aparência chique. E, naturalmente, decidiram abdicar das sobremesas para deixar mais calorias para o álcool.

– Tenho de continuar a comer para absorver toda a bebida. Estou tão enferrujada – disse Emily, enquanto preparava um jarro de *margaritas* sem seguir uma receita.

Alex fez questão de que Lettie lhe mostrasse como pôr o Spotify a tocar pelos altifalantes do Bluetooth. A noite começou com um *chill jazz*, que Alex emparelhou com o seu *Cabernet* preferido. Mas, à medida que as bebidas fluíam, a conversa ia-se desviando dos planos para as férias de verão para coisas estúpidas que os homens fazem (um assunto que arrancava mais gargalhadas).

Foi Brooke quem sugeriu que a música deveria ser um pouco mais

intensa. Em resposta, Alex pôs os Eagles, levando a um coro emocionante de «Take It to the Limit», talvez cantado em quatro notas diferentes, mas as bebidas fizeram com que soasse perfeitamente em sintonia com os ouvidos destreinados de Alex.

Por fim, Willow trouxe à baila o tema Mandy.

– Eu achei que esta noite era para ela – disse, olhando em volta como se Mandy pudesse surgir de outra divisão a qualquer momento. – Ela vem?

Alex e Brooke trocaram olhares cautelosos.

– Tivemos um encontro estranho com a Mandy e o Samir – disse Alex.

– Estranho como? – perguntou Emily enquanto despejava *margaritas* em copos com rebordos cheios de sal.

– Ela estava bem, mas o marido era outra coisa – respondeu Brooke, com uma nota de desdém na voz.

Alex apanhou a ironia de ser Brooke a iniciar os rumores sobre os novos vizinhos, tendo em conta que, geralmente, era o bairro que falava dela. Segundo parecia, toda a gente em Alton Road tinham uma opinião qualquer sobre Brooke Bailey – as mulheres ou nutriam um medo de que os maridos estivessem apaixonados por ela ou desconfiavam que Jerry Bailey não tinha sofrido uma queda ébria e fatal sem um empurrão.

– O comportamento do Samir Kumar foi muito estranho – disse Alex. – Meio controlador, diria eu.

– Meio? – exclamou Brooke. – Eu diria muito controlador. A Mandy queria vir hoje à noite e ele não deixou. Tão simples quanto isso.

Willow recuou ligeiramente.

– Tens a certeza?

Alex disse:

– Vimos o que vimos. Ela, na verdade, parecia... assustada.

– Ele estava a agarrar o braço da Mandy – acrescentou Brooke –, como se estivesse a enviar-lhe uma mensagem. E a Mandy disse-nos que trabalham no mesmo hospital, e que ele começou lá *depois* dela. – A pausa impregnada de Brooke implicava que só as pessoas controladoras fariam isso. – Parece que estão sempre juntos e, mesmo assim, ele não lhe dá uma noite para conhecer as novas vizinhas. – Ergueu as sobranceiras.

– O que achas disso? – perguntou Emily.

Brooke e Alex partilharam outra troca silenciosa de olhares.

Por fim, Brooke pronunciou-se.

– Preocupa-me que a Mandy possa estar numa situação doentia: o comportamento controlador é muitas vezes um sinal de abuso. Conheço bem os sinais de alerta. A maneira como ele falou por cima dela, lhe agarrou o braço, arranjou desculpas para a impedir de fazer novas amigas... há ali qualquer coisa que não está bem. Tenho a certeza.

– Imagino que todas as relações tenham um lado negro – disse Willow, como se ruminasse sobre o seu próprio casamento.

– Pode ser – disse Emily –, mas, mesmo assim, não devemos tirar

conclusões precipitadas, sem termos todos os factos. Assim, é fácil interpretar mal os acontecimentos.

– A Emily tem razão – disse Willow. – Antes de julgarmos o Samir e a Mandy, talvez devêssemos julgar-nos a nós próprias em face dos nossos segredos sombrios. Quer dizer, todos os temos, não é assim? – O olhar de Willow percorreu a sala. – Eu sei que eu tenho.

– Não me digas – disse Emily. Havia um brilhinho diabólico nos seus olhos.

– Esperem um segundo – disse Brooke, pondo-se de pé para chamar a atenção para si mesma. – É uma noite de mulheres, não é? Estamos aqui para nos divertirmos, não apenas para despejarmos a nossa roupa suja.

– Então, sugeres que falemos do quê? – Emily parecia dececionada.

– Oh, acho que pusemos a boca no trombone – disse Brooke alegremente. – Mas vamos divertir-nos com isso.

Parecia que ninguém discordava.

– E o que tornaria isso mais divertido? – perguntou Alex, sentindo-se encorajada graças à *tequila* que lhe corria nas veias.

– Temos o soro da verdade – disse Brooke, inclinando o copo para a boca. – Eu digo para jogarmos um jogo e o usamos para partilhar coisas que de outra forma talvez não partilhássemos.

– Eu alinho – disse Willow sem hesitar. – Qual é o jogo?

– Chama-se Duas Verdades e Uma Mentira – disse Brooke. – Cada uma de nós faz três afirmações e todas têm de adivinhar qual é a falsa. Eu começo.

Brooke baixou a cabeça como se estivesse perdida em pensamento. Passado um momento, levantou o queixo, revelando uma expressão inescrutável.

– Trabalhei como bailarina exótica – começou com uma voz monótona.

– Tenho um perseguidor. E matei o meu marido.

## Capítulo 13

Um silêncio pesado encheu a sala, quebrado apenas por Emily, que pigarreou como se quisesse desalojar o desconforto.

– Bem, é um começo de arromba – disse ela, servindo-se de uma generosa dose do jarro de *margaritas*.

– E uma dessas é mentira? – perguntou Alex, incrédula. – Só uma? – Dadas as circunstâncias, esperava mesmo que Brooke tivesse sido uma dançarina exótica. E por mais assustadora que fosse a ideia de um perseguidor, era melhor do que uma admissão de homicídio.

– Disse apenas uma mentira – anunciou Brooke, o rosto de póquer substituído por um sorriso desonesto. – São essas as regras.

– Quero dizer, olha para o teu corpo – disse Willow, inclinando-se para a frente na cadeira para fazer uma inspeção mais pormenorizada. – É evidente que dançaste. Deem-te um poste e eu enfiaria um dólar nas tuas cuecas fio dental.

Emily soltou uma gargalhada.

– Só um dólar? – disse Brooke, que parecia ofendida. Como que para adicionar um ligeiro ponto de exclamação, Brooke pôs-se em pé, com as mãos à frente como se segurasse um poste imaginário. Começou a balançar as ancas em câmara lenta, fazendo movimentos sugestivos e sensuais no tempo da música animada que agora tocava. Manteve a pantomima de agarrar o poste enquanto abria bem as pernas, baixando-se lentamente até o chão. Alex conseguia facilmente imaginá-la no palco. Erguendo-se com a mesma graça sensual, Brooke encerrou a sua demonstração com um olhar sedutor, por cima do ombro, para Willow.

– Okay, dez dólares – disse Willow, e todas desataram a rir.

– Eu vou arriscar que dançarina exótica é definitivamente verdade – disse Alex, que estava feliz por Nick não estar ali para assistir à exibição de Brooke.

– E graças a Deus que não dançaste assim em nenhuma das nossas viagens – disse Emily.

Brooke riu-se, pouco à vontade, ao passo que Alex assentiu. Ken e Jerry



tinham sido amigos chegados, andaram juntos no liceu. Não foi por acaso que Jerry comprou a casa na mesma rua que Ken. Dada a longa história entre os dois, era natural que os casais passassem férias juntos.

– Quando e onde foi este período da tua vida? – perguntou Willow.

– Aos vinte anos – disse Brooke. – Quando eu morava em Nova Iorque. Dancei num clube de cavalheiros em Chelsea.

– Não sei bem se isso é dançar, e *clube de cavalheiros*? Isso é um esforço grande para dar um ar de classe a isto – disse Emily.

– E isso é um bocado preconceituoso – retorquiu Brooke, sem parecer ofendida. – Prestei um serviço a uma clientela de luxo.

– Por *serviço*, entendes *lap dance* – esclareceu Willow.

– E fui bem remunerada pelas minhas competências – respondeu Brooke, orgulhosa.

– Quanto dos teus ganhos veio de homens casados? – perguntou Emily, como se aquilo lhe tocasse num nervo. Alex não sabia se Ken visitava clubes de cavalheiros, mas agora tinha as suas suspeitas.

– Não acho que seja traição – disse Willow.

– Concorde – disse Brooke. – E depois? Dei um pouco de emoção a homens casados. Deixo-os olhar com cobiça para as minhas mamas e aproveitar uns pensamentos depravados sobre mim. É apenas uma fantasia: nunca pisei a linha com um cliente. Quer dizer, muitos tipos veem pornografia. São todos uns parvalhões?

Ninguém saiu em defesa dos homens. Alex sentia-se ambivalente, na melhor das hipóteses, relativamente ao tema da pornografia. Nunca tinha bisbilhotado o comportamento privado de Nick, mas ele alegava abster-se. Mesmo que ele cedesse a isso de vez em quando, ela não sabia bem se era relevante, desde que não se tornasse uma obsessão que interferisse com a intimidade deles. Parecia proporcionar um escape sexual seguro para a maior parte dos homens, ou talvez até lhes desse novas ideias para o quarto.

A prática de mediação de Alex oferecia demasiados exemplos de casais que se afastaram por se zangarem por causa do sexo para que ela tivesse a mente fechada em relação ao próprio marido. Contanto que não houvesse nenhum toque, seria compreensiva com alguma visita ocasional a clubes de *striptease*. Mas é certo que não gostaria que Brooke fosse a protagonista.

Uma pequena preocupação dançava dentro e fora dos pensamentos de Alex. Eles tiveram uma calmaria no quarto nos últimos meses, com os problemas de Lettie, o stresse no trabalho e a tensão em casa. Será que ele podia nutrir algum ressentimento? Era possível, embora não se tivesse queixado. Ela nunca questionou a fidelidade de Nick, mas de repente ouvia a dúvida bater à porta.

– Todos sabemos que a maioria dos homens são parvalhões, especialmente o meu futuro ex – disse Willow. – Na verdade, estou um pouco impressionada, Brooke. Eu não teria sido tão ousada e deve ter sido uma experiência emocionante e um tanto libertadora. – Willow disse isso com um

toque de reverência. – E ainda bem que foi num sítio mais elegante do que num bar decadente de motoqueiros.

– Não faço discriminação. Se os motoqueiros puderem pagar, podem jogar. – Brooke passou as mãos para cima e para baixo no corpo como a revelação de um mágico.

Todos brindaram a esse sentimento.

– Bem, eu sinto-me pessimamente por dizer isto – desabafou Alex –, mas espero sinceramente que ande alguém a seguir-te.

– E pelo amor de Deus, rezo para que não seja o meu marido – disse Emily, enterrando a cara nas mãos.

– A isso – disse Willow, e bebeu um longo gole da sua bebida.

– Eu nunca disse que o perseguidor era de Alton Road – disse Brooke.

Alex sentiu um calafrio. A maneira como Brooke o disse fê-la pensar que era exatamente onde o perseguidor residia.

E se fosse Ken? Alex não achava que as atividades extracurriculares do cunhado envolvessem perseguição, mas apanhou-os nas sombras atrás da casa de Mandy.

– Não importa quem seja – disse Brooke de uma forma que minimizou a gravidade da alegação. – Estou a tratar do assunto.

– Então não é mentira? – perguntou Emily, um pouco vagamente.

Brooke lançou uma olhar de «ó vá lá» a Emily.

– Achas mesmo que matei o meu marido e decidi assumir que sou a assassina numa noite de mulheres?

Alex engoliu um gole. A resposta sarcástica de Brooke não dissipou todas as dúvidas.

– De que tipo de perseguição estamos a falar? – perguntou Willow.

– Honestamente, prefiro não entrar em pormenores – disse Brooke. – Tal como eu disse, estou a tratar do assunto.

Todas ficaram ali sentadas com o mal-estar provocado pela ideia de haver um perseguidor no bairro. O silêncio era tal que Alex ouviu os cubos de gelo baterem uns nos outros quando inclinou o copo de *margarita* para os lábios.

Foi Emily quem acabou por quebrar, novamente, o silêncio pesado.

– Sou a próxima – disse ela ousadamente, mas um pouco apreensiva também. – Deixem-me ver, estou a pensar... a pensar.

Depois de alguns momentos em que nada aconteceu, Willow começou a cantarolar a música de *Jeopardy!* e logo todas se lhe juntaram.

– Não me pressiones – implorou Emily, mas continuaram a cantarolar, cada vez mais alto.

Alex não podia imaginar o que a irmã poderia estar a maquinar. Emily era bastante certinha – um bocado rígida, seguramente não o tipo de pessoa que revela os seus segredos obscuros, mesmo que os tivesse. Alex estava à espera de algo bastante benigno.

Depois de mais um minuto, Emily estava pronta.

– Okay, vamos lá – disse ela, batendo palmas. – Namorei com uma rapariga em tempos. Fui presa por conduzir embriagada. E contratei um detetive privado para espiar o meu marido.

*Lá se vai o benigno*, pensou Alex.

Os olhos de Brooke arregalaram-se com uma surpresa encantada, enquanto os de Willow tinham um novo grau de respeito. Alex absteve-se de desmascarar a mentira, que ela conhecia, sem sombra de dúvida. Claro que Emily tinha espiado Ken – era o que ele merecia – e o nome da rapariga era Leanne.

– És demasiado inteligente para beber e conduzir – disse Willow, enquanto sondava Emily com o olhar atento de um detetive experiente. – Portanto, embora não consiga imaginá-lo, deduzo que tenhas tido uma namorada... e que tenhas espiado o teu marido.

– Concordo – disse Brooke.

– Alex, qual é o teu palpite? – perguntou Willow.

– Ela não pode dar palpites, ela já sabe – disse Emily. – E acertaste à primeira. Sou obviamente bastante transparente.

Todo o rosto de Willow se iluminou.

– Eu diria que namorar com uma rapariga é muito inesperado... e também meio sensual – disse ela. – Como é que ela se chamava? Mais precisamente, ela ainda gosta de mulheres? Depois do Evan, acho que não vou conseguir olhar para outro pénis.

Isto arrancou uma boa risada a todas.

– Bem, fico feliz em saber que não foste presa – disse Brooke. – Mas espero que quem contrataste para espiar o Ken não tenha descoberto nada que valha a pena denunciar.

– Fiz as pazes com o assunto – disse Emily, com as palavras ligeiramente arrastadas. – O Ken assumiu o que fez. Estava extremamente arrependido e fizemos aconselhamento matrimonial.

– Então acabaste por perdoá-lo? – Willow parecia incrédula.

– Todos nós temos potencial para crescer e mudar – disse Emily. – Não tivemos intimidade durante algum tempo antes de isso acontecer.

*Tal como eu o Nick não temos intimidade agora*, pensou Alex.

– Parece que te estás a culpar pelo que ele fez? – Willow fez alarde da sua desaprovação.

– Não, de forma nenhuma – respondeu Emily. – Mas nem tudo é preto no branco. Ele pode ter sido um marido infiel e eu posso ter contribuído para os problemas no casamento. Ambas as coisas podem ser verdadeiras. Nós tínhamo-nos afastado e, honestamente, o caso do Ken aproximou-nos. Pode acontecer, sabem, o perdão e tudo isso.

– Bem, eu, por exemplo, estou maravilhada – disse Brooke. – E o meu respeito por vocês aumentou dez vezes. O perdão não é fácil.

– Amém – disse Willow.

– Acho que todos nós engolimos a narrativa de que os relacionamentos

têm de ser de uma certa maneira. – Brooke pôs a bebida numa base de copo. – O amor deve ser canalizado para o caminho perfeito, e muito estreito, do matrimônio. E depois esperamos que o nosso cônjuge seja tudo *para* nós e *por* nós: que trate de nós quando estamos doentes, que nos anime quando estamos em baixo, que seja o nosso melhor amigo, encantador e espirituoso, um ótimo cozinheiro e ótimo na cama. É muita pressão e não é realista. Somos humanos e cometemos erros. Ainda bem que compreendes que é muito mais complicado do que tudo isso. – Brooke levantou-se e foi para o lado de Emily, curvando-se para lhe dar um grande abraço. – Dito isto, os homens podem ser uns grandes merdas. – Ofereceu um sorriso sardônico à sala.

– Isso está a ficar um bocado intenso – disse Willow, que vacilou quando se levantou para oferecer um abraço a Emily. – Alex, é a tua vez.

Alex sentiu-se desamparada e nem um pouco interessada em partilhar algo tão pessoal como o que Emily e Brooke tinham divulgado. Perdida em pensamentos, percebeu que estavam todas a olhar para ela com expectativa.

– Está bem – anunciou –, aqui vai. Sou canhota. Nunca fui à Disneylândia. E meus pais só me deixaram namorar quando fiz dezassete anos.

Willow simulou um bocejo ruidoso.

– Menina, isto está a ficar sério – disse ela. – Não me interessa qual delas é mentira. São todas aborrecidas. Exijo uma segunda oportunidade.

– Subscribo – disse Brooke.

– E eu – disse Emily. – Tu consegues fazer melhor, mana. E há uma fotografia da tua na Disneylândia na prateleira da lareira.

– Aquilo é a *Disney World* – disse Alex, com um olhar mordaz que, na realidade, era só uma encenação.

– E a mãe e o pai não se importavam com a idade para namorares, porque eras muito tímida para namorar com alguém antes da faculdade – disse Emily.

– Continuo a dizer que é a tua rodada de aquecimento – disse Willow. – Queremos mais. Isto agora é a nossa noite de confissões verdadeiras. Temos um perseguidor e um traidor. Qual é o teu grande segredo?

Alex não sabia o que partilhar, não tinha a certeza de ter algo que se encaixasse numa grande revelação, mas depois ocorreu-lhe. Antes que um melhor juízo pudesse atrapalhá-la, deu outras três possibilidades, das quais apenas uma era mentira.

– O Nick e eu uma vez fizemos sexo numa casa de banho do McDonald's – começou Alex. – Consumimos cogumelos mágicos juntos. E tive três abortos espontâneos depois do nascimento da Lettie.

Emily desdenhou.

– Isso é muito fácil. É óbvio que estás a mentir sobre os abortos: é um bocado bizarro, mas enfim. Estamos todas bêbadas, ou pelo menos a caminho disso.

– Porque é que tens tanta certeza? – perguntou Brooke.

– Porque sou irmã dela. Eu saberia se ela tivesse abortado várias vezes.

– És muito segura de ti – disse Willow, antes de direcionar a sua atenção para Alex, que mantinha uma expressão plácida.

Emily inclinou-se para a frente no assento.

– Alex? A sério?

Brooke inclinou ligeiramente a cabeça para um lado antes de anunciar que achava que o sexo na casa de banho era a mentira.

– Concordo – disse Willow. – Há tantos lugares melhores para uma perversão. E se tiveres por aí mais desses cogumelos mágicos, é melhor partilhares.

– É verdade? – perguntou Emily a Alex como se não tivesse ouvido as outras. – Tiveste três abortos espontâneos?

Alex retribuiu com um aceno solene. Sentiu os braços ficarem pesados, como se o peso daquela dor tivesse voltado a correr. Os olhos marejaram-se de lágrimas. Oh, não! Não estava preparada para partilhar uma experiência tão marcante, ali com todas. Mas onde raios é que tinha a cabeça?

– Não posso acreditar que não me tenhas dito – disse Emily.

– Na altura, pareceu uma coisa muito íntima – disse Alex. – Ainda parece.

Emily estava com ar de ter sido ela a sofrer uma perda.

– Eu e o Nick queríamos ter mais filhos, mas eu não podia continuar a tentar. Depois de três perdas, pareceu-me que devíamos ser uma família de três pessoas e, quando voltei a pensar, *okay*, seria bom ter outro filho, senti-me muito velha para explorar a fertilização *in vitro* ou a adoção. Habitámos-nos na nossa rotina, e pronto.

– Mas porque não me contaste? – pressionou Emily. – Eu sou tua irmã. Adoro-te. Isso é uma coisa que eu devia saber, não achas?

– Bem, na altura, não achei – respondeu Alex. – Achei que ninguém precisava de saber. Eu não queria que tivessem pena de mim, especialmente tu. Estavas a passar por um momento difícil com o Ken. Além disso, eu não queria que me tratasses de maneira diferente, portanto mantive o assunto privado. Desculpa por não te ter contado. Se calhar devia ter contado. Honestamente, compartimentei essa parte da minha vida. Tive de o fazer, para poder seguir em frente.

O primeiro aborto espontâneo tinha sido a pior experiência da sua vida – e depois aconteceu de novo, e mais outra vez. Três seguidos, todos espontâneos, um período pesado que inaugurou profundas crises de tristeza. Chorou as suas lágrimas com Nick e mais ninguém.

– Escolheste mesmo um bom momento para uma grande partilha – disse Emily um pouco bruscamente. Terminou a sua bebida, suavizando o seu aspeto. – Só gostava de te ter apoiado.

– Ah, vocês as duas precisam de abraçar o assunto – disse Brooke. – Oxalá a minha irmã quisesse morar ao meu lado. Ela nem sequer vive no mesmo país e conversamos talvez três, quatro vezes por ano. Não deixem que

isso lhes aconteça.

– Concordo – disse Willow.

Emily ficou pregada à cadeira, mas Brooke não recuou.

– Abraço – exigiu.

Com alguma apreensão, Alex levantou-se e aproximou-se da irmã de braços abertos. Emily demorou um pouco a ceder, mas acabou por entrar no abraço.

Mesmo depois de se terem afastado, Emily parecia um pouco abalada.

– A mãe sabe? – perguntou ela.

– Não – disse Alex. – O pai tinha acabado de morrer quando tivemos a primeira perda. Quando tivemos a segunda, pareceu-me mal contar sem abordar a primeira. Além disso, tu conheces a mãe. Ela teria dito algo inútil, do género «Continua a tentar», como se tudo se resumisse a isso.

– Não guardes mais segredos de mim – disse Emily em tom de raspanete. – Eu sou a tua irmã e adoro-te imensamente.

– Eu também te adoro – disse Alex. – Prometo que, na minha próxima crise, deixo-te sofrer comigo.

– Escutem, escutem. – Brooke ergueu o copo num brinde. – Vamos brindar ao assumir das nossas verdades.

– Às nossas verdades – disse Willow, antes de beber. – E agora as minhas.

Todas se instalaram nos respetivos assentos, de olhos postos em Willow.

– Tive tempo para pensar no que dizer – disse ela. – Então aqui vai. Nunca assinei uma convenção antenupcial. O Evan não é o pai da Riley. E eu mataria o Evan se pudesse escapar impune do crime, porque é a única maneira de não ficar nas lonas depois do meu divórcio.

Alex estava estupefacta.

– Willow, eu li a tua convenção antenupcial – disse ela. – *Pediste-me* para a ler.

– Bom – disse Willow –, então parece que é essa a mentira.

## **Memorial Day (Atualidade)**

### **Página online da comunidade de Meadowbrook**

#### **Susanne Horton**

Aposto que sei quem morreu.

##### **Laura Ballwell**

Penso que é desadequado estar a dar palpites. Há obviamente uma tragédia em Alton Road. Alguém foi assassinado, pelo amor de Deus!

##### **Resposta de Susanne Horton**

Acho que não é ilegal ter uma teoria.

##### **Resposta de Ed Callahan**

Isso é verdade! Atualmente, é tudo policiado. Já ouviste falar em liberdade de expressão?

#### **Ross Weinbrenner**

Então, quem morreu, Susanne Horton?

##### **Resposta de Susanne Horton**

O Homem Peste.

#### **Janet Pinkham**

Ah, os bichos são um problema, concordo!! Tive mais formigas nesta primavera do que no ano passado. Alguém sabe porque é que isso acontece?

##### **Resposta de Ed Callahan**

Comprimidos Black Ant *Viagra*? Ah! Ah!

##### **Resposta de Joseani Wilkins**

Estou a abanar a cabeça.

#### **Christine Doddy**

Quem é o raio do Homem Peste?

#### **Regina Arthur**

É o sujeito que vai de porta em porta vender os serviços de extermínio de pragas? Se é, ele disse-me que tinha acabado de pulverizar a casa do meu vizinho e que, se eu não adquirisse o mesmo serviço, os insetos iriam acabar na minha casa e possivelmente a comer os alicerces, pelo menos foi o que ele disse. Eu não lido bem com agressores. Portanto, disse-lhe que fosse pulverizar as suas coisas de insetos num sítio que eu cá sei! Que lata! Será que fez esse truque em Alton Road? Se assim for, não me surpreende que alguém lhe tenha feito a cama.

**Resposta de Katherine Leavitt**

Meu Deus, Regina! Pareces feliz por o Homem Peste poder estar morto!

**Resposta de Henry St. John**

Não sejas tão séria, Katherine Leavitt. Aquele Homem Peste bateu-me à porta muito violentamente na outra noite, assustou-me e à minha mulher quase até à morte. Ele devia moderar a sua abordagem.

**Resposta de Ed Callahan**

Talvez me esteja a escapar alguma coisa, mas julguei que os bons vendedores são agressivos. Ah, ele BATEU COM FORÇA! Feriu os meus sentimentos!! Que bando de maricas. Se não gostam que os vendedores vos apareçam à porta, ponham um autocolante de que não querem publicidade ou liguem para alguém que se importe.

**Resposta de Henry St. John**

Não estavas lá, Ed! Portanto, porque é que não paras de fazer juízos de valor e não rastejas de volta para debaixo da rocha de onde vieste?

**Laura Balliwell**

Porque é que achas que foi o Homem Peste, Susanne Horton?

**Resposta de Susanne Horton**

Eu sei que o Ken Adair estava muito insatisfeito com as suas táticas de vendas. Reclamou e mandou demitir o sujeito. E eu sei que o Homem Peste apareceu na festa do quarteirão dos Altonitas... estou só a dizer, mas vi o Ken Adair no campo de tiro em várias ocasiões. Só posso dizer que, se o tipo põe os olhos em alguma coisa, não falha o alvo.

**Resposta de Ross Weinbrenner**

Essa teoria é interessante. Mas já ouvi muitas histórias sobre os Altonitas e a única coisa que essas pessoas têm mais do que dinheiro são razões para limparem o sebo umas às outras.



OUTONO



## Capítulo 14

### Lettie

Este ano, a escola começou no dia cinco de setembro, embora eu já estivesse envolvida há duas semanas. Três meses de muito poucas diversões no verão fizeram-me ficar completamente eufórica com a disciplina de Literatura Mundial Avançada do professor Donovan, que muitos descrevem como uma hora dupla de *Adderall*. Não que eu alguma vez fosse esmigalhar os remédios para o déficit de atenção para os cheirar, como alguns miúdos da minha escola. Depois deste verão, não me surpreenderia descobrir que a Riley se encontra entre os que participam nisso.

Vi a Riley nos corredores algumas vezes. Ela está sempre no seu habitual estado efusivo, rodeada pelos colegas mais fixes e mais à frente. Nada de novo, mas, naturalmente, não posso deixar de me perguntar se haverá algum componente quimicamente induzido para a sua disposição consistentemente alegre. Não vi nenhum cartaz a anunciar a Riley Thompson para presidente da associação de estudantes. Talvez ela concorra nalguma plataforma antigrafiti? Hmm...

Apesar de ser uma traidora enfrascada, ela e o Dylan continuam a fazer a cena do velcro, braços à volta um do outro como se tivessem as roupas cosidas. E porque não manifestações públicas de afeto o tempo todo? É o último ano! Somos as rainhas e os reis do castelo! Regozijemos com a grandeza da classe alta!

Os finalistas têm certos privilégios, mesmo com trabalhos escolares. Por exemplo, o meu professor de psicologia é a favor de que eu continue o projeto de pesquisa de vingança ao longo do ano. Ele é suficientemente *hippie* para torná-lo um estudo independente a valer um quarto da minha nota. Quem sabe? Talvez chegada ao fim do período eu tenha tido a coragem de me vingar, não apenas de escrever sobre isso.

O meu estatuto de heroína da primavera passada parece praticamente esquecido. É como se eu nunca tivesse criticado o sistema, desafiado a direção da escola, tomado o assunto nas minhas próprias mãos e sido suspensa pelo

meu esforço. Também ainda estou um bocado melindrada por se terem esquecido todos de mim, contactando-me cada vez menos enquanto estive de castigo.

Mas ninguém se esqueceu da *Loony Lettie*.

Depois do incidente, que é como passei a ver o sucedido, a minha alcunha daqueles tempos de glória foi um pouco reavivada nas redes sociais. A *Loony Lettie* aluou com a tinta spray, lia-se num post.

Acho que tenho de agradecer à Riley pelo meu regresso ao ridículo dos meus anos de liceu. Junte-se a isso a minha crítica aos funcionários da escola e ela é mais do que merecedora de uma certa desforra. Para evitar magoar o Dylan, aquelas fotografias da Riley com o Gajo do Chapéu têm de ficar no telefone do Jay, que é o lugar delas. Mas não arranjei um novo plano. E pior, acho que o Jay perdeu o interesse na coisa toda – e em mim. Tirando um ou outro SMS, a que ele leva dias a responder, estou basicamente a ser ignorada.

À hora do almoço, os meus amigos reparam que estou distante. Por razões desconhecidas, sinto-me fora das nossas piadas privadas. É como se eu tivesse mudado durante o verão. Tornei-me uma Lettie diferente. Talvez seja por ter visto um lado novo da vida, por ter dado uma dentada no fruto proibido, por assim dizer, sendo o Jay a minha maçã.

Não falo do Jay a ninguém, porque não preciso de ter pessoas a fazerem juízos de valor sobre mim. Desistiu da faculdade. É muito mais velho. Pode ser que consuma drogas. Mora na cave dos pais. E é supersensual e eu, completamente obcecada por ele. Vá-se lá perceber. As hormonas são uma treta.

Entretanto, a minha mãe e o meu pai agora andam sempre a atazanar-me a cabeça por causa das candidaturas às universidades. Estou sempre a dizer-lhes para relaxarem, que tenho tempo, embora provavelmente não tenha. Os meus amigos fazem testes atrás de testes, asseguram febrilmente recomendações e trabalham nos seus ensaios. Muitos descobriram um lado altruísta latente à medida e correm a oferecer-se como voluntários de qualquer causa que valha a pena.

Quanto a mim, não sei dizer onde termina a vingança e começa a aliciação ao Jay. Tudo isto é uma maneira demorada de explicar por que razão quando, depois da escola, espreito a Riley a ir para o estacionamento em vez de para o campo relvado, onde sei que ela tem treinos de hóquei, decido segui-la. Eu tinha-a visto mais cedo, naquele dia, a coxear visivelmente. Deduzi que se tivesse aleijado em busca da glória desportiva do liceu. A lesão ter-lhe-ia dado justa causa para faltar aos treinos, mas agora, sem os olhos dos colegas atléticos em cima dela, a Riley caminha rapidamente, sem sinal de coxear.

Entra no seu *BMW*, assim como eu entro no meu próprio carro: um *Hyundai Santa Fe* que o meu pai conduziu em tempos e que dá sentido à palavra «calhambeque». Não me detenho nas diferenças entre o meu avanço enferrujado e o avanço reluzente da Riley quando a sigo para fora do

estacionamento da escola. Se ela estiver a tramar alguma coisa, isso pode desencadear uma nova conspiração de vingança, passível de reacender o interesse do Jay no meu projeto escolar... e, mais importante, em mim.

Um facto é imediatamente óbvio quando começamos a nossa viagem. A Riley não está a ir para casa. Não tenho a localização de GPS do Jay, mas os meus olhos funcionam tão bem como a tecnologia. Sigo-a para fora da cidade e para a estrada.

Percorremos oito quilómetros até a Riley virar para uma saída. Eu faço o mesmo. Estamos a seguir a Route 122, um trecho de estrada com muitos centros comerciais, restaurantes e vários estabelecimentos. Se ela parar numa loja, talvez eu consiga meter-lhe alguma coisa na mala, acionar o alarme de segurança. Tenho a certeza de que a Bíblia aprovaria. Mas seria suficiente? Talvez para mim, mas duvido que fosse para o Jay.

O meu palpite é que isto tudo não venha a dar em nada. Provavelmente, a Riley está a tratar de alguma coisa. Talvez vá a uma farmácia CVS comprar um penso *Ace* por se ter *mesmo* magoado no tornozelo.

Lá se vai essa teoria quando ela passa por um monte de farmácias sem parar em nenhuma. Com renovada curiosidade, decido continuar a segui-la. Cerca de quinze minutos depois, volto a questionar a minha sanidade mental.

Estou prestes a desistir e a virar para ir para casa dedicar-me às candidaturas da universidade, fazer alguma coisa que seja sugestiva de produtividade, quando a Riley passa para a faixa da esquerda para fazer inversão de marcha. Olho por cima do ombro a tempo de a ver seguir para o estacionamento de um Marriott Residence Inn, do outro lado da estrada.

Bem, não posso parar de persegui-la agora. Nos próximos semáforos, também faço inversão de marcha. Não tarda, estou no estacionamento do Marriott. Vejo-a caminhar até à entrada, mas ela não me vê. Se me visse, o meu plano é dizer-lhe que estou a candidatar-me a um emprego, porque sempre sonhei trabalhar para o Marriott.

Felizmente, é uma desculpa que não tenho de usar. A Riley está demasiado focada numa parede de elevadores à direita do balcão de *check-in* para reparar em mim. Estou à parte, usando uma grande planta falsa como camuflagem. Através das folhas de uma fronda de palmeira de plástico, mantenho uma vigilância cuidadosa. A Riley não parece nervosa. Não vejo sinais exteriores de stresse. Ela já fez isto antes? É aqui que vem comprar as drogas?

Não pondero por muito tempo nestas questões. O elevador abre e sai um homem. Não consigo vê-lo claramente, com aquela planta a bloquear-me a visão. É certo que não me atrevo a arriscar expor-me saindo de trás dela. Dá para ver que ele tem ombros largos e cabelo louro-escuro. Tal como o sujeito do bar, está de casaco desportivo e calças de ganga. Definitivamente, não anda no Liceu de Meadowbrook. Coloca o braço em torno de Riley enquanto a puxa para o elevador com ele. Passado um instante, desaparecem. Os meus pensamentos são um turbilhão. Quem é este sujeito? Estou a pensar que seja o

Gajo do Chapéu, mas não posso ter a certeza, porque ainda não o vi bem. Talvez ela tenha um punhado de gajos à mão e seja assim que recebe as drogas.

Seja como for, estou simultaneamente animada e preocupada quando volto para o meu carro. Descobri algo verdadeiramente tentador sobre a Riley, que de certeza o Jay vai querer saber. Mas também estou preocupada com ela. Aos meus olhos, parecia que ela estava fora de pé, com areia demais para o seu camião e talvez até em perigo.

## Capítulo 15

Alex estava a passear a *Zoe* numa bela noite, otimamente amena, um céu negro salpicado de estrelas, quando ouviu uma agitação. Uma luta. Gritos. Algo não estava bem. Parecia ter vindo da casa dos Kumars, portanto seguiu nessa direção. A sua respiração acelerou ao mesmo tempo que as orelhas da *Zoe* se espetaram.

O alvoroço aumentou à medida que ela se aproximava. Num piscar de olhos, Alex passou de calma a tensa. O som de duas pessoas envolvidas numa discussão acalorada transformou um cenário sereno em algo ameaçador. Ela fazia um esforço para ouvir, mas não conseguia entender o que estava a ser dito. Alex justificou a bisbilhotice com base nas suas suspeitas relativamente a Samir. Pelos sons, podia haver problemas a sério.

A discussão acabou logo. Durante algum tempo, Alex só ouviu o chilrear dos animais noturnos, que chamavam outro para acasalar ou para comer. Olhou de relance para a sua casa, do outro lado da rua, e captou um lampejo azul por entre as cortinas da sala de estar. Imaginou Nick estendido no sofá, provavelmente a dormir. O baseball nunca a atraíu muito; ela tinha-o deixado com os Red Sox a perder por quatro *runs*.

Também havia uma luz acesa no quarto de Lettie. Será que a filha estava a dedicar-se às candidaturas para a universidade, como prometido? Era de duvidar. Alex sabia quando alguém estava a falar sem seriedade. Estaria a ser prepotente, como alegou Lettie? Possivelmente. A conversa entre elas ficou algo acalorada. Alex saiu a sentir que tinha atirado um pouco do seu stresse para cima de Lettie, injustamente. Também podia adivinhar o porquê. A noite das mulheres tinha trazido muitas emoções cruas do passado. Deveria haver mais crianças no ninho dos respetivos quartos, mas apenas duas luzes estavam acesas em sua casa, mais nenhuma. Em breve seria apenas uma.

Alex sentiu um sacão no braço quando *Zoe* a puxou em direção à casa dos Kumars. A discussão tinha recomeçado. Uma voz levantada com raiva, quase um grito, foi alta o suficiente para que ela considerasse ligar para o 112. Abrigou-se atrás dos arbustos altos e espinhosos que demarcavam o final da propriedade dos Kumars. Aí ouvia melhor, mas continuava sem conseguir ver

para dentro de casa. As vozes eram abafadas, mas o barítono distinto de Samir Kumar transmitiu claramente o seu desagrado. Alex deixou furtivamente a cobertura dos arbustos para conseguir uma perspetiva melhor.

Da sua nova posição, Alex conseguia ver vultos através da janela, mas continuava sem os ouvir claramente, embora tivesse percebido, sem dificuldade, as palavras «fizeste sim e não é aceitável».

*O que não é aceitável?*, perguntou-se ela. Teria que ver com Jay... ou com Mandy? Em qualquer dos casos, o comportamento controlador de Samir mostrava-se de novo.

Ouviu outra saraivada, também de Samir. Desta vez percebeu que «eu disse-te e não tens permissão».

O resto era muito abafado e indistinto, mas ela ouviu a voz de uma mulher responder... devia ser Mandy. Estava a chorar? Podia ser, dado o tom. A torrente belicosa de Samir continuou até Mandy levantar a voz o suficiente para Alex a conseguir ouvir com bastante nitidez.

– Para com isso, Samir. Eu não tenho de receber ordens tuas!

Alex estava prestes a ir embora. Era uma discussão, nada mais. Não era da sua conta. Então *Zoe* ladrou: o seu latido mais alto e penetrante. Alex foi inundada pelo pânico enquanto puxava *Zoe* para o seu lado, usando a mão para formar um açaimo improvisado. Passado um instante, acendeu-se uma luz exterior.

– *Chhhiu* – disse ela. – *Chh!*

Movendo-se furtivamente, Alex percorreu o seu caminho de volta para a cobertura dos arbustos assim que a porta da frente se abriu. Estava encurralada. Se atravessasse para o outro lado da rua, Samir iria vê-la e saberia que ela estava à espreita na sua propriedade.

Como que para confirmar os seus medos, Samir pisou o alpendre. Alex tentou abrandar a respiração, contando mentalmente até cinco a cada inalação.

*Zoe* contorcia-se na trela, obrigando Alex a segurar com mais força. Provavelmente o ladrar atraía-o para o exterior. Talvez tenha deduzido que o dono do cão também estivesse por perto, à escuta de conversas que desejava manter privadas.

Agulhas dolorosas espetaram-se nas costas de Alex enquanto ela se embrenhava mais nos arbustos para se esconder melhor. Enquanto isso, Samir desceu um degrau, depois outro. Ela abraçou os joelhos ao peito e fechou os olhos, rezando para que ele não atravessasse o seu caminho de acesso. Aquilo seria difícil de explicar. Foi um golpe de sorte quando Samir se virou. Recuou para casa, fechando a porta atrás de si. A luz exterior apagou-se, mergulhando Alex na escuridão. Expirou o fôlego que ela não percebera que estava a suster.

Com o coração ainda acelerado, Alex levou *Zoe* para casa, mas não conseguiu contar a Nick. Ele roncava no sofá. Em vez disso, dirigiu-se à casa da irmã, ansiosa por lhe relatar o sucedido. Passava pouco das nove.

Ken estava em casa, a lubrificar a sua arma na mesa da cozinha. Havia partes da mesma espalhadas em cima de jornais de forma aleatória. Não sendo

fã de armas de fogo, Alex sentia-se sempre pouco à vontade ao ver a arma de Ken. Quando Emily serviu um pouco de vinho, Alex bebeu-o com apreço, sem se dar ao trabalho de contar à irmã que já estava tocada.

– Sabias que as armas são a principal causa de morte nas crianças? – disse Alex a Ken enquanto ele encaixava as partes.

– Ah sim? – respondeu Ken, parecendo não se importar nada com isso.

– É verdade – disse Alex. – Ultrapassaram os acidentes de carro, de facto.

– É bom saber – respondeu Ken, exibindo um sorriso atrevido e cheio de falsidade. – Mas isto vai comigo para o campo de tiro amanhã, não para um massacre. Portanto, não te preocupes. – Piscou-lhe o olho, de maneira brincalhona, mas desdenhosa.

– Sabes, nós guardamos a arma num cofre na cave – disse Emily. Não era fã de armas, mas defendia a prática para apoiar o marido. – As estatísticas deixam sempre de fora que a maior parte das mortes relacionadas com armas envolve imprudência ou descuido.

– Ou suicídios. – Ken examinou o seu trabalho manual depois de ter acabado de montar novamente a arma.

– Pode ser que sim – disse Alex. – Mas espero, pelo bem da Mandy, que o Samir Kumar não tenha uma.

Estas palavras chamaram a atenção de Ken.

– E porquê? – perguntou.

Alex revelou o que ouviu do lado de fora da casa dos Kumars.

Ken tirou uma perna de frango do frigorífico, deixando a arma abandonada em cima da mesa.

– Estavam a discutir por causa do quê? – quis saber Emily.

– Não consegui ouvir – disse Alex. – Mas foi intenso, sem sombra de dúvida.

Ken arrancou, com uma grande dentada, a carne do osso e começou a mastigar lentamente.

– O que é que tens que ver com as razões para o Samir e a Mandy discutirem? – perguntou ele, com a boca cheia de comida, e as palavras a saírem distorcidas. – Os casais discutem. Isso não é invulgar.

– Por aqui não é, isso é certo – disse Emily.

– *Touché* – disse Ken. – Olha, Alex, obrigado por vires estragar uma noite perfeitamente boa.

– O prazer é meu – disse Alex.

– Se calhar, devias prestar mais atenção à tua filha, em vez de aos assuntos das outras pessoas – disse Ken. – A rapariga está deprimida.

Alex retribuiu com um olhar feroz.

– Porquê? Porque se veste de preto? Como poderias sequer saber o que a Lettie pensa ou sente?

– Sou tio dela – disse Ken. – Reparo nas coisas. Importo-me. Além disso, falo com o Nick.



Alex cruzou os braços. Resfolegou.

– Então o Nick acha que a filha está deprimida? Bem, podia dizer-me isso.

– Talvez tenha tentado – disse Ken. – Talvez andes demasiado ocupada com os problemas dos outros para o ouvires.

– Uau! Agora foste um completo parvalhão comigo – disse Alex, sem alegria.

– Parvalhão, hein? – disse Ken, e deitou o osso do frango no lixo. – Deixa-me mostrar-te uma coisa.

Alex seguiu Ken até ao seu escritório no primeiro andar. Emily entrou logo depois. As portas de correr, em frente ao espaço de trabalho privado de Ken, eram antiguidades de elevado valor, como fazia saber a todos, quer inquirissem, quer não. As suas estantes estavam repletas de livros de negócios: *Pense e Enriqueça*, *A Psicologia da Persuasão*, *A Arte da Guerra* e *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*. Claramente, Ken precisava de reler aquele, mas Alex segurou a língua.

Prateleiras cheias de troféus – seus e dos rapazes. A maior parte das fotografias emolduradas que adornavam as paredes eram de Logan, em toda a sua glória atlética. As fotografias de Dylan que pontilhavam a coleção eram em muito menor número. Ken importava-se menos com a disparidade do que com as estatísticas de Logan para o lacrosse de Syracuse, que era capaz de recitar *verbatim*.

Havia um conjunto de plantas espalhado na sua extensa mesa de carvalho.

– Sou um grande parvalhão, não sou? – Ken bateu com um dedo nas plantas. – Quem está a converter a garagem autónoma num apartamento para a tua mãe? Este palerma. – Ken apontou o mesmo dedo para o seu peito de barril. – E os custos continuam a subir, porque é evidente que a tua mãe quer mármore italiano na casa de banho e torneiras *Kohler*. Está certo. Ela que viva bem. Sorte a nossa, estou-me a sair bem no trabalho, não é assim, Em?

Disse isto como se Emily não tivesse ganhado uma comissão choruda pela venda aos Kumars.

– Não é bem como quero gastar o meu dinheiro, repara – continuou Ken –, mas a família em primeiro lugar, é esse o meu lema.

– Tens Altruísta no nome – disse Emily, sem sentimento.

Ken deu um beijo terno na bochecha da mulher.

– E que sorte a tua me teres apanhado.

– Bem, estou grata por ajudares a nossa mãe – disse Alex, que ficou maravilhada com a capacidade de Ken em transformar uma história sobre outra pessoa em algo sobre si mesmo. – Mas continuo preocupada com a Mandy Kumar. Eles podiam estar a ter uma discussão conjugal normal, mas há algo de errado com o Samir. Ele é inquietante. Talvez pudesses conhecê-lo um pouco, Ken. Desvendá-lo para nós.

– Tenho muito gosto em tentar, Alex – disse Ken. – Mas eu e o Nick

convidámo-lo para uma noite de póquer e ele recusou. Não sei o que mais posso fazer. Eu digo que a melhor coisa que podes fazer é deixar os Kumars em paz.

– Acho que também é um bom conselho para ti – disse Emily, que manteve um olhar fatal em Ken.

– A sério? Outra vez isso? – rebateu Ken.

– Disseste-me que achas a Mandy bonita – disse Emily.

– Só porque me fizeste um interrogatório cerrado sobre um suposto «olhar» que eu lhe dei naquela festa estúpida do quarteirão... como se fosse alguma coisa, como se eu me importasse com a Mandy Kumar.

Emily passou a ponta dos dedos pelas plantas.

– Talvez o Samir pense como eu – disse ela quase para si mesma antes de suster o olhar de Ken. – Pode ser que seja por isso que eles estavam a discutir.

– Bem, já me diverti o suficiente para uma noite – disse Ken sem expressão. – Vou lá para baixo assistir aos Sox.

– Estão a perder – disse Alex.

– Vou assistir na mesma. – Dirigiu-se para a porta.

– Por falar em família primeiro, o Dylan tem um jogo amanhã – lembrou Emily a Ken.

– Não consigo ir – disse Ken. – Uma coisa de trabalho.

– Ele sabe? – perguntou Emily.

– Eu mando-lhe uma mensagem – disse Ken ao sair pela porta.

– Ken, querido, estás a esquecer-te de uma coisa – disse Emily.

Ele parou e virou-se, claramente confuso.

– Deixaste a arma na mesa da cozinha.

– Certo – disse ele.

– A segurança em primeiro lugar – disse Alex, não se deixando levar pela expressão de pedido de desculpa no sorriso de Ken.

## Capítulo 16

Tão depressa Alex tinha um copo de sumo de laranja na mão, como ele caía para o chão. O vidro aterrou com um estilhaçar. Os cacos irregulares dispararam em todas as direções.

Reparou que tinha as mãos a tremer. *Foi por isso que larguei o copo?*

Foi buscar uma vassoura ao armário, varreu e esfregou, depois deitou os estilhaços no caixote azul de reciclagem da garagem. O caixote estava cheio, quase a atingir o limite da sua capacidade, principalmente com garrafas de vinho.

*Quando foi a última vez que o Nick foi ao contentor? Há duas semanas? Isto não pode ser só de uma semana.*

Alex voltou a verificar as mãos. Ainda tremiam.

Nunca tinha tido tremores. Provavelmente não estava relacionado, mas conseguia identificar a fonte da sua dor de cabeça e da boca seca.

*Nada de vinho esta semana*, prometeu a si mesma. Pronto. Nada de mais.

Alex mandou *Zoe* sair pela porta das traseiras sem trela, como de costume, para fazer as suas necessidades matinais. Não tinham um quintal cercado, mas *Zoe* voltava sempre. Voltou alguns minutos depois, tendo decidido que era boa ideia rolar na lama. Alex isolou-a na lavandaria até ter tempo de a limpar. *Zoe* latiu, implacável, no seu confinamento forçado, fazendo aumentar o batuque da dor de cabeça de Alex.

*Que sejam antes duas semanas sem beber.*

Nick entrou na cozinha descalço. Antes que Alex tivesse tempo de o avisar, o pé dele encontrou um caco de vidro que ela não tinha visto. Ele soltou um grito que assustou *Zoe* ao ponto de a calar.

– Desculpa, querido – disse Alex. – Houve um acidente hoje de manhã. Parti um copo. Pensei que tinha varrido tudo.

Deixou de fora a parte dos tremores. Quando Nick se dirigiu para a casa de banho para fazer a si próprio os primeiros socorros, Alex subiu as escadas para ir buscar uma toalha para limpar o cão.

Lettie deslizou pelo corredor como um fantasma, uma aparição a

assombrar a casa, que não se dava sequer ao trabalho de dizer *bom dia*.

– Desculpa por ontem à noite – disse Alex, sem saber bem se deveria ser ela a pedir desculpa. Não tinha sido ela a começar a discussão. Não era a sua carreira universitária que estava em risco. – Não quero pôr mais pressão sobre ti do que já tens.

– Então não ponhas – disse Lettie.

– Está tudo bem? Estás... satisfeita com tudo? – *Que bela maneira de trazeres o teu melhor para a parentalidade*, pensou Alex.

– Sim, estou satisfeita – disse Lettie, morosa.

Foi dominada por receios sobre o estado mental da filha. Mais tarde, falaria disso com Nick – especificamente, sobre o que Ken tinha dito –, mas não era o momento certo. Estava toda a gente com pressa.

Alex levou o seu café para a janela com vista para a casa dos Kumars. Queria apanhar Mandy antes de ela sair para o trabalho, certificar-se de que estava bem. A casa parecia tranquila e em silêncio, como todas as casas de Alton Road.

Estava a pensar nalguma desculpa para tocar à campainha quando a porta da garagem dos Kumars se abriu. Um *Lexus* saiu passados momentos, contornando a grande distância o *Subaru* de Jay. Alex não ficou surpreendida ao ver o *Audi* de Mandy ainda estacionado lá dentro. Ela tinha mencionado que ia para o trabalho com Samir. Mas quando o sol inundou o carro, Alex só conseguiu ver um ocupante, e não era Mandy. Mesmo com pouca luz, conseguiu discernir a típica carranca de Samir.

Alex terminou o café. Após o ritual de adeus/até logo/amo-te com Nick e Lettie, agarrou na mala de trabalho e saiu de casa. Parou junto à porta do carro.

Ficaria preocupada com Mandy o dia todo se não tentasse pelo menos estabelecer contacto. Seria mais fácil enviar uma mensagem, mas Alex nunca chegou a ter o número dela. Fez votos de retificar a situação, mas isso deu-lhe um motivo para passar por casa de Mandy. Caso se passasse alguma coisa, não tinham como entrar em contacto.

*Pronto. Isso não é ser muito intrometida.*

Subiu os degraus até ao alpendre da frente dos Kumars. A campainha ecoou mais alto do que a maioria. Respirou fundo. Aquela visita parecia intrusiva, não a visita de uma vizinha. Pelo menos agora as suas mãos tinham um motivo para tremer.

Ninguém atendeu. Tocou mais uma vez e esperou, a ansiedade a crescer. A sua imaginação estava a levar a melhor, como com Lettie.

*Claro que a Mandy está bem. Estamos em Alton Road, não num filme de Hitchcock. Todos os casais discutem.*

Mesmo assim, os gritos raivosos de Samir ecoaram na sua mente.

Pensou que talvez Jay aparecesse – poderia dizer-lhe onde estava a mãe –, mas não teve essa sorte. O único Kumar que viu nessa manhã foi o que mais a preocupava.

O dia passou num borrão, recheado de problemas alheios. Quando chegou a casa, já Alex tinha esquecido tudo sobre a promessa que fez a si própria naquela manhã. Estava a beber vinho e a pagar contas quando Nick voltou do seu dia de trabalho. Lettie estava fora com amigos, portanto teve oportunidade de lhe perguntar o que tinha dito a Ken.

– Talvez eu tenha feito algum comentário de passagem sobre o facto de ela andar taciturna, mas não foi um diagnóstico. Tu conheces o Ken, ele está sempre a deitar achas na fogueira. A Lettie está bem. – Beijou-lhe suavemente a bochecha, como se isso resolvesse as coisas.

Quando ele saiu da sala, Alex sentiu-se profundamente sozinha. A filha estava a afastar-se e, nos tempos que corriam, ela e Nick estavam tão próximos como Marte e Plutão.

Pegou no telemóvel por hábito. Uma memória de há anos apareceu no Facebook, deixando-a reviver um dia passado a apanhar maçãs. Faltavam os dois dentes da frente de Lettie. Nick vibrava de orgulho da sua família. Alex avaliou a sua própria aparência na época.

*Eu tinha brilho*, pensou ela. O que a ofuscara? Queria trepar para a fotografia, voltar àquele preciso momento, dar uma dentada na maçã vermelha reluzente que Lettie segurava na sua mão impossivelmente minúscula. Em vez disso, bebeu o copo de vinho. Não tinha um sabor tão doce.

Alex viu novamente Samir sair para o trabalho no dia seguinte. Tal como antes, estava sozinho no seu carro. Quando aconteceu pelo terceiro dia consecutivo, Alex ficou angustiada. Ligou para Emily, Willow e até mesmo para Brooke, mas ninguém tinha visto Mandy.

Naquela noite, quando Samir saiu sozinho mais uma vez, Alex decidiu segui-lo.

Correu para o seu carro, saiu pelo caminho de acesso como se estivesse em fuga e esperou até Samir estar a uma distância segura em Alton Road antes de ir atrás dele. A rota dele era aleatória, como se a levasse num passeio descontraído por Meadowbrook.

Ocorreram-lhe as palavras de Ken do outro dia. Estaria a meter-se nos assuntos dos outros, como Ken a acusara de fazer, ou seria apenas uma vizinha preocupada, como ela própria queria acreditar? No seu trabalho de mediação de divórcios e em casa, com Nick e Lettie, pensava em si como sendo uma solucionadora de problemas, uma pacificadora, a pessoa a quem toda a vizinhança recorria.

A sua consciência dizia-lhe que havia um problema em mãos, potencialmente volátil. Até receava que Samir pudesse conduzi-la ao corpo de Mandy e teve uma visão de si a ser descoberta mais tarde, à beira da estrada, na mesma vala que a mulher dele. Depois sentiu-se tola por ter aqueles pensamentos loucos.

Passados alguns momentos, acabou por seguir Samir até ao estacionamento do supermercado Big Y.

Alex sentiu-se completamente ridícula durante o caminho para casa. Não

viu necessidade de contar a Nick sobre a sua excursão. Ele só iria rir-se dela e não estava disposta ao ridículo. Estava apenas a tentar ajudar e a sua intuição continuava a dizer-lhe que havia alguma coisa de errado com os Kumars.

Alex só engolia em parte a sua própria justificação. Talvez ela *estivesse* a ser intrometida. Fosse como fosse, aquela tentativa fracassada de intervir não significava que os problemas não estivessem em curso.

Queria confidenciar com alguém que partilhasse a sua preocupação. Foi um alívio ver Emily subir o caminho de acesso de Alex ao chegar a casa.

Alex baixou o vidro do carro.

– Ainda bem que estás aqui! Vinha ter contigo para desabafar – disse Emily.

– Bom sentido de oportunidade, então – disse Alex. – Vou fazer um chá e contar-te a minha missão de reconhecimento fracassada.

– Estavas à procura do perseguidor da Brooke? – perguntou Emily.

– Não, mas talvez devesse estar – disse Alex com uma risada pouco à vontade. – Entre o perseguidor e a grande partilha da Willow, Alton Road tornou-se muito mais interessante, isso é certo.

– Ou perigosa – sugeriu Emily.

As irmãs tinham discutido extensivamente o jogo da festa, mas passadas semanas ainda parecia um assunto fresco.

Emily seguiu Alex até à cozinha e instalou-se num dos bancos confortáveis ao balcão. Alex encheu uma chaleira amarela com água para o chá.

– Essa situação toda do perseguidor é realmente angustiante – disse Emily. – Atualmente estou muito sozinha em casa. E se eu me tornar um alvo? Com a agenda de viagens do Ken, somos só eu e o Dylan e ele está fora, com a Riley, metade do tempo. Na verdade, o Ken acaba de anunciar que vai fazer *outra* viagem de negócios, que, aliás, é o que vim desabafar.

Alex juntou-se a Emily na bancada, com duas canecas de chá de infusão.

– Isso é um problema? O Ken está sempre a viajar para algum sítio.

– Desta vez, a sensação é diferente. – A voz de Emily estava carregada de preocupação.

Alex não precisava de mais pormenores.

– Tu não achas que... – Os olhos arregalados de Emily disseram que sim, que achava.

– Talvez ele e a Mandy não estejam juntos, mas ela pode ter mexido com ele. Não sei explicar exatamente. Ele parecia... não sei, animado como o raio por causa de uma viagem de trabalho a Nova Iorque. E não havia nada no calendário, portanto foi uma coisa de última hora, pelo menos foi o que ele disse.

– Ele disse-te do que trata a reunião?

Emily abanou a cabeça.

– Não, e eu não perguntei. Pareceu-me muito, não sei... acusatório? Já se passaram anos, sabes, mas de repente, sem motivo, tenho a sensação de que o

Ken já não está a ser fiel.

– *Existe* um motivo – disse Alex. – Tu tens essa preocupação com a Mandy.

Alex tinha uma preocupação diferente em relação a Mandy, mas não era boa altura para falar sobre a ausência da vizinha.

– Não há provas de que esteja a acontecer alguma coisa. Foi apenas um olhar estúpido, não é verdade? – Emily parecia estar a tranquilizar-se.

– É verdade – disse Alex, sentindo um nó no estômago. Ela tinha retido informações sobre a fuga de Ken para o bosque atrás da casa de Mandy. Será que devia ter dito alguma coisa?

A campainha soou. Quando Alex abriu a porta da frente, viu Samir Kumar espedado.

Alex cumprimentou-o com um sorriso estampado na cara.

– Que surpresa agradável – disse ela, com o coração a bater com força. Ao lembrar-se da hesitação de Samir em apertar mãos, Alex manteve a sua ao lado do corpo.

– Peço desculpa pela intromissão – disse Samir, oferecendo um sorriso quase inexistente. – Estava com esperança de poder falar consigo por um momento.

– Claro – disse Alex. – A minha irmã, Emily, está na cozinha. Porque não se junta a nós?

Samir olhou para o seu relógio chique.

– Não vou demorar muito – disse.

Desconfiada, Alex levou-o até à cozinha, onde Emily, agora de pé, ofereceu uma saudação morna. Alex reparou na mudança no comportamento de Emily quando o seu «olá» morno deu lugar a uma postura mais protetora: braços no peito, uma perna cruzada à frente da outra, tudo indicações de que ela também se sentia incomodada junto do novo vizinho.

Alex foi para junto da chaleira.

– Quer um chá?

– Não, não, obrigado – disse Samir. – Vim só pedir desculpa.

As sobranceiras de Alex subiram.

– Não tem nada de que se desculpar – disse ela, resistindo ao impulso de exigir: *O que fez à sua mulher?*

– Não, tenho sim – disse Samir. – Sinto-me péssimo por não termos sido melhores vizinhos. Eu sei que a Mandy tem pena de não ter podido ir à sua festa na outra noite.

– Na verdade, foi no mês passado – disse Emily.

Samir parecia um pouco embaraçado.

– É exatamente isso que quero dizer – disse ele. – A mudança distraiu-nos muito mais do que aquilo para que estávamos preparados. Temos estado os dois em baixo e não costumamos ser vizinhos que se isolam.

– Então, onde está a Mandy? – perguntou Emily.

Alex susteve a respiração.

Samir inclinou-se para trás, como se a pergunta o tivesse desequilibrado.

– A Mandy não está em casa – disse ele. – Mas disse-me que tinha de ser eu a fazer este pedido de desculpas, porque foi mais por insistência minha do que dela que não compareceu ao vosso encontro. Eu devia ter feito isto antes, mas o tempo fugiu-me. Portanto, gostava de compensar toda a gente e convidá-los para jantar em nossa casa. Digamos, desta sexta a quinze dias?

– Jantar? Sim, claro, eu gostava, mas tenho de ver com o Nick, para ter a certeza de que estamos livres – disse Alex. Ficou contente por saber que Mandy estava viva... pelo menos alegadamente.

– E a Emily e o Ken também são, claro, convidados – disse Samir. – Sem a vossa ajuda, não estaríamos a viver na nossa nova e encantadora casa. – Parecia entusiasmado.

Alex sondou os olhos de Samir, vendo as suas boas intenções como mera fachada. Mas que motivo poderia ter para se fazer de tipo porreiro?

– Ótimo – disse Emily. – Também vou ver com o Ken e depois digo-lhe. Ele está fora em trabalho.

– Ah, muito bem – disse Samir, que fez um movimento em direção à porta. – Como será em novembro, abrirei o convite a alguns outros vizinhos e chamamos-lhe uma Ação de Graças antecipada... e há muito a agradecer, incluindo a nossa nova comunidade.

– Então vai ser uma Ação de Amigos – disse Emily.

– Precisamente – respondeu Samir.

Alex não perdeu pitada. Samir evitou habilmente responder à pergunta direta de Emily sobre o paradeiro de Mandy. Alex sentiu-se compelida a não deixar passar em branco.

– Então, onde está a Mandy? – perguntou ela, animando a voz. – Em algum lugar divertido, espero.

A pouca simpatia a que Samir conseguira agarrar-se durante aquela visita abandonou-o por completo. Lançou a Alex um olhar gelado.

– Foi para Nova Iorque, visitar a família.

Alex e Emily trocaram um olhar, as bocas ligeiramente entreabertas.

As irmãs podiam falar sem dizer uma palavra. Nova Iorque era uma cidade grande, mas seria coincidência que Ken também tivesse ido para lá? Alex tinha as suas dúvidas. Talvez Samir também.

– Eu digo-lhe que perguntou por ela – disse ele. – Tenham uma boa noite.

Samir percebeu que podia ir-se embora pela porta da cozinha que Emily usava sempre, tornando a sua saída rápida e fácil. Fez uma pausa antes de sair e virou-se para lançar um olhar acutilante a Alex.

– É interessante que também percorra um longo caminho para chegar ao supermercado – disse ele. – É bom saber que há outros que apreciam... a beleza mais cénica de Meadowbrook.

Saiu com um aceno e o mínimo dos sorrisos. Não era simpático.



## Capítulo 17

### Lettie

Estou em casa, no meu quarto, a marcar a diferença entre processos endotérmicos e exotérmicos, quando reparo no carro do Jay a entrar no caminho de acesso.

Não contei ao Jay sobre a cena amorosa da Riley no Marriott Residence Inn. Podia ter-lhe enviado uma mensagem, mas e se ele a ignorasse? Enviava-lhe outra? A parecer que estou desesperada pela atenção dele, que, por acaso até estou? Por alguma razão, os nossos caminhos simplesmente não se têm cruzado nos fins de semana, altura em que eu teria maiores probabilidades de deparar com ele.

Desço as escadas a correr, os meus passos estrondosos a ecoar. Saio pela porta de rompante, deixando a *Zoe* um tanto abanada quando atravesso, disparada, o relvado. Chamo o nome do Jay, conseguindo a atenção dele antes de desaparecer dentro de casa.

Está vestido como um metrosssexual: uma camisa estampada de manga comprida que poderia facilmente passar por uma blusa, calças de ganga escuras e mocassins polidos sem meias. Traz os *Ray-Bans* e, porra, aquela barba por fazer fá-lo parecer um gajo sensual de alguma série nova da Netflix. Dirige-me um sorriso que faz tremer o meu coração.

– Oi – digo, envergonhada com a minha respiração tão pesada. Definitivamente, preciso de começar a fazer mais exercício.

– Oi para ti – diz Jay.

Não tira os óculos, e quem me dera que tirasse, para eu poder interpretá-lo melhor.

– Que tal? – questiona. – Como vai o liceu?

Fico tolhida no meu íntimo. Odeio que ele diga *liceu*. Faz-me sentir uma miúda estúpida.

– Bem, sabes como é. O mesmo de sempre.

– Certo – diz o Jay com um sorriso que coloca um vinco nas suas covinhas. Faz-se ao *Juul* e dá uma passa, depois exala languidamente uma

nuvem de vapor. Estou quase tentada a pedir para dar uma passa, mas eu não sou assim. Tenho os nervos em chamas, mas a sensação não é má o suficiente para me transformar noutra pessoa.

– Tens um minuto para falarmos?

Desprezo o subtil tremor na minha voz. Talvez tenha o cabelo todo despenteado. Talvez a minha roupa em preto total me faça parecer que estou a esforçar-me demais para *não* encaixar.

Preocupa-me que o Jay possa estar a formular juízos de valor sobre tudo o que digo e faço. Cada pequeno piscar e aceno meu, qualquer tique estranho, a minha pose desajeitada, ou simplesmente como acho que vê o meu corpo – tudo isto faz-me sentir pequena e vulnerável. Odeio o nosso equilíbrio de poder desconforme, o meu interesse por ele, que provavelmente não tem interesse nenhum por mim. Mas nada disto vai impedir-me de lhe contar o que vi.

– Descobri mais coisas sobre a «Vida Secreta da Riley» – digo.

O Jay não parece assim tão surpreendido, mas não dá para ver, com os óculos escuros.

– Então, conta-me.

Olho em volta, nervosa, como se a Riley pudesse estar à espreita logo atrás de nós.

– Vi-a entrar num hotel com um tipo mais velho; provavelmente é o mesmo da outra noite, mas ainda não o vi bem.

– Interessante – diz ele, sem parecer interessado. – Se calhar, devíamos conversar. Queres entrar? – Gesticula com o polegar em direção à sua casa.

*Dentro...*

Fico um pouco em pânico. Os pais dele estão em casa? Vai acontecer alguma coisa entre nós? É isso? O momento definitivo da minha juventude que eu nunca vou esquecer e de que provavelmente – talvez depois da terapia – hei de vir a arrepender-me?

Aceno na mesma com a cabeça. Um periquito esvoaça dentro do meu peito.

Sigo o Jay até sua casa. Já lá estive dentro, mas quando os Weavers moravam lá, não desde que o Jay se mudou. É grande e faz eco, não é nada como eu esperava. Esta casa é tão sossegada que eu quase ouço o sangue correr nas minhas veias. As paredes estão, na sua maior parte, nuas, não há muita carpete para amortecer os nossos passos. Nada que se aproxime de um toque pessoal e acolhedor em nenhuma das divisões que consigo ver.

– Os meus pais dedicam-se muito mais ao trabalho do que ao ninho – diz.

– Ah, estou a ver.

Deixo isso enquanto percorro o meu caminho até uma cozinha impecável. Os eletrodomésticos de aço inoxidável brilham como se tivessem sido entregues recentemente da loja. As bancadas de granito são surpreendentemente isentas de tralha. Não me atrevo a abrir um armário, mas

pergunto-me se encontraria comida em algum deles.

– Por acaso, os meus pais cozinham muito bem, mas estão tão ocupados que não passam muito tempo na cozinha – diz o Jay.

– O que é que comes? – pergunto.

– Muita comida feita – diz com um ar de indiferença. – Nós realmente não comemos juntos.

Por razões que não sei explicar, a sua revelação faz-me sentir profundamente triste pelo Jay, ou talvez por toda a família Kumar.

– Não entendo – digo. – A tua mãe estava tão ansiosa por comprar esta casa. Para quê ter um sítio tão grande se nem o vai decorar... ou usá-lo, já agora?

O Jay dirige-me um olhar de soslaio antes de tirar, por fim, os óculos de sol, que enfia no bolso da camisa chique.

– Compreendes os teus pais? – pergunta.

– Boa questão – respondo.

A leveza nos olhos de Jay transforma-se em saudade ou melancolia, algo que implica uma tristeza reprimida. Ver a vulnerabilidade dele abre um pouco mais o meu coração, um buraco grande o suficiente para eu cair nele.

Tento centrar-me caminhando pela espaçosa cozinha com vista para o jardim meticulosamente cuidado do Kumars. A relva lá atrás é do tipo de verde exuberante que me lembra o Fenway Park, onde jogam os Red Sox.

O meu pai uma vez levou-me a um jogo. Não sei porque nunca mais fomos, mas lembro-me de me divertir naquele dia. Disse-lhe que me diverti? Talvez não. Talvez seja por isso que nunca mais voltámos. Em algum lugar em mim há uma pequena dor, uma dor que gostaria de estar mais perto do meu pai, como talvez o Jay gostasse de estar mais perto da sua família.

Dou por mim a passar da cozinha para a sala de jantar, sem pedir autorização. Passo as mãos por uma mesa extremamente polida que poderia servir também de espelho.

– Alguma vez fizeste uma refeição aqui? – pergunto ao Jay, que agora está atrás de mim.

Apanho o seu reflexo divertido na superfície brilhante da mesa. A sua gargalhada é rica e calorosa. Sinto o cheiro a bolos e a café. Levo um momento a perceber que o Jay é a fonte desse aroma apelativo. Estou a gostar – muito, provavelmente demais.

Estão alguns copos de cristal e um lindo jarro numa mesa de bufê encostada a uma parede, debaixo de uma janela. Outra coisa me chama a atenção, a única imagem que vi na casa. Está numa moldura prateada ornamentada. Quando vou dar uma olhadela mais de perto, vejo que a fotografia é, na verdade, da família Kumar a posar para um retrato ao ar livre, há muitos anos, quando eram todos muito mais jovens.

A Mandy está absolutamente linda, com um vestido justo que a favorece, o cabelo loiro a tirar o melhor partido do sol daquele dia. O Samir Kumar está bastante rígido. O seu sorriso é apropriado, mas há nele algo que

não é muito genuíno. O Jay era um miúdo superfofo, o que não é surpresa, e o meu palpite é que tenha cerca de quatro anos nesta fotografia. Há outro menino também na fotografia, ao lado do Jay. Eu diria que esse tem cerca de dois anos.

– É o meu irmão – diz-me Jay, como se me lesse os pensamentos.

– Está na universidade? – pergunto, pensando que já estaria por volta dessa idade.

– Não – responde o Jay. A luz dos seus olhos apaga-se: – Morreu. – Diz isto com uma expressão completamente vazia no rosto, sem um traço de tristeza ou arrependimento.

Isto é inquietante.

– Sinto muito – digo-lhe com uma voz suave que espero que transmita a minha compaixão.

– Morreu cerca de quatro meses depois de essa foto ter sido tirada – diz Jay, ainda sem emoção no tom de voz.

Quero perguntar: *Como? O que aconteceu?* Mas não consigo encontrar as palavras.

O Jay não precisa de um sexto sentido para adivinhar o que me passa pela cabeça.

– Afogou-se – diz-me. – Caiu numa piscina na festa do meu tio.

– Ó meu Deus – digo. – Isso é horrível.

– Eu estava lá – diz o Jay. – Disseram-me para não ir à piscina, a minha mãe disse que eu me meteria num problema muito grande se fosse. Mas não lhe dei ouvidos. Fui na mesma e o Asher seguiu-me até à água. Eu estava com os pés no fundo raso. O Asher foi para o fundo da piscina. Inclinou-se e caiu, afundou-se logo porque não sabia nadar. Eu também não sabia nadar e, na verdade, não entendia o afogamento, com aquela idade. Continuei a pensar que estaria metido num grande sarilho por ter ido para a piscina sem autorização, por isso tentei salvar o meu irmão, em vez de pedir ajuda imediatamente.

Mas o que havia eu de fazer? Ele já estava lá dentro. Pus-me só a andar pela beira da piscina, a chamar por ele. Devo ter feito isso por um minuto, talvez dois, até perceber que não estava a fazer nada para ajudar. Consegui ver o corpo do Asher o mais parado possível, a flutuar.

Finalmente fui buscar os meus pais. O meu pai foi o primeiro a entrar na água. Arrastou o Asher para a superfície. Estava ofegante. O Asher tinha a cara azul. Lembro-me de o meu pai gritar-me: «Jay, o que é que fizeste? O que é que fizeste?»

O Jay cala-se. Parece a pausa pesada num momento crucial durante uma cena dramática numa peça, só que isto não é nenhum ato.

– Fez reanimação cardiopulmonar, enquanto a minha mãe ligava para o cento e doze – continua o Jay. – Teve de ser o meu tio a falar com a emergência médica. A mãe estava histérica demais para falar. Não me lembro de muitos pormenores, mas consultei terapeutas que me ajudaram a lembrar...

ou, se calhar, a única coisa que fizeram foi implantar falsas memórias. Quem sabe? As minhas lembranças certamente não vêm dos meus pais. Nunca falamos disto.

»Os paramédicos chegaram em cinco minutos, mas o Asher ainda não respirava sozinho. O meu pai fez-lhe reanimação boca-a-boca, implorando ao meu irmão que voltasse para ele.

»Conseguiram ter um batimento cardíaco na ambulância, mas, por essa altura, o cérebro estava muito danificado pela falta de oxigénio. Os meus pais tiraram-no do suporte de vida uma semana depois. A minha mãe insistiu para que doássemos os seus órgãos, embora o meu pai fosse contra. Não há nada no hinduísmo, a religião do meu pai, que tivesse impedido a prática. Ele simplesmente não suportava a ideia de o filho já não estar inteiro, de ser... doado.

»No final, ganhou a minha mãe. Ainda recebemos cartões de Natal de pessoas cujas vidas o Asher salvou. Isto foi há muito tempo, Lettie. – Diz isto como se devesse tornar o que acabei de ouvir mais suportável, o que não acontece.

Não sei o que dizer. Estou tão para além da tristeza, não tenho palavras para oferecer. Este é um novo território emocional para mim. Quero que o Jay chore ou, pelo menos, que pareça perturbado. Tenho a certeza de que está a guardar todos os seus sentimentos para dentro.

Então, faço um monte de suposições que podem estar completamente erradas: *O Jay ainda se culpa pela morte do Asher. Nunca superou o trauma. Acredita que o pai nunca o perdoou e é por isso que não se consegue perdoar a si mesmo.*

Agora acho que entendo por que razão o brilhante Jay – que é capaz de *hackear* seja o que for, que está a fazer uma aplicação que tenho a certeza que o vai enriquecer – levou um chuto da faculdade.

Está a sofrer e agora sofro eu com ele.

Realmente não sei o que me dá. Tão depressa estou a meio metro de distância do Jay como estou colada ao peito dele. Corro os dedos para cima e para baixo nos braços dele numa carícia. No início, quero confortá-lo e segurá-lo, mas quando toco no Jay, a empatia começa a transformar-se em desejo. O meu corpo aquece e estou cheia de uma necessidade intensa de o beijar.

Movo a boca para a dele e, antes que me dê conta do que está a acontecer, os nossos lábios tocam-se. Sinto a resistência do Jay no início, mas um segundo depois a sua boca abre-se e as nossas línguas encontram-se. Ele puxa-me para o seu corpo. Os meus seios achatam-se contra o peito dele. Beijo-o com mais força e já não penso em nada. Estou perdida, desapareci completamente neste momento, completamente absorvida pela ternura e pela paixão.

*Estou pronta, digo a mim mesma. Eu quero isto. Eu quero-o.*

Logo quando acho que vamos arranjar um sofá ou uma cama, ou

esgueirar-nos até ao covil da cave e levar as coisas mais longe – e, que raios, eu quero, eu quero, quero mesmo –, a boca do Jay fecha-se com firmeza. Pressiona os lábios. Já não estamos a beijar-nos; é mais como se eu pressionasse inutilmente o rosto contra o dele.

Ele afasta-se. Sinto-me esmagada. Estou cabisbaixa e completamente confusa. Tenho a certeza de que estes sentimentos são evidentes.

– Lettie, não – diz o Jay, a voz suave transmitindo muita ternura. – Não podemos.

Estou para lá de morta de vergonha. Não sei como descrever este profundo sentimento de rejeição e constrangimento. Sinto-me tão estúpida e parva, com uns dois centímetros de altura. Gostava de poder sair desta sala num piscar de olhos, ou de ir para outra dimensão onde nunca tivesse tentado beijar o Jay Kumar. Quero falar, perguntar-lhe porquê, mas estou demasiado ocupada a morrer por dentro.

Felizmente, o Jay vem em meu socorro.

– Gosto de ti, Lettie. Gostava muito de te beijar.

Debato-me para não chorar. Não creio que a minha dignidade possa sofrer outro golpe.

– É a coisa da idade, não é? – pergunto-lhe, o tremor de regresso à minha voz. – Não estou assustada com isso. Tenho dezassete anos. Posso consentir e não terás problemas.

Nunca pensei, quando fui beijar o Jay, que haveria de me referir à idade de consentimento, mas aqui estamos.

Vou para beijá-lo de novo, mas os braços do Jay seguram-me. Normalmente, só desligo o interruptor do afeto quando sinto rejeição... ou então tento dar uma explicação. Uma nota má? A responsabilidade foi do professor. Não recebi alguma honra académica? A culpa é da organização estúpida. Não fui convidada para uma festa? Não queria ir, de qualquer maneira. Fui rejeitada pelo Jay Kumar? Tenta novamente. A última vez que eu estive tão determinada a conseguir alguma coisa foi quando quis um hámster.

– Não, não é a nossa diferença de idade – diz. – Gosto demais de ti para fazermos qualquer coisa, só isso. Não posso permitir.

Jay toca no meu braço de uma maneira que me faz acreditar nas suas palavras, mas continuo sem compreendê-las.

– Eu não entendo – digo. – Se gostas de mim, porque não?

O meu coração continua a trovejar no peito, mas tento fazer uma cara corajosa.

Jay dá um passo atrás. A sua expressão é ponderada.

– Conheces a história do sapo e do escorpião? – pergunta.

Definitivamente, *não* é para onde julguei que isto se poderia encaminhar, mas tudo bem, eu alinho.

– Não – digo. – Não conheço.

– Havia um rio muito largo para o escorpião atravessar – começa o Jay.

– O escorpião depara com um sapo, que pode chegar à outra margem sem dificuldade e pergunta se pode ir nas costas dele. O sapo não hesita em dizer não: «Vais picar-me», diz o sapo ao escorpião. Mas o escorpião garante ao sapo que não: «Se eu fizer isso, afogamo-nos os dois», diz o escorpião. O sapo pensa nisso e acaba por concordar em transportar o escorpião para a outra margem do rio. A meio do caminho, o sapo sente uma picada poderosa nas costas. O veneno faz com que as pernas do sapo parem de se mexer. Não tarda estão a afundar-se. «O que fizeste!», grita o sapo. «Agora vamos afogar-nos os dois. Porque fizeste uma coisa dessas?» O escorpião responde, enquanto morrem os dois: «É a minha natureza.»

O Jay dá um passo atrás, um sinal de que sua história está terminada.

– Acabou? – digo, sentindo um surto de raiva. – Essa história é terrível. Pobre sapo! O que estás a tentar dizer, que é da tua natureza picar como um escorpião?

O Jay sorri de uma forma que eu acho um pouco inquietante. Arregaça a manga da camisa fina para me mostrar o antebraço, no qual vejo uma tatuagem de tinta preta de um escorpião.

## Capítulo 18

Recorrendo à Escala de Vento de Furacões Saffir-Simpson, que determina a destrutividade dos furacões, Alex estimou que o ex-casal cujo divórcio ela estava prestes a mediar ficaria registado na categoria 3. E era uma coisa boa: os casos da categoria 5 não só causavam danos ao casal, como também faziam moessa ao mediador. Os advogados saíam-se sempre melhor quanto maior a força dos ventos, mas, para Alex, os honorários chorudos não valiam a sua sanidade mental.

O casal em processo de divórcio sentou-se frente a frente, os rostos péticos, cada um ladeado pelo respetivo advogado. Eram jovens e atraentes, algures na casa dos trinta, tinham dois filhos com menos de dez anos que em breve seriam submetidos às regras do plano parental, partindo do princípio de que seriam capazes de martelar um.

Alex começou com a sua apresentação habitual, feita de forma profissional, mas simpática, sem oferecer nenhuma pretensão de ser capaz de dissipar a melancolia.

– Obrigada pela vossa pontualidade. Estou confiante de que vamos ter uma boa sessão – começou por dizer. – Espero que todos tenham descansado bem.

– Não sei – respondeu o homem, com uma careta no rosto bonito. Inclinou-se para a frente para lançar um olhar fulminante à sua quase ex-mulher. – O teu namorado fez-te ficar acordada a noite toda?

Alex encolheu-se no seu íntimo.

– Isso é um grande «não ir por aí», Jarrod – disse ela em tom severo. – Podemos concordar em abster-nos de sarcasmos e comentários maliciosos, por favor? Todos?

Alex só continuaria quando recebesse acenos de confirmação de toda a mesa.

– Bom. Ainda bem que está resolvido. Abbie e Jarrod, antes de eu explicar em que vai consistir a sessão, deixem-me explicar-lhes o que ela não é.

Fez uma pausa para se certificar de que tinha a atenção de todos. De



certa forma, era como o teatro e Alex era uma atriz magistral, especialista em saber como representar para o seu público sem perder o guião.

– Este não é o lugar para exporem as queixas que têm. Não é um fórum para chamar nomes ou difamar. Não estamos aqui para provar um argumento nem para culpar um ou outro. Estou aqui para zelar pelos interesses de ambos e para facilitar o que é melhor para vocês, dada a sua situação. Não vão sair daqui com a sensação de que ganharam ou perderam. Não é assim que funciona. Este é um momento emotivo para os dois, mas peço-lhes que afastem a emoção enquanto estamos nesta sala. Podem sentir-se ressentidos, tristes, zangados ou tudo isto ao mesmo tempo. Tudo bem, mas precisam de se afastar para desabafar as frustrações e os sentimentos em privado com os respetivos advogados, porque não está certo fazê-lo aqui. Está claro?

Alex conseguiu provocar acenos subtis de ambas as partes. Era a sua primeira vitória do dia.

– Avançamos, sim?

Alex desconfiava que se casar fosse tão difícil como divorciar, ela estaria desempregada em poucos anos. Ao longo da sua carreira, ouviu uma infinidade de queixumes que efetivamente pertenciam ao consultório de um terapeuta. Emoções mais quentes do que uma sauna, rosários de queixas de onde pendiam as contas da desilusão.

*Ele está sempre a trabalhar.*

*Ela não considera a minha família nas férias.*

*Nunca fazemos sexo.*

*Ele não entende o significado da palavra orçamento.*

Esses casais estavam atrás da mesma coisa que todas as pessoas que vêm a este mundo precisam: ligação e aceitação. De certa forma, Alex odiava que o seu trabalho a colocasse no epicentro de tanta energia negativa, mas era também a sua vocação. Era uma espécie de bombeira, extinguindo conflitos aqui, ali e em todo o lado.

As duas horas seguintes foram surpreendentemente produtivas. Abbie e Jarrod concordaram com um cronograma de parentalidade – como lidariam com a maior parte das férias importantes, quem seria responsável pelas consultas médicas – e em alguns assuntos relacionados com a escola.

Quando se aproximavam do intervalo programado, Alex reparou que tinha perdido uma chamada do escritório de Nick. O marido nunca usava esse número para lhe ligar.

Alex iniciou a pausa cedo e correu para o escritório para retribuir o telefonema. O telemóvel dele foi para o atendedor de chamadas, portanto ela ligou para o número do escritório. O administrativo de Nick fez a ligação à linha dele.

– Olá, querido – disse ela –, estou agora a começar a minha primeira pausa. Vi que ligaste. Passa-se alguma coisa?

– Sim – disse Nick. – Não consigo encontrar o meu telemóvel. Por acaso não pegaste nele por engano quando saíste, hoje de manhã? Como as nossas

capas de telefone são parecidas...

Alex verificou a mala. E realmente, lá estava o telefone de Nick.

– Oh, amor, desculpa – disse Alex. – Acho que estava com muita pressa hoje de manhã.

Era verdade, pelo menos em parte. Sentira-se estafada, porque adormecera. Por mais que tentasse, não se lembrava de ter colocado um telefone na mala, muito menos dois. A sua única memória sólida dessa manhã era ter passado as garrafas de vinho vazias do caixote de reciclagem para o fundo do lixo, para ser menos óbvio.

– Tudo bem, não é nada de mais – disse Nick. – Ainda bem que está contigo. Mas eu preciso de um número de lá. Tenho de remarcar uma reunião com um cliente novo e pus o contacto dele no telemóvel.

– Não está sincronizado com a tua iCloud? – perguntou Alex.

Nick resmungou.

– Querida, eu não sei o que significa nada disso. O que é uma iCloud?

– Como é que podes ser tão inteligente e, no entanto...

– Não digas isso – disse Nick, finalmente colocando um toque de leveza na voz. – A minha iCloud é escura e tempestuosa, portanto, vai-me lá buscar o número, sim?

Deu-lhe a palavra-passe e Alex encontrou o número que ele procurava.

– Olha, já que tenho o teu telemóvel, nunca me chegaste a enviar aquela fotografia adorável que tiraste no outro dia à Zoe no quintal. Importas-te que a mande para mim?

– Força – disse Nick. – Tenho de ligar já a esse sujeito. Obrigado pela ajuda. Eu devia casar-me contigo.

– Tarde demais – disse Alex. – Já estou comprometida.

Desligou a chamada sentindo-se grata ou, pelo menos, extremamente confiante de que ela e Nick não eram nada parecidos com Jarrod e Abbie. O casamento deles não era perfeito – nenhuma relação o era –, mas os elementos fundamentais de uma união saudável estavam no lugar. Encontravam-se apenas num momento de indolência, só isso: uma fase passageira de desconexão, provavelmente desencadeada por receios do ninho vazio.

Abriu a aplicação das fotografias no telefone de Nick e começou a percorrê-las. As imagens, principalmente fotografias de família, desfocaram diante dos seus olhos, um caleidoscópio da sua vida com Nick. Estava tudo a passar demasiado depressa. Há muito que ela tinha abandonado qualquer arrependimento de terem ficado só com uma filha, mas com Lettie a ir-se embora em breve, algo ruía dentro de si. A sua tristeza parecia desproporcional para o que era uma parte necessária da vida.

*Criamo-los com raízes e asas. E no entanto...*

Alex acabou por localizar a fotografia de Zoe, mas outra coisa chamou a sua atenção. Hesitou por uma fração de segundo, antes de o dedo trémulo premir uma imagem que parecia deslocada.

Sentiu-se instável de pé. A sua visão desfocou-se, a respiração parou

vertiginosamente e sentiu um aperto forte no peito.

Fitando-a do ecrã, com um olhar sedutor no rosto, escassamente vestida com uma reveladora *lingerie* de renda preta, diretamente saída de uma revista para maiores de dezoito, estava nem mais nem menos do que Brooke Bailey.

## Capítulo 19

### Lettie

Faço o que qualquer rapariga de quase dezoito anos faria depois de ser rejeitada pelo tipo mais *sexy* do planeta. Recorro ao Google. A minha primeira pesquisa leva-me a artigos sobre como lidar com a rejeição – montes de conselhos inúteis para compreender que a rejeição dói (não me digam), cuidar de si próprio (dizer pequenas afirmações sobre como sou incrível – enfim), passar tempo com as pessoas que eu amo e *blá-blá-blá*.

Quase não comi desde que o Jay revelou ser uma espécie de aracnídeo predatório. Em retrospectiva, aquela tatuagem de escorpião parece terrivelmente conveniente, como se ele a tivesse feito só para poder usar aquela história parva do sapo para rejeitar delicadamente as raparigas.

A única coisa que sei com certeza é que ele não está interessado em mim como eu nele e que não teve coragem de me partir o coração. Isso torna o Jay ainda mais doce e gentil aos meus olhos, e faz-me querê-lo mais. Que marado, hã?

Desde então, cheguei à conclusão quase insuportável de que o Jay representa todas as pessoas de todos os tempos e que nunca ninguém me vai amar. Sou, pura e simplesmente, mal-amada e impossível de amar. O meu corpo não é sensual quanto baste. Não tenho genes suficientemente bons, o que tecnicamente torna este momento de profunda pena de mim própria culpa dos meus antepassados.

O que eu preciso é de alguém com quem me entregar à pena, alguém que entenda de facto a humilhação e a mágoa que se seguem à rejeição. Mas eu e os meus amigos afastámo-nos ainda mais, o suficiente para que a nossa conversa nas redes sociais esteja reduzida a memes rápidos e áudios do tamanho de um chilreio.

A Zoe está no meu quarto, portanto volto ao Google e escrevo:

– Os cães podem sentir rejeição?

Acontece que, quando sentem, enfiam o rabo entre as pernas e baixam as orelhas para tentar fazer-se pequenos, porque não querem sentir-se um fardo

para os seus donos. Isso é exatamente o que eu faria agora, se tivesse uma cauda. Quero ser pequena. Quero desaparecer, deixar de ser um fardo, deixar o mundo esquecer-se de mim.

Como isso não é realmente uma opção, deixo-me cair na cama e abraço a *Zoe*. Eu tinha lido que oferecer conforto aos outros era uma boa maneira de curar as nossas próprias feridas. Dou por mim a sussurrar à minha cadela:

– Sentes-te pequena como eu? Sentes-te insignificante e completamente só? Sentes tanta vergonha que queres morrer?

*Zoe* abana vigorosamente a cauda antes de me lambe a cara. O seu hálito cheira como se tivesse andado no lixo.

O meu plano de me vingar da Riley Thompson parece errado de todas as maneiras possíveis. Sim, ela atormentou-me na escola, entregou-me às autoridades no liceu, mas eu agora vejo que não sou o Jay Kumar. Ele está disposto a ir longe demais, a esforçar-se demais, porque é essa a sua natureza. Não é a minha. Eu simplesmente não tenho estômago para fazer mal às outras pessoas.

Que porcaria! Definitivamente, vou ter B no meu ensaio de psicologia. A questão era que eu me vingaria e escreveria um ensaio a matar usando conhecimento em primeira mão de como é a vingança. Mas aqueles malditos investigadores podem ter razão. Mesmo que a Riley mereça a desforra, tenho a certeza de que não me sentirei bem depois de lha dar.

Levanto-me da cama de mau humor, como sempre. Tenho estado mal-humorada todas as manhãs desde que passei pelo que agora considero ser o Pior Beijo de Todos os Tempos. Sei que estou a ser muito dramática, mas que assim seja.

A minha mãe tenta conversar comigo na cozinha antes da escola.

– Como estão a correr as aulas?

– Bem – respondo-lhe.

– Algum grande projeto para breve?

– Não – digo.

– Precisas de ajuda com as candidaturas à universidade?

– Não, obrigada – digo, porque sinto que esta merece uma mostra de gratidão.

– Há uma sessão via Zoom de um conselheiro de admissão à universidade e achei que podíamos assistir juntas. E eu quero mesmo essa lista de universidades para podermos organizar umas visitas. Estamos a ficar sem tempo, querida.

Quero dizer à minha mãe que tenho o coração partido. Quero partilhar o que aconteceu com o Jay e também o que eu vi a Riley fazer. Quero que ela saiba que estou tão cheia de arrependimento e constrangimento que posso ficar com uma úlcera ou uma doença cardíaca ou outra coisa horrível.

Em vez disso, digo:

– Sim, mais tarde envio-te uma mensagem com a minha lista atualizada.

– E vou para a escola sem um abraço de despedida.

A escola não é muito melhor do que em casa. Carrego um peso profundo, que faz a minha mochila parecer leve como um saco de penas. Sou uma *zombie* na maior parte das aulas, a repetir mentalmente o beijo atrapalhado, em vez de prestar atenção à instrução.

O meu cérebro continua a gritar comigo: *Porque não tentaste dar-lhe a mão primeiro? Ele podia ter-se afastado e agido como se nada tivesse acontecido. Ou aqui está uma ideia melhor, Lettie: Porquê fazer sequer um gesto? Se ele estivesse tão interessado em ti, teria feito alguma coisa a esse respeito! Miúda estúpida, estúpida, estúpida!*

Enfim. Às vezes os cérebros são uma treta.

Mando uma mensagem ao Jay durante o almoço. Eu sei que não devia, mas não consigo evitar.

*Podemos conversar?*

Ele manda uma mensagem de volta. *Lettie, tens de esquecer isto.*

*Eu só quero falar.*

*Não. Não devemos.*

*Porque és um escorpião?*

*Algo assim.*

Ele tem razão. Eu devia esquecer isto, mas no fundo eu sei que o Jay quer estabelecer uma ligação. Ele ainda está traumatizado com a morte do Asher. Quero que ele saiba que podemos ser amigos. Por isso, não me contenho, apesar de os meus instintos dizerem que devo.

*Só acho que seria bom se falássemos sobre as coisas. Talvez precises de te abrir com alguém. Quero que contes comigo.*

Pronto. Estou contente com isto. Não é insistente, mas também não me deixo ser empurrada para fora do caminho. Espero que quando estivermos juntos possamos falar sobre este meu (ou nosso) plano de vingança. Vou contar-lhe que a minha vontade mudou e que, embora nós sejamos diferentes, os opostos podem atrair-se.

Vejo três pontos. O Jay está a escrever em resposta.

*Lettie, eu não sou bom tipo. Não te quero magoar. Não me faças mostrar-te que sou capaz.*

Bem, esta dá-me arrepios.

*O que é que isso quer dizer??* Escrevo em resposta. *Ok, esquece.*

O Jay não responde, mas é claro que eu não posso esquecer. Ainda estou a tentar descodificar o significado enquanto subo aos tropeções até à casa de banho das raparigas no andar de cima. Infelizmente, vejo-me no espelho riscado, por cima do lavatório igualmente riscado. Tenho um aspeto horrível. Tez pastosa, bochechas inchadas, até uma borbulha! Não admira que o Jay tenha sentido repulsa. Viro depressa a cara ao ouvir um som vindo de uma cabine da casa de banho.

Alguém está aqui comigo e está a chorar. É um choro suave, um pouco sufocado, como se ela estivesse a tentar controlar-se. Quero incentivá-la a deitar tudo cá para fora.

Continuo no lavatório e acho que estou a ser muito silenciosa, porque a porta da cabine abre-se e de lá sai a misteriosa chorona. Pelo choque no seu rosto, tenho a certeza de que ela pensou que estava aqui sozinha. A minha expressão de choque diz que não pensei que fosse a Riley Thompson que estivesse escondida naquela cabina. Mas é certo que estou a olhar para a Riley de boca bem aberta.

A Riley cora enquanto funga. Sem uma palavra, afasta-se de mim e sai disparada da casa de banho.

Hesito. Devia deixá-la ir. Pode ser que o meu objetivo já não seja a vingança, mas a Riley está a trair o meu primo, e isso não me enche de compaixão.

Mal se foi embora, mudo de opinião. Afinal, ela é uma pessoa. Obviamente, está a sofrer com alguma coisa – provavelmente foi abandonada por um gajo qualquer na sua lista do Tinder. Não sou insensível e indiferente, apenas virei uma página (obrigada, Jay, por me abrires os olhos!), portanto decido ser fiel às minhas boas intenções e ir atrás dela.

Não tarda, encontramos-nos no cimo das escadas.

– Queres companhia? – pergunto.

Riley desvia-se do meu olhar, mas não diz para me pôr a andar.

Entretanto, estou a pensar no Dylan, em como ele ficaria destroçado se soubesse o que eu sei.

– O que se passa, Rye? Estás bem?

Obviamente que não, mas temos de começar por algum lado.

– Sim, sim, estou bem, desculpa – diz a Riley, olhando finalmente para mim. Não parece nada bem quando limpa os olhos com a mão. – Estou só a lidar com algumas coisas.

É aqui que eu podia ter dito «Okay» e seguir em frente com o meu dia, deixando a Riley com o seu tormento privado, mas de volta à minha nova folha.

– Fala comigo, sim? – imploro. – Deixa-me tentar ajudar.

Não são tretas. Eu preocupo-me *mesmo*. Até pego na mão da Riley enquanto a puxo para longe da escada. Caminhamos juntas pelo corredor até nos depararmos com um pequeno recanto onde podemos conversar em privado.

Sentamo-nos no chão, sem dizer nada durante um ou dois minutos. Depois chegam as lágrimas da Riley e, com elas, soluços que honestamente me rasgam o coração. Ponho o braço à volta do ombro dela e deixo-a chorar. Acabo por lhe arranjar uns lenços que a minha mãe está sempre a enfiar na minha mochila. A Riley assoa o nariz e deixa-me estupefacta.

– O meu pai não é o meu verdadeiro pai – diz-me.

## Capítulo 20

Na cave, Alex recuperou um caixote do lixo de plástico com a etiqueta manuscrita: HALLOWEEN. Teve de vasculhar um monte de materiais da festa do quarteirão para chegar à caixa que queria.

Era uma confusão ali em baixo, com caixas de arrumos e sacos de plástico espalhados. Fez uma promessa a si mesma de se livrar de parte do excesso. Ninguém precisa de dois sacos cheios de toalhas de mesa para uma festa. Que uma família de três pessoas pudesse acumular tantos bens, o suficiente para atingir o limite do espaço de armazenamento de uma casa extensa, era uma fonte de perplexidade e frustração.

O caixote de que ela precisava estava cheio de teias de aranha falsas, umas abóboras decorativas assustadoras, uma bruxa a pilhas com olhos verdes brilhantes e outros acessórios macabros da festividade. Lettie tinha perdido o interesse em celebrar o Halloween nos últimos anos, mas Alex não podia deixar passar a tradição. Não era a única coisa a que se agarrava nos dias que corriam.

Nas últimas três noites, tinha ido para a cama a pensar naquela fotografia de Brooke seminua, que encontrou no telefone de Nick e, todas as manhãs, era incapaz de trazer o assunto ao marido. Não acreditava que Nick pudesse ser o perseguidor de Brooke, mas também não conseguia descartar completamente essa ideia. Era *sempre* o marido que se envolvia nalguma traição diabólica naqueles documentários de crime real: o sujeito aparentemente bom que faz as coisas mais vis quando acha que ninguém está a ver.

Enquanto Alex carregava o caixote pelas escadas acima, ouviu a porta da frente fechar-se. Nick devia estar em casa.

Estava na hora, decidiu. Tinha pensado o suficiente naquilo e ia enlouquecer se não o confrontasse diretamente.

Pousou a caixa na entrada, para onde iria a maior parte das decorações. Depois foi para a cozinha, onde pegou no copo de vinho que já tinha servido. Bebeu o álcool, alimentando a sua determinação.

Alex ofereceu uma oração muda ao universo para que Nick tivesse uma maldita explicação para aquela fotografia. Dado o estado da sua vida e



daquele bairro – os medos de Emily sobre Ken e Mandy, a vibração ameaçadora de Samir, os problemas de Willow com Evan, a sua filha a desaparecer –, Alex não tinha a certeza se podia aguentar muito mais.

Nick entrou na cozinha parecendo muito menos vivaço do que quando tinha saído de casa, horas antes.

– Dia difícil? – perguntou Alex.

– Pode-se dizer que sim – disse Nick, passando as mãos pelo cabelo grosso. – O que é o jantar? Estou estafado. – Abriu o frigorífico.

– Comida feita – respondeu Alex. – Vou fazer as decorações hoje à noite.

– Porquê? – perguntou Nick. – Não passámos já essa fase? Estava a pensar que podíamos deixar uma tigela de doces lá fora e ir ao cinema.

– Não podes fazer isso! – disse Alex. – Estamos em Alton Road, a rua de topo de Meadowbrook em matéria de «doce ou travessura». Não podemos decepcionar assim as crianças.

– Não queres é decepcionar os seus pais e ser o falatório da cidade. «Os Foxes furaram o Halloween: o que se passa com eles?» – disse Nick em tom de escárnio. – Tenho razão?

Alex revirou os olhos, bebendo o seu vinho como se fosse limonada.

– A que sabem os doces da mamã esta noite? – perguntou, enquanto Alex enchia o copo.

Ela lançou-lhe um olhar zangado.

– O que é que isso quer dizer?

Nick remexia a gaveta onde guardavam todos os menus de entregas de comida.

– O vinho pode ser o teu prato principal, mas acho que eu preciso de um pouco mais que isso. Chinês? Há muito tempo que não como arroz frito.

– Chinês está bem. Mas vais ser juiz no Halloween?

– Não acho que esteja a julgar. Estou mais a ser factual.

– Não há nada de errado com beber vinho depois do trabalho – disse Alex.

– Um pouco de vinho está bem, mas parece que passaste *largamente* o pouco nos dias que correm.

– Sinceramente, não gosto da tua insinuação, especialmente quando não fiz nada de errado – disparou. – Estou a cuidar de tudo por aqui, incluindo as candidaturas da Lettie à universidade, em que realmente te podias envolver mais.

– Não estou a dizer que és incompetente – disse Nick. – E eu sei que fazes mais do que a tua quota-parte. Tenho reparado que há muitas garrafas de vinho no caixote da reciclagem, só isso.

*Merda.* Alex lamentou não as ter escondido mais cedo. Ela sabia que Nick pensaria o pior. Se o negócio de Alex lhe ensinou alguma coisa, foi que a distância emocional e física criava muito espaço para voarem acusações.

– Na verdade, tu é que devias estar a defender-te – disse Alex. – Tenho

estado para te perguntar o que tens feito nos teus «longos dias de trabalho». Alguma hipótese de alguns deles envolverem a nossa vizinha *sexy*, Brooke Bailey? – O seu olhar poderia transformar um homem em pedra.

– De que raios estás a falar? – praticamente gritou Nick. – Credo, Alex. Andas mesmo a beber demais! O que poderia dar-te uma ideia dessas?

Alex tinha-se preparado para aquela reação. Qualquer cenário que tivesse evocado na preparação para este confronto terminava com ele a ficar na defensiva. Mas que defesa poderia ter? Pelo menos a imagem no telemóvel não parecia do tipo de um perseguidor, algo tirado pela janela ou apanhado através de uma câmara escondida. Não, aquela fotografia era tão de pose como era provocadora.

– O que poderia dar-me uma ideia dessas? – refletiu Alex em voz alta. – Hmm... que tal fotografias *sexys* da Brooke Bailey no teu telefone? Terias de ser muito próximo e íntimo dela para conseguir uma fotografia daquelas.

Num piscar de olhos, a expressão de Nick, toda a sua atitude, suavizou e relaxou.

– Ah, agora entendo. Nem me passou pela cabeça, mas se eu visse uma imagem dessas sem qualquer explicação também pensaria o pior.

– E só para que saibas, eu não estava a bisbilhotar – disse Alex. – Deste-me a palavra-passe quando levei o teu telemóvel por engano. – Omitiu intencionalmente a parte sobre estar de ressaca quando cometeu esse erro. – Então, gostas dela? Passa-se alguma coisa entre vocês? – A voz dela tremeu.

– Não... não, de maneira nenhuma. Nem sequer nos falamos.

– Bem, andas atrás dela?

Nick riu-se.

– Deus do Céu, achas sinceramente que sou eu o tipo arrepiante que persegue a Brooke?

Naturalmente, Alex partilhou a revelação surpreendente de Brooke na manhã a seguir à festa. Um perseguidor no bairro era, pura e simplesmente, importante demais para guardar segredo.

Nick parecia magoado, e talvez com razão.

– Não – disse Alex. – Nem por isso.

– E que tal «de maneira nenhuma» – disse Nick. – Realmente, calhava-me bem um pouco mais de convicção da tua parte. Olha, eu entendo: A mais B é igual a «o meu marido amoroso e dedicado é um perseguidor enlouquecido», mas querida, esperava que me tivesses em melhor conta.

– Bem, como é que essa fotografia foi parar ao teu telefone? – perguntou Alex.

– O Ken mandou-ma – disse Nick.

– O Ken?

– Sim. Evidentemente, ele encontrou-a num *site* chamado OnlyFans.

Alex conhecia a plataforma de rede social, não muito segura para trabalho, onde as pessoas vendiam material sexualmente explícito, mas nunca tinha visitado o *site*.

– Acho que a Brooke tem uma base de fãs bastante grande – continuou Nick. – Pelo que sei, é uma excelente fonte de rendimentos para os melhores talentos e, no meu entender, a Brooke é livre para fazer o que quiser.

– Então, como é que o Ken conseguiu a fotografia?

– Ele usa o *site*... desculpa dizer... e a encontrou-a lá.

– O Ken usa um *site* de conteúdo pornográfico?

O rosto de Nick dava a entender que ela estava a ser ridiculamente ingénua.

– Ele é meu cunhado – protestou Alex.

– Tecnicamente, meu também – disse Nick.

– E tu? Usas esse *site*?

– Não, querida. Gosto das minhas mulheres um pouco mais acessíveis.

– Espero que não *demasiado* acessíveis.

– Que tal eu gostar delas casadas comigo.

– Pediste ao Ken para ver as fotografias dela? Ficaste curioso?

– Não, de maneira nenhuma. No nosso último jogo de póquer, o Ken anunciou que tinha enviado algumas fotografias para mim. Tudo o que ele disse foi: «Prepara-te para seres surpreendido». E lá surpreendido fiquei. Honestamente, pensei que tinha apagado todas.

– Porque não me disseste?

Nick agiu como se não tivesse feito nada de errado.

– É um assunto dela, não meu nem teu. – Ergueu as sobrancelhas.

Não era uma acusação, mas foi assim que Alex o entendeu: ela estava a ser muito intrometida e excessivamente envolvida nos assuntos dos outros. Não era justo. Ela não *pedia* às pessoas que fossem ter com ela com seus problemas – o divórcio de Willow, o relacionamento de Emily com Ken –, mas elas iam.

É verdade, talvez ela estivesse a imiscuir-se na vida de Mandy sem ninguém lhe pedir, mas, pela sua experiência, onde havia fumo, havia fogo.

– E eu nem sequer queria as fotografias. Não tenho desejo nenhum de ver a Brooke em pelota e, tal como eu te disse, pensei que as tinha apagado todas. Lamento, querida, mas realmente, se eu tivesse coisas a esconder, não te teria pedido que fosses ver o meu telefone.

A lógica de Nick era sólida. Alex sentia-se pequena e palerma – e provavelmente era essa a sua aparência, especada no meio da cozinha, os braços pendurados frouxamente ao lado do corpo.

– Tu sabes que as coisas entre nós têm estado distantes há algum tempo – disse ela – e ver essa fotografia... bem, acho que não pude deixar de pensar o pior.

Nick pegou na mão de Alex.

– A única coisa que me interessa é que acredites em mim, querida – disse ele, sustendo o olhar dela. – E sei que temos estado um pouco desconetados ultimamente. A suspensão da Lettie, a ida dela para a faculdade, o nosso stresse habitual no trabalho, pagamos a fatura de tudo isso. E admito

que fui um pouco duro na forma como critiquei a tua bebida, mas, Alex, acho que está a tornar-se um problema. Tu devias realmente tentar cortar no álcool. Não te faz bem à saúde e dá uma má mensagem à Lettie.

Alex assentiu.

– Sim, talvez esteja a servir um pouco de muleta – disse ela. – Vou aligeirar um pouco.

Nick largou a mão dela para poder segurar-lhe suavemente os ombros. No seu toque, ela sentiu a sinceridade do seu amor.

– E lembra-te de que é melhor ter uma conversa embaraçosa do que engolir as coisas durante dias seguidos.

Alex olhou para ele de lado.

– Andaste outra vez a ler os meus livros de autoajuda?

Nick retribuiu com um sorriso e voltou a beijar-lhe o topo da cabeça.

– Eu percebo – disse ele. – Percebo mesmo. Foi a tempestade perfeita para um mal-entendido. Mas está acabado. Combinado?

– Vais apagar a fotografia da Brooke? – perguntou Alex, mais uma exigência do que um pedido.

– Será um prazer – disse Nick. Procurou a imagem suspeita e apagou-a com gosto exagerado.

Depois, Alex caiu nos seus braços.

– Eu entendo por que razão os homens querem olhar para ela. A Brooke é tão bonita e *sexy* e eu sou tão, tão... – Não conseguia encontrar as palavras.

Nick veio em seu socorro.

– Perfeita – disse ele, puxando-a para mais perto, segurando-a com mais força. – És perfeita para mim.

E ela acreditou nele. Nick beijou-a ternamente, desta vez nos lábios. As suas bocas abriram-se quando o beijo se intensificou, permitindo que uma onda de desejo perpassasse Alex.

Nick saiu para ir buscar a comida chinesa. Iria demorar algum tempo, por isso Alex também saiu, deixando *Zoe* para trás. Não ia dar um passeio descontraído. Ia ter uma pequena conversa com Brooke Bailey.

## Capítulo 21

Brooke veio à porta da frente com um roupão rosa de pelúcia. Tinha o cabelo solto, com ar despenteado, mas estava linda como sempre. Alex perguntou-se o que teria por baixo do robe. Estaria a interromper outra sessão de fotografias?

– Olá. – Brooke ofereceu um sorriso luminoso, definitivamente pronto para a câmara. – Que surpresa agradável. Tudo bem?

Alex não aparecia em casa de Brooke, portanto a pergunta fazia sentido.

– Sim, está tudo bem... mas tens um minuto para conversar?

– Claro que sim. – Brooke fez sinal a Alex para entrar na sua casa espaçosa.

Alex tinha estado dentro da casa de Brooke em várias ocasiões, mas era sempre um pouco doloroso ver como uma viúva sem filhos vivia, especialmente tendo Alex acabado de visitar a superabundância de tralha a criar pó na sua cave.

O verdadeiro problema era que Brooke tinha um gosto impecável: um olho de decorador, ou pelo menos o orçamento para pagar a um profissional de alta qualidade. Cada divisão tinha uma sensação funcional, mas a interação de materiais, formas, padrões e texturas produzia um fator de espanto visual quase tão invejável como as curvas de Brooke.

As paredes estavam adornadas por fotografias de Brooke e Jerry a viajar pelo mundo na sua lua-de-mel aparentemente ininterrupta, juntamente com peças de arte que poderiam ter sido compradas na Sotheby's. Algumas fotografias incluíam Emily e Ken, que muitas vezes passavam férias com Brooke e Jerry.

A amizade de Ken e Jerry remontava à infância e era quase tão chegada como o vínculo que Alex partilhava com a irmã. As boas vibrações entre os maridos nunca chegaram bem a estender-se às mulheres. Alex perguntou-se se a distância entre elas teria que ver com a natureza distante de Brooke ou com a tendência de Emily para o ciúme. Provavelmente uma mistura das duas, calculou.

Era difícil imaginar Brooke a fazer algo de mal a Jerry, quanto mais

atirá-lo de um navio de cruzeiro, especialmente depois de ver a maneira como ele era reverenciado em sua casa. Mas os rumores eram generalizados e os incendiários adoravam assistir aos seus próprios incêndios. Alex perguntou-se até que ponto Brooke tinha sido honesta na noite das raparigas.

Pôs esses pensamentos de lado. Tendo já tirado conclusões precipitadas sobre Nick, Alex não precisava de cometer novamente esse erro.

– Posso preparar-te uma bebida? – perguntou Brooke quando chegaram à espaçosa cozinha arejada, que provavelmente nunca tinha visto um salpico de molho de esparguete. – Talvez um pouco de vinho?

– Adorava, obrigada – disse Alex. Claro que ela tinha feito uma promessa a Nick, mas era apenas de reduzir a bebida, não de parar completamente. Portanto, não viu problema nisso.

Brooke serviu dois copos.

– Então, o que se passa? – perguntou Brooke. – Tens a certeza de que está tudo bem? Pareces preocupada com alguma coisa.

Alex não mediu as palavras.

– Eu sei do teu negócio paralelo num *site* para adultos – começou ela. – É uma longa história, a maneira como descobri, mas o Nick tinha uma fotografia tua, que o Ken lhe enviou. Eu não estou a fazer juízos de valor, sinceramente, não estou, mas achei que devias saber, dada a tua situação com o perseguidor e o nosso bairro mexeriqueiro, que isto está a circular pela rua, talvez mais perto de casa do que seria tua intenção.

Se a revelação de Alex a angustiou, nada disso ficou registado no rosto de Brooke. Bebeu o seu vinho, indiferente, como se Alex estivesse a falar do tempo.

– É só isso? Meu Deus, Alex, deixaste-me preocupada. – Um brilhinho bailou nos olhos castanho-escuros de Brooke, transmitindo que a preocupação era apreciada, mas bastante desnecessária. – És um amor por te preocupares. Adoro. Mas não te preocupes comigo, nem um pouco. Eu não estaria a pôr fotografias minhas lá fora se não quisesse que as pessoas olhassem para elas. Só estou chateada por o Ken ter partilhado algumas. Dessa forma, eu não recebo dinheiro.

Alex sentiu-se protetora, e não foi pouco, de Emily, que certamente não aprovaria que o marido cobiçasse a vizinha e ex-companheira de viagem.

– Eu não vou contar à minha irmã que o Ken usa o *site*, mas tu ouviste-a na noite de raparigas. Ela quer contratar um detetive privado. Portanto, isso pode surgir e eu queria alertar-te para o caso de haver algum revés – disse Alex. Só podia imaginar a reação de Emily se descobrisse: qualquer coisa entre a angústia e a fúria.

Brooke afastou qualquer preocupação.

– Não estou preocupada e, sinceramente, isso é entre a Emily e o Ken. Não sou responsável pelo que nenhum dos meus fãs faz.

– Eu entendo – disse Alex. – Mas continuo preocupada com a reação da Emily.

– Ela é uma menina crescida – disse Brooke. – Confia em mim, ela vai lidar bem com isso. Vou só lembrar-lhe que é trabalho, não pessoal.

Alex não discordava, mas agora perguntava-se até que ponto seria lucrativo o biscate de Brooke. Bebeu mais vinho. Brooke foi rápida a servir mais. Alex lembrou a si mesma que começaria a cortar no álcool no dia seguinte.

– Só por curiosidade – disse Alex com alguma apreensão –, como é que entraste nesta área de trabalho? É um bocado... é pouco convencional.

A boca de Brooke subiu muito ao de leve.

– Também o *striptease* – disse ela, rasgando o sorriso.

– É justo – disse Alex. – Mas disseste-nos que isso foi há muito tempo.

– E foi – disse Brooke. – Honestamente, sou uma profissional de *marketing* bem vestida no meu trabalho diário. Mas deparei com uma reportagem sobre o OnlyFans e mal podia acreditar na quantidade de dinheiro que as pessoas estavam a ganhar: o suficiente para se tornar um trabalho a tempo inteiro para muitos modelos. Espreitei o *site* e pensei: *Bem, eu devia entrar na ação.*

– E... estás a sair-te bem? – perguntou Alex.

– Melhor do que possas imaginar – disse Brooke. – Olha, se quiseres, posso mostrar-te como se faz. Montei um estúdio fotográfico no antigo escritório do Jerry e contrato um fotógrafo sempre que preciso. É fácil de fazer e vais acumular dinheiro. É, sem dúvida, mais divertido do que passar o dia todo a ouvir os problemas conjugais das pessoas.

– Eu? Uma modelo nua? – Alex corou.

– A roupa interior também funciona, ou um fato de banho. Caramba, até podes usar calças de ganga e uma gola alta, mas não esperes quantias chorudas por isso.

Brooke riu-se, mas Alex não se juntou a ela. Ainda estava a pensar no trabalho.

– Acho que as pessoas não pagariam dinheiro para olhar para mim, fosse com que roupa fosse, reduzida ou não – disse ela.

Brooke desdenhou da depreciação de Alex sobre si mesma.

– Vá lá, então. És absolutamente linda, tens uma ótima figura e o Nick sabe a sorte que tem por te ter. – Brooke levou o copo de vinho aos lábios e bebeu. – Não sei bem se podemos dizer o mesmo sobre o Ken e a Emily.

– O que queres dizer com isso? Sabes alguma coisa que eu deva saber? Isto é, mais do que o Ken ter fotografias tuas.

Uma enxurrada de perguntas atingiu Alex. Havia algo mais entre Ken e Brooke? Brooke tinha visto alguma coisa entre Ken e Mandy?

Antes que tivesse oportunidade de fazer mais perguntas, o telemóvel de Brooke vibrou na bancada da cozinha com uma mensagem recebida. Um olhar para o ecrã pôs uma expressão sombria no rosto de Brooke.

– Parece que não estamos sozinhas – anunciou.

– Como assim? – perguntou Alex.

Brooke mostrou-lhe a mensagem.

*Quem está em casa contigo?*

O sangue de Alex enregelou. Girando para enfrentar uma parede de janelas altas, olhou para uma escuridão impenetrável mais além.

– É... é... o...? – Não conseguiu dizer o resto.

– Sim e sim – disse Brooke sem se assustar. – O meu perseguidor.

– Ó meu Deus! – disse Alex entre dentes, saltando do seu banco. – Ele está aqui. Lá fora? Brooke, temos de chamar a polícia.

Brooke mal reagiu.

– Já estou habituada. Já te disse. Ele é inofensivo.

Embora Brooke parecesse confiante, Alex não engolia isso.

– Como podes ter tanta certeza? Ele está a observar-nos. Neste preciso momento!

O coração de Alex bateu na sua garganta. Sentia as pernas bambas, sob o peso do corpo. Estaria perto? Estaria do lado de fora da janela?

O choque e o medo atravessaram Alex como ondas de corrente elétrica.

– Se isso te faz sentir mais segura, levo-te a casa. Não é a primeira vez que ele está no nosso bairro, e não será a última. Só quer saber de mim. Ninguém mais importa para ele. É obcecado por mim, por algum motivo.

– Obrigada pela oferta, mas eu não me sentiria à vontade sabendo que *tu* vinhas sozinha para casa. Vou pedir ao Nick para me vir buscar.

– Como te sentires mais à vontade – disse Brooke. – Mas não tens nada com que te preocupar. Já há algum tempo que lido com este sinistro. Ele é como todos os homens da minha vida atualmente. Pode olhar, mas não pode tocar.



## Capítulo 22

### Lettie

Não tocava à campainha da Riley desde o ensino básico, na altura em que lhe queria torcer o gasganete. Há dez minutos, ela enviou-me uma mensagem. Eu não sabia que ela ainda tinha o meu número de telefone, mas de repente está a mandar-me mensagens, a pedir para falar de uma coisa «importante». Dá para adivinhar qual é o tema que tem em mente.

Fico à espera que venha alguém atender à porta, a pensar que raio é que a Riley acha que posso fazer para ajudar. Tento pôr-me no lugar dela, imaginando como seria descobrir tão tarde que o meu pai não era meu pai. Bem, acho que é um pouco injusto. Ele ter-me-ia criado e tudo isso, portanto acho que o ADN não deve negar anos de esforço digno de nota. Mas ainda assim, eu entendo: há uma certa identidade que advém de saber *exatamente* qual é a nossa origem.

Nunca soube a história completa de como ela descobriu. A campainha tocou no dia em que ela me confidenciou e fomos rudemente interrompidas por chusmas de estudantes que entraram no nosso espaço. Tenho curiosidade em saber mais desde então, mas não o suficiente para a abordar.

Agora que estou em casa dela, ocorre-me o pensamento de que vamos buscar as Barbies como antigamente e usá-las para interpretar o confronto iminente com os pais dela.

Evan, o pai não biológico, abre a porta. A sua camisa de ganga azul, combinada, com estilo, com calças de ganga pretas, está desabotoada e eu vejo Evan Thompson demais para o meu gosto. Tem os olhos bordejados a vermelho e com veios de sangue. A barba por fazer não consegue esconder a sua tez pálida. Em suma, está bonito como sempre, mas um bocado desgastado, como um tipo que devia ter saído da discoteca há horas.

Tem um copo de vidro na mão, com um quarto de líquido castanho que cheira a fluido de isqueiro. Ocorre-me fugazmente que Evan tenha um abastecimento de drogas em casa que ajuda a alimentar o hábito da Riley. É algo que eu teria discutido com o Jay se estivéssemos a conversar ou a trocar

mensagens. Não comunicamos desde a nossa última troca estranha de mensagens.

*Eu não sou bom tipo. Não te quero magoar. Não me faças mostrar-te do que sou capaz.*

Continuo sem saber o que ele quis dizer com isso. Era uma ameaça contra mim, ou será que ele faria mal a alguém de quem gosto para marcar uma posição? Seja como for, nem isso me desmotiva completamente e acho que pode ser mais um problema para o meu futuro terapeuta resolver.

– Lettie – diz Evan, claramente surpreendido por eu estar ali. Não abre espaço suficiente para eu entrar sem ter de passar tão perto que sinto o cheiro a álcool no seu hálito. Infelizmente, o odor faz-me pensar na minha mãe.

– A Riley está no quarto dela – diz-me. Apesar de terem passado anos, ele sabe que conheço o caminho. – Como tens passado? – pergunta.

– Bem – digo, esperando que essa seja toda a extensão da nossa conversa.

Eu sempre gostei do Evan, ou pelo menos ele sempre foi fixe comigo, e é em parte por isso que me sinto tão pouco à vontade por saber esse segredo sobre ele.

Galgo os degraus. A porta do quarto da Riley está fechada. Entro sem bater.

– Obrigada por me deixares sozinha com o teu pai – digo com sarcasmo. – Põe embaraçoso nisso.

O quarto não é nada como eu me lembrava. Costumava ser cor-de-rosa e cheio de coisas fofas. Agora é azul e tem muito mais espelhos.

– Desculpa lá – diz-me do seu assento a uma mesa num canto da sala, que em tempos foi uma montanha de animais de peluche. O seu rabo-de-cavalo balança de um ombro para o outro quando ela se levanta da cadeira, não para me dar um abraço, mas para fechar a porta.

– Ia ter contigo lá baixo, mas tenho evitado o meu pai, e ele chegou lá primeiro.

– Achas que ele sabe que tu sabes? Será que *ele* sabe?

De certeza de que poderia ter sido mais sensível na forma como formulei as minhas perguntas, mas não estamos aqui para brincar às bonecas.

– Não às duas perguntas – diz Riley. – Mas acho que vai descobrir.

– Como assim?

– A minha mãe vai dizer-lhe.

Deixo-me cair num pufe turquesa, que se desloca sob o peso do meu corpo, enquanto a Riley se empoleira na beira da cama.

– Porque é que dizes isso? – pergunto.

O meu olhar dispara pelo quarto. Não posso deixar de me perguntar o que aconteceu aqui: se a Riley e o Dylan fizeram a coisa na sua cama, se ela tem comprimidos escondidos na gaveta da secretária, ou talvez bilhetes de amor do seu rapaz secreto de brincadeiras, embora eu desconfie que esses viriam principalmente por SMS.

– Agora estão *sempre* a discutir – diz-me ela.

– *Estão* a divorciar-se – digo. – Se calhar não é muito bom, estás a ver, que continuem na mesma casa, não?

– Tu achas? – diz a Riley enfaticamente.

Tem um ar profundamente triste e eu tenho pena dela como nunca tive. O que posso dizer? As emoções são confusas.

Por um lado, quero insultar as suas escolhas, mas agora que vi o seu lado vulnerável, acho que o meu juízo de valor amoleceu. Claro que ela é a minha antiga *bully*, com a boa aparência de uma *cheerleader* e uma popularidade de fazer inveja, mas acho que estamos todos a apenas um segredo de nos sentirmos alienados.

– Preciso da tua ajuda para uma coisa, mas antes tenho uma confissão a fazer. – A Riley aclara a garganta como se estivesse prestes a anunciar alguma coisa. Depois: – Fui eu... Sou a pessoa que te identificou como sendo a vândala da escola. Sou a razão pela qual foste suspensa no ano passado.

Ela parece arrependida, mas uma vez vi-a numa peça da escola e ela era uma ótima atriz. Independentemente disso, continuo com um ar de surpresa, mas isso é por ela ter, de facto, admitido isto... a falsa.

– Eu não devia ter feito isso – continua. – Não queria causar-te problemas.

– Bem, o que é que *pensaste* que ia acontecer? – pergunto, a testar.

– Sei lá – admite. – Acho que não pensei, ou pelo menos não pensei em ti.

Bem, esta pica, mas consegui a minha atenção.

– Está bem – digo. – Então, porque é que me estás a contar isto tudo?

– Estou a tentar pedir desculpas, Lettie, está bem?! – Aparecem manchas vermelhas nas bochechas lisas de porcelana da Riley. Acho que ela pode chorar.

– Ajuda se usares a palavra desculpa – sugiro.

– Desculpa – diz Riley, e o seu olhar cai no chão.

Deixo a Riley a marinar no seu desconforto durante um minuto de silêncio e depois resgato-a... mais ou menos.

– Se vamos ser completamente honestas, eu já sabia.

Riley anima-se com surpresa.

– Como? – pergunta.

Não vou vender o Dylan para provar o meu argumento, por isso adoto uma abordagem diferente.

– A única característica distintiva na imagem publicada era a marca de nascença que tenho no pulso. Nunca ninguém comentou isso, além de ti. Não tinhas uma única marca no corpo quando éramos pequenas, e continuas sem ter, portanto, tinhas uma invulgar fixação nela. Calculei que te tivesse chamado a atenção.

A Riley parece impressionada, como se estivesse na presença de um grande detetive.

– Mas voltemos à questão. Porque é que me denunciaste?

Um suspiro profundo sai da boca da Riley, como se quisesse ver-se livre de todos os sentimentos maus, embora a sua expressão culpada se mantenha.

– Eu queria uma referência do professor Giuseppe para a universidade.

Arqueio as sobrancelhas.

– O vice-diretor Giuseppe?

– Sim, ele é muito avarento em matéria de referências. Achei que, se lhe desse o vândalo, ele me poderia dar uma recomendação.

A sua desculpa esfarrapada arranca-me uma expressão sarcástica.

– Sacrificaste-me no ensino básico pela tua popularidade e fizeste-o novamente no liceu, por uma referência, logo isso. Pelo menos estava a defender uma causa. Tu só pensas em ti... e sempre pensaste.

– Desculpa – diz a Riley, com voz suplicante. – *Sinceramente*.

– Sabias que ainda tenho dores de barriga quando ouço a palavra *loony*? E tenho um medo irracional de alarmes de cada vez que saio de uma loja. Tu foste horrível para mim, Riley, absolutamente horrível.

– Eu sei... Eu sei – diz ela, mostrando-se genuinamente contrita. – Peço muita desculpa, Lettie. Eu era uma miúda e estúpida.

– Não eras assim tão miúda quando me identificaste como sendo o vândalo. – Imito o gesto de usar tinta em *spray* numa porta imaginária da escola.

A Riley não sabe o que dizer a isto. Quero contar-lhe como estive perto de dar luz verde ao Jay para partilhar as fotografias dela e do Gajo do Chapéu, mas prevalece o meu melhor discernimento.

– Estou a pedir uma segunda oportunidade – implora Riley.

– Traíste-me duas vezes. Porque é que eu haveria de te dar oportunidade de o fazeres novamente? – contraponho, semicerrando os olhos para ela. – Enfim, mais importante do que isso, porque é que o fizeste? Não o grafíti, isso eu entendo. Estou a perguntar porque é que te tornaste uma cabra furiosa para mim no básico? Éramos amigas! As melhores amigas!

A Riley tira um momento para reunir os seus pensamentos, como se estivesse a compor-se para uma grande confissão. Mais uma vez, o olhar dela abaixa para evitar o meu.

– Eu tinha ciúmes – diz ela.

Olhos arregalados transmitem o meu espanto.

– Ciúmes de quê? De mim? – Aponto para mim e dou uma risada incrédula. – Eu não tenho o teu dinheiro, a tua aparência, os teus amigos. Do que é que tinhas de ter ciúmes?

– Da tua família – diz Riley. – Tu, a tua mãe, o teu pai, eram todos tão... perfeitos. Os meus pais... eles estavam sempre a discutir. Era só infelicidade à minha volta... e continua a ser. Acho que agora já estou habituada, mas naquela altura eu *odiava*... todos os minutos.

Volto mentalmente às nossas brincadeiras, evocando ecos das discussões ruidosas que evidentemente atormentavam a Riley.

Tem os olhos raiados de lágrimas: criptonite para as minhas defesas.

– Eu só queria o que tu tinhas: uma família feliz e normal – diz ela, com a voz embargada.

Embora ela tenha habilmente tocado o meu coração, continuo magoada e com raiva.

– Isso não faz sentido – digo-lhe. – Tu querias o que eu tinha, portanto, trataste-me como porcaria? Como é que isso poderia resultar? A única coisa que fez foi destruir a nossa amizade e fazer-nos infelizes às *duas*.

– Foi uma infantilidade e uma estupidez da minha parte, eu sei – diz Riley.

Um suspiro forte liberta a maior parte dos meus sentimentos maus. Seja como for, de que serve ficar a matutar neles?

– Tenho muita pena que estejas a passar por isto – ofereço, depois de um breve silêncio.

A Riley descarta as suas aflições com um encolher de ombros.

– É o que é. – Isto pode ser sábio, ou mundano ou uma tática para se esquivar.

– Tens a certeza que...?

Não preciso de terminar o pensamento, porque a Riley está a acenar enfaticamente.

– Fiz um teste de ADN – conta. – Do tipo que procura antepassados e cenas assim.

A Lettie sem filtros diria algo sarcástico como: «Por contraste com o teste de ADN que revela qual é o teu animal espiritual?» A Lettie sensível mantém a boca fechada.

– O que te levou a fazer isso? – pergunto.

– A Teagan estava a fazê-lo com a mãe por diversão, um projeto qualquer de árvore genealógica. E eu achei que devia fazer o mesmo com a minha.

A Teagan é uma das minhas antigas algozes: a que me apelidou de *Loony Lettie*, na verdade. Esta visita está a ficar cada vez menos divertida.

– Achas que a tua mãe sabe? Quero dizer... se sabe, porque é que haveria de querer fazer o teste?

– Ela não queria – diz a Riley. – Ou pelo menos disse que iria comprar os *kits* para nós, mas nunca comprou. Acho que estava a enganar porque sabe que o Evan não é meu pai. Ela provavelmente estava à espera de que eu esquecesse esta história toda.

Então agora ele é o «Evan».

– Sempre que eu tocava no assunto, a minha mãe agia como se se tivesse esquecido. Quanto mais ela adiava, mais curiosa eu ficava... então, eu mesma pedi o teste.

Os pais não entendem, pura e simplesmente. Quanto mais querem que *não* façamos algo, maior a probabilidade de o fazermos. Essa maneira de pensar está programada no nosso cérebro adolescente.

– Quando recebi os resultados, eles não faziam sentido.

Riley entrega-me o telefone. No ecrã está um relatório de uma empresa chamada *MyRoots*. Estou a olhar para um gráfico circular com metade pintada de vermelho. A parte vermelha tem a legenda «Polónia».

Acho que percebo o momento «aha» da Riley. Thompson é essencialmente um nome inglês e a Riley sempre disse que a família é do Reino Unido. Este gráfico diz outra coisa.

– O Evan não tem ascendência polaca, deduzo?

A Riley abana a cabeça.

– O meu pai é inglês e irlandês. A família da minha mãe é da Escócia. Foi o que me disseram.

A ascendência escocesa está lá, juntamente com um monte de relatórios indicando que a Riley tem baixa probabilidade de ter doenças genéticas graves.

Ainda bem para ela.

– Vai descendo – diz a Riley. – Há mais.

E há: uma tabela de parentes comuns. Muitos dos que constam na lista são supostamente primos em quarto e quinto graus, aqueles que partilham pelo menos 5 cM (centimorgans) de ADN idêntico. Não sei dizer se a Riley compreende a genómica que compõe este relatório, mas não precisa de ter formação em STEM<sup>[4]</sup> para saber o que a palavra *primo* significa. O relatório é longo e algo avassalador, mas não vejo nada que identifique claramente um parente próximo, ou o pai biológico da Riley.

– Há parentes aqui de quem nunca ouvi falar. Certo é que não reconheço nenhum dos nomes com ascendência polaca. Estou a pensar que devia tentar entrar em contacto com um deles. Quero encontrar o meu verdadeiro pai.

Retraio-me de novo, porque me sinto mal pelo Evan. Cuspir para um tubo negou, em certo sentido, o seu estatuto de pai. Penso no meu próprio pai. Nunca poderia descartar o seu papel e influência com base num relatório qualquer.

– Quer dizer, o Evan continua a ser teu pai – digo-lhe. – Independentemente do que aconteça.

– Tu sabes o que eu quero dizer. – A Riley parece bastante determinada. – Quero encontrar o homem responsável por me gerar.

– Que tal perguntares à tua mãe? – sugiro.

A Riley descarta a ideia:

– A minha mãe está tipo loucamente frágil, neste momento. Não quero piorar as coisas.

Percebo. Mas ainda não percebi exatamente o que estou aqui a fazer.

– Rye, o que é que me estás a pedir? – Preciso que ela vá direto ao assunto. Mais precisamente, preciso de chegar aos meus trabalhos de casa de matemática.

– És a pessoa mais inteligente que eu conheço – diz-me.

Sinto-me lisonjeada... um pouco.

– Obrigada, mas há montes de miúdos na escola que são mais inteligentes do que eu – digo. Não é mentira, se assumirmos que «montes» seja por volta de seis. Talvez sete.

– Sim, mas és a pessoa mais inteligente que conheço *bem* – diz ela.

*Não posso argumentar contra*, penso.

– O que queres de mim, Rye? – pergunto. – Porque é que estou sequer aqui?

Em parte, quero sair porta fora antes que ela tenha oportunidade de responder. Mas também tenho pena da Riley. Ela cometeu erros e eu também. Talvez todos mereçamos segundas – ou às vezes até terceiras – oportunidades.

– Deixa-me adivinhar – digo. – Queres que eu te ajude a encontrar o teu pai biológico.

O rosto da Riley ilumina-se.

Retribuo com um meio sorriso, mas por dentro, penso: *No que é que eu me estou a meter?*

---

[4] Significa «Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática». (*N. da T.*)

## Capítulo 23

Alex gostava do Halloween, ao passo que Zoe passava bem sem o feriado. Por mais que tentasse, Alex não conseguia fazer a cadela entender a futilidade que era ladrar a cada «doce ou travessura» que aparecia à porta. Do ponto de vista canino, o feriado não passava de uma ameaça macabra.

O sol começava a pôr-se. Em breve, a rua seria um caos, já que Alton Road era o lugar para se estar em Meadowbrook no Halloween. Alex não estava preparada para deixar que a sua casa se tornasse a mais chata do quarteirão, portanto comprou doze caixas de *Snickers* em tamanho real e também uma série de opções para crianças com alergias.

Dispôs os doces em bandejas de prata pousadas junto à porta da frente, com uma pequena pontada no coração. Não se conseguia lembrar do último disfarce de Lettie – tinha sido há tanto tempo –, mas nunca esqueceria a energia saltitante da filha à medida que a hora mágica se aproximava.

Alex amansou a dor do tempo com outro gole longo do seu copo. Na casa de banho, usou o restinho do elixir bucal. Nick chegaria a casa a qualquer minuto, portanto levou a garrafa vazia de elixir para a garagem, onde a enterrou juntamente com a garrafa vazia de vinho, no fundo do lixo. Não precisava que ele a repreendesse outra vez.

Da porta, Alex viu um carro da polícia atravessar Alton Road e dar uma volta lenta no beco sem saída. Ótimo. Estavam a fazer o patrulhamento da rua, como Alex havia solicitado. Ela denunciou o perseguidor e pediu uma investigação completa, acrescida de segurança adicional no Halloween.

Redirecionando o olhar para a casa de Brooke, Alex estava meio à espera de detetar movimento no bosque. Ainda se sentia abalada com o seu encontro imediato com o perseguidor. Brooke podia não ter ficado preocupada, mas Alex ficara.

Era possível que ela tivesse irritado Brooke ao dar entrada da ocorrência na polícia, mas que escolha tinha? *Não se pode ter um desconhecido à espreita no bosque, a espiar as pessoas, e não fazer nada*, raciocinou Alex. *Sabe-se lá o que pode acontecer.*

Ali perto, a casa de Emily emanava um brilho macabro graças às



decorações festivas de Ken, mas Alex sabia, por ter falado com a irmã, que a diversão do Halloween era pouca. Emily continuava obcecada por Mandy Kumar.

O que teria acontecido, perguntou-se Alex, se ela tivesse dito a verdade sobre as fotografias de Ken Brooke ou sobre tê-lo visto a fugir sorrateiramente da casa dos Kumars? Uma grande discussão pela primeira e talvez o divórcio pela segunda. A relação era frágil demais para que ela pusesse mais achas na fogueira.

Para ser honesta, Alex sentia que a sua relação com Nick também estava tensa. Como que para pontuar essa preocupação, Nick ligou a dizer que estava atrasado. Tinha um projeto para terminar para um cliente e só estaria em casa depois das sete. Anos antes, isso teria sido um sacrilégio. Agora era o pão nosso de cada dia. *Enfim!*

Lettie estava escondida no seu quarto, onde passava a maior parte do tempo nesses dias. Alex tinha sido avisada de que a filha iria desaparecer durante o ano de finalista, apenas ocasionalmente encantando a família com a sua presença, mas a realidade foi mais pronunciada do que ela esperava.

Alex decidiu abrir uma nova garrafa de vinho. Podia sempre usar pasta de dentes como substituto do elixir bucal. Selecionou uma garrafa pequena, de 375 ml, equivalente a dois copos e meio no total, o que facilitava guardá-la no armário atrás da coleção de quinoa e massas que não eram movidas há séculos.

Também armazenou uma caixa de vinho no seu escritório. *Armazenar. Sim, sim. Continua a dizer isso a ti própria, Alex*, disse a voz na sua cabeça. A palavra correta era *esconder*.

Trinta minutos antes do início oficial da noite de Halloween, Alex deixou *Zoe* sair pela porta das traseiras para fazer as suas necessidades. Estava a organizar uma segunda fileira de *Snickers* numa bela exibição quando se deu conta de que não tinha deixado *Zoe* voltar a entrar.

*Foi apenas um descuido. Acontece.*

Alex tentou ignorar o calor vibrante por estar tocada do vinho enquanto se dirigia à porta das traseiras, onde *Zoe* normalmente estaria à espera, de cauda a abanar, ansiosa por voltar a entrar na casa. Desta vez, no entanto, a cadela não se via em lugar nenhum.

Sentiu um formigueiro de medo na nuca. Chamou *Zoe* pelo nome, mas não obteve resposta.

Lettie acabou por descer.

– O que se passa? – perguntou ela.

– É a *Zoe* – disse Alex. – Saiu do jardim.

A mão de Lettie saiu disparada até à boca.

Alex reparou num galho de árvore na relva que achava que não estava lá antes. Uma árvore próxima apresentava um membro tosquiado. Um galho a cair poderia facilmente ter assustado *Zoe*, pensou Alex.

– Saiu, simplesmente – disse Alex, com calma na voz. – Não pode ter

ido longe.

– Vou atravessar a rua, ver a mata atrás dos Kumars – disse Lettie. – A Zoe gosta sempre de explorar esse sítio.

Alex estava prestes a concordar, mas lembrou-se do perseguidor de Brooke. Não queria Lettie a vasculhar a mata sozinha... ou de maneira nenhuma.

– Não, tu ficas em casa, para o caso de ela voltar. Vamos encontrá-la.

Alex atravessou a correr o beco sem saída, em direção à área arborizada atrás dos Kumars. A rota mais direta levou-a pelo jardim de Brooke. Tão depressa caminhava pela relva como eram folhas e galhos que crepitavam sob os seus passos pesados. Tentou andar com mais cuidado para ouvir melhor qualquer movimento, talvez captar o som dos latidos de Zoe.

O pânico apoderou-se dela. Se perdesse a sua adorada cadela, se acontecesse alguma coisa a Zoe, ela nunca se perdoaria.

Alex vasculhou o arvoredor, mas o pelo malhado de Zoe quase combinava com a cor das folhas caídas que cobriam o chão da mata. O crepúsculo aprofundou as sombras, tornando as formas difíceis de distinguir.

Alex abrandou o passo, chamando o nome de Zoe. Ouviu um barulho ali perto, alguma coisa a quebrar, talvez um pau? A terra húmida encheu-lhe o nariz com o cheiro da decomposição. Por cima da sua cabeça, os ramos rangiam ao vento impetuoso.

A casa de Brooke Bailey parecia uma presença sinistra ao longe. De onde estava, Alex podia ver a cozinha de Brooke, sem sombras para bloquear a sua visão. Teve um vislumbre da noite em que o perseguidor enviou uma mensagem a Brooke, talvez daquele mesmo lugar.

Estaria ali naquele momento? De repente, Alex não se sentia tão sozinha. Foi percorrida por um calafrio.

– Zoe? – chamou, com a voz trémula na crescente escuridão.

Foi então que ouviu novamente, outro som suave: o chão mudando sob o peso de um passo, talvez? O coração de Alex batia ao ritmo de uma britadeira. O sangue subiu-lhe à cabeça. Ouviu-o mais uma vez, uma folha estaladiça e crepitante a transformar-se em pó sob o peso e a pressão do que tinha a certeza de ter sido um passo. O som parecia vir de todas as direções, impossível de identificar.

Não era nada, disse Alex a si mesma. Era só a sua cabeça a pregar-lhe partidas. Mas que raio, oxalá tivesse trazido uma lanterna. Às vezes, os miúdos usavam o caminho que atravessava a mata para chegar ao lago próximo. Talvez estivesse a decorrer uma festa de adolescentes. Já tinha acontecido antes.

As árvores em redor pareciam ficar mais altas, fechando-se sobre ela. Quando Alex voltou para a rua, ouviu um galho quebrar. Não era o rangido de ramos soprados pelo vento, mas um estalo nítido.

Soltou uma respiração fremente. Não estava sozinha. Virou-se e correu para a rua. Os galhos de árvores jovens fustigaram-lhe o rosto enquanto

corria.

A rua estava à vista e ela via a luz dos postes de iluminação à frente. Perto do local onde terminava o arvoredo e começava o jardim de Brooke, o pé de Alex tropeçou numa raiz e ela caiu. Os seus joelhos afundaram-se na terra lamacenta, ainda esponjosa de uma chuva recente. Uma dor aguda disparou nos seus pulsos quando os usou para proteger a queda.

Atrás de si, Alex ouviu um roçar. Algo se aproximava e parecia que muito depressa. Rastejou em frente, de gatas, tentando pôr-se de novo em pé enquanto continuava. Quando achou que tinha cavado o ténis com força suficiente para se levantar, o pé derrapou atrás dela, afastando folhas molhadas e terra solta.

Acabou por se levantar e ficar de pé, terminando a corrida com passos tortos e desastrosos. Quando finalmente rompeu a linha da árvore, Alex deu meia-volta e encarou a mata, reunindo coragem para enfrentar a ameaça. O medo dificultava-lhe a respiração. Fosse quem fosse que a seguia estava a vir... e depressa.

O roçar intensificou-se aos seus ouvidos. Um grito borbulhou na sua garganta, prestes a escapar-se-lhe dos lábios, quando *Zoe* irrompeu do bosque. A sua cauda abanava como os limpa-para-brisa sob uma chuva forte.

O medo de Alex deu lugar a uma alegria desenfreada. Não deu mais do que três ou quatro passos até *Zoe* pressionar as patas enlameadas contra as suas pernas, implorando para que lhe pegasse ao colo.

Alex pegou *Zoe* ao colo, embalando-a num abraço. Pressionou o rosto contra o pelo da cadela e inalou profundamente. O seu alívio foi profundo. Alex fez outra promessa: não beber mais, focar-se melhor, mais *mindfulness*, menos barulho e caos na cabeça. Tinha tudo o que precisava para ser feliz – um marido dedicado, uma filha saudável, um lar bonito, uma carreira gratificante – mas, naquele momento, nada lhe importava mais do que a segurança e o bem-estar da sua doce e vulnerável cadela.

Com o rosto colado ao pescoço de *Zoe*, Alex vislumbrou algo branco preso na coleira. Que estranho. Pousou *Zoe* no chão, surpreendida por descobrir um pedaço de papel dobrado em forma de V e escondido em segurança entre a coleira e o pelo de *Zoe*.

Alex desdobrou o papel com um formigueiro de apreensão. De um lado, viu uma caligrafia cuidada, escrita a caneta preta. Um poste de iluminação pública lançou um brilho amarelo, brilhante o suficiente para que ela percebesse as palavras.

A visão de Alex focava e desfocava. Mesmo assim, conseguiu ler o bilhete. Leu-o várias vezes para se certificar de que entendia o significado. Entendeu... claramente.

A sua leal cadela não tinha fugido. Não, alguém a levou para transmitir uma mensagem: um aviso, de facto, presumivelmente do próprio perseguidor.

O bilhete dizia: *Afasta-te, ou vais arrepender-te.*

## Capítulo 24

### Lettie

A mãe voltou com a *Zoe* aninhada nos seus braços. Estou mais do que aliviada. Eu esperava o mesmo da minha mãe, mas em vez disso, há um peso sobre ela.

Verificámos a *Zoe*, desde a cauda até ao focinho. Está perfeitamente bem, não está magoada, não precisa de veterinário, mas a mãe continua sem descontrair. Em vez disso, sai para falar com um polícia que patrulha a nossa rua em preparação para o caos do Halloween. Depois de trocadas algumas palavras, o polícia deixa o seu carro de patrulha e dirige-se para o arvoredo atrás da casa da Brooke, onde a mãe encontrou a *Zoe*.

Estranho.

Passados alguns minutos, o polícia surge, vindo do bosque. Ele e a mãe conversam um pouco mais antes de ele voltar para o carro-patrulha e ir embora.

– O que se passa? – pergunto quando a minha mãe volta.

– Nada – diz ela. – Pareceu-me ouvir alguém na mata, só isso.

– E? Estava lá alguém? Alguém tentou raptar a *Zoe*?

– Não... está tudo bem – diz a mãe, sem parecer nada bem. – Mas quero que fiques longe daqueles bosques, está bem?

– Claro. Seja como for, andar pela mata não é bem a minha cena – digo.

A mãe sobe para o seu quarto, dizendo-me que tem de se estender. Nos dias que correm, isso geralmente significa «apagar», mas não parece nada tocada.

Não disse nada à minha mãe sobre ela beber. Geralmente é o contrário – os pais a darem sermões aos adolescentes –, portanto não sei bem como abordar o assunto. Também não falei com o meu pai sobre o «Momento do Vinho» da minha mãe. Quase não falamos, atualmente.

Todos aqueles memes giros da Mãe e Vinho espalhados pela Internet não ajudam.

*Vinho – Porque o Yoga Não Consegue Resolver Tudo.*

*Um Dia Sem Vinho É Como... Não Faça Ideia.*

Eu sei que beber faz as coisas parecerem melhores, mas talvez não seja assim tão bom para o casamento. Mesmo no andar de baixo, consigo ouvir a mãe a falar com o pai ao telefone. O seu tom é tenso. Talvez o pai esteja a culpar a bebida da mãe pela perda da *Zoe*. Talvez estejam a caminho do divórcio. Estou a preparar-me para essa possibilidade há um ano. Ela e o pai não estão a discutir, pelo menos não aquele tipo de discussões aos gritos que se vê nos filmes que apresentam mães bêbedas, mas há claramente tensão entre eles. É certo que o divórcio seria uma treta, mas, pensando bem, vou-me embora e será um problema mais deles do que meu.

Dois minutos depois das seis horas, início oficial da janela para os doces ou travessuras, a primeira leva de crianças chega vestida de Homem-Aranha e Harry Potter. A minha mãe continua no andar de cima, portanto tenho de dar os doces. Os carros que transportam os fedelhos fantasiados para Alton Road alinham a nossa rua como um cortejo fúnebre.

Uma hora de Halloween transcorre sem incidentes até que, pela porta aberta, ouço um grito furioso. O grito quebra o relativo silêncio da noite.

A minha mãe desce as escadas, parecendo assustada.

– Ouviste aquilo? – pergunta.

Saio para a noite fresca de outono. A mãe segue-me.

Está muito escuro para ver grande coisa além do nosso caminho da frente. Procuro o carro-patrolha, mas vá-se lá perceber: quando se precisa de ajuda, não está por perto. E o grito alto que ouvimos parece ser de problemas.

– Saia daqui! – A voz pertence ao meu tio Ken.

A minha mãe avança a correr. Há uma multidão de pessoas, talvez dez no total, reunidas ao fundo do caminho de acesso do tio Ken.

Um muro de corpos bloqueia a minha visão, mas consigo ouvir o Ken gritar de raiva para alguém que grita em resposta. Não reconheço a voz nasalada e aguda do outro homem.

– É um país livre, meu – diz essa pessoa misteriosa.

A mãe está a espreitar por cima do ombro de alguém para ver melhor.

– O que está a acontecer? – pergunto-lhe.

Um brilho de luzes a piscar ergue-se do centro do círculo.

– Eu já lhe disse para sair da minha propriedade – exige o Ken.

– Tecnicamente, não estou na sua propriedade – responde o homem de voz nasalada. – Estou numa via pública, paga pelos impostos.

Finalmente abro caminho pelo grupo de espectadores para, pela primeira vez, olhar bem para o indivíduo que confronta o meu tio. É alto e magro, usa aquilo que eu inicialmente julgo ser um disfarce verde, mas que é, na verdade, um fato-macaco, um uniforme de trabalho. Decorou o uniforme com todos os tipos de luzes LED e bastões de brilho. As luzes piscam a uma série de velocidades e com cores diferentes, sobretudo vermelhas e azuis. Parece ter-se vestido de carro de polícia para o Halloween.

– Ó meu Deus! – geme a mãe. – É o Homem Peste.

Também gemo no meu íntimo.

Toda a gente em Meadowbrook conhece o Homem Peste e praticamente ninguém o suporta. Estou na página da comunidade, por isso vi as reclamações. Algumas são muito engraçadas, mas aparentemente não eram exagero. O Homem Peste é mesmo uma praga.

O Homem Peste, vestido de néon, diz:

– Porque é que não expulsa também estas pessoas da sua rua? Estou vestido para o Halloween, como eles. Também estou a distribuir doces. Aqui têm, crianças. Tomem uns doces!

O Homem Peste enfia panfletos da pilha de papéis que segura nos sacos de doces das crianças que estão à sua volta. Parece que há um rebuçado *TootsieRoll Mini* colado em cada panfleto e agora percebo que isto tudo é um golpe promocional rasca.

Não sei porque é que os pais e os filhos se deixam ficar por aqui. Talvez pensem que se trata de uma paródia parva de Halloween e que os panfletos de doces e o Ken zangado façam parte da cena e eles só queiram saber como se vai desenrolar.

A julgar pela expressão na cara do meu tio, eu diria que não vai acabar bem.

– Você precisa de levar as suas táticas de vendas detestáveis para outro lugar – insiste o Ken.

O Homem Peste finge verificar um relógio que não está a usar.

– Falta, pelo menos, mais uma hora de «doce ou travessura» – diz ele. – Esta rua é um alvo legítimo, portanto, meta-se na sua vida, homem.

– Alvo legítimo, o caraças! – grita o tio Ken.

Os pais percebem por fim e afastam os filhos. Uma jogada inteligente.

– Esta noite é para o «doce ou travessura» das crianças, não para comercializar os seus malditos serviços de DDT.

– O DDT é um pesticida proibido – diz calmamente o Homem Peste. – Usamos óleos inseticidas naturais. Tenho literatura sobre o assunto, se quiser saber mais. – Oferece ao tio Ken um dos seus panfletos com o doce.

O Ken arranca-o das mãos do Homem Peste, amassando o papel numa bolinha que depois atira ao chão.

Mostrando-se bastante satisfeito consigo mesmo, o Homem Peste vira costas ao Ken e fica à espera de que passem mais crianças a pedir «doce ou travessura» – o que acontece em pouco tempo, porque estamos em Alton Road, a melhor rua de Meadowbrook para arranjar doces. Não tarda, o Homem Peste luminoso coloca os seus panfletos em sacos que pertencem a um leão, uma bruxa e talvez um *zombie* (é um bocado difícil de dizer, mas definitivamente um traje sangrento).

– Feliz Halloween – diz Homem Peste em voz alta.

– Obrigado – dizem as crianças, e lá vão elas, até ao caminho de acesso de Ken para irem buscar ainda mais doces.

O tio Ken entra intempestivamente em casa e a minha mãe segue-o.

Estão a conversar, mas eu fico para trás, hipnotizada pelo Homem Peste a piscar.

– Queres um panfleto? – pergunta-me. – Fala aos teus pais do nosso especial de inverno. Vinte por cento de desconto na compra de quatro ou mais tratamentos.

– Está bem – digo eu.

Entrega-me o panfleto.

Descasco o *TootsieRoll* e ponho o rebuçado na boca.

– Não sei bem se esta é a melhor maneira de fazer negócio – sugiro enquanto mastigo.

Ele sorri para mim como se soubesse que tenho razão.

– Os panfletos vão para o lixo, mas os pais lembram-se do nome da empresa. Feliz Halloween da D&M Pest!

O Homem Peste enfia um panfleto na abóbora de plástico cor de laranja de uma menina de três anos, que passa vestida de abelha. A mãe da abelhinha lembra a filha de agradecer.

Um movimento por trás do Homem Peste chama a minha atenção. O tio Ken está a descer, disparado, pelo seu caminho de acesso, com a mãe e a tia Emily logo atrás. A mãe parece ansiosa e a tia Emily, em pânico.

– Ken, por favor, para – pede a tia Emily. Agarra a camisa do Ken por trás, mas ele solta-se.

Quando chega ao fim do caminho de acesso, vejo a fonte da angústia delas.

O tio Ken amarrou uma pistola à cintura. Vai diretamente ao Homem Peste com as mãos nas ancas, como um xerife do Velho Oeste.

O Homem Peste apercebe-se da arma.

– Uau, a trazer uma arma para as crianças? – diz ele. – Isso é que é um mimo, meu.

– Saia daqui – diz Ken.

A tia Emily tenta novamente puxar o Ken para longe. Pelo menos, ele não tira a arma do coldre.

– Ken, para com isso. Não devias trazer a tua arma para aqui – repreende a Emily, e com razão.

– Porquê? – Ken mantém os olhos fixos nos do Homem Peste, enviando-lhe um olhar duro, feito para intimidar. – Tenho licença de porte de arma. Não estou a infringir a lei.

– Nem eu – diz o Homem Peste.

– Vou chamar a polícia. – Ouço a minha mãe dizer.

– Não te incomodes.

A voz, nova, baixa e ameaçadora, sai do escuro. Passado um momento, vejo o Evan Thompson entrar no brilho das luzes que piscam do Homem Peste. A Willow também lá está, mas mantendo a distância.

O Evan é alto. Tem o cabelo um pouco despenteado, os músculos do rosto contraídos. Aproxima-se com um gingado confiante e entra diretamente

no espaço pessoal do Homem Peste.

A tia Emily para de protestar. Fica tudo imóvel e em silêncio. Os pais sabem redirecionar os filhos para longe de nós. O Ken pode ter a arma, mas é o Evan quem está no comando.

– Não devia estar aqui – diz o Evan ao Homem Peste. As suas palavras saem num rosnado.

– Vou dizer-lhe o que disse ao Wyatt Earp – diz o Homem Peste, apontando para o Ken. – É um país livre, por isso daqui não saio. – Coloca as mãos nas ancas, numa pose de desafio.

O Evan aproxima-se do Homem Peste. O seu olhar queima um buraco em mim e não sou eu quem ele fita. Nunca tinha visto este lado do pai da Riley. Há algo bastante intimidante nele. É como uma torre Jenga humana, mal mantendo a coesão. Consigo vê-lo desabar, caso um bloco crítico seja deslocado para fora do lugar.

– Acho que não fui claro – diz o Evan com a sua voz mais ameaçadora até agora. – Estamos todos fartos de si. Portanto, vou repetir: fora daqui. Imediatamente.

Atrás de nós formou-se uma nova multidão. Mais uma vez, a curiosidade anulou o melhor discernimento e as pessoas não podem deixar de assistir.

– Acho que não vou – diz Homem Peste, com um ar bastante presunçoso.

O Evan aproxima-se o suficiente para beijar o Homem Peste, embora, obviamente, não seja isso que tem em mente.

– Sabe o que é passar-se? – pergunta o Evan. – Quer dizer, quando uma pessoa perde a cabeça e pronto? Enlouquece? Estou a falar de uma espécie de insanidade temporária num ápice.

O Homem Peste não diz nada.

– Bem, eu sei – continua o Evan. – Já me aconteceu. Fica-se com a cabeça em branco. De repente, já nada importa. A pessoa liberta-se de tudo. Tudo o que esteve a encher cá dentro sai numa ação violenta. E quando acontece, não se sente nada, só... euforia. Esteve-se desesperado por esse tipo de libertação durante tanto tempo. Depois... O nevoeiro levanta e é aí que o arrependimento entra em ação. Vê-se os danos que se causou, vê-se que se deixou a outra pessoa num banho de sangue, como... um atropelamento. Irreconhecível. Fica-se doente, mas não se pode fazer nada. Não se pode mudar o passado. Então, vive-se com as consequências e a vida continua.

Fico de boca aberta durante este monólogo. Nunca ouvi ninguém falar assim.

O Homem Peste deve pensar o mesmo, porque já não tem aquela expressão arrogante nos olhos. O silêncio é tal que podemos ouvir o vento farfalhar nas folhas das árvores próximas.

– Está a ameaçar-me? – pergunta o Homem Peste, encontrando a sua voz.

– Não – diz Evan, com uma calma mortal. – Neste momento, estou a



implorar-lhe que fique exatamente onde está e tente, basta tentar, enfiar mais um desses estúpidos panfletos no saco de doces de alguma criança. Força.

O Homem Peste desloca o peso do corpo, com dificuldade, de um pé para o outro. Lança a Evan um olhar avaliador, fazendo o seu juízo final.

– *Okay*, tudo bem, meu – diz o Homem Peste. – Já percebi. Eu vou. Não há necessidade de vir todo desatinado para cima de mim. – Pega na mala cheia de panfletos e põe-na ao ombro.

Ficamos a vê-lo ir embora, pestanejando.

O Evan não diz nada. A sua expressão continua feroz. Quando olho para ele, sinto um arrepio que faz o meu coração bater mais depressa. Numa noite cheia de sustos, não há dúvida de que ele é o mais assustador de todos.

## Capítulo 25

Willow apareceu inesperadamente na cozinha de Alex uma semana depois do Halloween. Embora tivesse um ar jovem e composto, com uma camisola gira e as calças de ganga enfiadas nas botas de camurça, a sua expressão sugeria problemas em mente.

Alex ofereceu-lhe uma chávena de café. Conversaram as duas à mesa da cozinha sobre banalidades, mas Willow não tardou a chegar ao propósito da sua visita.

– Preciso de uma maneira de obrigar o Evan a sair de casa. Está a piorar.

– O que é que está a piorar? – perguntou Alex, embora ela pudesse adivinhar a resposta com base na noite de Halloween.

– O comportamento do Evan – disse Willow, como se fosse óbvio. – Algo mudou, ele já não é a mesma pessoa.

Alex fez as perguntas que faria a qualquer pessoa na situação de Willow: *Ele está a ameaçar-te? Foi violento? Sentes-te segura em casa?*

– Ainda não é assim tão mau, mas acho que pode chegar a esse ponto – disse Willow. – Ele parece-me instável. Tu viste-o no Halloween. Foi um bocado inquietante, não foi? Quer dizer, o Ken sacou da arma, mas sinceramente, o Evan assustou-me mais.

Alex não podia negar a avaliação de Willow.

– A Emily continua lívida com essa coisa toda das armas e eu não a culpo – disse ela. – Aparentemente, o Ken agora está a tentar fazer com que despeçam o Homem Peste.

– O Homem Peste tem sorte de não ter acabado morto – disse Willow. – O Evan ficou a bater no saco pesado durante uma hora depois de ir para casa. Não sei se são as drogas que o deixam volátil, mas digo-te uma coisa: esse homem é uma bomba-relógio.

Alex já tinha contado a Willow do seu encontro com a outra bomba-relógio do bairro, o perseguidor do bosque que colocara um bilhete ameaçador na coleira de Zoe. A polícia fez buscas na área, mas não encontrou evidências de alguém escondido atrás da casa de Brooke. Agora Nick estava a ponderar uma atualização para o sistema de alarme. Willow, Emily e Mandy

expressaram preocupação com o perseguidor. Brooke, que não era capaz de dar um nome à polícia, permaneceu estranhamente plácida com todo o caso.

– Ele deve saber que chamaste a polícia por causa dele, e não gosta – sugeriu Brooke. – Deixa lá. Ele há de acabar por se faltar e ir embora.

*Talvez sim, pensou Alex, mas, tão depressa, a Zoe não sairia sem trela.*

– Em que ponto estás do divórcio? – quis saber Alex. – Não podes pôr os papéis e pronto?

– E viver de quê? Eu estou a dizer-te, o Evan vai transformar a minha vida num pesadelo se eu fizer isso, continuamos os dois em casa.

– Tira uma soma grande de uma das vossas contas bancárias. Prepara-te para uma nova vida. Pelo menos vive uma vida separada dele.

Willow revirou os olhos.

– Achas que ainda não pensei nisso? Ele não guarda assim tanto dinheiro na nossa conta conjunta e eu não tenho acesso aos nossos fundos de investimento. Não me posso mexer, Alex. Não posso mesmo.

A palavra que veio à mente de Alex foi *encurralada*.

– Podes conseguir uma ordem de afastamento temporária – ofereceu Alex. – Então, o Evan não poderá esvaziar as contas. Poderias até conseguir a ocupação exclusiva da casa conjugal. Mas é melhor apresentares um requerimento quando pedires o divórcio. Dessa forma, ficarás legalmente protegida desde o início.

Willow continuava a mostrar-se cética.

– Isso só vai inflamar a situação – disse ela. – O Evan não me ameaçou abertamente, é apenas uma sensação má que eu tenho. Ele não está em si ultimamente e eu não quero pressioná-lo para lá de um certo limite.

Alex olhou a amiga nos olhos, instando a compaixão que tinha no peito a manifestar-se. A lei não era perfeita. Uma ordem de afastamento podia *não* ser suficiente para obrigar Evan a sair de casa – isto sem um histórico de violência doméstica. A situação de Willow não era fácil.

– Podes sempre ficar connosco o tempo que precisares. A Riley também. – Nick haveria de resmungar e lamuriar-se, mas também concordaria.

– Obrigada, mas não. Não vou trazer os meus problemas para a tua casa.

Alex sentia-se frustrada por não poder oferecer nada além de compaixão.

– E lembras-te do dinheiro? – perguntou Willow. – Aqueles levantamentos de que te falei?

Alex lembrava-se desse dia vividamente. Como poderia esquecê-lo? Foi o mesmo dia em que viu Ken fugir sorrrateiramente da casa de Mandy Kumar.

– Bem, piorou. O Evan tem tirado quase mil e quinhentos por semana.

Alex engasgou-se.

– Semanalmente – repetiu Willow. – Quando o nosso saldo fica baixo, ele movimenta dinheiro para reabastecê-lo.

Fazendo algumas contas básicas de cabeça, Alex chegou a oitenta mil por ano. Ela sabia que Evan Thompson tinha dinheiro de família, mas o valor continuava a ser impressionante.

– Querida – disse Alex –, tu não podes parar essa sangria sem aplicar algum tipo de curativo. Mune-te de advogado e contra-ataca. Não há outro recurso.

As lágrimas raiavam os olhos de Willow. Alex levantou-se para ir buscar um lenço.

– São as malditas drogas – disse Willow. – Ele sempre saciou os seus apetites, mas piorou muito. Além disso, tem mau aspeto. A pele, os olhos... tem um olhar encovado, descarnado.

Alex emudeceu. *Que confusão*, pensou ela.

O rosto de Willow enrugou-se. Ela era tão mais jovem do que as outras mães do quarteirão, mas não era o otimismo juvenil que a mantinha presa. Era o maldito sistema.

– Se eu não achasse que ele nos matava às duas, inclinava-me a contar ao Evan a verdade sobre a Riley; só para o magoar, só para o ver chorar – disse Willow.

Alex banii a imagem visceral que lhe ocorreu.

– Não farias isso, pois não? Diz-me que é só um desabafo. Quero dizer, neste momento isso seria despejar gasolina numa fogueira.

– Claro que não vou fazer isso – disse Willow, mas parecia dececionada. – Isso seria suicídio. Mas adorava ver a cara dele depois de lhe contar, só isso.

– Achas que o Evan desconfia? – perguntou Alex. – Isso pode explicar o seu comportamento, pelo menos a sua raiva. Os casais discutem por uma coisa, mas muitas vezes há outra a acontecer. Talvez ele esteja a representar, em vez de confrontar os seus receios sobre a filha.

A expressão de Willow azedou.

– Acho que não. Ele teria trazido o assunto à baila. Não, isto é só as farras do Evan finalmente a começarem a pesar sobre ele.

– Estou a ver – disse Alex. – Nesse caso, posso fazer outra pergunta?

– Queres saber do pai biológico da Riley, é isso?

– Quer dizer, não é da minha conta, mas...

– Ah, não sejas tímida. Eu também ficaria curiosa. Sinceramente, não é uma grande história. Acho que o pai biológico da Riley ficaria mais espantado se soubesse que era seu pai do que o Evan ficaria se soubesse que não era.

– Então não foi uma relação a sério? – perguntou Alex.

Willow assentiu.

– Eu e o Evan tínhamos dado um tempo depois de uma grande zanga. Ele estava a ser supercontrolador naquela época, o que, sinceramente, deveria ter sido um sinal de alerta, mas é claro que eu ignorei. Ele não gostava que eu fosse a festas da faculdade e eu era do tipo: «Não, ainda estou na faculdade e só porque estamos juntos não significa que eu tenha de desistir da minha vida social.» Então eu disse-lhe que estava tudo acabado, mas fiquei de coração partido. Sabe Deus porque é que eu não podia simplesmente escolher um sujeito que fosse bonito e me tratasse bem.

Willow fez uma pausa, como se Alex pudesse ter uma boa resposta para

isso. Não tinha.

– Adiante, depois de eu e o Evan nos termos separado, fiz o que qualquer jovem universitária impressionável e de coração partido faria: apanhei uma bebedeira de caixão à cova. E foi aí que conheci o Stevie Wachowski, a quem todos chamavam o Wookiee.

– Wookiee? A sério?

– Sim, o Wookiee... era o nome artístico dele.

– Oh, deixa-me adivinhar – disse Alex –: um músico. – Disse-o dando a entender que era algo que ficava aquém do ideal.

Willow quase desfaleceu com a memória.

– Cabelo comprido, tão sensual e absolutamente incrível na guitarra. Tivemos um breve caso, mas rapidamente percebi que se eu não tivesse seis cordas e um monte de trastes, não conseguiria muita atenção dele.

– E tens a certeza de que a Riley é a filha do Wookiee? – Eis uma frase que Alex não pensava que diria nesse dia, se é que em algum.

Willow inclinou ao de leve a cabeça e deu a Alex um olhar de «ah, vá lá».

– Eu sei quando fiz sexo e, felizmente, o Evan não é muito bom a matemática. Além disso, ele é tão narcisista que acho que nem lhe ocorreu que poderia haver outra pessoa. – Fez um falso sorriso a Alex. – Ajuda o facto de a Riley se parecer tanto comigo... e o Evan e o Wookiee terem algumas características físicas em comum. Acho que tenho um tipo.

– Então não tens dúvidas? – pressionou Alex.

Willow abanou a cabeça.

– Nenhuma. A Riley quer fazer um desses testes de ADN de ancestralidade. Pode-se dizer que é um pesadelo. Convenci-a a não se dar a esse trabalho, mas preocupo-me todos os dias que vá descobrir.

– Há muita volatilidade em tua casa para isso – disse Alex.

– Sinto-me tão encurralada. – A voz de Willow ficou presa nas palavras.

Alex sentiu um peso no peito.

– Lamento – disse ela. – Gostava que houvesse mais que eu pudesse fazer.

– Quem sabe? Talvez eu tenha sorte e o Evan acabe com uma *overdose* e resolva o problema por mim.

Alex enregelou por dentro, pensando na noite em que jogaram às duas verdades e uma mentira. Não conseguia lembrar-se literalmente das palavras de Willow, mas era qualquer coisa no sentido de que mataria Evan se pudesse safar-se do crime.

– Enfim, se a vida te dá limões... não é assim? – disse Willow. Levantou-se para ir embora, virando o corpo numa tentativa fracassada de esconder o facto de que precisava de limpar os olhos. – Obrigada por todo o apoio. Ocupei-te muito tempo hoje. E vemos muito em breve.

As sobrancelhas de Alex arquearam. Willow parecia referir-se a um plano, não a uma visita espontânea, mas Alex não conseguia lembrar-se de

nada na sua agenda.

– Porquê? – questionou.

– O Samir apareceu lá em casa no outro dia. Convidou-me e ao Evan para o Dia de Ação de Amigos e o Evan disse que sim.

– Mas não vás – disse Alex.

– Não seja tola – respondeu Willow. – Se o Evan se assanhar com alguma coisa, eu posso ser a única pessoa que os pode proteger a todos dele.

Mais tarde, naquela noite, depois de terminado o jantar e a rotina habitual, Alex, cansada até aos ossos, juntou-se finalmente ao marido na cama. Tinha planeado beber um copo de vinho naquela noite, mas transformou-se em dois, ou talvez três, e agora ela tinha um pouco de dor de cabeça para acompanhar a sua preocupação persistente com Willow. Afundou-se nos braços de Nick, saboreando o conforto do seu abraço, e aninhou-se o mais chegada a ele possível.

Algo bateu contra a janela e Alex sobressaltou-se. Ficou de pé na cama, em pânico, com a respiração rápida e superficial.

– Então, então, tem calma – disse Nick. – Provavelmente foi só uma bolota soprada pelo vento. Porque é que estás tão assustadica?

Alex aquietou-se. Estava no segundo andar, na cama com o marido. Estava em segurança. Mesmo assim, já nada lhe parecia seguro.

– Eu continuo a pensar que o perseguidor da Brooke está lá fora para me apanhar – disse ela.

Alex estava bem ciente de que o perseguidor não era a sua única potencial ameaça. Andava a chegar aos nervos de muitas pessoas ultimamente: Samir e Ken, especificamente. Aquele bilhete poderia ter sido de qualquer um deles, na verdade. Ela precisava de se afastar, de parar de se envolver. Os problemas de Mandy não eram seus, para os resolver. O mesmo se passava com Brooke, Willow e Emily. Porque estava sempre a tentar resolver as coisas, incluindo os casamentos desfeitos das outras pessoas? Deveria estar a esforçar-se mais para consertar o seu.

– A polícia vasculhou o bosque muitas vezes e está a fazer patrulhas adicionais – disse Nick. – Eu não me preocuparia tanto com isso. Se há alguém que deva ter medo, é a Brooke.

– Aquele bilhete foi uma ameaça contra mim, Nick, não contra a Brooke – lembrou Alex. – *Afasta-te, ou vais arrepender-te.* O que mais poderia significar?

– Bem, que te afastes, acho eu, querida. Não te metas naquele arvoredo e não te metas nos assuntos confusos das outras pessoas.

– Adorava – disse Alex –, mas como posso fazer isso quando não param de me procurar com os seus malditos problemas?

Teve finalmente oportunidade de contar a Nick sobre a visita de Willow, depois revisitou todas as suas outras preocupações com os vizinhos.

– A Emily acha que a Mandy anda a dormir com o Ken, o Ken está fascinado com as fotografias eróticas da Brooke na Internet e anda a fazer

sabe-se lá o quê com elas.

– Posso adivinhar o que anda a fazer – disse Nick.

Alex não se riu.

– O Evan pode ou não saber que a Riley não é sua filha biológica, o Samir pode ser um marido abusivo e agora temos o perseguidor da Brooke com que nos preocupar. Nick, por favor, por favor, diz-me que não estamos assim tão lixados.

– *Não* estamos assim tão lixados – disse Nick, com confiança. Para pontuar a sua declaração, beijou Alex suavemente nos lábios e apertou-a nos braços.

– Graças a Deus – disse Alex. Pousou a orelha no peito dele, aliviada pelo ritmo constante do seu coração a bater.

– Mas vou dizer-te uma coisa – disse Nick.

– Sim, o quê?

– Vai ser um raio de um Dia de Ação de Amigos.

## Capítulo 26

### Lettie

O ambiente está diferente na escola, uma mudança que acompanha sempre o aproximar da pausa do Dia de Ação de Graças. Toda a gente está ansiosa por um recesso, incluindo eu.

Vai ser a última pausa de Ação de Graças da minha vida académica em Meadowbrook. O ano letivo vai acabar num piscar de olhos, vai haver outra festa do quarteirão em Alton Road a que não quero ir e acaba-se o liceu. Muita coisa vai acontecer pelo meio, claro: férias intercalares para temer, aceitações universitárias para comemorar e rejeições para suportar. E não posso esquecer a sobrevalorizada tradição do baile de finalistas. Provavelmente, vou faltar, simplesmente.

Já pensei em convidar o Jay para ir ao baile comigo, mas claro que não vou fazer isso. No entanto, quebrei e enviei-lhe um SMS. Perguntei se podíamos sair, tomar um café, ir ver um filme, qualquer coisa simples.

O Jay respondeu pouco depois. Fiquei eufórica durante dois segundos. A sua resposta não tinha qualquer emoção ou cuidado. *Ando ocupado. A dar ao couro a codificar. Fica para a próxima?*

Isto é que é deixar uma miúda pendurada. Não foi um não, mas não foi um sim. Deixou-me naquele intermédio horrível onde eu podia continuar a acreditar que algo mais se poderia desenvolver entre nós.

Pelo menos a escola distrai-me um pouco. Pus de parte o meu trabalho de pesquisa sobre vingança, há muito negligenciado, para me dedicar à inscrição nas universidades, coisa que estou a fazer sem qualquer contributo da mãe ou do pai. Eles gostam da minha independência e incentivam-na, mas acho que estão os dois um pouco magoados por eu ser capaz de fazer tudo – escolher as faculdades, escrever os ensaios, preencher as minhas atividades, arranjar as recomendações dos professores – sem ter ninguém para me dar a mão.

Muitos dos meus colegas de turma, incluindo o Dylan, contrataram orientadores universitários para gerir o processo, porque é demasiado



stressante para os pais. Mesmo com um *coach*, o Dylan ainda me enviou o seu ensaio para editar, e chegou à minha caixa de correio poucas horas antes do prazo de envio da minha candidatura antecipada a Bucknell. Bolas!

Para desespero do meu pai, escrevi o meu ensaio sobre a minha suspensão escolar. O meu pai achou que eu estava a dar uma primeira impressão negativa ao pessoal das admissões, mas eu discordei.

– Estou a explicar como *aprendi* com o meu erro – disse-lhe eu.

– Não sei se lamuriar-te por deveres ter criado uma campanha de *GoFundMe* para pagar um *outdoor* porque isso teria tido um impacto maior do que o *spray* na propriedade da escola é *aprender* grande coisa – disse o meu pai.

– Tem que ver com justiça, pai – rebati, ciente de que o meu esforço para o educar era inútil. – Uma *t-shirt* a dizer *Bite Me!* não deve ser uma violação de nada. É ridículo e emblemático de uma injustiça social mais vasta. Na melhor das hipóteses, os códigos de vestuário violam a minha liberdade de expressão. Na pior das hipóteses, ensinam as raparigas a tapar-se para não serem uma distração. Alguém tem de tomar uma posição pelo que é certo. Temos a força da nossa união, a fraqueza da nossa divisão.

O meu pai parecia impressionado.

– Está a citar o Churchill? – perguntou.

– Não. Albus Dumbledore, *O Cálice de Fogo*.

Com as minhas candidaturas à faculdade concluídas, volto finalmente a minha atenção para o dilema da Riley. Acho que sei como encontrar o seu pai biológico, mas não vai ser barato. Ainda bem que ela pode pagar.

Encontro a Riley na casa de banho dos funcionários. Tem um ar impecável, com as calças de ganga brancas, o *top* branco e os *Vans* cor-de-rosa, que combinam perfeitamente com os brincos cor-de-rosa. Ao lado dela, pareço a Wednesday, da *Família Addams*. Mas as aparências não servem para nada. A minha mãe gosta de dizer que, se todos lançassem os seus problemas ao ar, as pessoas correriam para apanhar os seus. Identifico-me agora com estas palavras mais do que nunca. É certo que não quero apanhar o que a Riley arrasta consigo.

– Então, como seria? O que descobriste? – pergunta a Riley, falando baixinho, embora a casa de banho dos funcionários tranque por dentro.

– Muita coisa – digo-lhe. Da minha mochila, retiro seis tubos de plástico com rolhas. – Espero que tenhas trazido uma boa dose de cuspo.

– Já fiz um teste – diz ela, como se eu me tivesse esquecido.

– Sim, eu sei. Mas não conseguiste correspondências de qualidade em número suficiente. As principais empresas de ADN partilham bases de dados. Mas tens de enviar o teu ADN para várias empresas para obter o máximo possível de correspondências familiares, e esperamos que algumas sejam de parentes próximos do teu pai biológico. Depois, podes entrar em contacto com eles no sistema de mensagens do *site*. Mas aviso-te já, Rye. As pessoas com quem tens correspondências de ADN podem não *querer* ajudar-te a encontrar

o teu pai biológico.

– Porque não? – pergunta a Riley. – Não vão ficar entusiasmados para me conhecer? – A ideia parece-lhe completamente desconcertante.

– Os filhos secretos têm tendência para despedaçar as famílias – digo. – Não fazemos ideia das circunstâncias. Tudo é possível. – Quase consigo ouvir o clique no cérebro da Riley.

– Então, o meu pai...

– Hum... vamos chamá-lo de progenitor. Quer dizer, tu nem sequer sabes o nome desse tipo.

– Então o meu pai biológico pode não saber que eu existo?

Parece abalada com essa perspectiva. Ela pode ser toda composta e loucamente bonita, mas o que eu vejo é uma traidora viciada em drogas e bastante egocêntrica. É uma destrambelhada cativante.

Estranhamente, porém, sinto-me melhor comigo mesma por ajudá-la. Posso não ter estômago para a vingança, mas toda esta cena de cavaleiro de armadura brilhante parece assentar-me muito bem. Quem sabe, talvez depois de encontrar o seu pai biológico, eu ajude a Riley a deixar os comprimidos? Passa-me pela cabeça que posso estar a amadurecer. Pois bem. Podia ser pior, suponho.

– Há outro risco que devemos considerar – digo. – Não sabes nada sobre essa tua nova família. E se eles te quiserem usar?

– Usar-me para quê? – pergunta a Riley.

Atiro as mãos no ar.

– Não sei. Se descobrirem quem é o teu pai, e que é podre de rico, podem tentar extorquir-te.

A Riley coça a cabeça.

– Dinheiro?

– Não, cartas Pokémon – digo. – Claro que é dinheiro. E todos sabemos que o teu pai tem montes dele.

Os ombros da Riley descaem.

– Acho que não pensei nisso.

– É por isso que me pagas a valer – digo-lhe. – Continuas a querer fazer isto?

Ela retribui um aceno quase impercetível ao meu olhar sem pestanejo.

Entrego-lhe um tubo.

– Okay, começa a cuspir.

O Dylan está à espera no corredor, à porta da casa de banho, quando saímos com seis tubos de saliva da Riley. Parece profundamente perturbado. Vai em direção à Riley assim que a vê. Madeixas de cabelo escuro cobrem-lhe parcialmente os olhos encovados, que estão visivelmente vermelhos. Não creio que tenha alergias sazonais, portanto, o meu palpite é que esteve a chorar. Também está a respirar com esforço, como se tivesse acabado de terminar uma corrida. Tem o maxilar tão contraído que pode muito bem partir. Vejo-lhe as veias salientes no pescoço.

– Como é que me pudeste fazer isto? – pergunta à Riley.

A Riley inclina-se para trás nos calcanhares, como que lançada para trás pela força da raiva dele.

– Como sabias onde eu estava?

– Vi-te no corredor e segui-te até aqui.

– Dylan, o que queres? – A voz da Riley tem um tremor nervoso.

– Quero saber com quem andas enrolada nas minhas costas.

– O quê?! – A Riley recua.

O Dylan alcança-lhe o braço, agarrando-o com força enquanto ela se afasta.

– Ai! – grita ela. – Larga-me. Isso dói!

O Dylan solta-a, mas apenas para tirar o telemóvel.

– Pois, olha, isto também – rosna ele, mostrando-lhe alguma coisa no ecrã.

Nunca tinha visto uma pessoa ficar em estado catatónico. Nunca tinha visto a cara de uma pessoa ficar sem pinga de sangue tão depressa como a da Riley. Por um momento, acho que ela vai desmaiar, mas fica de pé. Olha fixamente para o telefone, de boca aberta, como se tivesse visto um fantasma.

– Quem te mandou isso? – pergunta ela.

– Conheces alguém chamado A. Dumas? – pergunta o Dylan. – Tenho a certeza de que não, mas foi quem mandou.

A Riley gagueja. Não consegue encontrar as palavras.

– Dylan, do que estás a falar? – pergunta.

O Dylan vira-se para mim e empurra o telefone para a minha cara.

– Estou a falar da minha namorada a dormir com outro gajo! – grita. Parece pronto para se atirar a nós as duas.

Logo que vejo a imagem, sinto o chão mexer-se sob os meus pés. Não pode ser, estou a pensar. *Não. Não. Não.* Mas mesmo depois de uma série de vezes a pestanejar, a imagem continua lá, sem dúvida. É uma das fotografias da Riley, tiradas do lado de fora do McCormick, na noite chuvosa em que eu e o Jay a seguimos para fora da cidade. O Gajo do Chapéu está na fotografia, de costas para a câmara, portanto não se vê muito dele, mas vê-se claramente que tem a mão no rabo da Riley.

A legenda diz: *Ei Dylan, este és tu?*

– Então, quem é ele? – pergunta o Dylan, empurrando o telemóvel de volta para a Riley. – E quem é o raio do A. Dumas?

O meu estômago encolhe e fica do tamanho de uma noz. Por acaso li o Alexandre Dumas em inglês: autor de *O Conde de Monte Cristo*, uma história clássica de vingança, do melhor. Eu sei muito bem quem é *este* A. Dumas, e também estou furiosa.

A Riley parece abalada.

– Dylan, falamos mais tarde, sim? Agora não é um bom momento. – Ela vira-se para se ir embora, começa a andar pelo corredor, mas o Dylan lança-se a ela, agarra-lhe o braço pela segunda vez e puxa-a para trás, com força.

Não gosto da expressão do seu olhar. Mora lá um furacão; toda a sua expressão é uma tempestade sombria e furiosa. Também se dirige a mim. O seu mundo, ou pelo menos o seu mundo como eu o vi, era composto por uma bola, um taco e a Riley. Eu não achava que os rebaixamentos do seu pai o tivessem afetado; não achava que tinha profundidade para se sentir ferido. Mas agora vejo-o no seu olhar triste, a raiva na voz, a postura descaída. Tenho pena dele, mas também tenho pena da Riley. É claro que ela tem os seus problemas, portanto estes dois provavelmente precisam de dar um tempo. Mas não desta forma.

– Quem é este gajo? Anda sequer nesta escola?

Estou a pensar: *Na verdade, há boas hipóteses de estar a pagar casa ao banco.*

– Dylan, acabou tudo entre nós – diz a Riley. – Eu devia ter terminado contigo antes, e peço desculpa. Precisamos de falar sobre isso, mas mais tarde, está bem?

– Não! Não está bem. Quero falar agora – diz o Dylan. Aperta mais o braço da Riley.

Ela pestaneja de dor.

– Então, larga-a – suplico.

Graças a Deus ele escuta. A Riley puxa o braço para o lado do corpo, como uma asa ferida.

– Vou descobrir quem ele é – diz o Dylan. A sua voz ressoa como um trovão. – E quando descobrir... ele vai-se arrepender. – Vai-se embora batendo os pés com força pelo corredor.

Também estou com raiva. Disse ao Jay em termos inequívocos que não queria magoar o Dylan. Agora também não quero magoar a Riley.

Tenho algumas palavras muito fortes para o Jay Kumar, mas o que realmente me chateia é saber que não sou inocente nessa confusão. Eu estava no carro naquela noite. Pedi ajuda ao Jay para expor os segredos da Riley. Fui a menina estúpida a tentar impressionar o rapaz mais velho.

À medida que o Dylan desaparece do meu campo de visão, um pensamento preocupante lateja na minha cabeça. *Se acontecer alguma coisa ao meu primo – ou à Riley, aliás – por causa das coisas que eu fiz, nunca me vou perdoar.*

## Capítulo 27

Se uma dispersão de folhas de outono coloridas, dispostas na consola do espaçoso átrio dos Kumars, conta, então a casa deles estava decorada para o feriado.

Alex sentiu um ligeiro arrepio quando tirou o casaco e o entregou a Samir, que os cumprimentou à porta. Não era apenas o ar fresco da noite que lhe gelava a pele. Apesar das folhas coloridas, Alex ficou novamente impressionada com a esterilidade do resto da casa. A vibração de vazio já não era apenas da novidade da mudança, já que os Kumars tiveram meses para se instalar.

– Ah, os últimos a chegar! Que bom que conseguiram vir – disse Samir.

Tinha um ar garboso, com o seu casaco desportivo azul. O sorriso parecia genuíno e caloroso, mas Alex perguntou-se se seria tudo encenação. Será que o seu charme era uma cortina de fumo? Ela tinha ido ali com uma mente aberta, na esperança de que uma noite íntima, de proximidade, proporcionasse uma nova perspetiva que a deixasse decidir se ele era controlador, na melhor das hipóteses, ou abusivo, na pior.

– Muito obrigada por nos receber – disse Alex.

– O prazer é meu – respondeu Samir. – Estamos contentes por terem podido vir os dois.

– Encantado de aqui estar – disse Nick.

Alex manteve-se vigilante. Tinha seguido Samir até ao supermercado como uma espécie de detetive privado, e ele também sabia disso. Que embaraço! Quando todos se afastavam do átrio, Alex verificou as paredes, à procura de fotografias de família, mas o interior pintado de branco nem um risco de unha mostrava. Parecia ter um propósito, como se eles salvaguardassem ativamente o passado.

– O Jay está cá? – perguntou Alex.

– Saiu esta noite – disse Samir. – Convidámo-lo para se juntar a nós, mas ele tinha outros planos.

– Oh, que pena! – disse Alex. – Adorávamos conhecê-lo melhor. E eu nunca perguntei, mas têm outros filhos que vêm a casa para o feriado, ou o

Jay é filho único? Sabemos tão pouco sobre vocês. – Forçou uma animação adicional na voz.

Um olhar guardado entrou nos olhos de Samir, mas, num piscar de olhos, a sua atitude simpática voltou. Incomodava Alex ver alguém tão hábil a regular as emoções.

– O Jay é o nosso único filho – disse ele.

Alex ficou com a sensação de que a história não ficava por ali. Talvez Mandy tivesse sofrido abortos espontâneos como ela. Mas isso não era conversa para o jantar. Passado um momento, perdeu esse fio de pensamento. Do fundo do corredor, vinham aromas que enchiam o ar, banhando os seus sentidos numa abundância de fragrâncias, apenas algumas das quais ela conseguia identificar.

Samir reparou que Alex farejava o ar.

– Esta noite, temos uma mistura de comidas – disse ele. – Um frango assado que a Mandy preparou (não queria que se fartassem de peru antes do feriado), uns pratos populares da minha cidade natal que não têm nada que ver com o Dia de Ação de Graças, mas que acho que vão achar bastante agradáveis.

– De onde é? – perguntou Nick.

– Sou do Norte, Ludhiana, no Punjab, para ser exato, o décimo sexto maior estado da Índia – disse Samir. – Mudei-me para os Estados Unidos para fazer uma pós-graduação, conheci a Mandy e nunca mais me fui embora. Sorte a minha.

– Viaja até lá regularmente? – perguntou Alex. Seguiu Samir pelo corredor, cativada pelos aromas que perfumavam o ar. Ao aproximarem-se da cozinha, ouviram o barulho dos outros convidados, seus amigos e vizinhos.

– Cada vez menos, infelizmente. O trabalho tem o seu lado negativo. – A voz de Samir era inexpressiva.

Ao fazer mediação, Alex tinha aprendido que certas inflexões de voz poderiam indicar que um cliente não estava a ser completamente aberto. Perguntou-se o que teria Samir a esconder.

Sem que Alex se desse conta, Mandy, deslumbrante num vestido-camisola justo preto, adornado com joias de ouro simples, colocara-lhe um grande copo de vinho na mão.

– Bem-vinda! Espero que goste de tinto – disse Mandy.

Alex fez um sorriso luminoso.

– Gosto de tudo – respondeu. – Obrigada.

Olhou em redor da sala. Toda a gente conversava agradavelmente, parecendo divertir-se. À superfície, parecia tudo perfeitamente normal. Evan estava a conversar com Ken e Emily. Brooke e Willow estavam emparelhadas junto de um prato de aperitivos, a beber vinho e a rir de vez em quando. Tal como aquelas folhas decorativas davam à ocasião um verniz de normalidade festiva, uma tensão subliminar permeava a cena. Ou talvez Alex soubesse demais.

Emily separou-se dos homens para dar um abraço de boas-vindas à irmã. Nick logo se juntou a Ken e Evan numa conversa animada.

– Como te estás a aguentar? – sussurrou Alex ao ouvido da irmã.

Emily lançou um olhar acutilante a Mandy, depois dirigiu um olhar semelhante a Brooke, o que deixou Alex nervosa. *Será que ela sabe do site?*

Estava prestes a perguntar isso mesmo quando Samir, que estava debruçado sobre o fogão para provar um prato com um cheiro delicioso, se levantou para anunciar que o jantar estava pronto.

Passado um momento, estavam todos sentados à volta da mesa comprida da sala de jantar. O bufê sob as janelas tinha sido levantado para dar espaço a um bar *self-service*, completado com um balde prateado de gelo, taças de vinho e uma variedade de bebidas destiladas, nenhuma das quais tão luxuosa como a preciosa garrafa de uísque de Ken. Um crepitar de fogo na sala de estar adjacente acrescentava um toque de calor. Mandy e Samir trabalharam em equipa para trazer a comida da cozinha e, em pouco tempo, havia um banquete diante de todos.

A abundância suscitou elogios efusivos. Alex apreciou a aparência e os cheiros de um frango perfeitamente assado, a exuberante salada verde, um prato de molho de arando caramelizado, batatas fumegantes regadas com manteiga e uma série de tacinhas cheias de molhos coloridos como ela nunca tinha visto.

– Não vou me dar ao trabalho de explicar a comida a que já estão habituados – disse Samir. – Mas talvez queiram saber sobre a gastronomia da minha terra.

Apontou para um pão *ázimo* da cor do açafraão, mantido quente dentro de um prato de cobre.

– Isto é *makki di roti* – disse. – É um favorito da gente da região do Punjab. E nós comemo-lo com *sarson ka saag*.

A Alex, o segundo prato parecia *saag paneer*, mas ela não tinha conhecimento suficiente sobre a culinária indiana para saber a diferença.

– Comemos estes dois pratos juntos durante todo o inverno, e isso mantém-nos muito bem nutridos – disse Samir.

Havia mais: um prato chamado *chole bhature*, que Samir descreveu como um caril de grão-de-bico picante.

– Normalmente, come-se com pão frito, mas a Mandy insistiu que já tínhamos comida a mais.

*E tinham mesmo*, ponderou Alex. A mesa parecia gemer sob o peso de todos os pratos e garrafas.

A comida foi servida num frenesim algo caótico, enquanto se serviam mais copos de vinho.

Debaixo da mesa e fora da vista, Nick colocou a mão na perna de Alex. O seu toque era doce e íntimo, mas também surpreendente. Em tempos, era comum que fossem carinhosos um com o outro. Ela aqueceu mais com o seu olhar amoroso do que com o vinho e o fogo. Parecia um reacender, uma

reconexão momentânea que seria a base para construir algo. Em gritante contraste, Alex observou Willow e Evan, que pareciam evitar de propósito qualquer contacto visual ou qualquer tipo de interação.

Ken bebeu um grande gole de vinho, depois usou a sua voz estrondosa para chamar a atenção por cima do ruído da conversa.

– Sabes, Nick, quando tu e a Alex tocaram à campainha, julguei que fosse o Homem Peste que nos vinha *melgar* com outra visita. – Riu-se da sua própria tentativa de humor, mas ninguém mais se riu com ele.

Ken olhou em redor da mesa, absorvendo todas as expressões pétreas.

– Muito cedo? – perguntou.

– De longe – disse Willow, que lançou a Evan o primeiro olhar realmente desagradável da noite.

– Quem é o Homem Peste? – perguntou Mandy.

– É um vendedor de controlo de pragas que usa táticas de vendas superagressivas – disse Evan. – Estava à porta da casa do Ken no Halloween, a enfiar panfletos nos sacos das crianças que andavam no «doce ou travessura». A façanha quase exterminou o Homem Peste.

– Bem, ele não deve vender mais – disse Ken. – Liguei para a empresa e apresentei uma queixa formal. E não vou desistir até esse sujeito ser demitido.

Alex viu os olhos de Mandy tornarem-se duas fendas, como se pudessem sair punhais deles. Se tinha havido alguma coisa entre ela e Ken, aquele olhar praticamente dizia que tinha terminado deixando sentimentos danosos.

Mandy não se ficou apenas pelo olhar.

– Parece que se está a envolver demais na vida de alguém, Ken – disse ela. – Não será como como brincar a ser juiz, júri e carrasco? Será que ele perturbou a sua vida a esse ponto? O que importa, afinal, que ele esteja a distribuir panfletos? É irritante, com certeza, mas tem de fazer com que o despeçam?

Um silêncio instalou-se sobre a mesa. Um peso que não estava lá há instantes pairava no ar como uma bigorna à espera de cair. Foi uma tampa na conversa, especialmente vindo da anfitriã da festa.

Samir colocou a mão no braço de Mandy, como se contê-la fisicamente também lhe refreasse as palavras. Mandy libertou-se, precisando de considerável rotação para quebrar o contacto. Alex captou o olhar desafiador que Mandy lançou ao marido. Samir, no entanto, não vacilou.

– Eu digo que não devemos fazer juízos de valor sobre os nossos convidados – disse Samir. – Este é um momento de graças e gratidão. Por favor, vamos todos desfrutar da refeição.

Todos pareceram recuperar a compostura, o suficiente para encher os pratos de comida e para Alex encher de novo o copo de vinho. Já estava a ser uma noite e tanto.

– Tem razão, Samir – disse Willow. – Estou grata por esta refeição e pela oportunidade de conhecer melhor o Samir e a Mandy. Muito obrigada



por nos receber a todos e por este maravilhoso jantar. Proponho um brinde.

– Concordo – disse Nick. – Um brinde.

Brooke aproveitou a deixa para alcançar a garrafa de vinho. Vestida com um *top* decotado sedutor, que oferecia um amplo vislumbre do impressionante colo, debruçou-se sobre a mesa, passando por Emily, até ao *Merlot*. Ao fazê-lo, exibiu a Emily a mesma visão que pessoas como Ken, e outras *online*, evidentemente pagavam bom dinheiro para ver.

Pareceu ser demais para Emily, que murmurou:

– Rápido, Ken, tira uma fotografia *disto*.

Alex quase se engasgou com a bebida.

Sem vacilar, Brooke retribuiu um meio sorriso diabólico e pareceu ajustar o corpo para que Ken e Emily pudessem desfrutar de uma boa olhadela aos seus dotes.

– Força – disse Brooke. – Não vejo mal nenhum em olhar.

– Acho que não vejo a coisa da mesma maneira que tu, Brooke. Especialmente porque envolve o meu marido – disse Emily.

O rosto de Ken ficou vermelho como o vinho. Mexeu-se, pouco à vontade, na cadeira.

– Emily, este não é o momento nem o lugar.

– Ah, esquece – disparou Emily. – Partilhas de bom grado os teus hábitos visuais com todos os da mesa de póquer, mas eu não posso fazer uma piada inofensiva ao jantar.

A expressão de Ken roçava a fúria.

– Não vejo ninguém a rir.

Samir parecia perplexo.

– Não compreendo o que está a acontecer aqui... talvez alguém tenha a bondade de me explicar?

– Parece que algumas pessoas têm um problema com a minha atividade paralela – disse Brooke. – Não vejo nada de mal em colocar algumas fotografias sensuais de alta qualidade *online* e ganhar um bom dinheiro com elas.

Agora era Mandy quem parecia confusa.

– Faz pornografia? – perguntou ela.

– Pornografia não – corrigiu Brooke. – É arte. O corpo é lindo, todos os corpos, e eu gosto de celebrar o meu. Para mim, é uma emoção que as pessoas, homens e mulheres, gostem de olhar para o que tenho para partilhar. É uma emoção ainda maior quando esse prazer aparece na minha conta bancária.

– É um *site* chamado OnlyFans – disse Emily. – E cerca de meia hora antes de irmos para cá, o meu marido estava a olhar para as fotografias da Brooke no *site*. Eu não saberia deste facto engraçado se não tivesse entrado no escritório dele à sua procura, mas ele tinha ido à casa de banho... e não digo mais nada sobre isso... e deixado o ecrã ligado para eu dar uma olhadela.

»Eu estava a percorrer o *site* quando ele voltou. Ficou todo zangado, a

insistir que não era nada de mais. Até achou engraçado. Mas eu sei que ele está só a minimizar a situação porque aquelas fotografias são supersensuais e é por isso que de tão bom grado as partilha com todos os amigos do póquer. Tenho a certeza de que o Nick e o Evan também deram uma olhada.

– Por mim tudo bem – disse Brooke. – Talvez eu consiga mais fãs a pagar, que queiram o meu... conteúdo exclusivo.

– Que conteúdo exclusivo? – perguntou Evan.

Alex achou que ele parecia irritado; mas a verdade é que esse era o seu estado normal nos dias que corriam.

Rapidamente. Willow virou-se para Evan:

– Então *viste-as*? Que figuras! – Parecia enojada.

– Sim e o meu interesse é estritamente profissional – disse Evan. – Se houver algum conteúdo de qualidade disponível, talvez eu possa fazer a minha revisão sincera.

– Obrigada, mas acho que tenho tudo finalizado – disse Brooke friamente.

– Eu também as vi – admitiu Nick quando os olhos caíram sobre ele.

Sabidamente, não partilhou que Alex tinha conhecimento das fotografias. Ela lançou-lhe um olhar dissimulado, um lembrete para manter o segredo. Brooke também ficou em silêncio, entendendo a necessidade de discrição sem precisar de ser incitada a isso.

A atitude calma de Samir começou a fraturar-se.

– Então, estou a entender bem, que posta fotografias privadas de si mesma... na Internet?

– Bem, não são muito privadas a partir do momento em que as coloco lá.

– Brooke parecia imperturbável.

Samir imobilizou-se enquanto absorvia a informação.

– Talvez não me caiba envolver-me, e posso ser mais conservador do que a maioria neste campo, mas não está a incentivar a exploração das mulheres? – questionou. – Não lutaram tanto pela igualdade de direitos, para não serem sexualizadas dessa forma... o movimento #MeToo e tudo isso? Não a preocupa minimamente a mensagem que está a enviar às outras mulheres?

Brooke descartou o ralhete.

– Acho que as mulheres devem decidir quando querem ser sexualizadas e quando não querem – disse ela. – Na minha opinião, o movimento #MeToo é sobre as mulheres terem controlo sobre os seus corpos e as suas vidas. Não devemos ter homens, nem ninguém, já agora, a decidir o que podemos ou não fazer na privacidade da nossa casa, ou o que colocamos lá fora para outras pessoas verem e desfrutarem.

Mandy virou-se para Samir com uma expressão feroz no olhar.

– Acho que não compreendes de facto o que a exploração das mulheres realmente significa – disse ela. O seu olhar atravessou a mesa, pousando diretamente em Ken. – Deixem-me falar-vos um pouco mais sobre a

exploração das mulheres.

– Mandy, eu preciso de falar contigo em particular – disse bruscamente Samir. – Agora, por favor. – As suas palavras reverberaram como um tiro.

Todos se calaram, imóveis, sem sequer pestanejar.

Relutante, Mandy levantou-se da cadeira. Seguiu Samir para fora da sala.

– Eu não consigo acreditar que tenhas trazido isso para a mesa assim – disse Ken a Emily com um olhar mordaz. – Sabes... acho que já me diverti o suficiente para uma noite. – Levantou-se também da mesa. – Por favor, informem o Samir e a Mandy de que não me sinto bem.

Saiu da sala com passos pesados.

Emily hesitou, mas acabou por se levantar para seguir o marido.

Alex virou-se para Nick e disse:

– Eu tenho de ir ver como está a Emily. Já volto.

Alcançou a irmã lá fora, já a meio do caminho de acesso. Ken não estava à vista.

– Eu estou bem – disse Emily. – Está tudo bem. Sinto que precisávamos que isto acontecesse. Talvez agora possamos começar a ter umas conversas honestas um com o outro.

Estava escuro lá fora. Alex esperava que Emily não a visse engolir em seco. Ken não era o único que não tinha sido completamente honesto com ela.

– Podes ficar connosco, lá em casa, se as coisas ficarem feias – disse Alex. Ocorreu-lhe que tinha feito a mesma oferta a Willow não há muito tempo e imaginou a sua casa invadida por pessoas cujos relacionamentos estavam em crise.

As irmãs abraçaram-se rapidamente antes de Alex voltar para a casa dos Kumars e sair do frio. Fechou sem barulho a porta da frente e seguiu em direção à sala de jantar, ainda grata por Nick saber quando não abrir a boca. Mas alguém estava a falar. Ao fundo da escada, apanhou um trecho da conversa lá em cima.

Ouviu Samir dizer em voz baixa e intensa:

– Tens de aprender a controlar-te, Mandy. Tens tomado a medicação?

– Na verdade, *tu* tens de parar de tentar controlar-me – disse Mandy amargamente. – Não quero tomar os comprimidos. Odeio a maneira como me fazem sentir.

– Bem, tens de tomá-los – ordenou Samir.

As tábuas do soalho rangeram e Alex percebeu que eles estavam a descer as escadas para se juntarem novamente à festa – com menos dois convidados. Rápida e silenciosamente, voltou para a sala de jantar e retomou o seu lugar ao lado de Nick. Apesar da tensão e estranheza da noite, ganhou pelo menos uma coisa de valor: uma luz sobre os seus novos e misteriosos vizinhos.

Samir *estava* a controlar Mandy. E usava medicamentos – talvez prescritos por si próprio – para garantir que ela fazia o que ele queria.

## Capítulo 28

### Lettie

O Jay pode ignorar os meus SMS, mas a sua mãe não ignora a campanha.

– Olá, Lettie – diz Mandy Kumar sem grande inflexão na voz. – Andas à procura do Jay?

*Bem, não estou aqui para tomar chá.* Penso isto, mas, sabiamente, não o digo.

– Ele está em casa? – pergunto. Estou a fazer grande alarde de ser querida e simpática. Não quero que a mãe pense que o seu querido filho corre algum perigo.

– Está lá em baixo – diz ela, e afasta-se para o lado convidando-me a entrar. Há algo de gélido no sorriso da Mandy. Tenho a sensação de que não sou a única a fazer teatro.

– Tivemos um jantar tão simpático com a tua mãe e o teu pai – diz-me ela. – Que bairro maravilhoso, com tantas pessoas interessantes... e uma conversa muito *animada*. – Os seus olhos iluminam-se estranhamente.

Eu aceno, sem saber o que mais dizer.

– Algum plano para a faculdade? – questiona.

– Ainda não – digo. – Agora estou só a fazer as inscrições.

– Bem, boa sorte – diz ela. – A faculdade é um momento incrível da nossa vida. Estima-o.

– Vou estimar – prometo, sem saber se é uma promessa que possa cumprir. Além de que é uma coisa meio estranha de se dizer.

Com certeza não partilho a que faculdades me candidatei, nem que a minha principal escolha é a Califórnia. Tudo isso me deixaria aberta a mais perguntas. *Califórnia? Porquê tão longe de casa? O que queres estudar?* Podemos até chegar a falar sobre o elevado custo do ensino superior nos dias de hoje, e eu poderia dizer que o meu pai quer que eu vá para Universidade de Massachusetts, mas vou conseguir empréstimos, mesmo que tenha de ir contra a vontade dele. Tudo isso é despejar informações a mais para o meu estado de espírito atual, que roça o assassino.

A Mandy Kumar parece sentir a minha crescente ansiedade. Sorri tensamente. Orienta-me para a cave, que eu poderia ter encontrado por conta própria.

E lá desço eu. Não há luzes acesas, mas, mesmo assim, há um brilho, como um televisor num quarto escuro. À parte um aroma rico a café, o ar parece húmido e estagnado. Quando chego ao último degrau, vejo o Jay sentado numa cadeira de escritório com as costas voltadas para mim. Tem auscultadores nos ouvidos, portanto não me ouve descer. Provavelmente também não me ouviu tocar à campainha.

Estão duas secretárias de madeira simples encostadas numa parede de cimento, sobre a qual descansam quatro monitores de computador com luz forte. Há um tapete de tamanho considerável debaixo das secretárias, mas isso não confere ao espaço um verdadeiro ambiente. Não vejo arquivos. Nem pilhas de papéis. Não há nada nas paredes. Tudo o que o Jay quer e precisa deve estar contido nas torres gémeas dos computadores, que zumbem e vibram como seres vivos.

Uma mesinha ao pé do Jay comporta uma cafeteira, das que também fazem café expresso. Há um balão meio cheio de café pronto a servir e é tudo em matéria de acessórios de escritório. Por alguma razão, eu imaginava que o covil de um futuro bilionário fosse um pouco mais... luxuoso.

– Jay – digo com severidade.

Ele não se vira, provavelmente porque não me consegue ouvir.

Bato-lhe com força no ombro e volto a dizer o seu nome, desta vez num rosnado.

Ele vira-se, finalmente, e tira os auscultadores. Há um vislumbre de irritação nos seus olhos. Não tenho a certeza se está zangado por causa da interrupção ou da minha presença. Desconfio que seja uma combinação dos dois.

– Lettie – diz ele, arrastando um pouco a voz. – O que te traz aqui?

Um clique do seu rato faz com que todos os ecrãs fiquem negros, não que eu pudesse ter compreendido o absurdo que ele estava a olhar. Capto um vislumbre da tatuagem de escorpião no seu pulso. Procurei *online* e fiquei a saber que o escorpião é o símbolo da deusa egípcia Selket, protetora dos mortos. Tenho-me perguntado se a tatuagem terá alguma coisa a ver com a trágica morte do seu irmão mais novo. Mas este não é o momento de partilhar ou querer saber disso.

Cruzo os braços ao peito. Tenho receio de lhe bater, caso deixe a mão livre. Por mais chateada que esteja, não deixo de sentir aquele aroma especial do Jay, atrativo como o raio.

– Porque é que fizeste aquilo? – pergunto.

– Fazer o quê? – diz o Jay, como se eu fosse uma perfeita idiota.

– A. Dumas? *O Conde de Monte Cristo*. A sério? Que caras, Jay!

Uma espécie de sorriso levanta-lhe os cantos da boca.

– O que posso dizer? O teu plano de vingança inspirou-me. – Ouço uma

nota de orgulho.

É quanto basta. Bato-lhe no ombro com o punho fechado e nem sequer faço menos força. O contacto é duro o suficiente para fazer disparar um choque de dor pelo meu braço.

– Au! Isso dói! – O Jay esfrega o lugar que o meu golpe atingiu. Lamento que ele não tenha de esfregar o queixo.

– Bem, o Dylan também está magoado, seu idiota – disparo. – Pobre miúdo, mal saiu do quarto esta semana.

– Ele vai superar isso – responde o Jay. – O amor jovem é uma treta.

– Não, tu é que és, Jay – digo. O seu distanciamento não me cai bem. – Mandaste-lhe aquela fotografia.

– Porque tu me pediste – diz ele.

Esta obriga-me a uma pausa.

– Hã... explica-me como é que o facto de te ter dito para não magoares o Dylan transfere a culpa para mim? Estou mesmo curiosa para ouvir.

Não posso acreditar que já estive vidrada neste tipo. Talvez a idiota seja eu.

– Queres procurar a definição de *magoar*, Lettie? – responde o Jay. Não está a ceder. – Eu ajudo-te. – A sua mão dirige-se para o rato. Passado um momento, já fez uma busca no Google pela palavra *magoar*.

– «Causar dano a alguém» – lê-se. – «Causar dor emocional ou angústia.»

– Onde é que queres chegar? – pergunto.

– O que eu quero dizer é que pediste para não magoar o Dylan. Eu acho que a namorada andar com outro tipo nas costas dele é um bocado *danoso* para o seu bem-estar, não achas?

– Eu, hum... – Merda. Ele tem razão. – Quer dizer, sim, é, claro, mas a questão não é essa – consigo dizer.

O Jay ainda não terminou.

– É a única questão – diz ele.

– Bem, podias ter-me perguntado. – Não é a minha melhor resposta, mas é tudo o que tenho.

– Porquê? – pergunta o Jay. – Tu terias dito que não. Estavas toda lançada na vingança e depois amoleceste com a Riley. Estas imagens teriam prejudicado os dois, portanto tu não terias feito *nada*. Eu fiz-te um favor. Devias agradecer-me, não gritar comigo, não me bater.

– Agradecer-te? Por o Dylan se trancar no seu quarto? A Riley está passada. A Willow e a minha tia Emily agem de maneira esquisita na presença uma da outra, fazem acenos de mão frouxos uma à outra, mas imagino que a tia Emily preferisse mostrar o dedo do meio à Willow. Viraste do avesso a vida de toda a gente, Jay! Pessoas de quem eu gosto!

O Jay desdenha.

– Estavas a magoar essas mesmas pessoas no instante em que soubeste de factos que não partilhaste. Foste cúmplice através do teu silêncio, Lettie.

Eu esperei... esperei que crescesses e agisses corretamente, mas com o passar do tempo ficou claro para mim que irias enterrar esta coisa.

»Achas sinceramente que se eu quisesse magoar o Dylan e a Riley era isso que eu teria feito? Enviar-lhe uma fotografia? Não, que raio. Tê-las-ia enviado anonimamente para o raio da escola inteira. E podia ter feito isso... sem problema. Bem, isso seria uma humilhação a sério. *Isso é vingança.* Portanto, é evidente que eu não estava a tentar *magoar* ninguém. Eu estava a fazer o que devias ter feito há séculos.

»Aqui estás tu, munida das provas que poderiam corrigir a situação, mas não, preferes que o teu querido primo, de quem dizes gostar taaaaanto, continue a viver como um perfeito idiota. Eu fiz o que tu devias ter feito desde o início para salvá-lo de muito sofrimento desnecessário.

Fico em silêncio, virando-me para dentro. Não era disto que eu estava à espera. Sinceramente, achei que o Jay iria implorar-me por perdão. Em vez disso, sou eu que me sinto uma estúpida. Como é que isto aconteceu, raios?

– Há outras maneiras de fazer isso – digo-lhe, mas, neste momento, não me ocorre nenhuma.

O Jay acusa-me de *bluff* com um olhar duro.

– Ele está em péssimo estado – digo. – E eu sinto-me inteiramente responsável.

– Foste tu que quiseste ir desenterrar segredos, não eu – diz ele. – Às vezes, é melhor não saber as coisas. Nesse caso, nunca são um problema. A ignorância é felicidade, não é verdade? É quando se sabe coisas que não se devia saber que a vida se complica.

Estou a pensar que quero ser ignorante sobre o Jay Kumar. Oxalá nunca se tivesse mudado para cá. Oxalá eu não o conhecesse. Agora bati no fundo. Sou responsável. Se acontecer alguma coisa ao Dylan, se ele fizer alguma estupidez, como tentar ir atrás do Gajo do Chapéu e as coisas derem para o torto, ou até ficarem violentas, a culpa será minha. E se ele ficar obcecado com a Riley? E se ele fizer uma loucura a sério? Acontece. Às vezes, as pessoas magoam os outros por causa do que não podem ter.

Todo este meu pensamento não muda o facto de o Jay ter dado bons argumentos. O Dylan não devia estar num relacionamento com alguém que o trai. E afinal que raio estou eu a fazer a ajudar a Riley a encontrar o seu pai biológico? Porque é que, de repente, tenho um ponto fraco pela minha antiga perseguidora? Um beijo atrapalhado transformou-me numa parvalhona, encheu-me de empatia por outras pessoas, fez-me esquecer todas as coisas terríveis que a Riley me fez... e ao Dylan.

De repente, vejo a vida não em cores ricas, mas em muitos tons de cinzento. A Riley não é *toda* má. Ela é livre de viver e fazer o que quiser, mesmo que isso inclua o Gajo do Chapéu. E o Dylan não tem direitos sobre ela. Ninguém pode controlar o que outra pessoa faz. Claramente, eu não posso controlar o Jay. Mas agora que isto está às claras, talvez eu ainda possa corrigir as coisas.

– Em que estás a pensar? – pergunta o Jay quando eu já estou em silêncio há tempo suficiente.

Estou a pensar: *eu consigo resolver isto*, mas não o digo ao Jay. Acabei de perceber que ajudar a Riley a encontrar o pai biológico tem uma vantagem oculta para mim. Dá-me oportunidade de me aproximar ainda mais dela. E quanto mais me aproximo da Riley, mais influência exerço sobre ela. E talvez, apenas talvez, possa voltar a pôr tudo exatamente como estava antes de me envolver no assunto.

– Em nada – acabo por dizer. – Não estou a pensar em coisa nenhuma.

O Jay olha-me friamente.

– Não me mintas, Lettie. Se há pessoa de quem não podes guardar segredos... sou eu.



## **Memorial Day (Atualidade)**

### **Página online da comunidade de Meadowbrook**

#### **Laura Ballwell**

Há sempre uma crise qualquer em Alton Road. Lembram-se durante o inverno – a ambulância na véspera de Ano Novo?

#### **Henry St. John**

Sou bombeiro voluntário. Não me vou esquecer desta noite. Uma pessoa não esquece uma coisa destas. Nunca mais.

#### **Katherine Leavitt**

Que casa era?

#### **Resposta de Laura Ballwell**

Não posso mesmo dizer. Desculpa!

#### **Resposta de Ed Callahan**

Decidiste agora ter decência? És um verdadeiro pilar da comunidade, Laura Ballwell!

#### **Resposta de Tom Beck**

Ela só está a tentar ajudar. Agora estás a descarregar aqui, Ed Callahan?

#### **Resposta de Ed Callahan**

Estou só a dizer o que eu acho!

#### **Janet Pinkham**

Uma vez fui numa ambulância com o meu pai, que estava com dores no peito. Achei tudo muito assustador, mas o meu primo, que é paramédico, estava de serviço naquela noite. Qual é a probabilidade de uma coisa dessas? A propósito, o meu pai está bem, mas precisou de um *stent*.

#### **Resposta de Susanne Horton**

OK, ainda bem que o teu pai está bem, mas não podias ter fugido mais ao tópico.

#### **Ross Weinbrenner**

Esses Altonitas deviam ter a sua própria polícia e os seus próprios bombeiros, na minha humilde opinião. No Halloween passado, tiveram uma patrulha policial financiada pela cidade! Mais dinheiro dos contribuintes pelo ralo abaixo.

#### **Resposta de Joseani Wilkins**

Que tal experimentar pensamentos e orações, Ross Weinbrenner. Há alguém daquela rua que está morto!

Credo. Sabes que se apanha mais moscas com mel, certo? A propósito, nós pagamos a polícia e o corpo de bombeiros, independentemente da maneira como passam o seu tempo. Toca-te e segura os cavalos, sim?

**Resposta de Ross Weinbrenner**

Joseani Wilkins Eu só estou a dizer que há sempre alguma coisa de errado em Alton Road e que nós pagamos por isso, quer gostemos quer não, isso é um facto. Mesmo durante as férias, a época mais mágica do ano, esses Altonitas conseguem trazer à tona o pior uns dos outros. Ho. Ho. Ho.

INVERNO



## Capítulo 29

Aquilo em que Alex andava a pensar quase tanto, se não mais, do que na sua lista de tarefas de Natal era em Mandy Kumar. O Dia de Ação de Amigos podia ter sido há semanas, mas a memória do que ouvira ao fundo das escadas continuava a ocupar-lhe os pensamentos. Estava bem ciente de que os medicamentos podiam ser usados para controlar o comportamento, mas seria possível que Samir estivesse a obrigar Mandy a tomá-los como meio de controlo?

Falou sobre o incidente com Nick, que não partilhou a sua preocupação.

– Ela provavelmente precisa de remédios e muitas pessoas não gostam dos efeitos secundários – disse ele.

– Mas ela é psicóloga – lembrou Alex. – Acho que uma psicóloga saberia que deve tomar os medicamentos. Tenho a certeza de que passa a vida a aconselhar os seus doentes a seguirem a medicação.

– Faz o que eu digo, não faças o que eu faço – disse Nick, sorrindo ligeiramente, como se isso resolvesse a questão. – Não quero andar por aí a pensar o pior dos nossos vizinhos. Tenho a certeza de que não é nada.

Não era propriamente o apoio que ela procurava. Além disso, ele aligeirava sempre as coisas quando elas não o afetavam diretamente. Alex não estava preparada para abandonar a questão. Tinha visto tanto de Samir, tantos comportamentos estranhos – expressões obscuras, uma atitude evasiva em geral, discussões, possessividade – para conseguir ignorar este episódio.

Depois do jantar, Alex usou a desculpa de entregar um presente de Natal para estar com Brooke. Esperava que a amiga oferecesse um ouvido mais empático do que Nick relativamente às suas preocupações com Mandy. E também sentia que Brooke merecia algum apoio da vizinhança, depois do tratamento duro que teve no Dia de Ação de Amigos.

Alex semicerrou os olhos contra a luz baixa do entardecer no inverno enquanto atravessava Alton Road até à ampla casa de Brooke, a abotoar o casaco para ajudar a afastar o frio. A neve rodopiava pelo passeio em padrões hipnóticos. Quando se aproximava da casa, os seus olhos aventuraram-se para o bosque nas traseiras, onde o perseguidor espreitava. Estaria lá fora nesse

momento?

Tanto quanto ela sabia, tudo estava sereno desde que ela recebeu aquele bilhete ameaçador preso à coleira da *Zoe*. Ninguém tinha relatado novos avistamentos do perseguidor. Mas as patrulhas policiais tinham sido praticamente eliminadas. Quando Alex atravessou o caminho de acesso até à porta da frente de Brooke, teve a sensação de estar a ser observada.

Brooke veio à porta com um sorriso radiante.

– Que surpresa – disse ela calorosamente.

– Feliz Natal – disse Alex, presenteando-a com o pequeno presente embrulhado.

Brooke pegou no presente e começou a sacudi-lo, mas Alex impediu-a.

– Pode partir.

– Oh! Estou curiosa – disse Brooke. – Tens tempo para entrar e beber alguma coisa comigo?

– Adorava – disse Alex. Tinha sempre tempo para uma bebida.

Percorreram a entrada espaçosa em direção à cozinha. Alex reparou numa grande árvore de Natal falsa, toda iluminada a azul, brilhando no canto da sala de estar. Até a estética natalícia de Brooke era fixe e contemporânea, desviando-se do tradicional vermelho e verde.

Na cozinha, Alex reparou numa garrafa de vinho tinto já aberta na bancada de mármore, ao lado de um copo meio vazio.

– Deixa-me ir buscar outro copo – disse Brooke. – Põe-te à vontade.

Alex espreitou pela janela em direção ao bosque escuro na orla do relvado. Sentiu um arrepio no corpo.

– Tiveste mais notícias do teu... admirador? – perguntou Alex enquanto se instalava num banco de bar estofado a pele, na bancada.

Brooke abanou a cabeça.

– Não. Mas isso não significa que tenha desistido. Ele é persistente, embora se tenha calado. Espero que não tenhas recebido novas ameaças.

– Não, nada – disse Alex, ainda a olhar pela janela, meio à espera que surgisse um vulto.

Aceitou o copo de tinto que Brooke lhe entregou, apreciando o calor que o primeiro gole lhe proporcionou. Esperava que isso aliviasse a falta de à-vontade que sentia ao abordar as questões que pesavam sobre si.

– Lamento a forma como todos te julgaram no Dia de Ação de Amigos. Não imagino como te sentiste. Não tenho nenhum problema com as tuas decisões, que são apenas isso: *decisões tuas*. Fica o aviso: o meu presente é uma tentativa tola de dar leveza ao assunto.

Brooke descartou o assunto com um aceno de mão:

– Estou acostumada a comentários desses – disse ela. – Mas agradeço o teu apoio. E agora quero mesmo ver esse presente. Não consigo imaginar como conseguiste prender o burburinho do Dia de Ação de Amigos a algo quebrável.

Brooke puxou a fita vermelha brilhante da caixa de presente. Abriu o

pacote, revelando uma estatueta de porcelana, pintada à mão, de uma *pin-up girl vintage* com um *top* de biquíni e calções curtos.

– Oh, adoro! – Segurou a estatueta ao nível dos olhos e começou a rir. – É linda! E eu concordo: o presente perfeito, dadas as circunstâncias. – O seu sorriso brilhava.

– Ainda bem que gostaste. E estava a falar a sério, quando disse que não fazia juízos de valor.

– Não sei se a Emily sente o mesmo. Eu não fazia ideia de que ia soltar aquela bomba no jantar e não falei com ela desde então. – Brooke parecia arrependida. – Será que ela me odeia? – Fez uma careta, como se estivesse a preparar-se para más notícias.

– Não sei bem o que lhe passa pela cabeça – disse Alex. – Neste momento, o foco da Emily é o Dylan. Ele e a Riley terminaram e isso está a afetá-lo fortemente.

– Lamento ouvir isso – disse Brooke, embora o seu tom não estivesse muito preocupado. – O Dylan é um ótimo miúdo. Tenho a certeza de que vai recuperar.

– Espero que sim. É difícil para a Emily ver o filho tão desanimado. Ela já tem problemas suficientes com o Ken.

– As minhas fotografias – lamentou Brooke. – Espero mesmo que não tenham causado problemas no casamento deles. Lembro-me que, na noite das mulheres, ela falou em contratar um detetive privado porque não confiava nele.

A consciência de Alex alertou-a para não partilhar demasiado as tribulações pessoais de Emily. Mas ainda se sentia dividida sobre o que fazer com as informações que tinha de Ken. Receava que a honestidade criasse mais conflitos no casamento da irmã, mas será que estava a causar mais problemas ao reter informações potencialmente importantes? Não conseguia obter a resposta sozinha. Talvez Brooke pudesse ajudar.

Respirou fundo e exalou com força.

– O casamento deles pode estar em dificuldades por razões que não têm nada que ver contigo – disse Alex. – Eu vi o Ken fugir sorrateiramente da casa dos Kumars no verão passado e continuo sem saber o que pensar disso.

– A sério? – disse Brooke. – A Emily sabe?

– Não – disse Alex. – Aconteceu pouco tempo depois de os Kumars se terem mudado e eu não tive coragem de lhe contar. Ela já estava convencida de que o Ken e a Mandy tinham alguma coisa um com o outro. Eu não queria piorar as coisas sem provas conclusivas de um caso. A Emily sempre foi extremamente emotiva, de modo que isso bastava para poder ter feito explodir o seu casamento. Tu viste-a, no Dia de Ação de Amigos, como pode ser impulsiva. Não era propriamente o momento de entrar em questões conjugais, mas ela deixa-se levar pelos sentimentos.

– Porque é que a Emily achou que havia alguma coisa entre eles? – perguntou Brooke.

Alex não se queria pôr com mexericos sobre a vida pessoal da irmã, mas sem qualquer apoio de Nick, sentiu a necessidade de um confidente.

– Naquele primeiro dia, na festa do quarteirão, houve, sem sombra de dúvida, uma vibração entre eles – disse Alex. – Tanto eu como a Emily captámos isso.

– Será que já se conheciam? – perguntou Brooke.

Alex abanou a cabeça.

– A Emily perguntou diretamente ao Ken e ele disse que não. Se queres a minha opinião, o Samir também sentiu alguma coisa. Ouvi-os a discutir e ele quase não a perde de vista. E depois, na tarde em que o Samir nos convidou para o Dia de Ação de Amigos, disse-nos que a Mandy estava fora, em Nova Iorque... ao mesmo tempo que Ken tinha feito uma viagem repentina para a mesma cidade.

A expressão conturbada de Brooke intensificou-se.

– Não admira que o jantar tenha ficado tão estranho – disse ela.

– O Samir tem sido quente e frio comigo – disse Alex. – Acho que tem medo de que eu possa andar em cima dele por abusar da mulher. – Contou os acontecimentos que se seguiram à partida da Emily e do Ken naquela noite, culminando com o que ela ouviu no fundo das escadas.

– Pode ser inócuo – disse Brooke. – Há muitas pessoas que não tomam a medicação, até médicos.

– Sim... Mas não é só isso. São todos os comportamentos dele juntos. Agarrou o braço dela algumas vezes, determina com quem ela passa o tempo... então, porque não haveria de usar a medicação como meio de controlo adicional? Ele é psiquiatra, portanto sabe o que está a dar-lhe, não? Faz-me pensar se nos devíamos preocupar com a segurança da Mandy.

Brooke considerou cuidadosamente as implicações, enquanto Alex bebia o resto do vinho, querendo já outro copo.

– Suponho que possa haver algum comportamento desviante – disse ela. – Nunca se sabe o que acontece à porta fechada. Nunca ninguém por aqui percebeu que eu própria fui vítima de um marido controlador e abusivo.

– O quê?! – estranhou Alex. – Lá nisso tens razão. Eu não fazia ideia. Nem sabia que tinhas sido casada antes do Jerry.

Brooke riu-se, desdenhosa.

– Antes do Jerry? Era o Jerry.

Para isto, Alex não tinha resposta. Todas as palavras lhe faltaram.

Acabou por encontrar a sua voz.

– Uau... isso... uau. – Alex tinha os olhos arregalados. – Estou honestamente atordoada, Brooke. Não entendo. – Atrapalhou-se com os seus pensamentos. – Nunca nos disseste nada, não havia pistas... e fizeram férias com a Emily e o Ken, passaram tanto tempo com eles... Acho que a Emily não faz ideia.

– O abuso é geralmente um assunto privado – disse Brooke. Uma pausa pesada abateu-se sobre elas. – Vem comigo para a sala. Quero mostrar-te uma

coisa.

Os passos de Alex ecoaram enquanto ela seguia Brooke até à sala adjacente. Pararam em frente a uma fotografia de Jerry pendurada na parede. Ele estava sentado numa praia, com ar descontraído e seguro de si, de camisa de linho e bermudas. A barba bem aparada, grisalha e preta, escondia a boca, enquanto os olhos estavam tapados por elegantes *Ray-Bans*.

– Quando olhas para esta fotografia, o que pensas? – perguntou Brooke.

– Vejo o Jerry numa praia – disse Alex.

– Certo. Porque é que achas que a pendurei na parede? Porque é que eu havia de ter estas fotografias *todas* do Jerry e das nossas diversas explorações em exibição? – Brooke gesticulou para as fotografias emolduradas que adornavam as paredes.

– Eu diria: porque tens saudades do teu marido? – disse Alex.

Uma expressão que Alex nunca tinha visto aflorou o rosto de Brooke, um misto de desprezo, vergonha e... seria *alívio*?

– A melhor coisa que me aconteceu foi quando o Jerry Bailey caiu ao mar naquele navio de cruzeiro – disse Brooke.

Alex susteve a respiração.

– Não estou a sugerir que sou responsável pela morte dele, apesar do que algumas pessoas pensam – esclareceu. – Mas não posso dizer que o chorei, nem por um segundo. Confia em mim quando te digo que o meu casamento é o exemplo perfeito de uma relação que não é o que parece ser.

O seu olhar frio e desafiador perfurou Alex. A palavra *calculista* ocorreu a Alex.

Colocou a mão no ombro de Brooke.

– Sinto muito... Tu... queres falar sobre isso?

Brooke parecia não ter a certeza, mas falou depois de um breve silêncio.

– Guardei tanto disto para mim, nem sei por onde começar.

Voltaram para a cozinha e instalaram-se nos respetivos banquinhos depois de abrir outra garrafa de vinho.

*Graças a Deus*, pensou Alex.

– Se o Jerry era tão abusivo, porque manténs fotografias dele na parede? – perguntou ela.

– No início, mantive a mentira de que eu era a viúva enlutada – disse Brooke. – A última coisa de que eu precisava era tirar as fotografias todas e ter ainda mais suspeitas lançadas sobre mim. O dinheiro do seguro é essencial para a fábrica de rumores. Mas, como eu vivia com estas fotografias, elas passaram a representar outra coisa: um teste à minha resiliência, creio.

– Como assim?

– Se eu conseguisse continuar a olhar para elas – disse Brooke – sem me transformar em gelatina, então isso significava que *eu* estava no controlo. O Jerry deixou de ter poder sobre mim. – O seu olhar disparou para a porta da cozinha, como se fosse Jerry a persegui-la e não um misterioso desconhecido no bosque. – Estas fotografias tornaram-se um símbolo de tudo por que eu



tinha passado, de todo o meu sofrimento, e um lembrete de como *eu* nunca mais deixaria ninguém me controlar, nem a mim nem a minha vida. – Brooke abanou a cabeça como que para despejar uma memória indesejada. – Ter estas fotografias é como enfrentar os meus demónios diariamente: dão-me força, determinação.

Alex tentou manter uma expressão neutra. Mesmo assim, um olhar de pena cruzou-lhe o rosto.

– Eu realmente não fazia ideia – disse ela baixinho. – Sinto-me uma amiga e vizinha terrível.

Brooke descartou isso.

– Não te preocupes – disse ela. – Ninguém fazia ideia. Nem sequer a Emily e o Ken desconfiavam... pelo menos, a Emily não. O Ken e o Jerry cresceram juntos, portanto calculo que o Ken soubesse um pouco sobre as... tendências do Jerry.

Brooke olhou através de Alex como se estivesse, de alguma forma, a espreitar o próprio passado.

– Tudo começou com um bombardeamento amoroso, aquela treta do romance de conto de fadas – continuou. – O Jerry arrebatou-me. Era incrivelmente charmoso, bem-sucedido, superconfiante... e sabia tão bem... não, não, sabia incrivelmente bem, quando concentrava toda a sua atenção em mim.

Alex nunca tinha ouvido Brooke falar tão francamente sobre si mesma, além do seu trabalho no OnlyFans, que ela entendia ser uma espécie de máscara. Esta Brooke era honesta e aberta, tão sem filtros como a dor gravada no seu rosto.

– Apaixonámo-nos muito depressa, casámos em seis meses. Tudo parecia perfeito... pelo menos, por um tempo. Mas depois, a dedicação do Jerry transformou-se em algo, bem... acho que eu diria mais sombrio. Pode-se até dizer sinistro. – Olhou para Alex. – Insistia para que eu usasse certas roupas, começou a ditar não só o que eu usava e como gastava o dinheiro, mas também com quem eu passava o meu tempo. Estás a reconhecer isto? – Fez uma pausa.

– Samir – disse Alex entre dentes, num sussurro baixinho.

– Eu estava apreensiva. Não sou idiota – continuou Brooke. – Mas ignorei a minha intuição... o meu melhor discernimento, porque eu e o Jerry tínhamos uma química *incrível*. O sexo era tão escaldante que cegava. – Isto colocou o fantasma de um sorriso no rosto de Brooke, mas não era nada alegre. – E o Jerry era bastante hábil com as suas manipulações. Até hoje, passados estes anos todos, sinto-me zangada e repugnada comigo mesma por ter sido um brinquedo nas mãos dele. Por tê-lo *deixado* fazer de mim um brinquedo.

Alex já tinha ouvido clientes expressarem arrependimentos semelhantes. A sua própria irmã também tinha dito estas coisas. Sentiu-se pessimamente com a avalanche de vergonha em que Jerry enterrou Brooke e desejou ter formação de terapeuta para ajudar a amiga a desenterrar-se. Em vez disso,

Alex ofereceu o que parecia ser chavões ociosos.

– Pode acontecer a qualquer um. É o Jerry quem merece a culpa, não tu.

Brooke parecia vulnerável, de aspeto e de voz.

– Ele sabia exatamente quando fazer um elogio ou como reverter uma situação para que as minhas preocupações parecessem injustificadas... paranoicas, até.

– Se o perseguidor não te abala, nem consigo imaginar como deve ter sido mau – ponderou Alex.

– Ah, foi *mau* – disse Brooke. – Fez-me duvidar constantemente de mim própria, incluindo dando a entender que era ideia minha não ter filhos, ou pelo menos que eu estava em sintonia com a escolha dele.

– Querias ter filhos? – Alex ficou genuinamente surpreendida. – Eu sempre pensei...

– Pensaste que eu era a deslocada de Meadowbrook, que apreciava a liberdade sem filhos? – perguntou Brooke com uma pequena gargalhada.

– Sempre foste tão independente, tão calma e composta, enquanto eu era tudo menos isso – disse Alex. – Mesmo só com uma filha, sentia-me descontrolada... e admito que sofri algumas crises de ciúmes.

– De mim? – Brooke apontou para si mesma. – Por favor. As aparências iludem. Sempre quis ter filhos. Aqui estavas tu a invejar-me, enquanto eu te invejava a ti. Mas convenci-me de que eu e o Jerry decidimos juntos não ter filhos. Na realidade, ele não queria que o meu corpo perfeito ficasse flácido e deformado: são palavras dele, não minhas. – Brooke suspirou. – E quando trouxe à baila a ideia da adoção ou até de uma barriga de aluguer, ele deixou bem claro que não ia criar o filho de ninguém e que não queria que uma desconhecida gerasse o seu filho. Uma coisa eu sabia sobre o Jerry: quando punha uma coisa na cabeça, não havia maneira de fazê-lo mudar de ideias. Disse-me que se eu engravidasse, me faria abortar ou se divorciaria. Por isso, nunca engravidei.

Alex estava sem palavras.

– Mas isso não foi o pior – disse Brooke. Fez uma pausa. Recompôs-se, concentrou a sua determinação, sentou-se mais direita no banquinho. – O Jerry tinha um grande apetite sexual. – Uniu os dedos como se estivesse em oração. A rezar porquê? Por uma realidade diferente? – Era insaciável no que tocava ao quarto, ou qualquer outra divisão. Ele queria sexo o tempo todo, e foi ficando mais vigoroso... muitas vezes, violento.

»Havia alguns sinais de alerta. O Jerry até me disse que tinha sido acusado de alguma impropriedade sexual. Pelo menos foi assim que ele lhe chamou; sabe-se lá o que fez. Disse-me que era tudo um monte de mentiras para o deixar constrangido, uma ex-namorada qualquer ciumenta que queria vingança pelo coração partido. Mas quando passei, eu própria, a conhecer as suas tendências... bem, digamos que tenho a certeza de que era culpado de alguma coisa.

»O sexo era apenas mais uma válvula de escape para a raiva do Jerry e

para ele exercer o seu controlo, o seu domínio sobre mim. Quando não conseguia o que queria, ele... tirava-o e pronto. – Brooke ficou em silêncio.

As emoções convergiram em Alex, vindas de todos os ângulos. Sentia culpa: porque não tinha sido uma melhor amiga? Como é que ela não tinha percebido os sinais? Seguiram-se ondas de preocupação por Willow, Emily e Mandy, a quem a expressão *ter mão nela* se aplicava em vários sentidos. Aquilo que lhe parecera algo vergonhoso – meter o nariz nos assuntos alheios, espiar e andar à coca – parecia agora ter um propósito real. Com as amigas a serem repetidamente apunhaladas nas costas pelos companheiros de confiança, alguém tinha de ser um observador imparcial para lançar os avisos.

Brooke levou a mão ao peito. A rainha da beleza foi-se. Em seu lugar, estava uma pessoa, uma mulher, o mais vulnerável e em carne viva que Alex alguma vez viu.

– Está tudo bem – disse Alex. – Não precisas de continuar, mas eu estou contigo, haja o que houver.

Brooke fechou os olhos.

– Fui violada, Alex – sussurrou –, fui repetidamente violada pelo meu próprio marido.

Alex ficou de coração partido ao ver a sua amiga forte, resiliente e estoica desfazer-se em lágrimas. Não havia palavras, não mesmo, portanto Alex puxou simplesmente Brooke para um abraço e deu-lhe um ombro para chorar.

## Capítulo 30

### Lettie

Algumas semanas atrás, estava no quarto da Riley como o meu «eu» de oito anos, e de repente estou no lugar do passageiro do seu *BMW* chique, a dar-lhe as indicações.

Enfim. A vida é estranha.

Estamos a caminho de ver uma mulher chamada Monique LaSalle, que vive em Revere. Temos vindo a obter resultados de correspondência de ADN de forma constante. De acordo com uma das empresas de ancestralidade, essa senhora Monique pode ser familiar direta do pai biológico da Riley, mas graças às configurações de privacidade, não temos nenhuma informação de contacto para ela.

Naturalmente, pesquisámos o nome *online* e encontrámos seis possíveis correspondências, mas apenas uma em Massachusetts. Tínhamos uma cidade, mas sem endereço físico. Através da minha pesquisa sobre rastreamento de ancestralidade de DNA, eu sabia que teríamos uma resposta melhor se estabelecêssemos contacto pessoalmente, portanto, eu e a Rye decidimos fazer uma visita surpresa – mas, primeiro, precisávamos do endereço.

Recorri ao Google e descobri que há uma coisa chamada Páginas Brancas. Conteï ao meu pai – não tudo, só a parte da lista telefónica – e ele riu-se. Disse que dantes era entregue sua casa.

– Imprimia-se um livro com os números de telefone e os endereços das pessoas?! – perguntei, horrorizada.

– Melhor ainda: podia-se ligar para um número e eles diziam na hora.

Uau, é possível que a vida dele tenha sido ainda mais estranha do que a minha.

Acontece que as Páginas Brancas *online* foram bastante úteis. Coloquei o nome «Monique LaSalle» no campo de pesquisa e a cidade de Revere. Por cinco dólares, podíamos procurar vinte nomes, o que fazia do exemplar impresso do meu pai uma verdadeira pechincha.

– O norte de Boston está bem para mim, mas não vou de avião para o

Wisconsin ou qualquer outro lugar para conhecer as outras Moniques – disse à Riley. – Se esta pista for um beco sem saída, ficamos pelo telefone, está bem?

A Riley assentiu.

– Não te esqueças de que pode haver alguma razão para ela não querer dar a identidade do teu pai biológico. Mas tenho a certeza de que assim que ela vir o teu olhar suplicante, muda de ideias. Por falar nisso, deixa-me ver-te a suplicar.

A Riley faz uma cara que parece ter acabado de pisar um Lego.

– *Okay*, se calhar faz só um sorriso educado – sugiro.

– Obrigada, novamente – diz a Riley, com os olhos cheios de gratidão. – Não sei o que faria sem ti.

– Bem, não estarias a ir para um bairro duvidoso em Revere, isso é certo – digo, e partilhamos uma pequena gargalhada.

Temos uma longa viagem pela frente – mais de uma hora – e, infelizmente, isso dá-nos muito tempo para não termos nada para dizer uma à outra. Podemos ter uma missão partilhada, mas isso não nos dá um vínculo como o do Elliott com o E.T. Não estou ansiosa para um longo troço sem fazer e dizer nada, portanto sugiro uma paragem no Starbucks. Se a Starbucks Corporation não se tivesse comprometido com um futuro positivo em termos de recursos, com o objetivo declarado de reduzir as pegadas de carbono, de água e de resíduos para metade, eu teria ido a outro lugar.

Quinze minutos depois, estamos a sentir o primeiro jato de açúcar dos nossos *lattes* de baunilha (leite de amêndoa para mim).

Mal dou por mim, a Riley traz o Dylan à baila.

– Como é que ele está? – questiona.

Não ponho paninhos quentes.

– Está completamente desorientado – digo. – Não come. Não dorme. E também deixou a equipa de luta livre... o meu tio está chateado com isso. Está a sofrer. Basicamente, é uma treta para ele.

É uma treta para mim também, porque me sinto responsável.

A Riley vira a cabeça, para que eu possa ver o sofrimento no seu olhar.

– Fico doente com isso – diz ela, e parece sincera. – Eu gostava de saber quem lhe mandou aquela fotografia. Eu matava essa pessoa.

Estou a pesar: *Junta-te ao clube*. Não falo com o Jay desde que o confrontei. Obviamente, não posso deixar a Riley saber que estava no carro com ele naquela noite, mas agora posso falar abertamente sobre o Gajo do Chapéu.

– Então, quem é o sortudo que está na fotografia contigo? – pergunto. – Alguém da nossa escola?

– Não, não anda na escola. Ele é, hum, mais velho – diz, hesitante.

– Universidade? – pergunto.

A Riley lança-me um olhar revelador, mas não diz mais nada. Estou a pensar na segunda vez que vi o Gajo do Chapéu, no átrio de um hotel. Também não olhei bem para ele na altura, mas algo me diz que já tinha o

diploma universitário emoldurado.

– Riley, tens de ter cuidado – digo.

– Eu sei tomar conta de mim. – Diz isto muito depressa, como uma mentira que estivesse sempre a ensaiar.

– Os tipos mais velhos têm intenções diferentes – digo. – Querem uma coisa.

– Isso já eu dei – diz a Riley.

Não posso deixar de rir.

– Não estou a falar só de sexo – digo. – Estou a falar das tuas emoções, de te protegeres. Esses tipos usam uma pessoa e deitam-na fora como lixo.

A Riley fica em silêncio durante um tempo, perdida nos seus pensamentos. Depois, acaba por quebrar o silêncio.

– Tu és? – pergunta-me.

– Sou o quê? – respondo.

– Virgem.

– Virgem? – Amarfanho a cara ao ouvir a palavra. – Sinceramente, esse conceito é tão arcaico. É apenas mais uma forma de a sociedade rotular as mulheres de acordo com o seu comportamento sexual.

– Ah, não me venhas com as tuas causas, Lettie. Basta responderes à pergunta. Já fizeste ou não?

Como ela está a ser verdadeira, ou assim parece, decido não mentir.

– Não, não fiz – digo-lhe.

A Riley parece não emitir qualquer juízo de valor.

– Isso é muito fixe – diz ela. – É bom esperar pelo tipo certo.

– Ou tipa – lembro-lhe.

A Riley olha-me de soslaio.

– Tu és... quer dizer, interessas-te por...?

– Não – digo. – Não me interessa. Pelo menos, acho que não.

A Riley ri-se.

– Bem, na boa se te interessares – diz ela, e faz uma pausa antes de lançar: – Estás interessada em mim?

Reviro os olhos.

– Será que toda a gente tem de estar interessada em ti, Riley? – Abro um sorriso, para que saiba que estou a brincar, e rimos um pouco as duas. – Mas estou a falar a sério – digo. – Estou preocupada contigo. Esse tipo mais velho... podes dar-me um nome?

– Chama-lhe Gajo – diz a Riley, e dança-lhe nos olhos um brilhaço que eu acho que é a expressão do amor.

– Okay, bem, o Gajo deixa-me nervosa – digo.

– Eu sei tomar conta de mim.

Lá vem ela outra vez com aquela mentira.

– Sabes? – pergunto, insistindo porque estou genuinamente preocupada.

– Sei.

Deixo passar, porque temos de nos concentrar em chegar a Revere.

Cerca de uma hora depois, seguimos por uma estrada estreita com casas pequenas em cima umas das outras. Não é nada como Meadowbrook, com as suas ruas largas e arborizadas e relvados cuidados como campos de golfe.

Acabamos por parar em frente a uma casa térrea branca com ar de estar a precisar de uma nova camada de tinta... e de um caminho de acesso novo, novas cercas, persianas e uns arranjos nas janelas, mas não estou aqui para julgar. Estou aqui para encontrar um pai.

Tocamos à campainha. O meu coração bate com força no peito. Nem imagino como a Riley se está a aguentar. Coloco o braço à volta dos ombros dela para lhe dar um breve e tranquilizador meio abraço. Ela olha para mim com gratidão.

– Vai ficar tudo bem – digo-lhe. – Vamos só apresentar-nos, explicar de quem estamos à procura e pronto. O pior que pode acontecer é termos a Monique errada.

A Riley firma-se. Limpa as mãos às calças de ganga. Palmas das mãos suadas. Nervosa. Estamos as duas.

– Acho que me preocupa mais termos a Monique certa – diz a Riley.

Momentos depois, a porta abre-se e estamos frente-a-frente com uma mulher na casa dos sessenta (talvez).

– Monique LaSalle? – pergunto.

– Sim. Em que posso ajudar? – Parece pronta para ficar irritada caso se trate de uma solicitação que não esteja interessada em ouvir.

Estou a olhar para ela com atenção; a estudá-la, é mais isso. Quase não há semelhança entre as duas potenciais parentes. Monique tem cabelo escuro, bochechas grossas e algum excesso de peso na sua estatura baixa. Pareço-me mais com a Riley do que ela.

– Sou a Lettie Fox e esta é a Riley Thompson. Somos de Meadowbrook, Massachusetts.

– Meadowbrook? Bem, é um longo caminho para vir vender bolinhos.

Eu e a Riley olhamos uma para a outra, perplexas. Depois, desatamos numa gargalhada pouco à vontade, quando finalmente percebemos.

– Ah, não somos escoteiras – digo. – Fizemos um teste de ADN.

Monique fica de cara descaída. Parece ter juntado as peças rapidamente.

– Souberam o meu nome através das correspondências genealógicas. É isso?

Acenamos as duas.

– Então, de qual das duas sou parente?

– De mim – diz a Riley com uma voz minúscula. – Acho que somos parentes.

A Monique convida-nos a entrar. É mais agradável do que eu esperava – acolhedora, até. Reparo que há demasiados bibelôs e móveis de padrão floral para o meu gosto, mas também não estamos aqui para avaliar a decoração da casa.

Instalamo-nos na sala de estar e sacamos de alguns relatórios *online* que

imprimimos para facilitar bastante a partilha de informações. A Monique estuda a papelada durante algum tempo, enquanto nos sentamos em poltronas almofadadas, a beber água gaseificada com sabor a arando.

– Então, acho que percebi – diz a Monique, mas não parece particularmente satisfeita.

– Conhece-o? O meu pai? Diz aqui que a Monique é uma parente próxima.

– Eu acho, olhando para este relatório... bem, lamento muito dizer-te isto, Riley. Mas acho que o teu pai era o meu sobrinho Steve.

Foco-me imediatamente na palavra *era* e sinto um aperto no estômago.

– O Steve era o único filho da minha irmã – continua Monique. – Faleceu de repente, num acidente de mota, há cinco anos. Ficámos todos de coração partido. – Os seus olhos brilham de emoção.

A Riley fica muito quieta, a sua expressão impassível. *Talvez seja choque*, penso.

– O Steve era um homem verdadeiramente maravilhoso, perturbado em alguns aspetos, com um veio indomável. Mas viveu a vida ao máximo. Odeio ser eu a dizer que já cá não está. Tenho a certeza de que teria adorado conhecer-te. Eu sei que não serve de grande consolo, mas respondo a todas as perguntas que tiveres.

Os vinte minutos que se seguiram, mais ou menos, são um borrão da vida do Steven Wachowski, também conhecido como Stevie, o Wookiee, ou Wookiee, para quem o conhecia bem. Olhamos para fotografias do Stevie em álbuns, na sua juventude, com um ar todo anos oitenta, de faixa no cabelo e de colãs que revelam demais do Wookiee para os meus olhos inocentes.

– Ele adorava as suas guitarras: tinha cerca de vinte, que acabámos por ter de vender, não conseguimos arranjar um sítio para as guardar todas. A minha irmã não tinha muito espaço em sua casa para guardá-las e, fosse como fosse, o que faria ela com todas elas?

O peso nos olhos de Monique parece arrastar o olhar dela para o chão.

– O Stevie havia de querer que as tocassem. Tenho muita pena, porque te teria dado uma para leares para casa.

– Tudo bem – diz a Riley –, não toco nenhum instrumento.

Tenho um pensamento fugaz sobre natureza *versus* educação. Será que a Riley tocaria um instrumento se o Stevie estivesse por perto para guiá-la?

À medida que examinamos mais fotografias do pai biológico no palco, a beber cervejas em piqueniques, a andar de mota e a folgar com todo o tipo de tatuados interessantes (muitas mulheres e muitos jovens), torna-se cada vez mais óbvio para mim que a Riley se está a debater fortemente.

Já é difícil o suficiente descobrir que se tem dois pais, mas descobrir que um deles está morto e tinha a alcunha de Wookiee seria difícil para qualquer um processar, quanto mais alguém que ainda não tem dezoito anos. Pode muito bem ser que o Wookiee tenha dado à Riley metade do seu ADN, mas, com base nestas fotografias, foi uma metade bem escondida. Talvez a Riley



tenha recebido do pai a forma dos olhos e os lábios, mas é tudo. Certamente não herdou o seu amor pelo *rock*, barris de cerveja ou tatuagens.

Acabamos por sair de casa da Monique com um exemplar do único CD do Wookiee produzido profissionalmente, um álbum intitulado *Barrado com Camada Grossa*. A capa mostra um Steve sem camisa diante de um fundo branco, um grande plano do tronco nu coberto de tinta de dedos a ser aplicada com gosto por um grupo de modelos de mãos. Nenhuma de nós tem aparelhagem para ouvir CD, mas não dizemos isso à Monique. Simplesmente agradecemos, trocamos contactos e vamos embora.

A Riley vai calada na viagem de volta a Meadowbrook. Sou eu que conduzo, porque a Riley está demasiado abalada para se fazer à estrada em segurança. Avalio-a com prudência enquanto ela olha em frente, evitando qualquer contacto visual.

Por fim, quebro o silêncio.

– Como estás? Queres falar?

Ela lança-me um olhar frio, de esguelha.

– Definitivamente, não – diz ela. – Não é de falar que eu preciso.

A Riley começa a remexer na mala. A sua mão acaba por surgir com um frasco de comprimidos. Salta a tampa e entra um comprimido, que ela faz descer com um gole da bebida, agora fria, do Starbucks. Volta a meter o frasco de comprimidos na mala, sabendo que não me deve oferecer um.

– O que é isso? – pergunto.

– Uma coisa para me ajudar – diz ela.

Não lhe vou dizer que já conheço o seu vício, mas também não vou deixar passar.

– São receitados pelo médico? – pergunto.

– Hão de ser a alguém – diz ela.

Penso no pai da Riley, o Evan, e nos seus olhos vermelhos, e tenho uma ideia de quem pode ser a receita.

– Eu sei que os comprimidos parecem úteis, mas só estás a mascarar o problema. As drogas não são uma solução.

– Sem ofensa, Lettie, mas realmente tu não sabes do que preciso agora.

– Não me sinto ofendida – digo baixinho.

Mal falamos durante o resto da viagem para casa.

A Riley dá-me um abraço no seu caminho de acesso.

– Obrigada – sussurra. – És a melhor amiga que eu tenho.

Tenho a certeza de que está pedrada. Não está boa da cabeça. Mas isso não me impede de abraçá-la com mais força.

## Capítulo 31

De repente, era véspera de Natal. O dia chegou como se Alex tivesse entrado numa malha temporal. Não tinha acabado de fazer sopa com as sobras do peru? Agora tinha uma tarte no forno para levar a Emily.

Depois do Ano Novo, Alex teria uma longa pausa – o Dia dos Namorados não contava muito – até à Páscoa e, em seguida, voltaria a festa anual do quarteirão no Memorial Day, tão certo como a Terra girar à volta do Sol.

Mas primeiro tinha de sobreviver ao Natal. Sim, era uma festividade adorável, cheia de algumas das suas memórias preferidas. No dia seguinte, a mãe dela e os pais de Nick voltariam para mais uma visita e ficariam alguns dias. Teriam outra rodada de grandes refeições, mais vinho, mais sobremesas, após o que Alex faria o seu compromisso anual de se pôr em forma.

Diga-se em sua defesa que Lettie se juntou a Alex na cozinha, ajudando a fazer várias tartes, que saíram com um aspeto digno do Instagram. Alex estava a saborear o momento de união... até Lettie fazer um comentário casual sobre a sua bebida.

– Esse copo é o terceiro, mãe? – perguntou ela. – É melhor abrandares.

Alex resfolegou, descartando o comentário.

– É a altura das festas – disse ela. – Não estou a contar.

– Tu nunca contas – disse Lettie.

Alex sentiu a picada da incerteza, uma suspeita desagradável de que a afinetada da filha podia ser mais verdadeira do que queria admitir. Não importa. Tal como ela disse, era Natal. Merecia descontrair.

Algum tempo depois, Alex e a sua família, todos vestidos com a melhor roupa natalícia, chegaram à casa de Emily, que parecia saída de um filme da Hallmark. O cheiro era ainda mais reconfortante, com aromas ricos de pinheiro, vinho quente e uma série de especiarias: cardamomo e canela, cravo e noz-moscada. Uma lareira a lenha crepitava na sala de estar, enquanto das colunas saía uma das favoritas de Alex, «The Little Drummer Boy», cantada por Bing Crosby e David Bowie. Um sentimento de alegria natalícia mergulhou bem fundo em Alex, acendendo um brilho que a aqueceu por

dentro.

Depois de uma série de «olás» rápidos e abraços mais rápidos ainda, Nick foi buscar cervejas com Ken e Logan, que estava em casa de férias, com um ar robusto, como sempre. Lettie decidiu que o telefone era melhor companhia do que qualquer pessoa da família. Em vez de começar uma discussão, Alex deixou passar, porque queria falar em privado com a irmã.

Na cozinha, Alex ajudou Emily a preparar a refeição, onde também se serviu de vinho quente.

– Achas que bebo demais? – perguntou ela.

Emily lançou-lhe um olhar de indiferença.

– Não mais do que eu – disse ela, e deu um gole na sua bebida.

Foi o suficiente para Alex. Não ia largar o vinho de vez. Reparou num peso sobre Emily, uma preocupação que parecia fundida na expressão da irmã e que apagava o brilho natalício dos seus olhos.

– Tudo bem? – perguntou Alex.

Emily olhou para a cozinha como se estivesse preocupada com a possibilidade de alguém se intrometer.

– O Ken tirou vinte e cinco mil dólares da conta à ordem no outro dia – sussurrou.

– Vinte e cinco mil dólares? – exclamou Alex, mexendo a salada com vigor involuntário.

– Isso mesmo – disse Emily.

– Ele disse porquê?

– Impostos. – Emily deu a entender que seria mentira.

– É uma quantia razoável? É uma coisa normal? – Alex pensava que não seria, mas não sabia quanto Ken ganhava; nem Emily, aliás.

– Que eu tenha reparado, não – disse Emily. – Mas ele garantiu-me que não é nada que me deva importunar.

– Tens dinheiro? Quer dizer, está tudo bem, certo?

– Claro que sim – disse Emily. – Estamos bem. Temos muito dinheiro. Mas era como se ele precisasse de dinheiro à pressa. E não consigo encontrar o colar de esmeraldas que o Ken me comprou. Guardo-a na minha caixa de joias e, de repente, desapareceu.

– Achas que o Ken o levou? Merda, achas que penhorou o teu presente?

Emily franziu a testa.

– Quer dizer, talvez o fio se tenha partido quando saí com ele e não tenha reparado. Mas é estranho que o colar desapareça, assim como vinte e cinco mil dólares para... *impostos*. – Colocou «impostos» entre aspas no ar.

– O que é que estás a pensar? – perguntou Alex.

– Estou a pensar que um homem age assim quando tem uma amante... ou um inimigo.

Alex descontraíu antes do jantar na confortável poltrona de couro junto à árvore de Natal. As luzes da árvore tinham ficado baças – ou seria a visão dela? O vinho quente tinha mesmo subido dentro de si. Ela só bebeu... bem,

não sabia ao certo quanto tinha bebido. Lembrava-se de Lettie lhe ter perguntado se ia no terceiro copo, mas isso foi em casa, horas antes.

*Caraças!*

Um burburinho encheu a sala, enquanto Alex permanecia no seu próprio mundo, a beber da caneca. Examinou o impressionante pinheiro, notando que a estrela, ao cimo, estava um pouco de lado. Esperava que fosse apenas isso, não a sala toda inclinada.

Uma estrela torta numa árvore tão linda não podia ser. Não, não podia mesmo ser, decidiu Alex.

Pôs-se em pé, um pouco instável, analisando a árvore de diferentes perspetivas, confirmando o que tinha observado. A estrela estava mesmo torta. De pé na base, levantou o pescoço para o céu, depois pôs-se em bicos dos pés, mas não conseguiu chegar ao alto. Imaginou que Ken tivesse escolhido uma árvore tão grande quanto o seu ego. Nick provavelmente conseguiria chegar lá, mas talvez ela recebesse um comentário sarcástico se ele percebesse que ela estava um pouco tocada. Ok, talvez mais do que um pouco. Mas nada demais. Tinha uma missão e resolveria o problema, de uma forma ou de outra.

À sala de jantar, onde em breve estariam a comer, Alex foi buscar uma cadeira dobrável. A mesa de mogno vinha com seis cadeiras, muito pesadas para serem movidas, mas a cadeira da sorte, número sete, era leve e fácil de levar para outro sítio.

Ninguém reparou quando Alex desdobrou a cadeira em frente à árvore. Estavam todos embrenhados em conversas – exceto Dylan, que estava abstraído, evitando o máximo de alegria possível. Emily insistiu que ele iria comer com eles, mas Alex continuou preocupada. Na sua opinião, aquele drama de separação estava a durar demasiado tempo. Não era saudável. Era por isso que a estrela torta era importante! Simbolizava que a vida nesta casa estava desequilibrada. Um problema que Alex corrigiria assim que conseguisse colocar um pé na cadeira e depois o outro.

As suas manobras atraíram alguma atenção.

– Alex, mas que raio é que tu estás a fazer? – perguntou Nick.

– A estrela está torta. – Estendeu a mão para ajustá-la. – Não se pode ter uma estrela torta na Noite de Natal! O que é que Jesus iria pensar?

– Iria pensar que bebeste demais – partilhou Nick ao avançar.

Ken disse:

– Cuidado, a árvore não está presa à parede.

– Eu estou bem – disse Alex, ignorando o facto de a sala parecer andar à roda.

Alex conseguiu pôr a mão na estrela, mas para isso teve de avançar, só um pouco, o suficiente para mudar o peso do corpo na cadeira. A mudança na pressão do pé causou uma reação que a física poderia ter previsto, mas Alex, especialmente no seu estado comprometido, não.

A cadeira dobrou-se como uma armadilha de urso, fechando-se. Tão depressa ela segurava a estrela na mão como estava a puxá-la para baixo,

enquanto caía para trás. Ao estender o braço para ajudar a travar a queda, Alex agarrou o galho mais próximo, que por acaso segurava o ornamento de vidro do Rodolfo, com um nariz vermelho-cereja, que Emily tinha desde a infância.

Assim que ficou claro para Alex o que tinha feito, o terrível erro que cometera, atirou o corpo para o lado, não fosse ser esmagada por uma árvore a cair. Alex desceu com força, a árvore estatelou-se ao seu lado, evitando por um triz Nick, que tinha tentado ir ajudá-la.

Uma árvore a cair numa floresta solitária pode não fazer barulho, mas aquela árvore certamente fez. A queda de vidros estilhaçando e galhos estalados reverberou como uma explosão, fazendo com que todos ficassem petrificados no seu lugar – incluindo Alex, que olhou incrédula para o desastre criado por si. Espalharam-se agulhas de pinheiro pelo chão, cobrindo partes de quase todas as superfícies da sala, como se uma bomba de purpurina verde tivesse detonado.

Quando Alex tentou fazer pressão para se sentar, reparou em arranhões vermelhos compridos ao longo dos seus braços. Já começavam a latejar. Sacudiu agulhas de pinheiro do cabelo, esperando também poder acordar de um sonho terrível. Não teve essa sorte.

Todos se reuniram em torno da árvore caída, estupefactos com a destruição diante deles. Nick aproximou-se de Alex e gentilmente ajudou-a a levantar-se.

– Ó meu Deus! Querida, tu estás bem?

Ele olhou para ela como se fosse paramédico, avaliando-a cuidadosamente da cabeça aos pés, em busca de sinais de ferimentos.

Alex, que oscilou um pouco uma vez em pé, agarrou o braço dele para se apoiar.

– Ken, peço tanta, tanta desculpa – disse ela. – Eu estava a tentar ajudar e talvez eu...

Ken não ofereceu nenhuma resposta. Estava demasiado zangado e atarefado a examinar os danos que ela tinha causado.

A vergonha ruborizada de Lettie cortou Alex até à medula.

– A estrela continua torta, mãe – disse ela.

A repreensão muda nos olhos da filha foi o pior de tudo. Se os olhares pudessem matar, a árvore teria caído em cima do seu pescoço. Lettie marchou para fora da sala, sem querer suportar nem mais um segundo na presença da mãe.

Quando Nick esclareceu que Alex não tinha nenhum ferimento óbvio, sussurrou ao ouvido dela:

– Bebeste quanto? – Não esperou por uma resposta. – Vai deitar-te em qualquer lado – rosnou. – Eu e o Ken vamos limpar esta porcaria.

Alex não se ia pôr a discutir. Tinha a cabeça a andar à roda. Se tentasse ficar em pé por muito mais tempo, corria o risco de cair novamente. A sua desorientação devia-se, em parte, ao álcool, com certeza, mas também, em

parte, ao choque da queda.

Foi para o sofá, que era o lugar mais próximo onde se podia estender e não dar mais espetáculo. A sua própria ridicularização ecoou nos seus ouvidos, sonora como uma banda a marchar.

*Parva.*

*Bêbeda.*

*Idiota.*

*Mas o que é que se passa comigo?*, perguntou a si mesma.

Do seu poleiro no sofá, Alex viu Ken, Logan e Nick endireitarem a magnífica árvore com alguns grunhidos de esforço. Miraculosamente, não estava muito mal. As luzes ainda funcionavam, graças a Deus, e a grinalda mal parecia fora do lugar. Alguns ornamentos tinham-se desprendido com o impacto, mas só meia-dúzia se partira.

Infelizmente, o pobre Rodolfo estava entre as vítimas. Emily limpou do chão o que restava do seu tesouro de infância, com uma pá e uma vassoura. Encaixou tudo bem – bendita seja. Talvez estivesse a lembrar-se do dia em que tentou enfiar cascas de banana nos varões dos cortinados da futura casa dos Kumars.

– Não faz mal, querida – disse Emily. – Anda à casa de banho. Tens agulhas de pinheiro no cabelo.

Depois de se limpar, de beber água e uma forte caneca de café, Alex ajudou a irmã a acabar de pôr a mesa, restaurando a pouca dignidade que lhe restava. Distribuiu pratos de feijão-verde banhado em manteiga, cenouras caramelizadas, rosbife tenro, frango, molho de carne e outros pratos salgados para o festim.

Emily não disse mais nada sobre a potencial infidelidade de Ken ou os vinte e cinco mil dólares que ele supostamente teria gastado em impostos. Ninguém disse muito sobre nada. Aquilo de que todos queriam falar era de Alex, mas ninguém teve coragem de o fazer.

Nick, que em circunstâncias normais estaria abertamente enraivecido, estava antes a votá-la ao silêncio. Provavelmente era melhor assim. Sem dúvida, teriam uma conversa tensa mais tarde. Não importa. Ela saberia lidar com a situação.

Alex viu a cena desenrolar-se na sua cabeça. Faria umas promessas. Talvez até as cumprisse, desta vez. Devia-lhe isso, especialmente porque a mãe dela voltava de manhã. Na Véspera de Natal, a mãe de Alex servia sempre o jantar aos pobres através da sua igreja. Era uma bênção, de certa forma, porque a impedia de conduzir até Meadowbrook depois de escurecer. A lente do telescópio Hubble não seria forte o suficiente para ajudar a visão da sua mãe à noite.

Honestamente, Alex e Emily receavam que a mãe já não devesse conduzir de todo. Mas, por enquanto, pelo menos chegaria durante o dia, na manhã de Natal. Um passo de cada vez. E talvez pela manhã, Alex e Nick já falassem um com o outro novamente.

Num ano, tudo seria diferente. O plano de Ken para o apartamento da sogra viria a concretizar-se – isto é, se ele e Emily, entretanto, não se separassem.

O jantar começou em silêncio, com todos ainda a evitar o elefante na sala. Parecia que Alex não era a única a ter bebido demais naquela noite. Alex reparou nos olhos vítreos de Dylan, que combinavam bem com o seu olhar perdido. Oscilou ligeiramente no assento, como se a cadeira vagasse nas ondas do mar. Alex pensou se ele estaria secretamente a alcoolizar a gemada.

Quando Ken ocupou o seu lugar à mesa, a expressão de Dylan pareceu obscurecer. Embora este estivesse vestido de forma festiva, provavelmente por insistência de Emily, Alex não viu nenhuma alegria natalícia no comportamento do sobrinho.

– Um brinde – disse Ken, levantando-se antes que alguém tivesse oportunidade de se servir da comida fumegante. Ergueu o seu copo de cristal que, em tempos, pertenceu aos avós de Alex.

– Todos os anos faço este brinde para nos lembrar como somos abençoados, mas este ano é especialmente pertinente. Talvez seja porque estou a ficar mais sentimental na meia-idade, ou talvez porque não tivemos de chamar uma ambulância depois de a Alex ter mandado a minha árvore de Natal ao chão.

Alex sentiu a ferroadada. Pendurou a cabeça enquanto Ken ria às suas custas, grata por ninguém se juntar a ele na gargalhada.

– Primeiro, vamos brindar ao Logan – disse Ken, sorrindo orgulhoso para o filho mais velho. – A cada ano que passa, vai-nos dando menos do seu tempo, à medida que vai ficando mais ocupado com a sua vida. Sei que estamos todos entusiasmados com a próxima temporada, a última de Logan como jogador universitário, e eu não ficaria espantado se ele fosse nomeado jogador do ano para a Conferência da Costa Atlântica.

Todos brindaram a Logan, cujos requintados cuidados de higiene quase o faziam parecer um gráfico gerado por computador. Era espadaúdo e tinha um maxilar de fazer inveja, cabelo escuro lustroso e dentes brancos como o luar. O seu rosto imaculado não trazia cicatrizes das suas batalhas no campo, nem sugeria qualquer tensão na sua vida fora dele. Parecia ter ganhado uma lotaria genética, que o abençoou não apenas com boa aparência e destreza atlética, mas também com um cérebro capaz o suficiente para lhe garantir uma carreira lucrativa em finanças após a licenciatura. Logan era daquela raça rara destinada ao sucesso certo, como Ken aproveitaria qualquer oportunidade para se gabar.

Era o filho bem-aventurado.

– E, claro, não quero ofuscar o Dylan, que também deve ter uma boa temporada... assumindo que não desiste do lacrosse, como fez com a luta livre.

Alex inspirou bruscamente, ao passo que Emily ficou rígida na cadeira. Lettie encolheu-se ligeiramente.

Diga-se em abono de Logan que ficou consideravelmente pouco à vontade.

– Não vamos chatear o D – disse Logan, colocando o braço musculoso em redor do irmão.

Dylan vacilou, como se o toque de Logan estivesse eletrificado, depois fulminou o pai com o olhar. Pôs-se em pé, visivelmente instável.

Ken não cedeu. A sua presença imponente tornava o ambiente, já de si pesado, opressor.

– Não me sinto bem – murmurou Dylan. Saiu da sala, com os ombros descaídos para a frente, a cabeça inclinada.

O coração de Alex sofria pelo sobrinho.

– Vai falar com ele – disse Emily a Ken, sibilando.

Ken nem se mexeu.

– Não disse nada de mal – disse ele.

Emily tremia de raiva.

– Envergonhaste-o.

– Desistiu da equipa no ano de finalistas – disse Ken. – Quem é que faz uma coisa dessas?

– Desistiu porque está de coração partido, parvalhão – disparou Emily.

Todos na mesa, incluindo Alex, desviaram os olhos.

– Vou falar com ele – disse Logan, que se levantou no preciso instante em que um estrondo se fez ouvir na janela mais próxima de Emily.

Cacos de vidro, alguns afiados como facas, dispararam para dentro como estilhaços. Quando todo aquele vidro caiu no chão, um objeto disforme entrou na sala e pousou na mesa, mesmo em cima da beterraba assada, quebrando o prato após o impacto. O sumo da beterraba espirrou para toda a parte, salpicando a toalha branca com gotículas vermelhas, como se alguém tivesse levado um tiro. O objeto fez ricochete no frango, esmagou o puré de batata e parou lentamente, rolando, em frente a Alex.

Nick virou instintivamente o corpo para formar uma barricada improvisada, que pouco fez para proteger a sua mulher. Ken baixou-se como se tivesse havido um tiro, mas Alex sabia que não era esse o caso. Podia ver o que tinha causado toda a destruição, porque tinha pousado mesmo à sua frente.

A sala irrompeu numa algaraviada nervosa e indiscriminada.

– Mas que raio foi isso?

– Ó meu Deus!

– Está toda a gente bem?

Alex pegou cuidadosamente no projétil: uma pedra, que estava embrulhada em papel preso com elásticos. Empunhou a pedra, estupefacta ao vê-la, com uma sensação fria na palma da sua mão.

A sala continuou a zumbir. Logan e Ken ajudaram Emily, que tinha caído da cadeira no chão.

Dylan voltou a correr para a sala de jantar.



– O que foi? – perguntou.

Todos os olhos caíram sobre Alex, que mexia na pedra para remover os elásticos que prendiam o papel.

Uma mensagem escrita grosseiramente a caneta vermelha dizia: **Feliz Natal, Parvalhão!!!**

Todos pareciam estar a recompor-se quando o susto inicial e a confusão começaram a esmorecer. Nick foi ver como estava Lettie, que aparecia ilesa. Emily podia ser ouvida a garantir a Logan e Ken que também estava bem. Dylan estava sempre a perguntar o que tinha acontecido, mas Alex não respondia. Continuava fixada no bilhete.

Logan foi para a janela partida.

– Não vejo ninguém lá fora – anunciou. Acendeu a lanterna do telemóvel no escuro.

– Dá-me isso – disse Ken irritado, estendendo a mão por cima da mesa para pegar no papel de Alex.

– O que é que isto quer dizer? – perguntou, apontando para o bilhete. – Quem é o idiota?

– Irritaste alguém, Ken? – perguntou Alex.

– Não – disse Ken, desafiador. – Porque é que achas isso?

– Espera, não estás obcecado por ver alguém ser despedido? – perguntou Emily. – O meu palpite é que isso foi enviado pelo nosso vendedor de controlo de pragas do bairro e *tu* és o parvalhão, Ken. Conseguiste que fosse despedido?

– Liguei para a empresa e reclamei, claro que sim – rebateu Ken. – Mas não sei o que aconteceu a esse pulha.

– Estou a pensar que os teus esforços foram bem-sucedidos – disse Alex – e, por causa disso, o Homem Peste retaliou.

– Temos de chamar a polícia – disse Emily.

– Não vamos chamar ninguém – disse Ken, irritando-se. – Eu trato disto.

– O que vais fazer? – A voz de Emily tremeu.

– Vou matá-lo, porra, é isso que vou fazer – disse Ken.

Alex tremeu, sabendo muito bem que não era uma ameaça vã.

## Capítulo 32

### Lettie

O grande plano para juntar de novo o Dylan e a Riley – por outras palavras, consertar o meu erro gigantesco – implica que eu apanhe uma tosga na véspera de Ano Novo.

Nunca fui pessoa de beber. Deixo essa atividade para a minha mãe. E sim, estou a morrer de vergonha por causa da Véspera de Natal, mas feliz por ninguém se ter magoado com a queda da árvore nem com a pedra que o Homem Peste atirou pela janela. Mas o que é que se passa com as pessoas? Pelo menos a manhã de Natal foi pacífica e a avó trouxe o seu puré de maçã com cereja, de que eu sinceramente viveria, se pudesse.

Com o Natal na retaguarda, redefini o meu foco no que *posso* controlar, ou mais ou menos, ou pelo menos tentar manipular. Eu e a Riley precisamos de continuar a ser amigas próximas (*ok*, melhores amigas!) para os meus esforços resultarem. Como temos zero coisas em comum nos dias que correm, preciso de uma certa perspetiva. Agora que o mistério do Wookiee está solucionado, preciso de outra coisa que nos una.

Assumindo uma abordagem que nenhuma pessoa sã apoiaria, decidi adotar os hábitos de farra da Riley. Se tudo correr conforme planeado, hoje à noite vou embebedar-me com ela, convencê-la a dar outra oportunidade ao Dylan, e o Gajo do Chapéu será uma coisa do passado.

A Riley leva-me de carro para a casa da Teagan. Sim, a Teagan era uma das mazinhas da escola básica, mas perdido por cem, perdido por mil, como diria a minha avó. A minha mãe e o meu pai foram a uma festa com o tio Ken e tia Emily – grande noite para eles. Enviei uma mensagem ao Dylan para se juntar a mim em casa da Teagan. Não mencionei esse convite à Riley. Não é de espantar que o Dylan tenha perguntado se a Riley estaria lá e eu menti. Disse-lhe que achava que ela tinha outros planos. *Ups*.

Não faço ideia de onde está a minha antiga trupe esta noite. Parece que quanto mais me aproximo da Riley ou do Jay, mais distância coloco entre mim e a minha vida anterior.

Se alguém do comité do clima soubesse que eu estava em casa da Teagan, estaria a mandar-me mensagens, a perguntar se eu precisava de ser resgatada.

A festa é vinte miúdos apinhados numa cave acabada. Sinto-me mal pela alcatifa. Está toda a gente a beber cerveja por copos de plástico vermelhos. Totalmente hostil para o meio ambiente, mas ótimo para o cerveja-pongue, a que metade dos miúdos está a jogar.

Os pais da Teagan forneceram o álcool. É meio estranho e inquestionavelmente ilegal, mas ninguém vai levantar ondas por causa disso. Afinal, é cerveja grátis.

A minha primeira bebida desce sem me engasgar muito. Tem um sabor amargo, que mais tarde lembra terra. Mas continuo. A segunda não sabe tão mal. À terceira, sinto um zumbido. E depois da quarta, estou a arrepender-me de todas as festas a que nunca fui. Agora sei porque é que toda a gente faz isto.

A música está alta e temos de colar os lábios aos ouvidos para sermos ouvidos. Duas horas de festa e quase todas as superfícies estão pegajosas de cerveja entornada, incluindo alguma minha.

Não sou totalmente irresponsável. Recolhi as chaves do carro de todos os foliões e entreguei-as aos pais da Teagan, que agiram com apreço – mas não o suficiente, na minha opinião. O meu palpite é que ficaram envergonhados por não terem pensado nisso primeiro.

Por volta das nove horas, o Dylan entra ociosamente. Dois segundos depois, tem cervejas nas duas mãos. Solta um uivo para anunciar a sua chegada, atraindo o interesse de uma rapariga que não é a Riley e de vários rapazes que o cercam para grunhir saudações enquanto batem os respetivos peitos no dele.

A Riley agarra o meu braço e puxa-me para o lado.

– Mas o que é que ele está aqui a fazer? – pergunta ela, alarmada. Tem as pupilas dilatadas e tenho certeza de que não é só do álcool. – Quem o convidou?

Encolho os ombros.

– Não faço ideia. – Tomo um longo gole de cerveja, evitando o contacto visual com a Riley. Não consigo fazer descer muita, porque o meu estômago encolheu para o tamanho de uma ervilha. – Porque é que não vais falar com ele? Talvez seja um sinal do universo de que vocês os dois podem resolver algumas coisas.

O Dylan lança um olhar na nossa direção. Está desamparado. Desesperado.

*A culpa é minha... a culpa é minha... a culpa é minha* batuca na minha cabeça, como aquele batimento cardíaco cheio de culpa da história de Edgar Allan Poe que li no nono ano. Mesmo assim, estou dividida. O aviso do Jay de que a Riley não é boa peça devia ter algum peso, mas aqui estou eu, a levar o Dylan de volta às garras da *femme fatale*. Há todas as hipóteses de eu piorar as

coisas, em vez de melhorar.

Certo ou errado, não há como recuar agora. Ele e a Riley estão nesta festa, a poucos metros um do outro.

Eu e a Riley passamos algum tempo a jogar cerveja-pongue. O Dylan espreguiça nas proximidades. Estou a passar rapidamente de tocada a bêbeda, e acho que gosto.

A bebida pode estar a reforçar a minha confiança, mas não me está a dar grandes ideias. A Riley comporta-se de maneira inacessível agora que o Dylan está por perto. Não que ela tenha sido particularmente tagarela ou aberta desde a nossa viagem a Revere. Nunca mencionou o Wookiee, o Gajo do Chapéu, ou o vício dos comprimidos. Palpita-me que está a esforçar-se muito para suprimir isso tudo. Ela é como uma versão ao vivo da desgraçadinha preferida de um *reality show* terrível.

– A sério, Rye, vai falar com ele. – Aceno para o Dylan quando reparo que ela está a olhar na direção dele. Ela não diz que não, portanto eu insisto. – Deixa aquele gajo mais velho e volta para o D. Ele ama-te. Dá-lhe uma oportunidade. Vocês ficavam tão bem juntos.

A Riley não parece particularmente convencida.

– Deixa lá isso, Lettie, está bem?

É um bom conselho, que eu gostaria de ter acatado muito antes.

Afasto-me da Riley para falar com o Dylan.

– O que é que tens a perder? – digo. – Se a queres de volta, tens de lhe dizer.

Não é preciso muito incitamento. O Dylan aproxima-se da Riley com uma confiança que desconfio ser só para impressionar. Estou longe o suficiente para ver a interação deles sem chamar a atenção sobre mim.

O Dylan bate com o dedo no ombro da Riley. Ela vira-se. A sua expressão fica sombria, como se tivéssemos passado de uma festa para um velório. Eles falam, mas não consigo ouvir nada por cima da música alta e do barulho da festa.

À medida que a conversa continua, a minha esperança diminui. O Dylan fica agitado. Está a mudar o peso do corpo de um pé para o outro, passando nervosamente a mão pelo cabelo. Dá um passo em frente, invadindo o espaço pessoal da Riley. Ela recua. Ele inclina-se para muito perto. Trocam mais palavras. A julgar pela testa franzida e pelos braços cruzados da Riley, ela não está ansiosa para ouvir muito mais. Segundos depois, vira costas e afasta-se intempestivamente.

*Merda.*

A Riley passa muito tempo sem voltar. Foi a algum sítio com a Teagan, provavelmente desabafar sobre o facto de Dylan ter aparecido sem ser convidado – ou, tecnicamente, ter sido semi-não convidado. Enquanto isso, fico de olho no meu primo, à medida que a festa fica mais agitada. Falta uma hora e meia para a meia-noite e o Dylan já está podre de bêbedo. Desconfio que fez alguma pré-festa.

Toda a gente está bêbada, ao que parece. Dois ou três miúdos vomitaram. Já vi algum drama de qualidade – porcarias de rapaz-rapariga, sobretudo –, mas o meu foco continua a ser o meu primo. Não estou aqui para me divertir. Estou a tentar endireitar as coisas, mas a coisa está preta. Posso até ter piorado a situação.

Nos últimos dez minutos, o Dylan tem estado caído contra uma parede, a olhar para o copo de plástico com olhar vazio.

– Esta festa está uma seca e eu estou cansada – digo, apesar de ainda não serem onze horas.

– Sim, já não consigo ficar mais aqui – diz ele.

– Vamos apanhar um Uber.

O Dylan levanta-se desajeitadamente.

– Nunca vou deixar de a amar... nunca.

*E eu nunca vou deixar de me sentir responsável, penso.*

Reparo na Riley, do outro lado da sala. O Dylan também a vê, a conversar com um dos rapazes mais giros da equipa de futebol de Meadowbrook. O seu corpo fica tenso e ele sai do meu lado. Estou com medo de que ele possa começar uma luta, mas ele diz que só tem de ir buscar as suas coisas. Vai ter comigo lá fora.

– Okay – digo eu. – O nosso Uber está a dez minutos daqui.

Estamos a tremer à espera do carro. A lua é um sussurro atrás de uma fina cobertura de nuvens. Mal falamos na viagem de volta para Alton Road.

São onze e vinte e cinco quando finalmente chegamos a casa. A minha tontura está a esmorecer devagar. Agora sinto-me apenas exausta e um bocado maldisposta. Duvido muito que vá ver a meia-noite. As luzes estão acesas em casa dos Kumars, mas não me dou ao trabalho de mandar um SMS ao Jay. Isso acabou, lembro a mim mesma, ainda desejando que pudesse ser diferente: um beijo melhor ou outro, pelo menos.

– Ficamos juntos? – Faço a oferta ao Dylan, embora só me apeteça ir para a cama. – Afinal de contas, não devíamos estar sozinhos na noite de Ano Novo.

– Eu estou sempre sozinho – murmura o Dylan antes de voltar para sua casa. Tem a cabeça baixa. A sua dor rasga-me como se fosse minha.

Acontece que não consigo dormir. A culpa continua a roer-me como se fosse um castor que tivesse encontrado uma árvore. À meia-noite, desfruto de um copo de sumo de laranja, juntamente com um brinde solitário ao novo ano.

Não muito tempo depois, o meu telefone começa a vibrar. Presumo que sejam os meus amigos do outro grupo, sentindo-se mal por se terem esquecido de me desejar Feliz Ano Novo à meia-noite, mas fico espantada ao ver o nome do Jay no ecrã.

– Feliz Ano Novo – digo, surpreendida.

– Lettie! – diz o Jay com urgência. – Graças a Deus atendeste. Vi uma luz acesa no teu quarto. Estás em casa agora?

– Okay, isso é um pouco arrepiante. Andas a espiar-me?

– Não é altura para piadas! – grita ele. – Estou a falar a sério. Acho que há uma emergência na casa do Dylan. Tens a chave? Temos de ir ver como ele está: já!

O meu coração dispara para a garganta. A tia Emily e o tio Ken estão na festa com os meus pais, portanto o Dylan está sozinho em casa.

– O que se passa? – pergunto.

– Eu estava a passar e vi-o do lado de fora. Ele caiu, não me pareceu estar bem. Mal conseguiu abrir a porta. Tenho medo que se passe alguma de muito errado com ele. Podes vir ter comigo cá fora?

Não pensei que o Dylan estivesse em tão má forma quando o deixei. Mas está sozinho em casa, portanto talvez tenha ido à garrafeira dos pais. Porque haveria de ter saído de casa a cambalear? Estaria à procura da Riley? Saio do meu quarto a correr.

– Vou já ter contigo – digo. – Eu sei onde eles escondem a chave.

Corro pelas escadas abaixo, ligando para o telemóvel do Dylan pelo caminho. O telefone toca e toca, mas ninguém responde e passa para o atendedor de chamadas. Uma batida de medo enche o meu peito.

Quando me encontro com o Jay, ele parece estar em pânico.

– Temos de nos despachar, Lettie – diz ele.

Atravessamos a rua à pressa. Eu tento a porta da frente, mas está trancada. Procuro, no chão, a rocha falsa com a chave escondida dentro. Passado um momento, a porta da frente abre e eu chamo o nome do Dylan quando entramos na sua casa.

Não há resposta. Todas as luzes estão acesas, mas há um silêncio como no museu. Passamos rapidamente de divisão em divisão, verificamos a sala de estar, a cozinha, antes de subir as escadas. Vou diretamente para o quarto do Dylan. A porta está fechada. Movo-me para bater, mas o Jay passa por mim e irrompe pelo quarto dentro.

Sustenho a respiração quando o sigo até ao quarto. Não consigo entender o que estou a ver.

O Dylan está esparramado de costas no chão. Parece sem vida. O seu rosto está assustadoramente pálido. Os braços e mãos estão cinzentos, como se o sangue se tivesse esvaído do seu corpo. Os seus lábios são tingidos de um azul mortal.

Eu grito:

– Dylan! Ó meu Deus, Dylan! – Corro em direção a ele, sem saber o que fazer.

Felizmente, o Jay parece estar a pensar mais depressa do que eu. Tira algo do bolso do casaco e diz-me para ligar para o 112.

Tateio à procura do meu telemóvel. Parece que os meus dedos não funcionam bem, estou a tremer muito. Digo antes à Siri para fazer a chamada para mim.

O operador entra na linha quase imediatamente.

– Cento e doze, qual é a emergência?

As palavras tropeçam para fora da minha boca.

– O meu primo, ele não reage.

– *Okay*, deixe-me ver no mapa onde está. – Passado um instante, o operador diz: – Está em Alton Road?

– Sim, número vinte e dois, ao fundo do beco sem saída.

– *Okay*, temos ajuda a caminho. Ele respira?

Quando empurro o Jay para o lado para verificar a respiração do meu primo, vejo que ele está a pulverizar alguma coisa no nariz do Dylan.

– Mas que raio é isso? – pergunto.

– *Narcan* – diz o Jay. – Só para o caso de ele ter tomado alguma coisa.

Sacudo a cabeça para limpar os pensamentos.

– Ele está a respirar, sequer? – pergunto. – Eu preciso de saber. Precisamos de fazer reanimação cardiopulmonar?

O Jay coloca a orelha na boca do Dylan. Não parece aliviado. Depois, começa a pressionar o peito do Dylan. Eu não sei dar os primeiros socorros, portanto não posso dizer se ele está a fazer bem ou não.

Por esta altura já fui engolida pelo pânico. Mal consigo falar, mas consigo dizer ao operador que acho que o Dylan não está a respirar.

O operador começa a dar-me instruções sobre como administrar a reanimação, mas antes que eu possa transmitir essa informação ao Jay, o Dylan começa a mexer-se. Já consigo ouvir as sirenes ao longe.

Sou banhada por uma sensação de alívio, com lágrimas de gratidão. Graças a Deus, o Dylan está a gemer; mal se mexe, mas geme, mesmo assim.

– Fala comigo! – diz o Jay com força. – D, vamos lá. Fala! Abre os olhos. Tu consegues.

O Dylan abre os olhos.

– O que se passa? – murmura. – O que se passa? – Faz uma tentativa fraca de se sentar, mas não tem forças.

As sirenes estão mesmo à porta de casa. As luzes estroboscópicas vermelhas e azuis iluminam o quarto, como num filme de televisão. Ouve-se bater à porta da frente. Eu corro escada abaixo para abri-la. Lá em cima, ouço o Dylan garantir ao Jay que está bem.

– No andar de cima – digo aos paramédicos, que correm para dentro de casa.

Os técnicos de emergência médica trabalham eficazmente como equipa. Tudo se torna um borrão quando colocam o Dylan numa maca e o levam para a ambulância que aguarda.

Ligo à tia Emily e depois à minha mãe. Toda a gente se passa. Dizem que vão ter ao hospital. Agora estou na rua, mas a adrenalina deixou-me imune ao frio. Vejo o Jay a falar com alguém junto de um carro de polícia. Atordoada, junto-me a eles.

– Ele deve ficar bem – diz o polícia. – Vai ter a ajuda de que precisa. Salvou-lhe a vida, jovem, ao dar-lhe *Narcan*.

Agarro na mão do Jay. O meu coração incha quando novas lágrimas

sobem. Pode ser a minha imaginação ou uma ilusão ótica, mas tenho a certeza de que também vejo lágrimas nos olhos do Jay.



## Capítulo 33

Alex agarrou-se ao assento enquanto Ken conduzia todos diretamente para o hospital a alta velocidade, aparentemente alheio aos semáforos. Emily ficou ao telefone com Lettie, que já lá estava, mas tinha pouco conhecimento do estado de Dylan. O clima de festa parecia uma relíquia de uma época diferente.

– Está acordado e fala, é tudo o que Lettie sabe neste momento – disse Emily para todos no carro. – Não deixam a Lettie entrar nas urgências porque não é família direta.

– Isso é ridículo – disse Nick. – É família quanto baste.

– Mas que raio é que ele tomou? – quis saber Ken.

– Foi um opiáceo qualquer, porque o Jay deu-lhe *Narcan* – disse Emily.

– Onde é que o Dylan foi arranjar opiáceos? E o que é que o Jay Kumar está a fazer com *Narcan* na sua posse? – perguntou Ken, dando à estrada apenas fragmentos da sua atenção.

– Não sei – disse Emily. – Só estou grata por o Jay ter aquilo com ele. Salvou a vida do nosso filho. Devemos agradecer-lhe.

– Sim, sim, com certeza. – Ken continuou a agarrar o volante com os nós dos dedos brancos, não parecendo nem soando particularmente grato.

Parou bruscamente num lugar de estacionamento à porta das urgências. Alex e Nick foram diretamente ter com Lettie à sala de espera, enquanto Ken e Emily se registavam nas admissões. Jay estava perto de uma máquina de venda automática, parecendo abalado e ansioso.

Alex abraçou a filha.

– Obrigada – disse ela. – Muito obrigada.

Abriu os braços, convidando Jay para um constrangedor abraço de grupo. Quando os três se separaram, Alex avaliou Lettie novamente. De certa forma, parecia mais forte, mais capaz, mais madura, do que quando a deixara em casa poucas horas atrás.

– Sabes o que ele tomou? – perguntou Nick.

Lettie abanou a cabeça.

– Liguei para a Teagan. Estivemos em casa dela. Perguntei se havia

drogas a circular, mas ela achou que não.

Havia alguma coisa no comportamento de Lettie que parecia evasivo a Alex. Será que tinha estado a beber? Será que *ela* tinha consumido drogas? Antes que Alex pudesse investigar mais, as portas automáticas da sala de espera abriram-se.

Entrou Willow, com Riley logo atrás. A julgar pela sua roupa – um casaco de inverno por cima de calças de fato de treino –, Willow não tinha planos para o Ano Novo, ao passo que Riley estivera obviamente a festejar. Alex sentiu o cheiro da bebida na respiração de Riley assim que ela ficou ao alcance do seu braço. Tinha o cabelo todo despenteado, não o seu habitual penteado. A maquilhagem estava borrada e as manchas escuras de rímel debaixo dos olhos eram uma indicação clara de que tinha estado a chorar.

– Ele está bem? – perguntou Riley sem fôlego. – Está?

– Ele vai ficar bem – disse-lhe Alex.

Willow também expressou o seu alívio.

– Eu tentei ligar-te – disse Lettie a Riley –, mas a chamada estava sempre a ir para a caixa de correio. Fazes ideia do que o Dylan tomou?

– Não consigo encontrar o meu telemóvel – disse Riley. – Não está na minha mala. Se a tua mãe não tivesse ligado para a minha, eu nem saberia. E não sei nada de drogas. Tu estavas lá, Lettie. Eu e o Dylan mal conversámos a noite toda. E ele nunca consumiu drogas. Pelo menos que eu saiba.

– Havia outras pessoas a consumir drogas na festa? – perguntou Willow. Riley não respondeu, mas a sua linguagem corporal era defensiva.

– Alguém quer beber alguma coisa? – perguntou Nick.

– Riley, precisas de uma água, ou de café? – O olhar incisivo de Alex implicava que faria bem a Riley tomar alguma coisa para neutralizar o álcool.

Antes que Nick pudesse receber os pedidos, Emily e Ken entraram na sala de espera pelas portas duplas automáticas das urgências. Emily tinha os olhos inchados e os ombros arredondados, descaídos sobre si. Ken, que geralmente era um modelo de saúde e vitalidade, parecia cinzento e desgastado.

– Temos muita sorte – disse Emily, envolvendo Alex nos seus braços. – Ele vai ficar bem, pelo menos fisicamente. Mas disse aos médicos que tomou uma *overdose* propositadamente.

Riley engoliu um soluço quando ela se virou para Emily.

– Ele tentou... *matar-se*?

O olhar suave de Emily endureceu.

– O que estás a fazer aqui? Palpita-me que sejas a razão pela qual isto aconteceu.

Riley não teria parecido mais atingida se Emily lhe tivesse dado uma bofetada na cara. Gaguejou, mas não saíram nenhuma palavra. Willow colocou um braço em volta da filha.

Ken endireitou-se e lançou um olhar mordaz a Emily.

– Não se pode culpar uma adolescente por acabar com o namorado –

disse ele. – Lá por o Dylan ter batido no fundo do poço, isso não faz com que a culpa seja da Riley.

Os seus olhos caíram sobre Riley, que olhou para cima com gratidão. Era como se as palavras de Ken a tivessem resgatado dos seus piores medos.

Desceu sobre eles um silêncio tenso.

Nick pigarreou.

– Ken, porque não vens comigo? Vou buscar umas bebidas.

Alex e Emily sentaram-se nas cadeiras duras e desconfortáveis, enquanto Ken saía com Nick, os seus passos pesados enquanto se afastava pelo corredor. Alex pegou na mão da irmã. Sem palavras adequadas para transmitir os seus sentimentos, esperava que o gesto falasse o suficiente.

Riley e Willow não ficaram por muito tempo. Ofereceram mais algumas palavras de conforto e apoio e partiram minutos antes de Nick e Ken terem voltado da cafetaria com quatro garrafas de água e um café numa bandeja de cartão. Nick distribuiu as águas, guardando o café para si.

Emily levantou-se para ir à casa de banho.

Para Lettie e Jay, Ken disse:

– Está a ficar tarde. Posso levá-los para casa. Alex, Nick, vocês também. Não há necessidade de estarmos todos aqui agora.

Jay continuava com um ar assombrado. Mexia os pés, pouco à vontade, tinha as mãos enfiadas nos bolsos, mal conseguindo olhar Ken nos olhos.

– Obrigado – disse ele –, mas a minha mãe está a caminho. Ela pode levar-nos para casa.

Quando Emily voltou, disse a Ken:

– Os miúdos não têm de ficar aqui. Porque é que não os levas para casa?

Ken bebeu um gole da sua água.

– A Amanda vem buscá-los.

– Quem? – perguntou Emily. – Quem é a Amanda?

Ken gaguejou enquanto se corrigia.

– Refiro-me à Mandy. Não é diminutivo de Amanda?

Emily olhou de relance para Alex, parecendo confusa.

– Sim, acho que sim. Talvez.

Nesse momento, Mandy chegou com Samir. Libertou-se de Samir para abraçar Jay.

– O que aconteceu? – perguntou Samir. – O Jay disse-nos que o Dylan tomou uma *overdose*. Ele está bem?

– Ele vai ficar bem, graças ao seu filho, que pensou com rapidez – disse Alex. – Se ele não visse que o Dylan estava em perigo e soubesse administrar *Narcan*, podia ter sido muito pior. – Concordeu com Ken em silêncio: era estranho Jay ter o tratamento salvador à mão.

Samir olhou para o filho, desconcertado.

– Tu tens *Narcan*? Porque é que terias? Jay, tu...

Jay interrompeu o pai.

– Eu não consumo drogas, pai. Não te preocupes. Vi uma *overdose* na

faculdade uma vez e decidi que teria sempre *Narcan* disponível.

– Muito engenhoso – disse Mandy, com orgulho e lágrimas nos olhos.

– Graças a Deus pelo Jay – disse Emily. – Podíamos ter perdido o nosso filho. Não consigo imaginar.

– Não, não pode. – Mandy limpou os olhos.

A sua declaração teve um peso que fez Alex perguntar-se novamente o que estaria Mandy a omitir.

Emily olhou para Ken, depois novamente para Mandy. A sua expressão passou de gratidão a suspeita.

Samir endureceu.

– Vamos, Mandy – disse ele. Foi uma ordem, não uma sugestão. Virou-se para sair.

Um polícia fardado aproximou-se do grupo. Era jovem, mas movia-se com confiança.

– Com licença – disse ele. – Sou o agente Grady O’Brien, do Departamento de Polícia de Meadowbrook. Estou à procura dos pais do Dylan Adair. – Examinou o rosto dos adultos presentes.

– Eu sou Emily Adair, a mãe do Dylan.

– Ouvi dizer que o seu filho vai ficar bem – disse o agente O’Brien. – Mas gostaria de saber se conhece um tal Evan Thompson.

– É nosso vizinho – respondeu Emily. – Porquê?

– Gostaria de falar com ele – disse O’Brien.

– Sobre o quê? – perguntou Ken. – O que é que ele tem que ver com o Dylan?

– Os comprimidos que o Dylan tomou esta noite – disse O’Brien. – De acordo com o frasco que encontrámos no local, pertencem ao senhor Thompson.

## Capítulo 34

### Lettie

A tristeza penetra no meu peito enquanto vejo a neve cair lá fora, pela janela da cozinha. Os flocos são grandes e fofos, soprados facilmente, e cobrem a cidade num manto branco, como se Meadowbrook estivesse encerrada num globo de neve. É uma cena perfeita, ao contrário da própria época festiva.

Numa outra vida, eu e o meu pai teríamos feito um boneco de neve. Agora estamos a discutir por causa da faculdade. A minha mãe continua a beber. A Riley continua a enfrascar comprimidos. O Dylan tentou matar-se. E eu continuo a sentir-me responsável.

A campanha toca e a *Zoe* enlouquece. Tenho a certeza de que ela acha que é o sujeito da UPS, que traz sempre guloseimas para cães, mas desta vez sou surpreendida ao ver a Riley do lado de fora. Está completamente desconcertada: o cabelo com flocos brancos de neve, o rosto pálido e retraído, os olhos vermelhos e inchados. Não há dúvida de que esteve a chorar.

– Podemos conversar? – pergunta a Riley. – Desculpa, eu teria enviado um SMS, mas continuo sem encontrar o meu telemóvel.

– Claro – digo. – Vem lá para cima.

A minha mãe quer saber quem está à porta.

– A Riley – grito, enquanto nos apressamos para o meu quarto.

Fecho a porta e a Riley senta-se na cama. Agarro na cadeira da minha secretária e giro-a para ficar de frente para ela. A Riley está a olhar em redor: verifica o meu espaço, parecendo perplexa com a falta de espelhos e produtos de maquilhagem, já para não falar nas decorações de *anime* que decoram as minhas paredes.

– Como te estás a aguentar? – pergunto. A resposta é obviamente «não muito bem», mas que mais hei de dizer?

A Riley surpreende-me mais uma vez.

– Separámo-nos – diz ela, com as lágrimas a escorrem-lhe dos olhos.

Levanto-me para lhe dar um abraço e ela solta nos meus braços.

– O tipo mais velho? – pergunto.

Ela não consegue falar. Tenho medo que comece a hiperventilar. Acabei o ano com um passeio de ambulância e não quero começar o novo com outro.

– Tenho muita pena – digo, embora não seja nada sincero, mas estou a tentar serenar a situação. Tenho de fazer um esforço para não dizer «eu avisei-te». Em vez disso, pergunto: – O que aconteceu?

A Riley continua a soluçar e a subir o peito, com o rosto enterrado nas mãos, tentando recompor-se. Finalmente, ganha compostura suficiente para falar.

– Ele disse-me que o que estamos a fazer é errado e que não podemos continuar juntos. Diz que me ama, que me ama mesmo, mesmo, mas que isto tem de acabar e eu agora não sei o que vou fazer. Não era para ser assim.

Eu entendo que ela esteja a sofrer, mas o melodrama passa das marcas. Mesmo assim, escondo os meus verdadeiros sentimentos para poder ser uma amiga solidária.

– Como assim, errado? Qual é o problema? É a diferença de idade?

– Não – diz a Riley. – É mais... complicado do que isso.

– Complicado como?

– Lettie, não sejas lerda – rebate a Riley.

– Estás grávida? – sussurro.

Ela revira os olhos para mim.

– Não – diz ela. – Ele é casado.

– Ó merda, Rye – digo eu. – Onde é que tu tinhas a cabeça?

– Eu não estava a pensar, Lettie. É amor. Estamos apaixonados. Aconteceu, simplesmente.

Suprimo um gemido e consigo manter, de alguma forma, a minha expressão totalmente vazia.

– Apaixonares-te por um tipo casado não acontece por acaso, Riley – digo. – Creio que exige algum esforço.

A Riley morde o lábio inferior. Acumulam-se mais lágrimas nos seus olhos.

– Mas ele não é feliz – diz ela. – Disse-me um milhão de vezes que ia deixar a mulher por mim. Vamos ter uma vida incrível juntos. É suposto viajarmos pelo mundo. Ele quer levar-me a Paris. – A voz dela quebra, de angústia.

Agora é o meu detetor de tretas que dispara. Não tenho muita experiência no mundo das mentiras adultas, mas vi suficientes programas de televisão de porcaria para saber que a Riley engoliu um bufê inteiro delas.

– Riley, é melhor para ti – digo-lhe. – Deixa-o ir. Tu és jovem, bonita, brilhante... – *Okay*, esta foi esticar um bocado, mas estou a tentar fazer com que ela se sinta melhor – e tens a vida toda pela frente. Vais ficar mal por um tempo, mas vai acabar por ser melhor para ti.

Isto é muito conhecimento mundano para uma rapariga que nunca teve um namorado, mas acho que estou a ir muito bem.

A Riley não está convencida. Lança-me um olhar capaz de cortar carne.

– Isto é difícil demais para compreenderes.

*Okay*, muito condescendente? Mas não importa. Ela está chateada. Deixo passar.

– Ele tem filhos?

A Riley responde com um aceno sombrio.

Tenho a certeza de que o meu olhar é reprovador.

– Por favor, não faças juízos – implora. – Não estou à espera de que a virginal Lettie compreenda... – Pelo menos, desta vez ela trava. Tem uma expressão levemente envergonhada. – Desculpa, não foi justo – diz ela. – E tu és a única pessoa com quem posso falar sobre isto. És a única que sabe. É só que estou muito apoquentada.

– Tudo bem. – Recordo a mim mesma que o tipo casado tem a maior parte da responsabilidade. – É muita coisa para processares agora, além de *overdose* do Dylan. É demais para qualquer um.

– Obrigada, Lettie. – A Riley olha para mim como se eu tivesse acabado de apoiar o comportamento dela, coisa que não fiz. Estou com pena dela, só isso. Ela tem muita coisa em mãos.

E tem de saber que pode vir a ter mais ainda, e em breve.

– Riley – começo, aclarando a garganta. – Eu odeio trazer este assunto à baila, mas acho que deves saber que a polícia encontrou um frasco de comprimidos vazio na posse do Dylan na noite passada.

– Sabes o que é que ele tomou? – pergunta.

Tem as pupilas dilatadas. Pergunto-me o que é que *ela* tomou.

– O frasco, hum, bem, ele... tinha o nome do teu pai.

A Riley pestaneja rapidamente.

– O nome do meu pai? Merda. Merda.

Voa da cama para fora e sai do meu quarto, mais depressa do que a *Zoe* a perseguir um esquilo.

– Já volto – diz.

Da janela do meu quarto, observo a Riley atravessar Alton Road, com os pés a escorregarem, procurando tração no gelo. Vai diretamente para o seu carro, que está coberto de neve. Desaparece dentro do veículo e surge um momento depois, segurando a mala. Não consigo ver a cara dela a esta distância, mas quando ela se aproxima da minha casa, fica claro que está profundamente inquieta. «Angustiadada» poderia ser uma descrição melhor.

Estou à porta para cumprimentá-la no regresso. Ela puxa-me para fora. O ar frio aperta o meu peito, uma sensação agravada pelo olhar de medo nos olhos da Riley. A neve cai sobre as minhas pestanas, fazendo-me pestanejar.

– O que se passa? – pergunto.

– O frasco dos comprimidos não está na minha mala – diz, praticamente a gritar, segurando a mala de *designer* para eu ver. – E também não está no meu carro.

– Achas que o Dylan foi à tua mala e o tirou de lá?

– Lettie, tu tens de me ajudar – diz a Riley. – E sim, acho que o Dylan

me tirou os comprimidos na festa da Teagan.

– *Okay* – digo –, relaxa. Não precisas de contar aos teus pais sobre o teu... vício. Basta falares com o Dylan. Talvez ele diga que um dia os levou de tua casa. Mas, Riley, tu tens de parar de tomar drogas. Afinal, o que é que tomas? O que são esses comprimidos?

– É *OxyContin*, sobretudo, mas esquece as drogas – diz a Riley. Tem a cara muito vermelha e tenho a certeza de que não é do frio. – Se ele tirou os comprimidos da minha mala, sabes o que isso significa? Sabes?

– Hum, que ele te tirou os oxi. Mas, tal como eu disse, podes esquivar-te a esta bala.

– NÃO! – grita ela. – Significa que ele também deve ter levado o meu telefone. Ele levou o meu telefone e os comprimidos. Lettie, temos de recuperá-lo. É uma emergência. Nós TEMOS de recuperar o meu telefone!



## Capítulo 35

### Lettie

O Dylan está finalmente em casa, com alta do hospital. Estou nervosa por vê-lo. Sinto-me maldisposta o tempo todo. Se ele tivesse posto termo à vida por ter acabado com a Riley, a culpa seria minha e ninguém sabe a verdade, além de mim e do Jay.

Talvez um dia eu arranje uma maneira de me perdoar, mas ainda não cheguei lá. E parece que não acabei de me meter nos problemas dos outros. Tenho uma nova missão agora: reaver o telemóvel da Riley, que desconfiamos tenha sido levado pelo Dylan quando também lhe levou os comprimidos da mala. Esse telemóvel deve ter imagens e mensagens que o Dylan não devia ver, coisas que podem empurrá-lo até ao limite, talvez desencadear uma segunda tentativa. É toda a motivação de que eu preciso para me manter envolvida.

Atravesso a rua em passo de marcha, até à casa da tia Emily e do tio Ken. Não preciso de bater, sou família, portanto entro sem anunciar a minha chegada.

A tia Emily aproxima-se, vinda da cozinha. O seu sorriso esmoreceu, mas continua a cumprimentar-me com um grande abraço, como faria em qualquer outro dia. Pergunta-me se estou com fome e eu digo-lhe que não, que vim ver o Dylan.

O meu primo Logan veio e foi-se embora, esteve aqui durante uns dias no início da crise. Ainda assim, sinto que a sua presença persiste. Cada divisão da casa é uma espécie de santuário que o tio Ken erigiu para honrar aquele que desconfio ser o seu filho preferido. Há um mostruário no corredor cheio de troféus, a maior parte dos quais pertence ao Logan. As paredes perto do escritório do tio Ken, no primeiro andar, são agraciadas por placas e fotografias homenageando os inúmeros feitos atléticos do Logan.

Quero acreditar que outros problemas fizeram com que o Dylan tomasse uma *overdose*. Como aquele brinde horrível que o meu tio fez na véspera de Natal, que simbolizava a maneira como ele tratou o Dylan a vida toda. *Menos*

*do que. Não é digno de. Fica aquém. Nunca é bom o suficiente.* Foi por isso que ele tomou os comprimidos, ou assim digo a mim mesma. Mas eu sei. Vejo a verdadeira razão de cada vez que me olho ao espelho. Ele fez aquilo por minha causa. Estraguei a vida dele.

– Espero que consigas fazer com que ele se abra – diz a tia Emily. – Ele quase não fala com ninguém e não disse uma única palavra ao pai desde... o incidente.

Reparo que ela não consegue nomear o que ele fez.

– Vou dar o meu melhor – digo, e subo as escadas.

Bato à porta do quarto do Dylan.

– Entra – diz ele.

Entro e dou com o Dylan deitado na cama, de olhos colados a um telefone. Espero que seja o da Riley, o que tornaria as coisas muito mais fáceis, mas depois reconheço-o, é o dele.

– Apetece-te uma visita? – pergunto, desajeitada, no limiar da porta.

Fecho a porta atrás de mim, para termos privacidade.

– Claro – diz Dylan com indiferença.

O seu quarto é bastante arrumado, mil vezes mais do que o meu. A sua coleção de *memabilia* desportiva das equipas de Boston – bolas autografadas, cartazes e cartões – é exibida em mostruários, pendurada nas paredes ou perfeitamente disposta nas estantes. Não há roupa no chão, o que é um pouco inquietante. No meu quarto, as roupas são simultaneamente tapetes e algo para vestir.

– Como te sentes? – pergunto. O poço sem fundo no meu estômago não desaparece.

– Estou bem – diz ele. Já me agradeceu por lhe salvar a vida, disse-me para agradecer também ao Jay, mas não parecia particularmente grato.

Sorrio para ele, mas o que realmente me apetece fazer é chorar. Ele parece tão triste, totalmente destroçado. Pode estar a respirar, graças a Deus por isso, mas não há vida nos seus olhos. É como se alguém tivesse puxado a tampa do ralo, deixando escapar todas as coisas que compunham o Dylan. Já não é a pessoa que era. Deixou de haver leveza para ele.

– Porquê, D? – A minha voz falha. – Porque havias de fazer aquilo?

O Dylan solta uma respiração trémula.

– Eu não devia ter-lhes dito que foi intencional – diz, irritado. – Não deixei um bilhete. Podia ter sido apenas um acidente. Agora toda a gente sabe.

– Parece mais chateado com isso do que com o facto de quase ter morrido.

– D, toda a gente te adora – digo. – Só queremos que estejas bem.

– Bem, isso não vai acontecer – diz ele, amargamente.

Sento-me na berma da cama para que os nossos rostos fiquem mais próximos.

– Tem que ver com a Riley? – pergunto. – Com terem acabado? Ou com o teu pai? Isto é, com o que aconteceu no Natal.

Dylan ri duramente.

– Lettie, deixa, está bem? – diz ele. – Isto não é problema teu.

É, mas eu não vou por aí. Em vez disso, deslizo para um pouco mais perto dele. Quero segurar-lhe a mão, embora não me atreva a tocá-lo. Ele é tão frágil que tenho medo que se parta.

– Gosto tanto de ti – digo. Um nó aloja-se na minha garganta, espremem-se lágrimas nos cantos dos meus olhos.

– Eu estou bem – diz ele. – Tenho muita coisa na cabeça, só isso.

– Deixa-me ajudar – digo. – Tens de falar com alguém. Vai ficar entre nós. Não vou contar a ninguém. Tenho medo de que se meteres tudo para dentro, depois expludas com a pressão. Precisas de deixar sair.

O Dylan não morde o meu isco, mas não me deixa dissuadir. Sinto que fui útil para a Riley, pelo menos com o Wookiee, portanto talvez consiga ajudar também o Dylan.

– Só para que saibas, acho que foi mesmo mau, o que a Riley te fez – continuo. – Trair-te como traiu.

O Dylan mantém o queixo no peito, não faz contacto visual.

– Merecias melhor.

– Sim, bem, o que está feito, feito está.

– Eu sei que tu não acreditas, mas a Riley preocupa-se realmente contigo. Mesmo.

– Como é que sabes? Vocês as duas mal se falam.

O Dylan faz uma pausa, parece que está a juntar dois mais dois, mas não está a somar quatro na sua cabeça.

– Naquele dia em que confrontei a Riley na escola – diz. – O que estavas a fazer com ela? Estavam juntas na casa de banho dos funcionários. Porquê? – Em vez de evitar o meu olhar, os seus olhos penetraram em mim.

É a minha oportunidade – a minha abertura.

– Tenho andado a ajudar a Rye com uma coisa – digo. – Algo pessoal, não relacionado contigo.

– O quê? – pergunta ele; é mais *exige*.

Um sinete de alerta toca na minha cabeça. Hesito um bom bocado. Não devia trair a confiança da Riley, mas adoro o meu primo e espero que isto lhe alivie a mente.

– Ela fez um teste de ADN e descobriu que o Evan não é o seu pai biológico.

– Uau! – O Dylan senta-se muito direito na cama, de olhos arregalados.

– É verdade – digo. – O pai biológico é um músico chamado Steve Wachowski, mas todos o tratavam por Wookiee. Enfim... Já morreu. Acidente de mota.

– Caraças! – A expressão do Dylan torna-se sombria. Está a pensar em alguma coisa, ou talvez a sentir algo profundamente. Não sei dizer com certeza, porque se calou.

Acaba por falar.

– Ela sabia disto tudo antes de começar a sair com aquele gajo?

– Nem tudo – digo –, mas definitivamente sabia que o Evan não era seu pai. – Talvez eu esteja a esticar a verdade, mas pode ajudar o Dylan a pensar que a Riley estava em crise quando o traiu.

– Só te estou a dizer isto porque não quero que penses que o facto de ela ter acabado contigo tem só que ver contigo. A Riley está a passar por muita coisa agora e não está a lidar bem com isso.

O comportamento do Dylan muda, aparentemente para melhor – não muito, mas um grau, talvez dois. Sinto-me encorajada.

– Ela está com dificuldades, mas uma coisa eu te prometo... e eu sei isto, porque eu fiz parte da luta dela... ela está muito, muito melhor agora porque já não guarda tudo para dentro. Acho mesmo que devias fazer o mesmo e dizer-me o que realmente está a acontecer.

O Dylan levanta-se da cama e vai até ao armário. Sai com um lindo colar na mão, com um grande pingente verde numa corrente de prata. Estou a pensar que é alguma coisa que ele comprou para a Riley, e logo uma esmeralda, mas que nunca lhe deu. – Tirei isto à minha mãe – diz ele, entregando-me o colar.

Estou confusa.

– O quê? Porque é que farias uma coisa dessas?

– Porque preciso de penhorá-lo – diz ele. – Preciso de dinheiro, e depressa.

– Para quê?

O Dylan solta um suspiro pesado.

– Estou a ser chantageado.

– Chantageado? – Os meus olhos arregalam-se. – Porquê?

– Uma coisa que eu fiz – diz o Dylan. – Uma coisa que não queria que ninguém visse.

– O que é?

– Não importa – diz bruscamente. – Não me interessa falar sobre isso. É uma coisa má, *mesmo* má, algo que eu não queria que ninguém soubesse, e é por isso que preciso de dinheiro... rapidamente.

– Foi por isso que tomaste os comprimidos? Por causa desse chantagista?

– Foi estúpido e impulsivo – admite. – Tirei-os da mala da Riley na festa da Teagan. Eu estava bêbedo e cheio de pena de mim próprio. Não sei, pareceu-me ser a única solução.

Fico com a sensação de que esta não é a história toda, que o Dylan está a reprimir alguma coisa grande. Mas não vou abusar da sorte.

– O suicídio nunca é a resposta – digo, ousada o suficiente para lhe pegar na mão. – É uma solução permanente para um problema temporário. Tens de acreditar em mim. Nós adoramos-te e ficaríamos todos tão arrasados se te perdêssemos. – Ele não devia precisar de ver as minhas lágrimas para acreditar em mim, mas elas saem na mesma.

– Não vou tentar de novo, se é isso que te preocupa. Isso para mim

acabou, prometo.

– Dylan – digo –, quando tiraste os comprimidos, também tiraste o telemóvel da Riley? Ela não consegue encontrá-lo. Agora tem um telefone novo, mas gostava de ter o antigo de volta.

Ele acena. Recebo novamente aquela dica de que há mais qualquer coisa.

– Sim, tirei, mas não sei onde está – resmunga o Dylan. – Estava muito pedrado, portanto sabe-se lá. Talvez o tenha atirado para o arvoredo. Não sei dizer. Mas já não o tenho. Podes dizer-lhe isso com toda a certeza.

– Okay, tudo bem. – Dou-lhe o que penso ser um sorriso terno. – O que vais fazer em relação ao colar?

– Tenho de vendê-lo. Sinto-me horrível com isso, mas o que é que hei de fazer? Tenho de pagar... se não.

Fico em silêncio. Não tarda, ocorre-me uma ideia. Será que algum dia vou aprender? Mas desembucho tudo na mesma.

– Fica com o colar – digo-lhe. – Não o vendas. Podemos inventar uma história sobre encontrá-lo mais tarde, depois de resolvermos o teu problema.

– O chantagista? – pergunta Dylan. – Como é que podes resolver isso?

Sorrio para ele e faço-lhe uma festa na mão.

– Conheço uma pessoa que pode descobrir quem está por trás disso – digo, pensando no Jay e na sua tatuagem de escorpião. – Ele é ótimo com computadores e mau o suficiente para fazer parar, e de vez, seja quem for.

## Capítulo 36

Lettie ofereceu-se para lavar a louça do jantar nessa noite, mas Alex deu-lhe uma folga como recompensa por mais uma aceitação na faculdade, desta vez no programa de distinção da Universidade de Massachusetts Amherst. Mostrou-se calada a noite toda, como se alguma coisa lhe ocupasse a mente. Alex perguntou o que se passava, mas foi despachada.

O único tema que Lettie abordou à mesa foi a faculdade.

– Se for para a Universidade de Massachusetts, fico com ar condicionado no quarto – disse ela sem grande entusiasmo. O seu prato de *enchiladas*, que Nick tinha feito e geralmente era um favorito, estava praticamente intocado.

– E uma universidade pública significa mais dinheiro na tua conta universitária para o mestrado – acrescentou Nick.

– Deduzo que isso signifique que não vais pagar se eu entrar na Universidade de Southern California? – disse Lettie.

– Estou só a tentar ensinar-te o valor de um dólar – disse Nick. – Ambos sabemos que uma licenciatura em Ciências Ambientais em qualquer dessas universidades tem essencialmente o mesmo peso, mas uma custa metade.

– Lamento não valer isso, aos teus olhos – disse Lettie entre dentes.

Alex encheu o copo com mais vinho.

Nick parece aflito.

– Querida, não é isso que quero dizer – disse ele. – Os cursos são basicamente os mesmos, só isso. E recibes seis mil dólares por ano de bolsa por estar num programa de distinção. Isso é incrível e fantástico.

– É fantástico porque é menos dinheiro para pagares, mesmo que não seja para onde eu quero ir. – Lettie levou o prato para a cozinha, com *Zoe* a trote atrás dela, como se estivesse solidária. Subiu as escadas para fazer os trabalhos de casa, deixando Alex a carregar a máquina de lavar louça enquanto Nick acabava de levantar a mesa.

– Porque é que tens de dar tanta importância ao dinheiro para a faculdade? – perguntou Alex. Fechou a porta da máquina de lavar louça com força. – Eu entenderia se não tivéssemos, mas temos. Estás a ser um bocado Tio Patinhas.

Nick parecia melindrado.

– Preparei um bom jantar e tu chamas-me Tio Patinhas?

– Já te agradeço pelo jantar e, afinal, o que é que isso tem que ver com a discussão da faculdade? Ela vai-se embora, Nick. Não vamos acrescentar distância emocional à distância que já vamos ter. Não podemos simplesmente apoiá-la e deixá-la escolher para onde quer ir? – Alex terminou este pensamento, depois acabou o seu vinho.

– Não é que eu não queira ajudá-la – disse Nick. – Só que não vale isso.

Alex desviou o olhar, irritada.

– Acho que potencialmente salvas a relação com a tua filha vale muito. Em vez de emitires mandatos, porque é que não tentas, quem sabe, estabelecer uma ligação com ela? Tu dizes-lhe para ela ver o teu ponto de vista. Porque é que não tentas ver o dela? Fala com ela sobre este programa de Ciência Ambiental. Vê se descobres porque é que ela acha que a USC é melhor. Começa a agir como se te importasses com as coisas que lhe importam, antes que ela se vá embora. Não vais ter este tempo de volta, Nick.

Pronto. Isto ia pô-lo no seu lugar. Alex estava a sentir-se bastante satisfeita consigo mesma. E não estava errada. O tempo não era algo para se levar de ânimo leve. O fim aproximava-se rapidamente. O Dia dos Namorados tinha vindo e ido, já estavam em março. O ano letivo terminaria em pouco tempo e a vida parecia estar a avançar rapidamente.

– Não vou mudar de ideias sobre ensinar-lhe o valor de um dólar, mas o teu argumento é bom – admitiu Nick. – Tens razão, eu preciso de me ligar mais a ela. Vou arranjar alguma coisa.

Alex encarou isto como uma pequena vitória.

– Obrigada – disse ela. – Eu não estava mesmo disposta a uma discussão.

Retomaram os seus lugares à mesa. Alex encheu mais o seu copo e ofereceu ao marido, que abanou a cabeça.

– Amanhã começo cedo, não quero beber. Também devias pensar nisso – disse ele, olhando para o copo dela com preocupação. – Julguei que, depois do Natal, ias cortar na bebida?

– Para começar, eu cortei – disse Alex.

– O quê, de duas garrafas para uma? – perguntou Nick.

Alex não achou graça.

– Que piada. Estou só a desconstrair um pouco. Tento tido muito trabalho ultimamente e ando preocupada com toda a gente... A Lettie, a Emily, até a Mandy Kumar. Eu sei que tu achas que não é nada, mas, com o passar do tempo, preocupo-me cada vez mais com ela.

– Ainda achas que a Mandy e o Ken têm alguma coisa? – perguntou Nick.

– É certamente possível – disse Alex. – E acho que não estás a levar a sério os sinais de alarme com o Samir.

Nick parecia ligeiramente desaprovador.

– Por favor, não leves isto para o lado errado, querida – disse ele –, mas já falaste disto comigo antes, e deduzo que com a Emily e talvez com a Brooke também. Mas já falaste com a pessoa mais óbvia? Entraste em contacto com a Mandy? – Gesticulou para a casa dela. – Tentaste ser sua amiga? Talvez esteja tudo bem e não seja o que tu pensas. Ou talvez, em vez de acusações e insinuações, possas dar-lhe algum apoio. É muito mais útil do que andar com mexericos sobre os vizinhos.

A palavra *mexericos* atingiu Alex como um soco. Ela não era esse tipo de pessoa. Ela *resolvia problemas*, era esse o seu trabalho. Não acrescentava mais.

Alex sentou-se mais direita.

– Sabes, acho que tens razão – disse ela. – Deixei que o Samir me intimidasse. Vou ser mais frontal com ele. Na verdade, vi a Mandy voltar para casa não há muito tempo. Vou lá agora: fazer uma visita surpresa de vizinha.

Pode ter sido o vinho a encorajá-la, mas Alex manteve-se confiante, preparada para oferecer uma mão amiga – ou, se necessário, confrontar os novos vizinhos. Fosse como fosse que se desenrolasse, estava pronta.

– Obrigada, querido. – Deu um beijo rápido na face de Nick.

– Hum, não era exatamente isso que eu tinha em mente – disse Nick. – Estás a ser um pouco impulsiva, não achas?

– *Carpe diem!* – disse Alex ao sair de casa com passo decidido.

Qualquer fanfarronice que tivesse trazido do outro lado da rua abandonou-a quando Samir atendeu à porta. Estava garboso como sempre, sem um vinco nas calças cáqui. A sua boca esboçou um sorriso.

– Alex, o que a traz aqui? – perguntou. O seu afeto era tão inexpressivo como a sua expressão. Não havia calor na sua voz. Nem uma receção alegre. Parecia canalizar o vento frio de março dessa noite.

– Estava com esperança de falar com a Mandy – disse Alex. Queria que a sua voz não estivesse trémula, mas sem sorte.

– Bem – disse Samir –, ela não está em casa.

Alex sentiu-se ficar sóbria rapidamente.

– Isso é estranho. – Espreitou por cima do ombro de Samir, para o corredor vazio. – Vi-a chegar a casa não há muito tempo.

Samir inclinou-se para a frente.

Alex envolveu o corpo com os braços, como se isso pudesse protegê-la do seu olhar intenso.

– Está a pedir para entrar, procurar, ver se estou a mentir?

– Não...

– Porque afianço-lhe que não vai encontrá-la aqui – continuou. – E não sei se aprecio a insinuação.

– Que insinu...

– Não vamos entrar por aí, está bem? – interrompeu Samir. – Ambos sabemos do que se trata *realmente*, Alex.

Ela tinha os nervos em franja.



– Sabemos?  
– Porque me seguiu até ao supermercado naquele dia? – perguntou ele.  
– Eu? Segui-lo? Não, eu estava só... a conduzir... até ao supermercado.  
– Alex levou a mão ao peito, o coração a bombar excessivamente. Esperava que Samir não percebesse que tinha o corpo inteiro a tremer.

– Por ruas que a levaram na direção oposta à do mercado?  
– Eu... eu... – *Não tenho uma boa resposta*, percebeu Alex.  
– Deixe-me ser claro sobre uma coisa – disse Samir. – Gostamos da nossa privacidade. De facto, *prezamo-la*. O Dia da Ação de Amigos foi um favor feito à Mandy, mas não com a intenção de ser um convite aberto para se intrometerem na nossa vida. – O seu dedo esfaqueou o ar, demasiado perto do rosto de Alex para o seu gosto. – Agora, agradecia muito se respeitasse os meus desejos. Tudo bem sermos vizinhos, mas não precisamos de amigos.

Esta última palavra saiu com notável hostilidade. Embora abalada, ela insistiu. Pensou em Brooke: a sua vida secreta com Jerry, o sofrimento oculto que tinha suportado às mãos do marido. O seu radar apitava alto demais para que ela pudesse esgueirar-se dali. Não seria capaz de viver consigo mesma.

– Foi você que me mandou aquele bilhete preso à coleira da *Zoe*, não foi? – perguntou ela com desdém. – Fez isso para me dar um aviso. – Ela observava os olhos dele, procurando a revelação.

Bem abertos, sem pestanejar, eles permaneceram velados.

– Tenha uma boa noite, Alex – disse Samir grosseiramente, antes de fechar a porta com firmeza na cara dela.

## Capítulo 37

Alex esgueirou-se para dentro de casa como se tivesse acabado de perder o grande jogo. Sentia a presença de Samir como um peso que tinha de carregar consigo. Na segurança da sua cozinha, finalmente, encontrou Nick a servir-se de uma chávena de café. Alex serviu-se de um pouco de vinho.

– Como é que correu? – perguntou ele, com um sorriso meio presunçoso.

– Nada bem – disse Alex. Repetiu a conversa para ele.

– Uau! – exclamou Nick, com uma surpresa fingida. – Não posso acreditar que depois de o teres acusado de comportamento nefasto, ele tenha sido rude contigo. Chocante!

– Bem, a sugestão foi tua – disse Alex. O vinho desceu como sumo de maçã.

Nick zombou.

– Eu sugeri que tentasses ser *simpática* com a Mandy – disse ele. – Que fosses solidária, não que acusasses o marido de fazer mal à mulher e de te ameaçar. Como esperavas que ele reagisse? Credo, Alex. Preocupa-me que o vinho te tenha posto o cérebro em pickles.

– O que é que isso quer dizer? – O corpo de Alex vibrava de raiva.

– Quer dizer exatamente o que eu disse – disparou Nick, olhando não para ela, mas para a garrafa de vinho meio vazia na bancada. – *Glu, glu, glu*, todas as noites. Tu não estás a pensar com clareza. Que raio, tu não estás a *pensar* de todo. Sinceramente, espanta-me que continues a ter um negócio para gerir.

Alex fez um som de desprezo.

– Na verdade, o meu negócio está a crescer, até estou a pensar em contratar um assistente. A casa funciona bem, como sempre, a Lettie está a sair-se bem... estou a fazer um bom trabalho em praticamente tudo, melhor do que bem, na verdade, portanto não gosto muito aqui do teu comentário.

Antes que Nick pudesse apresentar a sua resposta – e era claro, pelo seu olhar desdenhoso, que vinha aí uma –, Lettie irrompeu cozinha adentro, claramente alarmada com alguma coisa. Atirou o telemóvel a Alex, que

instintivamente pegou nele, como se fosse o testemunho numa corrida de estafetas.

– É a Riley – disse Lettie. – Passa-se alguma coisa em casa dela. Ela quer falar contigo, mas não tinha o teu número.

Alex colocou o telemóvel de Lettie no ouvido.

– Riley – disse Alex, no tom de uma mãe preocupada –, o que se passa?

– Preciso que venha para nossa casa imediatamente – disse Riley, a voz cheia de pressão. – Acho que a minha mãe vai matar o meu pai.

Alex saiu disparada para a porta. Lettie começou a segui-la, mas Alex impediu-a.

– Há problemas na casa dos Thompsons. Ficas aqui. Liga para o cento e doze. Eu e o pai vamos para lá.

Riley ficou na porta aberta da sua casa enquanto Alex corria pelo caminho de acesso, com Nick logo atrás.

– O que se passa? Estão bem? – perguntou Alex da porta. Ao fundo do corredor, ouviu um estrondo forte, vidro a partir e, em seguida, outro estrondo, mais vidro, uma explosão seguida de um grito.

– Sai! Sai já desta casa, tarado! – Era Willow.

Evan respondeu num tom de voz igualmente alto.

– De quem é o nome na escritura? Porque não sais *tu*?

– Porque não vou deixar a minha filha sozinha contigo, parvalhão doentio! – berrou Willow.

Seguiu-se outro forte estrondo.

– *Okay* – disse Alex, respirando fundo. *Tu fazes mediação, não violenta*, disse a si mesma; *basta seres profissional e acalmas esta situação*. – Riley, tu ficas aqui. Deixa-me tentar desarmar isto.

Dirigiu-se para a cozinha, onde encontrou Willow de pé com o braço dobrado, um copo robusto apertado na mão.

No canto oposto, Evan estava agachado. Tinha a camisa preta toda aberta, como se fosse um modelo de capa para um romance de cordel – só que parecia que alguém lhe tinha arrancado os botões, provavelmente a mesma pessoa que segurava o copo. Junto dos pés de Evan estavam os restos de outros copos que Willow provavelmente lhe atirara, em fúria.

– Ó merda! – exclamou Nick, que tinha chegado por trás de Alex.

– Tu metes-me nojo! – gritou Willow antes de atirar o copo a Evan, como um jogador a fazer lançamento. Felizmente, o esforço dela falhou na execução. O copo estilhaçou-se nada perto do alvo pretendido.

Evan girou em direção a Alex.

– Podes fazê-la parar? – Os seus olhos arregalados suplicavam por misericórdia.

Willow estava a rearmar-se junto da máquina de lavar louça. Ao que parecia, tinha muita munição. Encurralara Evan a um canto. E acabara de recarregar com um elegante copo de uísque.

– Willow, não – disse Alex. – Não é este o caminho certo.

Especialmente com a Riley em casa. Pensa nela. Por favor... diz-me só o que se passa!

– *Dizer-te? Que tal mostrar-te?* – disse Willow. – Eu estava a lavar roupa e vi alguma coisa a pingar na cave, portanto chamei um canalizador. Julguei que vinha da câmara escura, e claro que o Evan estava fora, em Nova Iorque, a meter drogas no corpo e a ser um merdas. O canalizador encontrou a origem da água, lá isso encontrou: vinha de um velho cano de cobre numa sala escondida *atrás* da câmara escura, em que eu nunca entro. Enfim, deixei essa porta aberta. Vai ver com os teus olhos.

Luzes vermelhas e azuis piscavam do lado de fora. A polícia tinha chegado.

– Vai falar com a polícia, Nick – disse Alex. – Certifica-te de que sabem que as coisas estão a assentar.

Willow voltou a colocar o copo na máquina de lavar louça.

– Gosto demais deste copo para o desperdiçar em ti – disse ela.

Alex sentiu que Evan estava seguro quanto bastasse, agora que a polícia estava no local. Deixou a cozinha para ir à cave, passando por Riley a caminho do piso inferior.

– Tu ficas aqui, Riley – disse Alex. – Está tudo bem, mas tenho de ir ver uma coisa.

O odor de produtos químicos acentuou-se quando ela se aproximou da câmara escura de Evan – que não estava escura, já que as luzes do teto tinham sido deixadas acesas. Evan, um fã de película tradicional, tinha revelado e emoldurado muitas das fotografias que estavam penduradas na casa dos Thompsons. Mas o interesse de Alex não estava nos utensílios da câmara escura nem nos cortes das fotografias de Evan, mas sim no espaço escondido de que Willow lhe falara, acessível através de uma porta aberta na parte de trás da câmara escura. Alex via que a porta estaria algo camuflada quando fechada, fundindo-se perfeitamente com as paredes brancas e lisas. O covil secreto de Evan.

Alguém, provavelmente Willow, também deixara uma luz acesa na sala escondida. Alex pasmou-se, pestanejou e abanou a cabeça, incrédula.

Cobriam as paredes fotografias de Brooke Bailey, e *só* de Brooke Bailey, em vários níveis de desnudamento. Em algumas, ela usava roupa íntima de renda, reveladora. Noutras, tinha uma combinação transparente como celofane. Para todos os lugares que Alex olhava, via mais fotografias da vizinha *sexy*, que parecia olhar para ela com uma expressão provocante e quase desafiadora. Alex entendia a atração de Evan por essa mulher forte e marcante, mas isto era uma demonstração de obsessão patológica.

As imagens eram perturbadoras por si só, simplesmente pelo seu avultado número, mas outras imagens arrefeceram o sangue de Alex. Além das fotografias profissionais em exibição, uma coleção de instantâneos enchia uma escrivaninha de madeira à direita de Alex. Era uma colagem de imagens tiradas do lado de fora da casa de Brooke, sendo que o fotógrafo obviamente

olhava para o santuário de Brooke: o quarto, a sala de estar e até mesmo a cozinha, onde Alex estava quando chegou aquela mensagem de texto alarmante.

Ela afastou-se, fechando a porta da câmara escura atrás de si, e subiu as escadas. Oxalá pudesse esquecer o que tinha visto. Ao cimo das escadas, quase esbarrou no agente O'Brien, a quem reconheceu do hospital.

– Sente-se bem, minha senhora? – perguntou ele.

Alex ouvia Willow e Evan, ao fundo do corredor, a apresentar os seus respetivos casos à polícia na cozinha.

– Estou bem – disse Alex. – Mais ou menos. Mas acho que o senhor agente deve saber que acabámos de descobrir a identidade do perseguidor de Alton Road.

## **Memorial Day (Atualidade)**

### **Página online da comunidade de Meadowbrook**

#### **Regina Arthur**

Evan Thompson. Alguém... alguém?

##### **Resposta de Laura Ballwell**

Acho que não devemos especular, espalhar rumores ou fazer comentários depreciativos sobre ninguém, especialmente num fórum público.

##### **Resposta de Tom Beck**

Que mais devemos fazer aqui? Ser simpático?

#### **Susanne Horton**

O Evan e a Willow Thompson não estavam sempre a discutir?

##### **Resposta de Regina Arthur**

São como o gato e o rato! Mas eu estava mais a pensar na sua obsessão pela Brooke Bailey.

#### **Henry St. John**

Acabei de verificar a página da Brooke Bailey no OnlyFans. Ainda está ativa.

##### **Resposta de Ed Callahan**

Ah, sim, pagas para ter acesso, Henry St. John? Ela está nos teus favoritos?

#### **Susanne Horton**

Alguém se lembra do que a Brooke fez ao marido Jerry?

##### **Resposta de Christine Doddy**

Ou «não» fez. Não foi acusada.

##### **Resposta de Susanne Horton**

OK, alguém se lembra do que a Brooke se safou de fazer? Será que tratou, ela mesma, do perseguidor de Alton Road?

#### **Regina Arthur**

Aposto que o Evan matou a Brooke, não o contrário.

##### **Resposta de Tom Beck**

Então agora fazemos apostas de quem matou quem? Isto é que é manter a classe, Meadowbrook!

#### **Susanne Horton**

A Willow e o Evan não tiveram propriamente um grande casamento. Pode-se dizer ordem de afastamento? E não se esqueçam: é sempre o marido.

**Resposta de Katherine Leavitt**

Isto não é um episódio do *Dateline*, Susanne Horton. São os nossos vizinhos e amigos!

**Resposta de Susanne Horton**

Amigos? Os Altonitas? Fala por ti.

**Resposta de Katherine Leavitt**

Que bonito. É assim um bom cristão.

**Resposta de Susanne Horton**

Quem disse que sou cristã?

**Janet Pinkham**

Por falar nisso, a Igreja Congregacional de Meadowbrook vai fazer a nossa venda anual de bolos no próximo sábado.

**Resposta de Ed Callahan**

Pergunto-me o que é que põem nos teus *brownies*, Janet Pinkham.

**Susanne Horton**

A Riley Thompson acabou com o Dylan Adair. O amor jovem pode ser obsessivo, e isso pode ser perigoso.

**Resposta de Joseani Wilkins**

Agora metemos alunos do liceu ao barulho? O que é que se passa com vocês, pessoal?

**Resposta de Ross Weinbrenner**

*Vocês, pessoal??* Pareces um Altonita!

**Christine Doddy**

Eu continuo a dizer que é o Homem Peste. É maluco! E se ele tem alguma vingança contra o Ken Adair por ter feito com que o despedissem – cuidado!

**Resposta de Susanne Horton**

Ouvi dizer que o Ken tem uma coisa pela Mandy Kumar. Não vou revelar a minha fonte, mas amantes e cônjuges zangados têm motivo para matar.

**Laura Ballwell**

Falando dos Kumars, o marido já foi a algumas reuniões da cidade e digamos que tem de ser tudo à maneira dele.

**Resposta de Christine Doddy**

Concordo! Vi-o fazer compras com a mulher. Segurava-lhe o braço como se fosse a rédea de um cavalo. Trabalho com mulheres vítimas de abuso e isso foi um sinal de alerta.

**Resposta de Ross Weinbrenner**

E acho que o filho deles, o Jay, é traficante de droga. Será que pode ter sido um negócio que correu mal?

**Resposta de Joseani Wilkins**

Isto é que é entregarem-se à calúnia! Uau! Acho que estamos a espalhar rumores que cheguem, malta.

### **Resposta de Regina Arthur**

Os rumores têm sempre algum fundo de verdade: a Brooke e o Evan, a Mandy e o Ken, o Samir, o Jay, a Riley, o Dylan, o Homem Peste, parece-me que qualquer um deles pode ser a vítima ou o assassino.



PRIMAVERA



## Capítulo 38

Alex estava em casa, a apreciar um pouco de vinho branco com o almoço, uma salada. Com Nick no trabalho e Lettie na escola, aproveitou uma agenda mais leve para desfrutar dos prazeres tranquilos de casa. A sua única obrigação naquele dia era uma entrevista às duas horas para um assistente administrativo, uma posição que ela precisava de preencher, agora que o seu negócio ia de vento em popa. Tinha estado a preparar-se para uma sessão de mediação próxima, mas parou para rever o currículo da candidata.

A porta das traseiras da cozinha abriu-se, interrompendo a sua concentração. Entrou Emily, fiel a si própria – de improviso e sem se fazer anunciar.

– Tens um minuto para falar? – perguntou ela, afundando-se numa cadeira da cozinha. *Zoe* saiu de baixo da mesa para ladrar e abanar a cauda antes de regressar ao seu esconderijo.

– Para ti, tenho todo o tempo do mundo – disse Alex.

Emily olhou para a pilha de papéis diante de Alex.

– Isto parece a minha cozinha – disse ela. – Tive de me afastar do trabalho antes que a minha cabeça explodisse.

– E pensar que nós, mulheres, lutámos tanto e durante tanto tempo pelo direito a tornar as nossas vidas miseráveis.

As irmãs partilharam uma gargalhada.

– Importas-te que tome uma bebida contigo? – perguntou Emily. – O Ken está em casa. Ainda não nos sentimos à vontade para deixar o Dylan sozinho.

– Eu sentiria exatamente o mesmo se fosse a Lettie, mas ainda bem que arranjaste tempo para uma visita.

Alex aproveitou a oportunidade para encher novamente o seu copo, depois de servir um a Emily, de uma garrafa que tinha ido buscar ao Costco. O vinho era um produto que ela provavelmente não devia estar a comprar a granel, mas depois de Nick a ter chamado à atenção por causa da bebida, Alex decidiu que estava farta de esconder. Agora que era tudo às claras, talvez ele visse que estava tudo bem e que era ele quem estava a exagerar.

Emily abriu espaço na mesa.

– Como estão a sair os planos para a adição à família? – perguntou Alex.  
– Estou preocupada com a mãe. Já reparaste que está pior do equilíbrio? Encosta-se às coisas para ter apoio. Tenho medo que esteja a ficar em risco de queda.

– Os planos estão bem – disse Emily. – Estão feitos, de facto. E conseguimos as aprovações de que necessitamos. Se o calendário se mantiver, os empreiteiros devem começar a partir pedra este verão. – Bebeu e olhou pela janela, com o rosto a entristecer. – A questão é o meu casamento.

Alex suspirou.

– Lamento, Em – disse ela. – Conta-me tudo. O que é que se passa agora?

Emily bebeu uma boa quantidade de vinho.

– O dinheiro voltou para a nossa conta.

Alex parecia surpreendida.

– Quando? – perguntou ela.

– Há duas semanas – disse Emily. – Só percebi hoje, quando verifiquei os nossos extratos.

– Mas que história é essa? – perguntou Alex.

– Ultrapassa-me – disse Emily.

– O que é que o Ken disse?

– Disse-me que o IRS cometeu um erro.

Alex quase cuspiu o vinho.

– O IRS não comete erros – disse ela. – Ou, se cometer, não o admite tão rapidamente.

– Eu disse a mesma coisa, ou basicamente isso.

– E?

– E nada. O Ken manteve a sua história.

– Queres pedir-lhe a papelada?

– Para ele se passar comigo? Acusar-me de não voltar a confiar nele? Já temos problemas que cheguem em casa. Não, obrigada.

Alex não discordou.

– O que queres fazer?

– Acho que vou usar um bocado dos vinte e cinco mil para contratar o tal detetive privado, é isso – disse Emily. – Passa-se alguma coisa com o Ken, mas não sei se está relacionado com a Mandy Kumar.

– Acho que tudo é possível – disse Alex. – Alguma vez pensaste que o Evan Thompson seria um perseguidor arrepiante?

– Não, nunca – disse Emily. – Ele sempre pareceu obsessivo com o trabalho, mas não achei que se estendesse às mulheres. Porque é que achas que a Brooke o protegeu?

Alex pensou no carácter de Evan: apesar das suas falhas, ele sempre foi cativante. Incomodava-a que ainda gostasse dele, quando era tão claramente treloucado. E também perigoso. Willow confirmou que era a letra dele no

bilhete que ameaçava Alex.

*Afasta-te, ou vais arrepender-te.*

– Acho que, na hora da verdade, queremos acreditar que as pessoas são melhores do que são – disse Alex. – Agarramo-nos à nossa esperança de redenção; de mudança, crescimento, esse tipo de coisa. Imagino que a Brooke pensasse algumas destas coisas sobre o Evan.

– Ela devia saber o tempo todo quem a observava. Caso contrário, teria sido mais cautelosa. Provavelmente, sentia-se entre a espada e a parede. Se ela o expulsasse, ele teria sido humilhado, talvez as coisas tivessem escalado... Talvez tivesse acabado com a sua carreira, prejudicado a Willow e a Riley. Acho que como ela não conseguia fazê-lo parar e achava que ele não lhe faria mal, esperava que ele se fartasse e superasse a sua obsessão.

– Pelo que disseste sobre aquele santuário à Brooke, não há como superar – disse Emily. – Como é que a Willow está a lidar com tudo isso?

– Expulsou-o de casa. Ele foi de bom grado, acho que a vergonha o deixou humilde, e meteu os papéis para o divórcio. Finalmente – disse Alex. – O Evan está a morar num apartamento a cerca de dez minutos daqui. Estou a ajudá-la com o divórcio.

– Aquele santuário arrepiante para a Brooke também seria o fim para mim – disse Emily. – Vamos fazer um brinde: à Willow e a ter a coragem de seguir em frente. – Ergueu o copo. – Por falar em seguir em frente, vi a Lettie sair de carro com o Jay Kumar.

Alex parecia moderadamente magoada.

– Sim, estão outra vez a passar tempo juntos.

– Por causa do Dylan? – perguntou a Emily.

– Talvez – disse Alex, pouco satisfeita. – O vínculo traumático não é exatamente a porta de entrada para um relacionamento saudável, mas parece que a experiência os aproximou.

– Falas com a Lettie? – Emily levantou uma sobrancelha.

– De quê? – perguntou Alex.

– Ah, sei lá – disse Emily. – Preservativos, DIU, a pílula; não queres ser avó, a tua filha não deve apanhar uma doença sexualmente transmissível.

– Credo cruze! – disse Alex. – Que tal uma pergunta para aquecer? – A sua gargalhada denotava um certo nervosismo.

Emily não sorria.

– Estou a falar a sério – disse ela. – A Lettie tem quase dezoito anos. Alguma vez falaste com ela sobre essas coisas? Quer dizer, falar *a sério*?

A culpa voltou, juntamente com as memórias daquela conversa ao jantar com Nick antes de o diabo ficar à solta em casa de Willow. Não, ela não tinha falado com Lettie. Não tinha falado sobre contraceção, Jay Kumar ou Dylan. Não tinha feito nenhuma investigação significativa sobre as esperanças, os sonhos ou os medos da sua filha para o futuro.

Claro que *falavam*, mas sobre coisas, não sobre sentimentos. Coisas que tinham de ser feitas em preparação para o próximo ano, não grandes decisões

de vida. De certa forma, era como viver naquele período agitado após uma morte, em que o luto pode ser deixado de lado por uma longa lista de distrações.

Alex percebeu que estava a agarrar-se a uma ilusão. Lettie ia embora. Estava a crescer, não, ela *era* crescida. Quase adulta, perto dos dezoito anos. Alex tinha de se preparar para deixá-la ir.

Ela prometeu – primeiro a si própria, depois a Emily – que teria uma *longa* conversa com Lettie quando ela chegasse a casa.

Mas, para já, mais vinho. Ela e Emily continuaram a conversar até o telefone de Alex tocar.

– Estou aqui, mas o escritório está fechado à chave.

As palavras confundiram Alex. Quem era? Do que estava ela a falar? O vinho nadava no seu cérebro, turvando todo o pensamento coerente. Então, como nuvens a dissipar, o zumbido desapareceu e a sua memória voltou.

Era a sua entrevista das duas horas. Verificou o relógio. Eram 14h05. Há quanto tempo estava a conversar com a irmã?

As desculpas saíram à pressa.

– Ó meu Deus, peço *tanta* desculpa. Estava a trabalhar noutro projeto e perdi a noção do tempo. – A mentira saiu sem esforço. – Chego aí daqui a vinte minutos. Pode esperar? Há um café do outro lado da rua. Eu ofereço, claro. – Nunca tinha contratado ninguém por culpa, mas havia boas hipóteses de aquela mulher conseguir o emprego.

Aflita, Alex levantou-se, com uma sensação de mal-estar no estômago enquanto remexia na mala à procura da chave do carro.

– Tenho de correr – disse ela a Emily. – Dei cabo de uma entrevista. Merda.

Alex saiu pela porta com um sopro de ar, culpando o stresse do trabalho pela sua distração. Entrou no carro. Ligou o motor. Inclinou o pescoço para olhar para trás enquanto fazia marcha-atrás.

Conduziu durante meio quilómetro antes de virar à direita para Chester Street, o mesmo caminho que Samir Kumar fez para o supermercado no dia em que ela o seguiu. Perto de um cruzamento, Alex reparou em luzes brilhantes pelo espelho retrovisor. Apertou o maxilar antes de sentir um aperto no estômago.

Passado um instante, o coração subiu-lhe à garganta. Era a polícia! O carro-patrolha estava logo atrás dela.

Parou na berma da estrada. Um sabor frutado fazia-lhe cócegas nos lábios e na língua. A sua cabeça zumbia e latejava. Não foi o trabalho que a fez esquecer a entrevista: foi o vinho. E agora vinha ali um polícia, dirigindo-se ao carro dela. A sua aparência jovem não a enganou. Tanto quanto ela sabia, ele podia andar no liceu quando Lettie era caloirá, mas jovem ou não, aquele indivíduo tinha o poder de deitar a sua vida por terra.

A mente de Alex correu para a frente, vislumbrando um futuro sombrio: algemada, a sua fotografia de detida postada na página da comunidade de

Meadowbrook, o seu negócio a implodir, os amigos a virar-lhe as costas, uma reputação em ruínas.

À medida que essa visão se desvanecia, foi respirando cada vez mais fundo, embora continuassem sem receber oxigénio suficiente no cérebro. Foi inundada pelo medo. O seu coração bateu como se pudesse saltar-lhe do peito. Um pensamento veio e foi: um ataque cardíaco poderia salvá-la de um teste de alcoolémia. Quanto tinha bebido? Dois copos, não foi? Não. E não. Ela sabia. Ela sabia muito bem – tudo, tudo mesmo.

Baixou o vidro. Virou a cabeça muito ao de leve, o suficiente para não parecer evasiva ao mesmo tempo que protegia o polícia dos seus olhos, e do seu hálito.

– Carta de condução e livrete, minha senhora. – A sua voz estava apenas alguns anos afastada da puberdade. Ainda assim, as palavras abalaram-na.

Procurou com mãos trémulas a sua identificação e o registo do carro. Ele levou-os para o carro-patrolha.

Alex tinha a certeza de que ele estava a pedir apoio. Aquela sensação de mal-estar instalou-se no seu estômago. *Fui eu que fiz isto a mim própria*, pensou ela. Segurou o volante com força, o suor das palmas das mãos tornando-o escorregadio.

*Como é que a Lettie vai encarar isto? E o Nick?*

O seu casamento já parecia instável. Será que isto podia ser a gota de água? E lá desceu, caindo no abismo do medo, até que o agente voltou.

Devolveu-lhe os documentos.

– Tem de fazer a inspeção.

A expressão de surpresa de Alex era autêntica.

– Oh, lamento. Não me dei conta disso.

– Eu podia passar-lhe uma multa de quarenta dólares – disse ele.

*Faça-me soprar o balão e vai passar uma de muito mais*, pensou Alex.

– Mas vou deixar passar. Coloquei uma nota no sistema. Agora tem dez dias para fazer a inspeção do seu veículo, está bem? Caso contrário, da próxima vez, é uma multa e pode afetar o seu seguro.

– Sim, senhor agente – disse Alex. – Obrigada.

E lá foi ele, de volta para o seu carro.

Alex afastou-se lentamente, com os olhos a mudar constantemente da estrada para o velocímetro. Chegou à próxima rua e encontrou um local seguro para parar.

*Basta, basta, basta*, chocalhou uma voz na sua cabeça. Telefonou a Nick.

– Olá, querida – disse ele. – Então?

A respiração ofegante de Alex mal conseguia deixar sair as palavras.

– Eu preciso... preciso que me venhas buscar... já – disse ela, com a voz embargada. – Eu acho... – Não conseguia libertar as palavras; a tristeza bloqueava-lhe os pulmões. Finalmente, a coragem encontrou-a. – Acho que tenho um problema com a bebida.

## Capítulo 39

### Lettie

É dia 20 de abril, o que significa que agora tenho dezoito anos. Não me sinto adulta, embora a lei me tenha considerado assim. Posso votar legalmente, entrar para o exército, trabalhar a tempo inteiro, fazer uma tatuagem e adotar uma criança. Decidi fazer apenas uma dessas coisas, pelo menos em novembro.

O Jay compra um *scone* no Starbucks local, onde nos encontramos para analisar o seu progresso a seguir o rasto do chantagista do Dylan. Coloca-o à minha frente. Ele é uma pessoa de *croissants* (continuo admirada com isso) e eu, eu sou toda de *scones*. Quando ele leva a mão ao bolso, tenho a certeza de que vai buscar o cigarro eletrónico. Para minha surpresa, tira uma pequena vela. Espeta no meio do *scone*.

– Parabéns, Lettie – diz ele. Tem um isqueiro e, assim do nada, a chama da vela está a piscar, pedindo-me que a sobre. – Pede um desejo.

Faço uma pausa e digo:

– Gostava que os meus pais pagassem para eu tirar um ano para viajar.

Com um sopro, apaga-se a chama.

– Acho que se me disseses o teu desejo, ele não se realiza – diz o Jay.

– Merda. Boa questão. Podemos repetir?

– Só trouxe uma vela – diz ele.

Descarto o assunto.

– E afinal para onde irias?

– Talvez Taiwan – digo. – Parece ser um lugar seguro para experimentar agitação geopolítica sem me colocar em muito perigo.

– Sólido – diz o Jay.

– Depois ia para a Austrália, aprender a fazer mergulho, ver a Grande Barreira de Coral antes que as alterações climáticas a branqueiem e deixe de existir.

– Às multinacionais e aos políticos míopes, que não querem saber e só servem os seus próprios interesses. – O Jay levanta a sua bebida num brinde.

Tocamos os copos de papel.

– Espero que te tornes uma cientista ambiental líder e ajudes a liderar a investida para um futuro mais brilhante. Por falar nisso, tens notícias da USC?

– Não. Continuo à espera – digo. – Não importa, de qualquer maneira. O meu pai não me deixa ir.

– Tens dezoito anos, Lettie. O teu pai já não controla a tua vida.

– Sim, claro – digo. – Mas não quero ter o fardo de centenas de milhares em empréstimos para pagar. E ele não vai pagar se achar que é um desperdício de dinheiro.

– Ele tem o dinheiro e não vai dá-lo à filha? – Jay parece estarrecido.

– Qualquer coisa desse género – digo, embora seja *exatamente* isso.

O Jay abana a cabeça.

– O teu pai parece ser mais rígido e inflexível do que o meu.

– O que sugeres que eu faça? Não posso propriamente passar um cheque desse valor e os empréstimos vão esmagar-me.

O Jay inclina-se para mais perto. Todos os precursores familiares continuam lá: a sua bela aparência trigueira, aquela colónia distinta (ou talvez seja o seu cheiro natural, não sei dizer com certeza). O sorriso de morrer provoca-me um arrepio no corpo todo.

– Lettie – diz ele em voz baixa –, como é que vais salvar o mundo se não te sabes impor?

Eu recuo porque não gosto que ele esteja tão perto da verdade.

– Tu não conheces o meu pai – digo. – Quando põe uma coisa na cabeça, não cede.

O Jay oferece um sorriso de esguelha: um olhar desonesto, como nenhum outro.

– Toda a gente tem uma fraqueza que se pode explorar – diz ele. – *Toda*. A minha boca franze-se.

– Jay, tu às vezes preocupas-me. – Depois, penso: *Qual é a fraqueza do meu pai?* Pensamento seguinte: *Qual é a minha?*

Pode ser o Jay.

– Não sejas tão rápida a julgar – diz ele. – Estás sob o efeito da vingança desde que eu te conheço. Não se trata de explorar fraquezas?

– Na *mouche* – digo. – Mas tive *algum* incentivo.

– Olha, tiveste nota no teu ensaio sobre a vingança? – pergunta o Jay.

– Sim, acabei de recebê-lo – digo-lhe. – Tive um A.

O Jay bate palmas.

– Mudei a minha premissa original, dos benefícios biológicos e sociológicos da vingança, para uma análise psicológica dos danos que ela causa. Basicamente, escrevi a minha própria história (nomes alterados para proteger os inocentes) e depois fundamentei-a com citações de praticamente todos os estudos psicológicos que encontrei, que suportavam, todos, essa afirmação. O meu professor gostou particularmente da minha conclusão.

– Qual é? – O Jay inclina-se para a frente nos cotovelos, os seus olhos



sondando os meus, profundamente interessados.

– A vingança pode parecer uma boa ideia, mas toda a gente fica mal no fim.

Os olhos do Jay iluminam-se, como se ele tirasse prazer da miséria humana. Enquanto isso, ainda fico com maldisposta sempre que me olho ao espelho.

– É uma faca de dois gumes. Corta nos dois sentidos – diz ele.

– Sim, uma lição aprendida da maneira mais difícil – respondo. – No final, todos ficaram mal, incluindo eu. O Dylan tentou matar-se por causa do que eu fiz. A Riley é um desastre ambulante, ainda em negação relativamente ao vício dos comprimidos, que, por sinal, pode ter piorado por causa do stresse a que *nós* a submetemos. E voltou com o Gajo do Chapéu, eu já te disse isso?

– Não, não disseste. Mas não me surpreende – diz o Jay. – Os homens mais velhos têm um certo charme que é... difícil de resistir. – Pisca-me o olho e eu quero morrer. – Por falar na Riley, ela já encontrou o telemóvel? Procuraste no bosque à volta da casa do Dylan?

– Quatro vezes – digo-lhe. – E sem sorte.

– Bem, tenho a certeza de que vai aparecer em algum momento. – Parece estar bastante convicto e pergunto-me porquê. – E pelo menos tiveste um A no teu ensaio. Isso é uma vitória.

– Há meses que suporto crises de culpa e aversão por mim mesma, em geral. Definitivamente, não vale a nota; foi basicamente o que aprendi.

– Hmm – diz o Jay, como que a dizer que eu me preocupo demais. – Bem, talvez ainda possamos resolver uma coisa. – Dá-me um sorriso quase terno. – Se eu puder ajudar o Dylan a encontrar o seu chantagista, talvez isso te faça sentir um pouco melhor. – Liga o portátil e começa a digitar como um homem possuído.

O Dylan deu ao Jay acesso a todos os seus arquivos de computador. Mas ele vem adiando essa investigação há algum tempo; está demasiado ocupado a criar a sua misteriosa aplicação de biliões de dólares para lhe poder dar muita atenção. Eu ainda não sei o que o chantagista tem sobre o meu primo e o Dylan não me conta.

O Jay executa um monte de programas de *software* que rastreiam pacotes de dados. Faz também outras coisas que são muito tecnológicas para eu compreender.

– Seja quem for, este sujeito é bom – diz o Jay. Ouço algo como espanto na sua voz. Olha atentamente para o ecrã do portátil, enquanto os nossos *lattes* arrefecem. Mostra-me uma tela cheia de jargão sem sentido, como se eu precisasse do visual para confirmar a sua avaliação.

– Como sabes que é um ele? – pergunto.

O Jay levanta a cabeça.

– É um argumento justo – diz ele. – A pessoa é boa, seja ela quem for.

Enquanto o Jay trabalha, olho para o meu telefone e vejo um alerta. Há

uma nova mensagem na minha caixa de entrada. Mudo para o *e-mail*, dou uma olhadela e franzo a testa.

– Então? – pergunta o Jay. – Tudo bem?

– Sim e não. – A minha garganta fecha, as lágrimas ameaçam sair enquanto olho para o meu telefone.

– O que se passa? – Parece genuinamente preocupado.

Amarfanho um guardanapo num punho apertado.

– Acabei de entrar na USC.

Volto do Starbucks e deparo com a cozinha repleta de balões coloridos e serpentinas. Há um grande bolo em cima da mesa, empalado por duas velas que representam os números 1 e 8. A *Zoe* ladra em grande e eu dedico-lhe uma atenção muito apreciada. Depois de uma versão desafinados dos «Parabéns», eu e os meus pais mergulhamos no bolo (de cenoura, o meu preferido) e eu reparo em algo um pouco estranho.

Passa-se alguma coisa com minha mãe há semanas, mas tenho descartado isso. O maior sinal de alarme é que ela começou a falar comigo – quero dizer, a falar *a sério*, a falar de maneira *constrangedora* –, sobre coisas como sexo e contraceção, fazendo questão de me dizer que posso ir ter com ela com qualquer assunto, que ela está comigo aconteça o que acontecer. Um dia até ficou um bocado chorosa e tivemos de dar um abraço para aquilo passar. Tranquilei-a dizendo que a amava e que estava tudo bem entre nós. Acho que isso não a satisfaz, porque está sempre a meter conversa comigo – a perguntar se quero ir arranjar as unhas com ela (hum, eu *nunca* quero arranjar as unhas) – e a mostrar genuíno interesse pelas minhas várias causas. Comprou lâmpadas LED para a casa e, em seguida, anunciou uma grande redução no consumo de carne vermelha por causa do impacto ambiental.

Esta noite reparo noutra coisa. Não posso acreditar que eu não tenha apanhado isto mais cedo. A minha mãe está a comemorar o meu grande dia sem vinho. Com efeito, não me lembro da última vez que a vi a beber.

Estou a pensar nisso enquanto emparelho os meus AirPods de presente ao meu iPhone.

A minha mãe interrompe-me quando a música começa a tocar no meu ouvido.

– Querida, posso falar contigo? – pergunta.

O meu pai levou a *Zoe* à rua e eu e a minha mãe sentamo-nos no sofá da sala.

– Claro – digo. – Desde que não seja outra vez a conversa da contraceção. Eu sou boa nisso.

A minha mãe faz-me um sorriso tenso.

– Não, na verdade quero falar de mim.

– Está bem – digo, pouco à vontade. Estou a pensar que o fim do vinho quer dizer cancro. A minha mãe tem cancro. Está a morrer e prestes a despedaçar o meu mundo. Ó meu Deus!

A minha mãe respira fundo, sustenta o fôlego por um segundo. O meu

coração para. Não estou preparada para isto. Seja o que for, nunca estarei preparada.

– Quero dizer-te que tenho problemas com a bebida, por isso decidi parar de beber e procurar ajuda profissional.

*Pfff*, não é cancro, nem é exatamente uma notícia de última hora, mas estou aliviada por ouvi-la admitir e saber que ela vai ter ajuda.

– Está bem – digo.

– Bem, podes ter perguntas, eu sei que levantaste a questão de eu beber.

– Não tenho perguntas – digo rapidamente.

– Bem, podes ter – diz a minha mãe de uma forma que implica que eu devia fazer uma pergunta.

– Hum – digo. – Está bem... então e agora?

Pronto. Esta é boa.

– Agora estou a ser acompanhada por um terapeuta – diz a mãe.

– E os alcoólicos anónimos? Não é assim que as pessoas deixam a bebida?

– Nem sempre. Há um mês que não bebo. Tem corrido muito bem, melhor do que eu pensava. Não estou a dizer que tem sido fácil ou que não há tentação, mas estou a sair-me bem. E lamento esconder isto de ti, mas não te queria contar o que estava a acontecer até sentir que tinha controlo sobre a situação... embora não seja algo que simplesmente se tenha sob controlo. E sim, eu vou para os alcoólicos anónimos se precisar de mais apoio. Independentemente disso, é um compromisso diário, e eu tenho de estar atenta. Tenho de olhar para *a razão* pela qual eu estava a beber tanto.

– E qual é a razão?

Admito, agora estou curiosa. Esta é a minha mãe e nunca falámos assim antes, como amigas, duas pessoas a ligarem-se fora dos papéis de mãe e filha.

A minha mãe solta um suspiro pesado, atira a cabeça para trás de forma dramática.

– Não sei bem – diz ela. – Stresse, acho eu. Não é para arranjar desculpas, mas tornou-se demasiado fácil relaxar com o vinho. Quer fosse pressão no trabalho ou preocupações com a família, comecei a usar o vinho como muleta. Quando se começa a beber para se lidar com a vida, é quando definitivamente há um problema. Estou a trabalhar nisso agora.

– A Mandy Kumar encaminhou-me para uma psicóloga que ela conhece, portanto tenho uma terapeuta que está a ajudar. Tal como eu disse, posso tentar os alcoólicos anónimos, mas não tenho a certeza se é para mim. Vou dar um passo de cada vez.

– Estou orgulhosa de ti, mãe – consigo dizer, engasgando-me um pouco com as palavras.

Ela dá-me um abraço e depois fica chorosa e, bem, talvez eu também... apenas um pouco.

Depois do nosso abraço, sinto um peso que é meu. A minha mãe a soltar aquela grande e velha bomba da verdade abalou-me profundamente. A sua

abertura e honestidade fazem com que os meus enganos sejam muito piores. Alguns segredos são tão pesados que podem pôr uma pessoa de joelhos. Acho que estou farta de carregar este peso sozinha.

– Já que estamos a fazer isto de abrir o coração – começo –, há uma coisa que eu provavelmente devia contar-te.

A mãe parece alarmada.

– Oh, Credo, não, não é isso – digo. – Não estou grávida.

Ela relaxa imediatamente.

– É sobre abuso de substâncias... bem, mais ou menos. – E foi então que deitei tudo cá para fora: uma barragem que rebenta, desencadeando uma catarata de segredos.

Conto-lhe o meu plano de vingança para atacar a Riley por me denunciar como sendo o vândalo da escola; que segui a Riley até um encontro com um tipo mais velho e falo-lhe das fotografias que eu e o Jay e tirámos como prova.

– Mudei de ideias depois do facto consumado – digo à minha mãe. – Eu sabia que, se essas fotografias corressem por aí, o Dylan acabaria por ser um efeito secundário.

– Imagino que o Dylan descobriu – diz a mãe.

Aceno com a cabeça.

– O Jay enviou-as usando um pseudónimo, porque achou que seria melhor do que o Dylan ser enganado.

– Talvez tivesse razão – diz a mãe.

– Mas aquelas fotografias empurraram o Dylan até ao limite... e eu sinto-me responsável por tudo isso.

– O que queres dizer... tudo?

Agora tenho lhe contar o vício de comprimidos da Riley e de como o Dylan lhos tirou na festa de Ano Novo da Teagan.

– Fui a essa festa e fiquei muito bêbeda também, tentando relacionar-me com a Riley, estupidamente a pensar que poderia consertar as coisas entre eles.

A minha mãe precisa de toda a verdade, sem verniz. Conto-lhe que ajudei a Riley a seguir o rasto do pai biológico e falo-lhe da Monique e do Wookiee, pensando que ela ficaria chocada. E está, mas não na medida em que eu esperava.

– Lettie, ó meu Deus! – diz a mãe, abanando a cabeça. – Isso é muito... é muito para tu lidares e muito que tens guardado de mim.

– A quem o dizes e, para que conste, eu não bebo, não procuro vingança e não consumo drogas. Mas a Riley continua a consumir e também a encontrar-se com aquele tipo mais velho e a não lidar nada com as coisas da sua família. Pelo menos agora o Dylan está melhor e eu e o Jay estamos a tentar ajudá-lo com uma coisa. Mas ainda me sinto muito culpada pelo meu papel nesta confusão toda.

A minha mãe acena devagar com a cabeça.

– Sinto que te deixei mesmo ficar mal, Lettie – diz ela. – Demiti-me das

minhas funções de mãe e talvez a minha bebida estivesse a impedir-nos de comunicar melhor. Lamento que tenhas passado por dificuldades e que tenhas lidado com tanta coisa sozinha... mas vingança? Querida, tu sabes. Nunca é a resposta.

– Vais dizer que é como uma faca de dois gumes? Porque já ouvi essa.

– Bem, e é – diz a mãe. – E fico feliz por teres acabado com isso. Devias ter falado comigo em vez de agir.

A verdade fere.

– E só para que conste – continua a minha mãe –, a Willow contou-me que o Evan não era o pai biológico de Riley, mas acho que o Evan não sabe.

– Sim, eu concordo com essa suposição – digo.

– O que a Riley está a fazer é muito, muito perigoso – acrescenta a mãe.  
– Precisamos de lhe arranjar ajuda... imediatamente. Temos de falar com a Willow.

– Concordo – digo. Agora *sou eu* a bufa, mas pelo menos estou a fazer isto para o bem da Riley. Claro que foi isso que o Jay pensou quando mandou as fotografias para o Dylan e veja-se só o que aconteceu. Ainda espero que encontrar o chantagista remedeie as coisas.

Ficamos as duas em silêncio, a absorver a magnitude de tudo.

O meu rosto deve trair os meus pensamentos, porque a minha mãe pergunta:

– Lettie, isso é a história toda? Disseste que estás a ajudar o Jay com qualquer coisa que tem que ver com o Dylan. Passa-se alguma outra coisa que eu deva saber?

Suspiro. As palavras saem, como se as vomitasse.

– O Dylan está a ser chantageado por algo que fez... talvez alguma coisa embaraçosa que ele não quer que ninguém saiba. Não sei o que é, mas é algo muito mau e ele roubou o colar da tia Emily para pagar ao chantagista.

– O quê?! – A mãe fica de boca aberta. – Sabes se ele lhe tirou dinheiro? Entrou na conta bancária deles, de alguma maneira?

– Não – digo. – Ele não conseguia arranjar dinheiro, por isso roubou o colar. O Dylan disse que o chantagista o deixou com tanto medo que é uma das razões para ter tomado os comprimidos. O Jay Kumar está a tentar localizar quem o ameaça. Seja como for, o Dylan devolveu o colar e não planeia levar mais nada. Sente-se demasiado culpado por isso e há alguma esperança agora de que o Jay consiga tirá-lo dessa confusão.

– Mas que merda – diz a mãe, que quase nunca diz asneiras. – Lettie, isso é verdade?

– Não, mãe, estou a inventar – digo. – É claro que é verdade.

– Temos de ir falar com a tia Emily – diz a mãe.

– Porquê? – pergunto. – Não podemos falar do colar.

– *Temos* de lhe dizer.

– Porquê?

– Porque o Dylan é frágil e se está a ser chantageado, a mãe tem de

saber.

## Capítulo 40

Alex e Lettie saíram de casa juntas, dirigindo apenas uma palavra vaga a Nick quando passaram por ele no corredor. Lado a lado, apressaram-se por Alton Road, chegando à casa de Emily antes que o casal partisse para uma grande noite; era a primeira vez que deixavam Dylan sozinho em casa desde a véspera de Ano Novo. Alex sabia dos planos porque Emily lhe pedira para aparecer e ver como o sobrinho estava.

Entrando sem bater, Alex chegou ao *hall*. Uma voz alta e inesperada, vinda do fundo do corredor, fê-la enregelar e parar. Era Samir Kumar, e parecia irado.

Alex não se deteve na entrada. Atravessou o corredor, disparada, entrando na cozinha e deparando com Samir, de costas para ela. Lettie surgiu atrás da mãe, espreitando, por cima do ombro dela, a cena à sua frente. Alex formou um escudo físico entre a filha e o que parecia ser um conflito acalorado.

Um Samir raivoso enfrentava Ken e Emily.

– Isto não é um pedido – disse ele. – Estou a dizer-lhe para se afastar da minha propriedade e, especialmente, da minha mulher.

Ken e Emily estavam vestidos para uma saída à noite. Formavam um casal impressionante, Ken com um fato bem feito e Emily com um vestido preto deslumbrante, de decote fundo que revelava, de todas as coisas, o colar de pingente verde que Dylan tinha roubado. Estavam os dois parados a aguentar a tirada de Samir. A expressão do olhar de Ken era mais cortante do que punhais. Emily também parecia estar a fumar, embora as suas hostilidades se dirigissem para o marido.

Samir torceu o tronco ao som das recém-chegadas. Os seus olhos escuros e zangados penetraram Alex.

Lettie recuou um passo, mantendo-se bastante próxima da mãe.

– Lamento que tenha visto isso – disse Samir. – Mas tenho um problema sério com o seu cunhado que precisa de ser resolvido, e *agora*. Eu esperava fazê-lo em privado, mas parece que ninguém em Alton Road se mete na sua vida.

– O que se passa? – perguntou Alex.

– Conta-lhe, Ken – disse Emily, em tom acusatório. – Ou, melhor ainda, porque é que não mostra o vídeo à minha irmã, Samir. Ao contrário do meu marido, não guardo segredos da minha família.

Samir não hesitou. Segurou o telemóvel à altura dos olhos de Alex, o que permitiu a Lettie ver também.

– Instalei câmaras em redor da minha propriedade e elas captaram isto – disse ele.

As câmaras de segurança não eram invulgares em Meadowbrook. Até mesmo Ken tinha instalado uma câmara de campainha depois de o Homem Peste «supostamente» ter partido aquela janela na véspera de Natal.

As imagens com grão da câmara de Samir, gravadas depois de escurecer, de um ponto de vista alto, mostravam Mandy Kumar no alpendre das traseiras, numa proximidade íntima com Ken. Estavam claramente a ter uma conversa animada, mas Alex não conseguia perceber expressões faciais. Quando Mandy fez um gesto, como se apontasse para a câmara, ela e Ken saíram da vista. Alex não sabia dizer se entraram em casa ou simplesmente se mudaram para um local onde não podiam ser gravados.

Quando Ken reapareceu no quadro, estava sem Mandy. Momentos depois, desceu as escadas para o relvado e apressou-se a sair de casa, dirigindo-se para o mesmo caminho arborizado que Alex o tinha visto tomar antes.

– Quando é que isto foi gravado? – perguntou Alex.

– Ontem à noite – disse Samir, ainda a ferver. – O registo da hora mostrava vinte e trinta. Convenientemente, durante a hora, mais ou menos, que saí de casa para ir ao supermercado.

Ken avançou, parecendo mais irritado do que envergonhado.

– Não vejo qual é o grande problema – disse ele. – Não há nada de errado em fazer uma visita amigável a um vizinho.

– A vizinha sensual de quem desconfio há um ano e não me contas a tua visitinha? – disse Emily. – Há muita coisa errada nisso.

A expressão de Ken, de protesto, desvalorizou inteiramente as acusações de Emily.

– Eu já disse aos dois que foi inofensiva. Fui lá para falar com ela sobre o Dylan. É uma profissional de saúde mental e eu queria a opinião dela. Desculpa eu estar tão preocupado com o nosso filho.

– Não vejo porque é que essa conversa tem de acontecer depois de escurecer, nas traseiras da minha casa – disse Samir. – E eu também sou um profissional de saúde mental. Porque não falar aos dois? Mas agora, independentemente das suas necessidades e intenções, quero que se afaste da minha mulher. Está claro?

– Quero lá saber, pá. – Ken parecia não se importar. – Não quero nada com a sua mulher. Seja como for, ela não pode ajudar o meu filho destrambelhado.



– A quem estás a chamar destrambelhado?

A voz ferida veio do corredor, atrás de Alex. Dylan abriu caminho por ela e Lettie até à cozinha.

– Bem, pai? – perguntou ele, aproximando-se da cara de Ken. – Quem é o destrambelhado? Estás a falar de mim ou do Logan?

Samir olhou, por um brevíssimo instante, Alex nos olhos. A sua raiva tinha desaparecido. Em seu lugar, ela viu compaixão, como se a mágoa de Dylan tivesse mudado o foco de todos.

– Não respondas – rosnou Dylan para o pai. – Quero dizer, o Logan é o jogador de lacrosse verdadeiramente americano. É um tipo de topo em toda a ACC, certo? Como é que alguém assim poderia ser destrambelhado? Portanto, acho que resta... eu. – Apontou para si mesmo.

– Dylan, eu não quis dizer...

– Quiseste, sim – disse Dylan. – Falaste a sério. E provavelmente gostavas que eu tivesse conseguido, não gostavas, pai? Provavelmente gostavas que a *overdose* me tivesse tirado de cena. Acho que nem isso fiz bem.

– Oh! Dylan, não digas isso. Nunca digas isso. – Ken parecia atingido. – Vamos acalmar-nos, filho, está bem?

– Sim, está bem, vamos. Vamos acalmar-nos. – Dylan acenou vigorosamente, em falso acordo. – Vamos esquecer tudo, sim? Fingir que somos uma grande família feliz. É isso que queres, pai? Fazer mais memórias para partilhar? Quer dizer, a família partilha *tudo*, certo, pai?

– Dylan – disse Ken em voz baixa, como um aviso.

Dylan deu uma gargalhada curta e sem alegria.

– Queres saber porque é que estou tão destrambelhado? Vai ver-te ao espelho, é por isso. – Com isso, fugiu da cozinha, com as lágrimas a cair.

## Capítulo 41

### Lettie

Estou no andar de baixo a fazer ovos mexidos de galinhas criadas ao ar livre, não do tipo fora da gaiola, que eu sei que é uma jogada de *marketing*. Estou a pensar na loucura da noite anterior com o Samir e o Ken, quando a Willow entra na nossa cozinha sem bater.

Estou tão tensa, que dou um salto, deixando cair a espátula e catapultando pedaços de ovo para o chão.

– Ó meu Deus, Willow, assustou-me! – E então penso: *Ó meu Deus, Willow!* Este é o momento que tenho temido desde que a minha mãe a convidou para falar sobre a Riley.

É alarmante como a Willow parece ter envelhecido anos em meses, mas, honestamente, não estou completamente espantada. As diabruras do Evan fariam qualquer um parecer mais velho. Diz a minha mãe que o Evan saiu de casa por vontade própria e que está em casa de um amigo em Meadowbrook. Recusou-se a apresentar queixa contra a Willow por agressão com vários copos da cozinha e Brooke recusou-se a fazer o mesmo contra Evan por perseguição, portanto a Riley não teve de ver os pais serem presos. Pelo menos alguma coisa boa veio disso, mas ainda assim, tenho a sensação horrível de que a vida adulta pode ser uma porra.

– Quer ovos? – pergunto à Willow, usando papel de cozinha para limpar a porcaria que fiz.

– Não, obrigada, querida – diz ela. – Como está tudo? A escola está quase a terminar.

– Ainda tenho alguns testes – digo –, mas já não importam muito.

– Já decidiste para que universidade vais?

O meu coração quer anunciar a USC, mas acabo por canalizar o meu pai.

– Sim, provavelmente a UMass – digo. – Entrei no programa de distinção. É uma melhor relação custo-benefício. – Aceno um monte de vezes, como se estivesse a convencer-me disto.

– Parece ótimo – diz Willow, com a expressão a animar-se. – E o baile?

Alguns sortudos? Acho que a Riley vai com alguém da equipa de futebol, mas quem me dera que fosse o Dylan.

– Sim, também eu – digo. – E não. Não, ainda não há grandes planos para o meu par. – Mais uma vez, o meu coração está em conflito. Quero Jay Kumar, mas nunca o convidei e é melhor assim. Pela parte que me toca, sem Jay, não há baile, e essa é a minha resposta final, mas a Willow não precisa de saber isso tudo.

A expressão de Willow muda rapidamente de leve para séria.

– A tua mãe disse-me que precisávamos de conversar, e fico satisfeita com isso. Tenho andado preocupada de morte com a Riley.

Forma-se-me um nó na base do pescoço ao imaginar como ela vai reagir à notícia. Felizmente, não tenho de me inquietar por muito tempo, porque a minha mãe aparece na cozinha. Sorri calorosamente e dá um abraço à Willow antes de arregaçar as mangas.

– Então, o que tem a Riley? – pergunta a Willow, ansiosa. – O que se passa? O que ouviram dizer? Atualmente, ela guarda tudo para si, mal fala comigo. Passa a maior parte das noites em casa da Teagan e já lhe senti o cheiro a álcool várias vezes.

»Eu sei que os adolescentes guardam segredos, eu com certeza guardava com a idade dela, mas estou muito preocupada, porque ela tem muita coisa a acontecer. Quero dizer, com o Dylan, a polícia a vir a nossa casa, o pai dela com o... hum, o seu comportamento e tudo isso em cima do divórcio. É tão horrível. – A Willow enterra a cara nas mãos. – Como é que tudo se desmoronou assim? – pergunta com a voz abafada.

Apetece-me dizer: *Porque nascemos e a vida parece dar para o torto, independentemente do que fazamos.* Mas não digo. Em vez disso, a mãe toca no braço da Willow, guiando-a para um lugar à mesa da cozinha. Sai do lado dela apenas para pegar numa chávena de café e numa fatia de bolo de banana, que põe num prato e leva tão depressa que é como um truque de magia. Os meus ovos estão a ficar frios ser porque estou demasiado nervosa para comer.

– Concorde, a Riley tem muito com que lidar – diz a minha mãe. A sua compaixão é evidente quando se senta ao lado de Willow, segurando a caneca de café que lhe comprei para o Natal. – Lettie – diz ela na sua voz mais sensata –, tens de contar à Willow o que me disseste.

Eu poderia ter saído da cozinha, se não me sentisse pregada no sítio. Julguei que tinha o papel secundário, não o principal.

– Hum, bem... – Fico banhada em suor pegajoso, que me deixa enjoada.

A mãe faz um sorriso tenso.

– Precisas que eu comece? – pergunta.

Mas não lhe dou essa oportunidade.

– A Riley sabe sobre o pai biológico, o «Wookiee» – desabafo. – E tem tomado comprimidos, que rouba ao pai. O Dylan tirou os comprimidos da *overdose* da bolsa da Riley, quando estavam na festa de Ano Novo da Teagan, não da sua casa. – Falo sem respirar, portanto, quando termino, estou um

pouco ofegante.

A Willow também parece ofegante, mas é mais como se tivesse ficado de queixo caído. Acaba por pestanejar, portanto pelo menos há prova de vida.

– Desculpa, tu, ela, o quê? – É evidente que ela não consegue abarcar aquilo tudo.

– Ela fez um teste de ADN em casa – digo.

– Oh, merda – diz a Willow. – Eu sabia que ela estava interessada na árvore genealógica, mas pensei que era uma fase e que iria esquecer.

– Ela fez o teste e obteve os resultados sem lhe dizer. – O meu coração está a fazer um sapateado de alta octanagem. – Quando ela soube que era de descendência polaca e viu uma lista de parentes paternos dos quais nunca tinha ouvido falar, foi quando soube que o Evan não era seu pai... quer dizer, pai biológico, porque o Evan é o pai dela... ou seja, criou-a, mas sei que ele também tem muitas coisas em mãos, quero dizer, vocês os dois têm muitas coisas em mãos e...

Uma voz dentro da minha cabeça está a gritar para eu me calar, portanto não é de admirar que as minhas palavras saiam completamente confusas. Felizmente, a minha mãe toca-me na perna, que não para de saltar, e isso é quanto basta para eu calar a boca.

– Há muito para desembulhar aqui, Willow – diz a minha mãe com tristeza. – Mas estou mais preocupada com o consumo de drogas. Acho que a Riley precisa de uma intervenção e esta revelação sobre o pai biológico provavelmente deixa-a mais vulnerável.

É a Willow que me parece mais vulnerável. Não sei o que dizer, nem como ajudar, por isso sento-me em silêncio, na esperança de me ter tornado invisível.

– Lettie, o que sabes sobre isto? – pergunta a Willow. – Preciso que me contes tudo.

Lá se vai a invisibilidade. Solto um grande suspiro e olho para a minha mãe, que me dá um aceno de incentivo.

– Eu disse que a ajudava a encontrar o pai biológico – começo. – Disse-lhe que ela precisava de fazer mais testes de ADN para aumentar a probabilidade de encontrar um parente próximo.

– E encontraram? – adivinha Willow.

– Uma mulher chamada Monique LaSalle, que mora em Revere – digo. Se o nome significa alguma coisa para Willow, o seu rosto não o mostra. – Falou-nos do Steven Wachowski e até nos deu um exemplar do seu CD.

– Ó meu Deus, é o Wookiee, é certo – diz Willow, expirando demoradamente. A sua expressão fica vazia, como estivesse perdida numa memória.

– Acho que a Riley já tomava drogas antes de fazer o teste de ADN, mas tenho a certeza de que os resultados estão a agravar os seus problemas – digo. – Além de tudo, soubemos que o Steve faleceu.

– Está morto? – A Willow fica pálida.

– Foi um acidente de moto – digo. – Aconteceu, tipo, há cinco anos.  
– Sempre odiei essas malditas coisas – diz a Willow. – Mas o Steve era meio destemido.

– Bem, acho que a Riley está cheia de medo, ou insegurança, pelo menos. Tomou um comprimido depois de conhecemos a Monique. Desculpe. Eu devia ter dito que ela estava a consumir comprimidos. Ela fez-me prometer e... – *E nada*, penso.

O peso da culpa que tenho carregado comigo, ao manter um segredo que eu sabia que era errado manter, faz-me desfazer em lágrimas – sejam de alívio, de ódio de mim ou das duas coisas.

A Willow levanta-se da cadeira e corre para me dar um grande abraço, enquanto continuo a chorar como um recém-nascido. Está a acalmar-me, a fazer-me festas no cabelo, a ser muito mais doce para mim do que eu mereço.

– Tudo bem, querida – diz ela, enquanto continuo a chorar. – Eu compreendo porque não me contaste. Percebo. Mas fico feliz por teres partilhado. Eu precisava de saber a verdade. Tenho estado preocupada com a Riley e agora posso fazer alguma coisa a esse respeito. Tivemos de revelar estes segredos todos.

Consigo parar de chorar o tempo suficiente para cuspir mais pedaços de informação.

– Então acho que deve saber que ela está envolvida com alguém.

– O jogador de futebol que vai levá-la ao baile?

– Não, é um sujeito mais velho – digo. – Pensei que eles tinham acabado, mas estão juntos de novo. Ela disse-me que já não quer ir para a faculdade porque acha que eles vão ficar juntos, tipo, para sempre. Acho que metade do tempo que ela diz que está na Teagan, está realmente com ele.

A Willow coloca as mãos na boca, talvez para impedir que saia um grito.

– *Okay*, tudo bem – diz ela, recompondo-se.

A Willow pega na caneca. As suas mãos tremem tão violentamente que o café pode entornar. Mas algo muda quando ela coloca a sua caneca junto ao lava-louça: uma espécie de determinação a endurecer.

– Eu e a Riley vamos ter uma longa conversa – diz a Willow. – Agora mesmo.

A certeza na sua voz conforta-me.

– Ela precisa de ajuda – diz a Willow. – Vou fazer uns telefonemas. Espero encontrar para ela o apoio de que precisa.

– E o Evan? – pergunta a minha mãe.

– Eu e ele vamos conversar também, sobre tudo. O Evan tem os seus problemas, sem dúvida, mas ele ama a Riley e tem o direito de saber o que está a acontecer. Acho que houve segredos suficientes para uma vida inteira... talvez duas.

## Capítulo 42

Desde que Alex parou de beber, teve exatamente zero discussões com o marido, mas isso podia mudar se não conseguissem chegar a um acordo em relação a Lettie.

Tudo começou com um comentário aparentemente inócuo de Nick, numa tarde.

– Convidei-a para ir ao cinema e almoçar, mas ela está sempre ocupada. Parece que anda a evitar-me.

– Continua a tentar aproximar-te – disse Alex. – Ela precisa de nós.

– Claro – disse Nick. – Nos termos dela.

– Exatamente – disse Alex. – E isso significa abrir mão de algum controlo.

– *Okay*, da próxima vez que não conseguires dormir por ela não estar em casa, vou simplesmente lembrar-te de que abriste mão do controlo. – Nick subiu uma sobancelha com um sorriso tipo «apanhei-te».

– Eu sou a mãe dela – disse Alex. – As regras não se aplicam a mim. Mas, falando a sério, tens sido bastante rigoroso com ela há algum tempo, portanto talvez ela ainda esteja ressentida?

– O quê? Referes-te ao verão passado ou à faculdade? Ela está de bem com a ideia de ir para a UMass. Não entrou na USC, portanto está resolvido.

– Ela parecia estranhamente imperturbável com a rejeição, não achas? – disse Alex. – Passa-se alguma coisa com ela. Talvez estivesse aliviada por não ter de te confrontar por causa do dinheiro, mas a sua reação continua a parecer-me estranha. Vou ligar para a USC na próxima semana, descobrir se há mais alguma coisa nesta história para além do que sabemos. Mas talvez vocês os dois precisem de conversar também sobre isso.

Alex saiu da conversa sentindo-se algo vitoriosa, mas deixou por referir que ela e Lettie estavam prestes a ter o seu próprio choque, acerca do colar roubado. Alex queria contar a Emily sobre o chantagista, ao passo que Lettie, temendo que Dylan nunca a perdoasse por quebrar uma confidência, não.

Alex consultou a terapeuta para obter orientação.

A terapeuta não estava nada dividida.

– A sua irmã precisa de saber sobre o chantagista – disse ela.

Então, passados alguns dias, Alex contou-lhe. Mas fê-lo com um plano, ou mais como uma abordagem, que poderia evitar mais turbulência emocional.

– Achei estranho que o Dylan o tivesse encontrado atrás da minha cómoda. Então ele tirou-me o colar para pagar a alguém? – Emily não conseguia acreditar nos seus ouvidos. – O que é que sabem sobre ele? Quem o chantageou?

– A Lettie não sabe e diz que ele já não está sob ameaça – disse Alex. – Mesmo assim, o Jay Kumar continua a tentar descobrir quem estava por trás disso. Mas Emily, o Dylan está numa posição delicada. Revelar o seu grande segredo pode ser prejudicial para a sua recuperação. Temos de proceder com prudência. A Lettie vai encorajar o Dylan a abrir-se connosco. Já que não há ameaça, vamos dar algum tempo.

– Creio que sim – disse Emily.

– E talvez devêssemos manter o Ken afastado disto por um tempo. Ele e o Dylan já estão em terreno rochoso sem acrescentar mais nada. Se o comportamento do Dylan mudar drasticamente ou virmos alguma coisa fora do comum, isso pode significar que o chantagista voltou, e teremos de ser mais diretas.

Emily agradeceu à irmã o plano e a honestidade, o que levou a alguma sinceridade também da sua parte.

– O Ken não entende porque é que eu deixei de estar interessada em sexo, especialmente desde a visita do Samir. Ele insiste que a situação é totalmente inocente entre ele e a Mandy, que foi a casa dela tentar ajudar o Dylan. Quem é que acredita numa treta dessas? Quando eu tiver a certeza de que o Dylan está estável, quando eu souber que ele vai ficar bem e este absurdo da chantagem ficar para trás, vou divorciar-me dele.

Para Alex, isto foi uma bomba.

Emily, no entanto, parecia não ter dúvidas.

– Isto fica entre irmãs – disse Emily.

– Vou apoiar-te de todas as maneiras que puder – disse Alex.

Partilharam um abraço, com Alex a sentir-se muito grata por os segredos que sabia sobre Ken já não terem importância.

Na sexta-feira anterior à festa do quarteirão, Alex estava a pensar naquela conversa com a irmã quando viu, nem mais nem menos, o carro de Evan Thompson percorrer Alton Road. Ela estava em frente da casa com Nick, a tentar arranjar o relvado, quando avistou o *BMW* que conhecia bem.

Nick tinha acabado de empurrar um carrinho de mão, cheio de cobertura seca, pelo caminho de acesso. A sua respiração era pesada, como a de Sísifo a arrastar o seu penedo encosta acima. A sua camisa branca – sabe deus porque é que tinha escolhido essa cor para trabalhar no jardim – estava suja de terra. O suor escorria-lhe da testa. Havia riscas de lama nas suas faces, que mais parecia tinta de guerra aplicada à pressa.

Alex achou que ele estava encantador, enquanto ela trabalhava com o ancinho para espalhar uniformemente, no leito do jardim, os montes de cobertura seca que ele trazia. Finalmente, a primavera tinha chegado. As árvores voltaram a ter folhas e as chuvas de abril trouxeram as flores de maio. As flores não eram a única coisa a desabrochar. Desde que pousou a garrafa, a proximidade que Alex em tempos sentira com o marido foi regressando lentamente.

Meros momentos antes, ela inspirava o ar perfumado, deixando-o encher-lhe os seus pulmões, enquanto a aquecia de dentro para fora. Perto dali, a *Zoe* apanhava sol na relva. Lettie estava fora, algures. Alex não fazia muitas perguntas.

Tudo no seu mundo era bom. Por fim. Por uma vez. *Um dia de cada vez.*

Mas agora Evan estava ali. Sinais de alarme soaram na sua cabeça. Alex achava que ele não tinha posto os pés em Alton Road desde que saiu de casa. Talvez tivesse vindo falar com Willow. Ela contou-lhe do vício de comprimidos de Riley e que andava com um homem mais velho. Sem dúvida, tinham muito que falar.

Segundo Willow, Riley admitiu que tinha namorado com alguém da faculdade, mas alegou que o relacionamento acabou. Não contou aos pais porque sabia que eles não teriam aprovado a diferença de idades. Tal como Riley explicou, tinham terminado há um mês, mas Evan não engoliu essa. Achava que a filha ainda estava envolvida com esse homem e que ele era a fonte dos narcóticos que ela negava tomar.

– O que é que ele está a fazer? – perguntou Nick, espalhando terra na testa ao limpar o suor. – Julguei que não tinha autorização para voltar aqui. Ou será que a Willow mudou de ideias?

– Ele disse à Willow que ia descobrir o nome do rapaz universitário com quem a Riley andava, porque está convencido de que é o fornecedor dela. Eu fico tipo, sei lá: olha-te no espelho. Mas talvez ela tenha outra fonte e pode ser que tenha alguma informação para partilhar.

*Ou talvez conheça o Wookiee*, pensou Alex. Willow tinha jurado que não lhe ia contar, mas podia ser que ele tivesse descoberto por conta própria.

Evan passou de carro com um olhar fixo, sem se dar ao trabalho de falar a Alex ou Nick, que lhe acenaram timidamente com a mão. Ele parecia completamente alheio à sua presença.

Fez uma viagem lenta à volta do beco sem saída, o carro a ziguezaguear no tipo de condução errática que faria com que fosse parado. Em vez de seguir até ao caminho de acesso da sua antiga casa, Evan passou por ela sem abrandar, pisando o travão apenas quando passava em frente à casa de Brooke. No entanto, não parou completamente e, depois de fazer uma inversão de marcha no beco sem saída, começou uma segunda circun-navegação.

– Mas que raio? Estará pedrado? – perguntou Nick.

Ficaram a observar e, quando Evan terminou a curva, Alex teve uma



visão melhor do seu olhar vazio e vítreo.

– Eu diria *sim* e  *muito* – disse ela.

– Hum, devemos chamar a polícia? – perguntou Nick.

Alex não sabia o que fazer. Continuaram a observar Evan fazer os seus círculos enfadonhos.

Movimento numa janela do outro lado da rua desviou a sua atenção do *BMW* em direção à casa dos Kumars, onde Mandy observava a cena de uma janela do primeiro andar.

A luz estava perfeita para permitir a Alex uma visão clara da sua vizinha. Os olhos das duas mulheres encontraram-se. Alex levantou as mãos, como que a dizer a Mandy que não fazia ideia do que se passava. Mandy retribuiu com um encolher de ombros, mas Samir apareceu na janela ao lado dela. Mesmo de longe, Alex conseguiu vê-lo fazer cara feia e viu Mandy afastar-se.

O comportamento de Samir preocupava-a menos do que o de Evan, que agora estava na volta número cinco, ou talvez fosse seis; Alex tinha perdido a conta. A cada viagem em volta do beco sem saída, Evan diminuía a velocidade em frente à casa de Brooke antes de acelerar novamente para fazer outra passagem. A sua condução parecia estar a piorar à medida que continuava as suas rotações.

Alex posicionou-se na berma do passeio para tentar chamar a atenção de Evan, quando avistou Brooke, que tinha saído de casa. De pé na extremidade do seu caminho de acesso, Brooke acenou para Evan. Desta vez, ele travou, parando completamente à frente dela.

Alex observou atentamente enquanto Brooke inclinava a sua figura quase impecável para o vidro aberto do lado do passageiro. Falou durante um certo tempo com Evan, mas Alex não conseguiu ouvir a conversa.

Sem aviso, Evan premiu com força o acelerador. Com os pneus a chiar, o carro deslizou para a frente, o corpo de Brooke ainda meio dentro do veículo. Se não fossem os seus reflexos rápidos, Brooke talvez não tivesse saído a tempo. Deu um salto para uma distância segura enquanto Evan acelerava.

Brooke correu para Alex, sem fôlego.

– Estás bem? – perguntou Alex.

– Estou bem – disse Brooke. – Tens telemóvel? Precisamos de chamar a polícia. O Evan não está com a cabeça no sítio e não devia estar a guiar.

– Temos a matrícula dele? – perguntou Nick.

Alex abanou a cabeça. Mesmo depois de todas aquelas viagens à volta do círculo, não conseguia recitar um único número.

– Não te preocupes. – Nick virou-se para ir embora. – Conhecemos a marca e o modelo. Vou ligar de casa.

– O que foi aquilo? – perguntou Alex quando ela e Brooke estavam a sós. – O que é que ele te disse?

– Estava a dizer todo o tipo de disparates. Ele acha que o nosso lugar é

ao lado um do outro. Não pode viver sem mim. Continuou e continuou com isto. Eu disse-lhe que ele precisa de ajuda. Que não está bem. Ele não me parece bem. Acho que as drogas estão a afetar-lhe o cérebro.

– Estás preocupada, Brooke? Achas que ele pode... sabes, tentar fazer-te mal?

A confiança de Brooke tinha desaparecido.

– Não sei – disse ela. – Tudo começou quando eu lhe pedi que me tirasse fotografias para o OnlyFans. Ele é profissional e eu queria que as minhas fotografias ficassem boas. Imaginei que ele fizesse o trabalho sem se apegar. Ele já fez este tipo de trabalho muitas vezes. Quando começou a fazer avanços, eu disse-lhe que estava acabado, que não podia ser mais o meu fotógrafo.

»Acho que foi aí que a obsessão dele começou. Senti-me mal por ele, mas nunca tive medo. Só não queria encorajá-lo. Agora é diferente. Sentia-se mais segura quando ele era o perseguidor secreto. Desde que veio tudo à tona, alguma coisa mudou. Sinto-o muito mais ameaçador.

– Talvez devas falar com a polícia – disse Alex. – Pergunta o que podes fazer para te protegeres.

– Tenho toda a proteção de que preciso da minha amiga *Smith & Wesson*.

Alex ficou de queixo caído.

– Tens uma arma?

– Claro – disse Brooke. – Durmo melhor à noite com ele na mesa de cabeceira; e, com toda a loucura do nosso bairro, culpas-me disso?

– Por falar em loucura – disse Alex –, acabei de ver o Samir literalmente puxar a Mandy para longe da janela onde ela estava a observar o Evan.

– O que se passa com os homens em Alton Road? – Brooke parecia mais irritada do que angustiada. – Quando é que todos enlouqueceram?

Alex sentiu necessidade de contar a Brooke sobre o confronto entre Samir e Ken por causa das ligações secretas com Mandy.

– Isso lembra-me uma coisa – disse Brooke. – Comecei a investigar os antecedentes do Samir, a ver *online*, a procurar qualquer coisa preocupante, como acusações passadas de violência doméstica, ordens de afastamento, esse tipo de coisa. Tenho de admitir que não encontrei muito, apenas o habitual: *posts* no LinkedIn, algumas informações de empregos anteriores, mas nada notável ou nefasto. No entanto, tropecei no anúncio do casamento deles. Acho que ele e a Mandy estão casados há mais de vinte anos. O nome de solteira dela era Gibson, Amanda Gibson.

– Interessante – disse Alex. – Foi assim que o Ken se lhe referiu quando ela foi buscar o Jay ao hospital. Chamou-lhe Amanda. O que achas disso?

Brooke respondeu em voz baixa:

– Eu diria que, no mínimo, o Ken parece conhecer a Mandy muito melhor do que nós.

Isto deixou Alex profundamente perturbada. Quando Brooke se afastou,

o telefone de Alex tocou. O número que surgiu era-lhe desconhecido.

– Sim, fala Alex – disse ela.

– Alex, aqui fala Meg Ruley, da USC, a devolver o seu telefonema de hoje cedo. Desculpe ter demorado a ligar-lhe. É uma loucura, esta altura do ano.

Alex animou-se.

– Sim, claro. E obrigada pelo telefonema. Eu estava apenas com curiosidade em saber mais sobre a rejeição da minha filha. Não sei ao certo o que pode partilhar comigo, mas, tal como eu disse na minha mensagem de voz, a reação dela foi estranha, portanto, pergunto-me se há mais qualquer coisa nesta história do que me foi contado.

– Sim, eu fui verificar – disse Meg, hesitante. – Acho que realmente há alguma confusão... a sua filha foi aceite na universidade. E ainda há uma vaga para ela, se ela quiser aceitá-la.

Alex sentiu uma pontada de raiva ir e vir. Lettie tinha-lhe mentido, obviamente, mas isto não tinha a ver com Lettie, tinha a ver com Nick.

– Obrigada por me informar – disse Alex em tom comedido. – Sim, algum mal-entendido, com certeza. Teremos uma reunião de família e voltarei a entrar em contacto.

Terminou a chamada sentindo que se aproximava uma tempestade, um turbilhão escuro de nuvens ameaçadoras. Um pensamento formigava no fundo da sua mente. Ela ia ter uma conversa franca e difícil com Nick, mas sabia como ele podia ser teimoso. Seguiu-se uma preocupação diferente, um pouco de medo de que, dependendo de como corresse essa conversa, poderia não ser tão fácil evitar uma bebida... talvez duas... na festa do quarteirão.

## Capítulo 43

### Lettie

Estou no meu quarto quando ouço o que parece ser um tiro. No andar de baixo, a *Zoe* começa a latir como louca. Os cães odeiam barulhos fortes, que interpretam como uma ameaça. Neste caso, estou totalmente de acordo com a minha cadela.

Estou sozinha em casa, portanto sou a única pessoa que pode investigar. O meu cérebro já está a arranjar justificações para o ruído. Foi um estouro no escape de um carro. Partiu-se o galho de uma árvore. Foi o ribombar de um trovão, embora o dia esteja limpo e luminoso.

Segue-se uma série de estouros, em sucessão suficientemente próxima para me dar um momento de pausa antes de me aventurar lá fora. Podia ser fogo-de-artifício, estou a pensar, mas também vem da direção da casa do Dylan, o que me deixa extremamente ansiosa.

Quando estou a abrir a minha porta, ouço mais um estouro. O som parece dissipar-se à medida que se afasta, para a tarde agradável. Quando chego à extremidade do meu caminho de acesso, decido que os estouros vêm de trás da casa do Dylan e tenho quase a certeza do que está a fazer o barulho.

A Riley sai de casa. Gela-me com o olhar. Não nos falamos desde que a denunciei (embora ela tecnicamente tenha feito o mesmo comigo), mas não me arrependo das minhas ações, nem por um segundo. Estou sempre a ver mais notícias de miúdos que morrem por tomarem o que julgam ser *Percocets* e acabam com uma *overdose* fatal de fentanil. Prefiro sempre ficar com o ódio da Riley, em troca da sua vida.

Mas, neste momento, temos um interesse mútuo, portanto a raiva dela não dura muito tempo. Encontra-se comigo na extremidade do caminho de acesso do Dylan. Os nossos olhos cruzam-se quando se ouve mais um estouro no ar.

– O que é isto? – pergunta a Riley.

– Acho que é o que pensamos que é – digo.

Ela começa a dirigir-se à casa do Dylan à pressa, mas lanço-me a ela e

agarro-lhe o braço, puxando-a de volta para mim.

– O que é que tu achas que estás a fazer? – pergunto.

– Vou verificar – diz ela, como se devesse ser óbvio.

– Sim, eu entendo *o que* estás a fazer, mas pensaste bem?

A Riley dirige-me um olhar vazio, que eu entendo como um «não».

– Não sabemos quem está lá atrás – digo. – Mas duvido muito que o meu tio Ken, que é membro vitalício de um campo de tiro, esteja a disparar uma arma no seu jardim.

*Pum.* Outro tiro.

– Obviamente, é o Dylan – digo-lhe. – Não sei porque é que o tio Ken havia de dar uma arma a um miúdo que se tentou matar, mas não há dúvida de que ele tem uma. E não há dúvida de que és a namorada dele, portanto, devias pensar duas vezes antes de ires para ali.

– Tu achas que o Dylan... – A Riley não consegue terminar o pensamento e eu não sinto necessidade de o dizer por ela.

– Sim – digo. – É assim que uma pessoa se transforma em notícia. Vai para casa, Rye. Eu trato disto.

A Riley não se mexe, mas quando ouço mais um tiro, perco um pouco a paciência.

– Vai! – ordeno, e ela sai a correr.

Espero até a Riley estar em segurança dentro de casa para telefonar ao Dylan. Eu também não vou lá. Não sou estúpida. Ele tem uma arma e, evidentemente, alguma agressividade para sair – ou então precisa desesperadamente de atenção, que de bom grado lhe dou, mas só quando ele não tiver uma arma na mão.

A minha chamada vai para a caixa de mensagens. Tento novamente e toca, mas talvez ele esteja a usar proteção auricular e não consiga ouvir o telefone. Por isso, envio-lhe uma mensagem de texto e tento enviar mensagens diretas para as suas contas nas redes sociais antes de ligar pela terceira vez.

Por fim, atende.

– Oi, Lettie, como é que és? – Soa casual, como se estivesse no andar de baixo a assistir a repetições da série *Dawson's Creek* no canal CW.

– Hum, D, mas que raio é que tu estás a fazer? – pergunto.

– Tiro ao alvo – diz ele, como se isso não fosse problema.

– Tens uma arma na mão neste momento? – pergunto. O meu tom é muito mais severo do que aquele que usei com a Riley.

– Sim, tenho a *Sig Sauer P365* do meu pai. É uma arma incrível.

– D, a mim não me importa que arma é, importa-me que tenhas uma arma. Tu não podes disparar uma arma no jardim. Afinal de contas, qual é o teu alvo?

– São alvos que eu fiz – diz ele, demasiado casual para o meu gosto. – Uns pratos, umas embalagens de leite de plástico.

– Dylan, escuta com muita atenção, sim?

– Sim.

– Tu não podes fazer isso! – O meu tom é de descasca. A minha voz é firme. Não sei bem o que dizer, como desarmar esta situação, ou até que ponto o Dylan pode estar instável. Mas palpita-me que esteja muito. Inspiro calmamente, e outra vez.

– Ouve o que eu te digo – digo, falando devagar para dar ênfase. – Guarda a arma. Guarda-a *já*.

– Porquê? – questiona. – Não estou a magoar ninguém.

– Dylan! – grito para o telefone. – Podes matar alguém que ande pelo bosque, ou podes matar-te a ti, acidentalmente ou não. Não sei. Só sei que tens de parar e *já*, ou *vou* chamar a polícia e depois os teus pais. – A minha voz treme e um soluço prende-me a garganta.

– Vá, vá, tudo bem – diz ele.

Acho que foi preciso o meu sofrimento emocional para abrir um buraco naquela cabeça dura.

– Calma, Lettie. Não vou fazer nada estúpido. Não te quero afligir.

– Tarde demais – disparo. – Afinal, como é que conseguiste uma arma?

– No cofre da arma – diz ele, dando a entender que é óbvio.

– Isso é uma loucura – digo. – Os teus pais não te vão dar acesso ao cofre, especialmente quando, bem, tu sabes... te tentaste matar. – Tenho dificuldade em dizer as palavras. Não é o momento certo para acrescentar camadas à vergonha, mas tenho de apresentar o meu argumento.

– Não me deram acesso – diz ele. – Adivinhei o novo código.

– Adivinhaste? Como?

– O último código era o número da camisola do Logan e os golos que marcou no ano passado. Experimentei os golos marcados este ano e *voilà*, abre-te sésamo. Eu sei usar uma arma, Lettie. O meu pai costumava levar-me sempre para o campo de tiro.

– Pois, e é aí que *devias* dar tiros – digo. – No campo de tiro.

– Eu não vou lá, não com *ele*.

– O que é que se passa com vocês os dois? – pergunto. – O chantagista voltou?

– Dá-me um segundo, dás? – diz ele. – Eu passo por aí.

– Desarmado – digo, com a voz mais forte possível.

– Desarmado – repete o Dylan.

Passados dez minutos, tenho o Dylan à minha porta. Faço-o mostrar-me as mãos e depois executo a minha versão de uma revista de segurança.

– A sério, Lettie? – diz ele.

– Desculpa eu não confiar e relaxar a cem por cento, mas aquilo foi muito inquietante. Podias ter sido preso ou muito, muito pior.

– Relaxa – diz ele. – Eu estava só a descomprimir. Voltei a colocar a arma no estojo e tranquei-a. Está tudo bem.

Vamos para a cozinha, sentamo-nos à mesa. Vou buscar dois *ginger ales* para nós, que a minha mãe agora compra em vez de vinho. Não tenho a

certeza se é uma alternativa ao álcool supersaudável, mas é muito melhor para o fígado dela.

– Porque é que começaste a dar tiros no jardim? – pergunto-lhe.

– Já te disse, estou a praticar tiro ao alvo. Gosto de disparar. E não gosto do meu pai.

– Por causa do Logan?

– Porque ele é um idiota, Lettie. Enfim, não te preocupes com isso. Não vou dar um tiro a mim mesmo, se é isso que te preocupa.

– É *uma* das coisas que me preocupa. – Continuo chateada com ele e com a situação. – O que é que se passa contigo? – pergunto. – É por causa do chantagista? Voltou para pedir mais dinheiro? Estás a praticar tiro para poderes fazer alguma coisa a esse respeito?

O Dylan faz-me um sorriso enigmático.

– Continuo sem saber quem me estava a chantagear – diz ele. – Mas se descobrir, bem podes apostar que faço alguma coisa a esse respeito. A boa notícia é que eu não recebi mais *e-mails* ameaçadores, portanto parece que ele estava a falar a sério quando disse que ia desaparecer. Mas preciso de ter mais cuidado com a câmara do meu portátil.

– Então foi um vídeo?

O Dylan quebra o contacto visual, enervado, e os meus neurónios começam a disparar.

Provas em vídeo. Qualquer coisa a ver com a câmara do portátil. Constrangimento suficiente para roubar os pais para pagar. Algo mau a ponto de o fazer praticar tiro ao alvo no jardim da sua casa.

Acho que tenho uma boa ideia do que o chantagista tem sobre o meu primo. Desconfio que envolva algo que muitos adolescentes fazem com frequência, especialmente com a ajuda da Internet. Algo que não gostariam que a família ou os colegas vissem. Mas não digo nada, porque ele já sofreu o suficiente.

– E a Riley? – pergunto.

– O que é que tem?

– Isto tem que ver com o teu pai, com o chantagista ou com a separação?

– Isto o quê?

– A arma. Brincares ao *Matrix* no jardim. Tomar os comprimidos. Roubar o telefone da Riley. Tudo! – Estou a pensar: *Isto é culpa minha, por causar o rompimento com a Riley, ou outra coisa?*

Nesse momento, a porta da cozinha abre-se e a Riley irrompe por ali dentro como uma velocista na linha de chegada.

– Está tudo bem? O Dylan está bem? – Cala-se e fica pálida quando percebe quem está sentado à mesa comigo.

– Ora, ali está ela, a Riley Thompson – diz o Dylan. Parece assombrado, como se tivesse a Riley na cabeça durante a prática do tiro ao alvo.

– Estás bem, Dylan? Desculpa, eu... hum. – A Riley está a tremer. Sinto todo o tipo de pena dela.

– Tudo bem – diz Dylan com um desprendimento gelado. – Eu estava a sair. E, acredites ou não, Riley, já não és o meu maior problema.

Põe-se em pé, derrubando a cadeira ao levantar-se. O acidente faz a *Zoe* enlouquecer novamente. Ele passa pela Riley com um pouco de agressividade demais para o meu gosto.

– Dylan – chamo, antes de ele sair pela porta –, acabaram-se as armas.

– Como queiras – responde ele. – Vejo-as na festa do quartirão. Algo me diz que vai ser a mais memorável até agora.



## **Memorial Day (Atualidade)**

### **Página online da comunidade de Meadowbrook**

#### **Ed Callahan**

Espero que ninguém esteja a planear vender casa para breve. Os valores das propriedades em Meadowbrook estão a descer, descer, descer!

#### **Resposta de Laura Ballwell**

Ó meu Deus! Porque é que escreveste isso, Ed Callahan?

#### **Resposta de Ed Callahan**

Porque o homicídio tende a ter um efeito negativo na compra de casa. Tu pensas, parvinha?!

#### **Tom Beck**

Ei, Sr. Moderador! Está a ler este *post*? Pode, por favor, bloquear o Ed Callahan do grupo? Não existe uma regra sobre chamar nomes? E ele também está a espalhar informações falsas.

#### **Resposta de Ed Callahan**

As minhas desculpas! Vão baixar os valores dos imóveis em Alton Road. Desculpa o meu erro. Mas isso não faz de ti mais inteligente do que a Laura Ballwell. Ah! Ah!

#### **Resposta de Tom Beck**

Obrigado por partilhar a sua «opinião esclarecedora», Ed Callahan, sobre a crença equivocada de que alguém se importa com o que tem a dizer. Vá fazer alguma coisa útil!

#### **Janet Pinkham**

Posso dizer uma coisa aqui?

#### **Resposta de Susanne Horton**

Acho que já ouvimos o suficiente sobre as suas reclamações dos sacos de lixo, vendas de bolos e histórias sobre passeios de ambulância com o seu pai.

#### **Resposta de Janet Pinkham**

Bem, eu só queria dizer que tive notícias do meu primo, o técnico de emergência médica que ia na ambulância com o meu pai. Acabou de me enviar um SMS. Segundo ele, há mais do que uma vítima mortal.

## MEMORIAL DAY, ATUALIDADE



## Capítulo 44

O som estridente de uma sirene acordou Alex do seu sono profundo. Parecia que alguém lhe tinha enfiado bolas de algodão na boca. A cabeça dela latejava com uma batida capaz de lhe rachar o crânio.

*Pum! Pum! Pum!*

Luzes azuis e vermelhas piscaram através de uma nesga nas cortinas da sala de estar, atacando-lhe as córneas. Outra sirene disparou ao longe.

Alex despegou-se do sofá como um *Fruit Roll-Up* separando-se da sua embalagem de celofane. Sentia-se pegajosa e nojenta. As almofadas tinham-se praticamente moldado à forma do seu corpo. Não fazia ideia de há quanto tempo estava a dormir (ok, inconsciente). Podia ter sido uma hora, talvez duas. Fosse como fosse, ainda sentia o sabor do vinho na língua, a azedar-lhe a garganta, ondulando no seu estômago.

Chegavam-lhe memórias em clarões, como luzes estroboscópicas numa discoteca.

A festa do quarteirão tinha começado à hora habitual. Ela devia saber, tinha organizado tudo. Não devia tê-lo feito – não era a vez dela nesse ano, mas o bairro estava num tal estado de desordem. Havia tantos problemas – entre Evan e Willow, Brooke e Evan, Ken e Emily, Mandy e Ken, Samir e Mandy, até Riley e Dylan – que mais ninguém estava à altura da tarefa. Brooke tinha ajudado um pouco, mas Alex fez a maior parte do trabalho: colocar panfletos nas caixas de correio; gerir a página SignUpGenius, a música, as mesas, as cadeiras, as bebidas, os baldes de gelo, petiscos, tudo isso, enquanto Brooke cuidava das sobremesas. Nick tinha comprado a carne a um agricultor da região, ganhando o elogio da filha. Ela não comia carne, mas elogiou os seus esforços em matéria de sustentabilidade.

*Nick.*

*A grande discussão por causa da USC.*

*A recusa dele em ceder. Alex a gritar que ele devia voltar para a escola para aprender a ser um ser humano decente. O bar tropical que ele não tinha abastecido por despeito. A bebida que ela bebeu depois de ter feito o trabalho por ele.*

*Oh, porcaria!*

Ocorreu-lhe *tudo* de novo. A enxurrada de lembranças e uma torrente de vergonha. Lá estava ela, a cambalear pela festa, a falar alto, a divertir-se como não se divertia há séculos, tudo isso enquanto evitava o marido. Lembrou-se da menina que tinha perguntado pelos cachorros-quentes. Ela assustou a criança com um comentário cáustico antes de acompanhá-la até ao churrasco. Havia ali perto uma piscina infantil cheia de garrafas de vinho do tamanho de garrafas de oxigénio de mergulho. Tinha agarrado uma depois de já ter bebido tanto. E estava a falar com alguém... Quem era? Ah, sim, o Homem Peste! Ele estava lá!

Foi quando Nick foi ver como ela estava. Ela entornou a bebida em cima dele e seguiu-se aquele momento brilhante da queda de rabo na piscina infantil, encharcando a roupas e ferindo o ego. As palavras do marido, «Não voltes», ecoaram alto.

*Au.*

E agora ouvia sirenes. Ao olhar pela janela, viu não um, mas dois carros da polícia estacionados na sua rua, com as luzes a piscar. A luz brilhante do dia fê-la estremecer. A sala parecia inclinar-se, apenas um pouco, e não era por estar ajoelhada nas almofadas do sofá.

Alex ficou de pé, com a intenção de sair para dar uma olhadela. Um passo instável depois disse-lhe que ela estava naquele lugar embaraçoso entre a bebedeira e a ressaca. Mas não estava em tão má forma; podia ir investigar.

Nick tinha emitido o seu mandato antes de toda aquela comoção, raciocinou Alex. A polícia no local mudou tudo, certo? E, afinal, quem era Nick para lhe dizer o que fazer? Ela tinha todo o direito de saber o que estava a acontecer.

Alex verificou o telemóvel. Talvez alguém tivesse tentado entrar em contacto com ela por causa da emergência. Não tinha chamadas nem mensagens, mas tomou nota das horas. Cinco e meia. Em breve, a festa passaria da diversão da tarde para uma vibração noturna, que era sempre quando as coisas *realmente* começavam. Que raios tinha acontecido enquanto ela dormia? O beco sem saída tinha muitos relacionamentos inflamáveis, mas se ela tivesse de adivinhar qual deles trouxera a polícia, apostaria na escalada de guerra entre o Homem Peste e Ken. Será que Ken tinha ido longe demais? Teria o Homem Peste retaliado por perder o emprego?

Alex enfiou roupa lavada, fez uma rápida verificação do cabelo – não estava uma perfeita Medusa, mas perto disso – e lavou os dentes antes de sair. Pestanejou rapidamente para facilitar a transição do interior escuro. As suas pernas pareciam dois elásticos. Duvidava que passasse num teste do balão.

Evidentemente, Alex demorou muito tempo a recompor-se. Quando saiu, a crise parecia ter acabado. Havia crianças em torno dos carros da polícia, a espreitar pelos vidros, a colocar as mãos minúsculas por todo o exterior reluzente, deixando marcas gordurosas. Um dos polícias no local estava de facto a entreter as crianças com um toque de sirene ocasional, que

fez com que a sua cabeça latejante parecesse rachar ao meio.

Ken estava sozinho, à parte. Parecia estar loucamente enfurecido. Alex aproximou-se dele cautelosamente.

– Raio daquele gajo – resmungou. Apontou para o Homem Peste, que estava com o seu uniforme de trabalho verde, não muito longe, a conversar com um polícia.

– O que se passa? – perguntou Alex.

Sentiu uma revolta no estômago. Tinha comido alguma coisa ou só bebido?

– O Homem Peste veio à minha casa promover outra vez a porcária dos seus serviços, foi isso – disse Ken, irritado. – E começámos naquilo. Dei-lhe um empurrão, quase nada. – Demonstrou no ombro de Alex. A ela, não pareceu quase nada. – E depois chamou a maldita polícia para cima de mim.

Alex já tinha ouvido o suficiente das suas reclamações.

– Alguma vez pensas que o problema aqui és tu, Ken? – gritou ela. – Já te passou pela cabeça? Talvez uma vez? Nunca?

Devolveu o empurrão que ele lhe deu no ombro, só que com mais força.

Por um segundo, Ken pareceu ser o *bully* confrontado pela sua vítima: queixos caídos e olhos cheios de surpresa.

– Ei, de que lado é que tu estás? – rebateu.

– Do vencedor, claro – disse Alex. – Gostamos os dois de *vencedores*, Ken... mas, infelizmente, isso praticamente exclui todos os homens de Alton Road, incluindo tu.

Antes que Ken tivesse oportunidade de responder, o agente Grady O'Brien, que de certeza estava a ficar farto das disfunções de Alton Road, aproximou-se. A sua expressão era severa, os olhos quase dizendo: *Os adultos deviam ser mais sensatos*.

– Está com sorte – anunciou O'Brien, direcionando as suas palavras para Ken. – O Homem Peste diz que não vai apresentar queixa.

– Agora também lhe chama Homem Peste? – Alex esfregou a sobancelha. Estava a suar vinho.

O'Brien não respondeu.

– Mantenha os ânimos controlados, Ken, sim? – Soou como uma ordem. – Ultimamente, temos vindo a Alton Road quanto baste.

– Isso é verdade – resmungou Ken. Ainda estava de cara vermelha e zangado, provavelmente mais com Alex do que com O Homem Peste. – Fico tranquilo. Mas esse tipo não se pode aproximar da minha propriedade.

O'Brien cruzou os braços em frente ao peito.

– Não se esqueça, pode dizer-lhe para ir embora, mas guarde as mãos para si. Estou a falar a sério.

O Homem Peste, à coca ali perto, pode ter apanhado um trecho da conversa. Sorriu na direção de Ken.

Ken olhou para trás.

– Se alguém precisar de mim – disse ele a Alex –, estarei no meu

escritório com o Johnnie, a refrescar.

Alex entendeu a referência à sua valiosa garrafa de uísque *Johnnie Walker Blue Label*, que ele bebia apenas naquele dia, todos os anos. Que ela soubesse – e fiel a ele próprio –, Ken nunca partilhou a bebida ridiculamente cara na festa do quarteirão, exceto uma vez, que a ofereceu a Mandy e Samir. Custava acreditar que só tinha sido há um ano.

Alex viu Ken ir-se embora intempestivamente.

– Peço desculpa pelo meu cunhado, ele às vezes ferve em pouca água – disse ela a O’Brien, que parecia mais simpático agora que Ken se tinha ido embora.

– Acontece. Ninguém se feriu. Não se preocupe – disse ele.

Uma explosão de música saiu do sistema de amplificação público e chamou a atenção de O’Brien, e de Alex, para Lettie, que estava a trabalhar nos controlos. A canção, que O’Brien reconheceu logo, iluminou a sua expressão.

– Pearl Jam – disse ele com um deslize de sorriso. – *Assim é que se fala!*

– Lettie, podes esperar até a polícia se ir embora para voltares a pôr música? – pediu Alex.

O’Brien abanou a cabeça.

– Não deixa de ser uma festa do quarteirão – disse ele. – Não há lei contra a diversão.

Alex viu O’Brien entrar no carro-patrolha e ir embora, com o outro carro da polícia seguindo logo atrás. Tudo voltou ao normal quase imediatamente, mas Alex ainda se sentia ansiosa. O confronto com Ken dera-lhe um jato de adrenalina, misturado com o álcool ainda no seu sistema, adicionando combustível à sua raiva.

Deus ajudasse Nick se ele viesse para cima dela agora com alguma piada sobre estar fora do exílio – ou Samir, se ele tentasse agarrar Mandy novamente – ou Evan, se fizesse sabe-se lá o quê a Brooke ou Willow.

Parecia tudo bem, mas Alex não. Estava bêbeda e irritada e morta por uma zanga. A polícia foi embora, mas o Homem Peste ficou. Talvez ele voltasse para discutir com ela.

*Se sim, boa sorte para ele.*

Os vizinhos tinham voltado a falar, comer, beber e jogar como se nenhum distúrbio tivesse ocorrido. Mas ela não viu sinal de Brooke e a mesa de sobremesas parecia um pouco esparsa. Mesmo no seu elevado estado de agitação, Alex não conseguia abrir mão de todos os detalhes da festa. Talvez Brooke tivesse ido buscar mais sobremesas ao frigorífico. Alex dirigiu-se para casa da amiga, com o pretexto de oferecer uma mãozinha, embora, na realidade, precisasse de alguém para desabafar.

Enquanto seguia pelo caminho de acesso de Brooke, a amiga saiu pela porta. Em vez de uma bandeja de sobremesas, Brooke segurava o que parecia ser um grande livro de capa dura. Acelerou o passo para alcançar Alex.

– Ia mesmo à tua procura – disse Brooke.

– Ainda bem – disse Alex. – Preciso de alguém que me impeça de cometer um homicídio. Entre o Nick e o Ken, não sei a quem quero dar um soco mais forte. Ah, e a mesa de sobremesas está fraca.

– Eu diria que os socos devem ser direcionados para o Ken – disse Brooke, segurando o livro na mão. – E esquece o raio das sobremesas.

– O que tem esse livro? – perguntou Alex.

– Sabes que há muito tempo que sou obcecada pela ligação entre os Kumars e o Ken, certo? Lembras-te de eu ter dito que o Ken parece conhecer a Mandy muito melhor do que nós?

– Sim... – disse Alex, perguntando-se para onde se dirigia a conversa. Oxalá os seus pensamentos não fossem tão lamacentos. O vinho começava a perder o efeito, a meia ressaca também, mas nenhum deles estava a terminar rápido o suficiente.

– Então, usei o nome de solteira da Mandy, Amanda Gibson, e fiz várias pesquisas no Google, tentando encontrar uma ligação passada entre ela e o Ken. Achava que estava louca, mas só precisava de seguir o fio.

– E? – Alex ficou intrigada, mas apreensiva.

– E nada, no início – disse Brooke. – Não consegui encontrar nenhuma razão óbvia para os seus caminhos se terem cruzado.

Os olhos de Alex foram para o livro na mão de Brooke.

– Então, coloquei o nome de Amanda Gibson no campo de pesquisa e adicionei o nome de todos os empregos que Ken listou no seu perfil do LinkedIn e todas as escolas que ele frequentou.

Brooke fez uma pausa, deixando Alex tensa de expectativa.

– Chegaste a alguma conclusão? – perguntou ela, sabendo a resposta simplesmente pela linguagem corporal de Brooke.

– Cheguei – disse Brooke. – Mas antes de poder acreditar, tinha de ver eu mesma. Portanto, subi ao sótão e arranjei isto.

Brooke estendeu o livro para que Alex pudesse dar uma olhadela mais de perto. A capa estava pincelada com a tonalidade amarela do tempo, as letras ligeiramente desbotadas, mas conseguia distinguir as palavras: *Westfield High School*.

– É o teu anuário de liceu? – perguntou Alex.

– Não – disse Brooke. – É o do Jerry.

Brooke abriu o anuário numa página marcada, segurando-o para que Alex pudesse ver uma série de fotografias a preto-e-branco com adolescentes desajeitados, raparigas com expressões incertas e rapazes de ar pateta, muitos de camisa aos quadrados desabotoada e largueirona, ostentando o visual *grunge* dos anos noventa.

Brooke colocou o dedo numa imagem em particular, a de uma adolescente de cabelo loiro e sem maquilhagem.

Alex demorou apenas um momento de inspeção minuciosa para ver. Não teve dúvidas. A rapariga que olhava da fotografia do anuário era inquestionavelmente uma jovem Mandy Kumar, ou Amanda Gibson, como

tinha sido.

– Exatamente – disse Brooke, lendo a reação de Alex. – A Mandy andou na escola com o Jerry.

– O que significa... – A voz de Alex fez-se um fio.

– Que também andou na escola com o Ken – disse Brooke.

Alex e Brooke trocaram olhares vazios.

Foi Alex quem acabou por quebrar o silêncio.

– Não entendo – disse ela. – É claro que se reconheceram imediatamente. Isso explica o olhar entre eles na festa do quarteirão do ano passado. Mas qual é o problema? Porque não nos contaram? Porquê manter isso em segredo?

A expressão perplexa de Brooke disse que ela concordava que aquelas perguntas mereciam respostas.



## Capítulo 45

### Lettie

Vejo o olhar adorável que o meu pai me lança quando ponho a tocar aquela música dos Pearl Jam. Também apanho o olhar de mau que faz à minha mãe. É difícil de não ver, mas a minha mãe está muito ocupada com o agente O'Brien para reparar. Sorte a dela. Claramente, o pai está chateado com alguma coisa, mas não sei o quê. A mãe ausentou-se da festa durante algum tempo, portanto talvez ele esteja com raiva disso, ou pode ser que ela tenha caído outra vez no vício. Isso seria uma fonte de crises para todos os tempos, mas não estou preparada para assumir o pior.

A minha mãe afasta-se em passo de marcha, dirigindo-se a casa da Brooke, e nem se dá ao trabalho de vir ter comigo, o que é estranho. Tenho a certeza de que ela está abalada, tendo em conta toda a emoção, com a polícia a aparecer por causa de um drama estúpido qualquer entre o Homem Peste e o tio Ken.

O Homem Peste anda por aí, só para *pestar*. Mas agora que a polícia se foi embora (tal como o tio Ken, que se retirou para a sua casa para lamber as feridas), as coisas estão a voltar ao normal. Estou a tentar manter a energia com mais *Jams* dos anos noventa. Segue-se uma música de uma banda chamada Toad the Wet Sprocket. O que é que isso quer dizer? Mas que raio é um *wet sprocket*, uma «roda dentada molhada»?

Vejo o meu pai vir na minha direção. Já não parece zangado.

– Ora esta, que surpresa – diz ele. – Acho que da última vez que foste DJ da festa do quarteirão ainda usavas aparelho nos dentes. A que devemos este súbito envolvimento entusiástico?

– Não sei – digo, encolhendo os ombros. – Estava toda a gente distraída com os polícias, portanto não havia ninguém a tratar da música.

– Parece que te estás a divertir. – O meu pai olha-me com desconfiança.  
– Estou preocupado contigo. – Ele sorri, mas dá para ver que está a ser meio sério.

– Estou bem – garanto-lhe. Mas não partilho toda a minha verdade, que

é que estou a sentir todas as sensações. Esta é a minha última festa do quartoirão como estudante do liceu e acho que estou um bocado sentimental. Por um instante, pergunto-me se o Dylan cumprirá a sua promessa (ameaça?) de que seria a mais memorável de sempre.

– Lá emoção foi aquilo – diz o pai, acenando para o Homem Peste, que, por alguma razão, continua a vaguear por ali, como que à procura de problemas.

– Porque é que ele não se vai embora? – pergunto. – Ninguém o quer aqui.

– Está a marcar a sua posição – especula o pai. – País livre, e tudo isso.

– Sim, livre para ser um parvalhão – digo, e isso arranca uma gargalhada. – Olha, o que é que se passa entre ti e a mãe? – pergunto. Não adoro o nó que tenho no peito, mas enfim. – Vi o olhar que lhe fizeste.

– Está tudo bem – diz ele. – Só um pouco de desacordo, é tudo.

Não acredito nele, nem por um segundo, mas não vou insistir em pormenores.

– No entanto, há uma coisa de que quero falar contigo – diz ele.

Os pelos do meu pescoço e as minhas sobrelanceiras levantam-se ao mesmo tempo.

– O quê? – pergunto.

– A tua mãe ligou para a USC – diz o pai. Solta a bomba como um microfone num palco, todo ele porreiro e despreocupado.

Passa um segundo até eu voltar a respirar.

– Hum, sim... um... – Sem palavras.

– Porque é que haverias de mentir, Lettie?

Os meus olhos são atraídos para os meus pés, como que puxados pela gravidade.

– Porque é que ela ligou? – pergunto.

– A tua mãe presta mais atenção do que eu, parece-me. Ela percebeu que a tua reação ao seres rejeitada não era exatamente... não era nada tua. Foste aceite. Até conseguiste algum dinheiro por mérito. Então... porquê a mentira?

Reúno coragem para olhá-lo nos olhos, e as palavras simplesmente vêm até mim.

– De que vale? – A minha raiva desperta para a vida. – Tu não me vais ajudar. Só me vais dizer que é um desperdício de dinheiro. Que eu não entendo o valor de um dólar... que uma licenciatura da UMass é a mesma coisa que uma da USC. Porque é que eu devia ficar animada por entrar quando tiraste essa possibilidade de cima da mesa? – A minha garganta fecha-se como se eu estivesse a ter uma reação alérgica, mas a única coisa a que sou avessa é a verdade.

O meu pai parece cabisbaixo, mas não me sinto mal com o que disse. Ele cala-se por um momento, depois diz:

– Tens razão. E a tua mãe disse-me as mesmas coisas. Eu ia contar-lhe esta novidade antes de te contar a ti, mas ela foi nadar... e, de qualquer

maneira, ela alinha nisto, portanto agora vais ouvir de mim em primeiro lugar. Eu e a tua mãe conversámos sobre isto e eu tenho pensado muito no assunto. Agora vejo que estava errado. Eu não devia ter-te tirado essa opção.

– Exatamente – disparo. – Quero dizer, qual é o sentido de te contar da USC se tu só vais... espera, o quê? – Pestanejo rapidamente, embora tenha a certeza de estar a ter uma alucinação auditiva. – Repete lá isso.

– Se quiseses ir para a USC, Lettie, não vou ser um obstáculo no teu caminho – diz ele. – As admissões diziam que ainda te podem deixar entrar.

– Então e aprender o valor de um dólar? – pergunto. – E todas as coisas sobre as quais temos discutido?

– Acho que mudei de opinião. Quando descobri que me mentiste sobre a admissão, tive de ver bem porquê. E foi aí que percebi... o problema era eu. Não podias ser honesta comigo porque eu estava sempre a ignorar-te. Claramente, as minhas prioridades estavam desajustadas. Agora estão pelos ajustes. – Sorri, orgulhoso, com a sua piada de mau pai.

– A sério, pai? – pergunto. – Vais ajudar-me?

– Não terás nenhuma dívida quando te formares – diz ele. – Temos sorte, Lettie. Temos dinheiro para isso. Eu não devo reprimir-te para provar um ponto de vista: o meu. A tua mãe tem razão. Há muito tempo que vimos a economizar para este dia. Foi errado da minha parte pôr-me no teu caminho.

Solto um grito encantado e, de repente, estou aos saltos, como se estivesse a treinar para a próxima corrida de saco. Não consigo conter a minha alegria. Lanço os braços à volta do meu pai, no maior abraço que lhe dou desde os nove anos de idade.

– Vou candidatar-me a conselheira de residentes universitários – digolhe sem fôlego. – Vai poupar imenso dinheiro... estás a ver, eu entendo. E também não gosto de beber... bem, já não, posso garantir-te. E não preciso de ir a grandes festas e vou denunciar todos os infratores das regras, todos eles! Agora sou profissional da denúncia. – Estou a pensar na Riley e no Dylan.

O meu pai aperta o maxilar. Parece ter virado para emotivo do pior.

– Estou orgulhoso de ti, Lettie – gagueja. Os seus lábios fazem uma cena trémula que me deixa profundamente desconfortável. – Estou tão orgulhoso. Nem sempre o digo, não sei como mostrá-lo e, às vezes, sinto-me puxado em tantas direções que não te dou toda a minha atenção, mas observo e adoro o que vejo. És uma jovem incrível e estou verdadeiramente grato por ser teu pai.

Ele está engasgado, e *ok*, agora também tenho um nó na garganta.

– Obrigada – consigo dizer. – Estou tão grata que nem sei dizer, mas não te ponhas com ideias malucas. Vou continuar a não fazer o jogo do ovo contigo.

– Esmaga o meu coração. – O pai agarra o peito como se estivesse a ter um ataque cardíaco. Parece aliviado por eu lhe ter dado uma saída do expressar as suas emoções mais honestas e cruas.

Fico feliz também. Não preciso de nos ter a agir como palermas lamechas.

– Mantenho a fé, mesmo assim – diz ele. – Uma vez lançador de ovos, para sempre lançador de ovos.

Estou prestes a responder quando a tia Emily aparece. Falamos os três sobre a polícia, o Homem Peste e tudo isso, mas eu resisto ao impulso de lhe contar os meus novos planos para a faculdade. Preciso de me sentar um bocado a pensar nisso antes de partilhar. E tenho de contar à minha mãe.

A Emily está prestes a ir-se embora, mas depois para, como se se lembrasse de alguma coisa.

– Lettie, querida – diz-me ela –, podes ir buscar umas cadeiras dobráveis à nossa cave? Precisamos delas para o filme ao ar livre e o Ken recusa-se a sair até o Homem Peste se ir embora, e honestamente, não o culpo. As cadeiras estão no lado inacabado. Devem ser quatro.

– Vou ajudar – diz o pai, mas digo-lhe que não. Já ouvi *marketing* ao lançamento de ovos que chegue para um dia.

E lá vou eu para casa da tia Emily. Entro pela porta da frente, chamando o Ken apenas para o avisar de que estou aqui.

– As cadeiras estão lá em baixo – diz ele em resposta. A Emily deve ter-lhe dito por que razão eu ia lá a casa. Continua com voz ríspida.

Desço as escadas até à cave. Podia ter usado a entrada de tabique para evitar completamente o Ken – eles nunca a trancam –, mas só me ocorreu agora. Acabo por encontrar as cadeiras escondidas a um canto, atrás de um monte de equipamento desportivo malcheiroso. São leves e não será difícil levá-las lá para fora numa só viagem.

Quando estou a subir as escadas, reparo no estojo da arma em cima de um banco de ferramentas. Eu já tinha deixado cair uma sugestão, não muito subtil, de que o tio Ken devia mudar o código.

– Tenho a certeza de que não vai acontecer nada – disse-lhe há alguns dias –, mas vi um vídeo no YouTube sobre um miúdo suicida que sabia o código do cofre da arma dos pais e, bem... estou só a sugerir que mudes o código, só para não haver dúvidas.

Não consigo parar de olhar para aquilo: o estojo está a provocar-me. É uma caixa preta robusta, com tamanho para conter uma única arma. Eu sei que não devia, mas também me lembro do que o Dylan me disse sobre o código. A única coisa que quero fazer é dar uma olhadela rápida ao interior, certificar-me de que o Dylan colocou a arma de volta, como disse que fez. São necessários dois minutos a navegar na Internet para encontrar o número da camisola do Logan e o total de golos marcados (26) na sua última temporada a jogar lacrosse.

Pressiono os botões do cofre com base nos meus cálculos e ouço um *bip* satisfatório. Uma luz vermelha na frente fica verde. Olho em volta nervosamente, como se fosse ser apanhada, mas não há ninguém por perto. Ainda assim, estou passada quando as trancas se abrem. Devagar, com cuidado, abro o estojo.

Os meus olhos arregalam-se e a boca seca. Diante de mim, está um

grande recorte vazio no isolamento de espuma onde devia estar uma arma.

## Capítulo 46

Evan Thompson conduzia lentamente o seu *BMW* por Alton Road, enquanto Alex e Brooke observavam da berma do caminho de acesso.

– Ó merda! – murmurou Brooke entre dentes.

O dia tinha sido agitado o suficiente. Agora Evan estava de volta à cena? Já tinham chamado a polícia uma vez. O sentido de oportunidade não podia ter sido pior, especialmente porque tudo tinha acabado de voltar ao normal. Uma banheira cheia de armas de esguicho tinha sido esvaziada e estava em curso uma guerra entre os moradores mais jovens de Alton Road e alguns pais brincalhões dispostos a entrar em ação. O churrasco seguia a todo o vapor, elevando plumas de fumo de carvão para o céu. Os balões amarrados às costas das cadeiras no relvado proporcionavam toques de cor à paisagem verde. Grupos de vizinhos conversavam descontraidamente, a comer e beber (principalmente beber) à medida que a tarde ia passando.

O que deveria ter sido uma cena idílica de diversão no bairro era agora maculada por um pressentimento, enquanto Evan conduzia o carro cuidadosamente à volta do beco sem saída e pelo caminho de acesso da sua antiga residência.

– O que é que ele está a fazer aqui? – perguntou-se Alex em voz alta. O anuário tinha praticamente derrotado quaisquer efeitos remanescentes da bebida.

– A Willow está por perto? – perguntou Brooke com evidente preocupação, mas Alex também estava preocupada com Brooke.

Alex passou a festa em revista e não tardou a avistar Willow, que estava ociosa junto ao bar tropical. Evan teve de conduzir à frente do bar para chegar ao caminho de acesso, portanto não lhe podia ter passado despercebido. Ela não parecia particularmente alarmada.

– Vamos ver o que se passa – sugeriu Alex.

Levando delicadamente Brooke pelo braço, foram as duas juntar-se a Willow no bar.

– O Evan está aqui – disse Alex em tom de alerta.

Willow acenou com a cabeça.

– Precisava de ir buscar umas coisas à câmara escura. Fico fora de casa algum tempo, por isso é um bom momento – respondeu.

Alex recordou a sala escondida que continha o santuário a Brooke. Talvez ele tivesse deixado outros segredos para trás que precisavam ser removidos.

– Onde está a Riley? – perguntou Brooke.

Willow apontou para um grupo de crianças que cercavam Riley como cachorrinhos brincalhões, aos saltos à volta dela com um entusiasmo desenfreado.

– Os Nelsons pagam-lhe para ela ficar de olho nos seus filhos – disse Willow.

Ao longe, Alex viu Nick jogar um jogo de *cornhole* com outros pais do bairro. Ele olhou na direção dela, mas desviou rapidamente o olhar. Talvez também não estivesse preparado para outro confronto. Ótimo.

– Estranho que o Evan escolhesse o dia de hoje, da festa do quarteirão, para vir buscar as suas coisas – disse Brooke.

Willow bebeu um grande gole do seu *spritzer* de vinho.

– Estou aqui fora, ele está lá dentro – disse ela. – O que pode correr mal?

Antes que Alex pudesse dizer *imensa coisa*, Samir Kumar apressou-se para o bar tropical. Tenso e desagradável num dia bom, parecia ainda mais naquele momento.

– Alguma de vocês viu a Mandy? – perguntou ele. – Não consigo encontrá-la em lugar nenhum e não atende o telefone.

Brooke revirou os olhos.

– Deus nos livre que ela fique longe da sua vista por um minuto. Ela é uma mulher crescida e capaz, sabe?

Samir não vacilou.

– Vocês não entendem – disse ele. – Na verdade, perceberam *tudo* mal. Alex, podemos falar em particular por um momento, por favor?

Alex e Brooke olharam-se mutuamente, sem saber o que fazer. Embora Alex estivesse mais do que disposta a ouvir Samir, não se sentia à vontade a sós com ele. A julgar pela expressão de Brooke, ela concordou.

– Podemos falar aqui – sugeriu Alex.

Samir desviou o olhar para Willow, deixando claro que preferia que ela não fizesse parte da conversa.

Willow retirou-se educadamente.

– Vou ver como a Riley se está a sair com aquelas crianças todas.

Depois de se ter ido embora, os olhos de Samir percorreram os festeiros, avaliando a multidão com preocupação.

– Prefiro que falemos num lugar um pouco menos público – disse ele. – O meu filho está em casa e eu não quero que ele ouça o que preciso de lhe dizer.

Alex disse:

– O Nick e a Lettie podem entrar e sair de casa, portanto não posso

prometer privacidade na minha.

– Posso eu – disse Brooke. – A minha casa é tão privada que às vezes parece um mausoléu.

Alex olhou para onde o carro de Evan estava estacionado.

– Não tenho tanta certeza que possas prometer que não vai estar ninguém a espreitar – disse ela –, mas acho que serve.



## Capítulo 47

### Lettie

Não há nenhuma arma no estojo.

Não sou especialista em armas, mas sou inteligente quanto baste para saber que devia haver uma arma na marca de espuma, e não está lá. Estou a tentar não me passar.

*Respirar fundo, respirar fundo, Lettie.* Tem de haver uma explicação lógica e a pessoa que ma vai dar é o Dylan.

Fecho a tampa. Quando o faço, o estojo tranca automaticamente. A luz verde na frente fica outra vez vermelha.

Preciso de encontrar o meu primo, portanto envio-lhe uma mensagem: toda em maiúsculas, carregada de exclamação. Ele merece.

*ONDE ESTÁS????!!!*

Ele escreve uma mensagem quase imediatamente: *Cá fora a preparar o filme ao ar livre.*

*Fica aí,* respondo em mensagem.

A saída mais rápida é através do tabique na cave, portanto, é por aí que vou, que tem o benefício adicional de evitar o tio Ken, que ainda está no andar de cima. Atravesso a rua e encontro o Dylan, que na verdade está a ajudar a tia Emily a montar o projetor.

A tia Emily olha-me de cima a baixo, com curiosidade.

– Onde estão as cadeiras? – pergunta.

*Merda!* As cadeiras.

– Desculpa, não consegui encontrá-las – minto.

– Não faz mal – diz a Emily com um sorriso. – Aquilo lá em baixo é um desastre. Já disse ao Ken que precisamos de uma venda maciça de garagem para limpar a cave; certamente antes que a tua avó se mude para cá. Eu sei onde elas estão. Vou buscá-las.

A Emily vai-se embora à pressa, deixando-me com uma breve oportunidade de falar com o Dylan a sós. Puxo-o para o lado e encontro um local relvado tranquilo, à sombra de um carvalho antigo, perto da propriedade

dos Kumars. Não faço ideia de onde está o Jay, mas desconfio que esteja dentro de casa e fique lá escondido durante a maior parte do dia. Não posso acreditar que faz um ano que o conheci, mas agora não é o momento para me debruçar sobre a minha ligeira obsessão pelo Jay Kumar. *Ok*, um pouco mais do que ligeira. Mas tenho questões mais importantes para abordar.

– Mas que caraças, D. Onde é que está a arma? – Trago o assunto à baila apenas quando tenho a certeza de que a nossa conversa não pode ser ouvida.

– Já te disse – respondeu ele –, voltei a pô-la no estojo. – Não pestaneja. Não gagueja.

*Estará a dizer a verdade?*

– Bem, não está lá agora – digo eu.

O Dylan arregala os olhos. Faz um ar como se eu lhe tivesse dado uma joelhada nos tintins.

– Lettie, o que é que tu estás a fazer? – diz ele. – Abriste o estojo da arma?

Anuo, não me sentindo minimamente culpada.

– Eu estava à procura das cadeiras na tua cave e o estojo estava logo ali. Lembrei-me do código, ou do que disseste que era, e decidi ter a certeza de que a tinhas guardado.

– Porquê? Não confias em mim?

– Não, estou completamente preocupada contigo. Há uma diferença – digo. – Mas isso não importa. Onde está a arma, D? Está contigo?

O Dylan descarta-me com um aceno de mão.

– Já te disse, guardei-a no sítio. Estás a dar demasiada importância a isto. O meu pai às vezes tira-a para a limpar. Tenho a certeza de que está no escritório dele ou algo assim, mas garanto-te que não a tenho. Porque é que não vais preparar o lançamento dos ovos? Faz-te útil e deixa-me em paz, sim?

Não posso dizer que o Dylan se vai embora intempestivamente, mas não foi a saída mais simpática.

Os meus instintos dizem para confiar nele. Conheço o Dylan desde sempre e acho que saberia se ele me estivesse a mentir. Ainda assim, não posso esquecer o seu comentário sobre esta festa do quarteirão ser a mais memorável de todos os tempos; e agora há uma arma desaparecida?

Outra coisa que o Dylan disse ficou comigo; não propriamente as suas palavras, mas a referência ao jogo dos ovos faz-me pensar na conversa que acabei de ter com o meu pai. «Uma vez lançador de ovos, para sempre um lançador de ovos», disse ele. Basicamente, era a sua maneira engraçada de insinuar que as pessoas realmente não mudam.

Vejo a Emily montar as cadeiras enquanto estou perdida nos meus pensamentos, a pegar em pedaços de informação e a tentar ligá-los de uma maneira que faça sentido.

Dylan e Riley.

Chantagista.

Vergonha.

Uma gravação de vídeo.

Algo privado.

Uma gravação *privada*.

Quem faz uma coisa dessas? Quem faz gravações privadas das pessoas?

Quem *hackeia* e esconde?

As pessoas não mudam. O meu pai tem razão quanto a isso. E eu sou estúpida, porque devia ter sabido desde o início.

O escorpião pica *sempre* o sapo.

Agora vejo tudo. Um arrepio feroz instala-se na minha pele. O Dylan não está em lado nenhum. Olho em redor, observando as imagens e os sons das crianças a correr, dos pais a manducar e a beber, a música a explodir, o churrasco, as bicicletas em movimento – todas as normas da nossa festa do quarteirão –, mas não sinto a vibração da festa. Em vez disso, vejo o Homem Peste a andar em direção à casa do Ken, logo a essa.

*Este tipo quer morrer?*

Não penso no Homem Peste por muito tempo. Tenho uma preocupação mais premente.

Corro até à porta da frente do Jay, enviando mensagens de texto ao Dylan enquanto vou.

Ele não responde.

Ligo para ele, mas chego ao atendedor de chamadas. Agora estou apavorada.

E é por isso que preciso de encontrar imediatamente o Jay Kumar, tanto para o confrontar... como para o avisar.

## Capítulo 48

Alex instalou-se no couro fresco, branco-pérola, da sala de estar de Brooke, que obviamente era mais para dar nas vistas do que para ser confortável. Olhou para Brooke, que ocupava uma poltrona adjacente, antes de voltar a sua atenção para Samir.

– Vou ser sincera, Samir – disse Alex. – Eu e a Brooke estamos preocupadas com a Mandy há muito tempo. Vimos o Samir comportar-se de maneira possessiva e controladora que, francamente, achamos preocupante. Mas vamos tentar ouvir o que tem a dizer com uma mente aberta.

Samir assentiu.

– Obrigado. Compreendo como deve parecer visto de fora. E não está enganada. Eu *sou* controlador. Mas não pelas razões que podem pensar e é muito importante eu explicar porque é que a ausência da Mandy é tão alarmante.

Alex inclinou-se para a frente no sofá, como que se inclinando para a história de Samir.

– Estou profundamente preocupado com a minha mulher, com o seu estado de espírito – disse ele. – Ela saiu de casa e levou todos os medicamentos consigo. *Todos*.

– Acha que ela pode fazer mal a si própria? – perguntou Alex, sentando-se mais direita, de olhos atentos.

Samir abanou a cabeça, de forma sombria.

– Não sei, mas acho que não – disse ele. – Ela não está bem... ela... – Foi vencido pela emoção. Parecia apertar todos os músculos do rosto para ganhar compostura, mas um soluço reprimido escapou, mesmo assim.

– Diga-me o que se passa – disse Alex. – O que se passa *realmente*, Samir?

Samir conseguiu fazer umas respirações irregulares, acenando várias vezes com a cabeça, numa rápida sucessão para indicar a sua vontade de ser aberto.

– Precisamos de localizar o seu cunhado, o Ken, e depressa – disse ele.

– Acabei de vê-lo – respondeu Alex sem hesitar. – Depois do confronto

com o Homem Peste, foi para casa descomprimir.

Samir assimilou esta informação.

– Bem, isso faz-me sentir um pouco melhor – disse ele. – Mas continuo preocupado. Eu próprio me teria aproximado do Ken, mas... eu sei o que ele pensa de mim, o feitio que tem, e eu não queria instigar um confronto volátil, de modo que vim antes ter consigo. Permitam-me que explique... – Fez novamente uma pausa, por precisar de inspirar profundamente, e estremeceu ao de leve como se sentisse dor.

– Eu e a Mandy... nós... bem, não estamos numa boa situação. Eu sei que desconfiaram que se passa alguma coisa entre nós, e não se enganam, mas, repito, não é o que pensam. Não sou um marido abusivo. Nunca faria mal à minha mulher. Nunca. Eu amo a Mandy de todo o meu coração. E durante muito tempo, fomos bastante felizes. Tínhamos muito em comum: as carreiras, objetivos familiares. O nosso futuro era brilhante e cheio de esperança. Mas tudo isso foi antes de o Asher morrer.

– Asher? Quem é o Asher? – perguntou Alex.

– O meu filho mais novo. – A dor era audível na voz de Samir. – Ele morreu. Afogou-se numa piscina em casa do meu cunhado, quando tinha apenas dois anos.

A notícia atingiu Alex com a precisão de uma flecha. Ocorreu-lhe o desastre que tinha sido o Dia de Ação de Amigos, lembrando as paredes de gesso branco da casa dos Kumars, e a sensação fria e impessoal de cada divisão, destituída de fotografias de família. Lembrou-se de perguntar a Samir se ele tinha mais do que um filho e de como se tornou evasivo quando ela foi mais incisiva. Agora sabia porquê.

– Tenho muita pena – disse Alex.

– Sim. Obrigado – respondeu Samir. – Ficámos todos em choque e profundamente deprimidos, como podem imaginar, mas ninguém mais do que a Mandy. – Aclarou a garganta, como se quisesse abrir caminho para as palavras que viriam.

– Em termos clínicos, diagnosticaram-lhe uma depressão. Por fim, com muita paciência, terapia e antidepressivos, ela *pareceu* melhorar. Mas nunca mais foi a mesma. Eu esperava que pudéssemos retomar a nossa vida o melhor que conseguíssemos e, com o tempo, a Mandy pareceu ultrapassar o pior da sua dor e chegar a uma posição que eu julgava ser de aceitação.

»Naturalmente, lamentaremos para sempre a morte do Asher, mas a vida é para os vivos, como sempre disse à Mandy e ao Jay. E foi exatamente isso que fizemos: começámos a viver novamente, só que agora como uma família diferente, uma família de três pessoas, para sempre com um buraco onde Asher teria estado. Conseguimos viver assim durante muitos anos, mas a esperança que eu tinha imaginado para o nosso futuro... só conseguia ver uma miragem. A Mandy estava de volta, mas não estava inteira. Eu ficava de coração partido por ela diariamente. Era esmagador para mim que não pudesse resolver a situação, que não pudesse aliviar a sua dor.

»Dez anos após a morte do Asher, decidi tentar algo novo. Planeei uma escapadinha em casal. O nosso aniversário estava a chegar. O Jay era adolescente e tinha um amigo da confiança da família onde ficar. A viagem era para que eu e a Mandy restabelecêssemos a nossa relação e, com sorte, começássemos a construir de novo.

– Funcionou? – perguntou Alex.

– Eu julguei que sim – disse Samir. – No final, ela *era* uma pessoa diferente. Mais leve. Cheia de entusiasmo. Parecia ter redescoberto o propósito da sua vida. O trabalho voltou a inspirá-la. Nem sequer os problemas do Jay atrapalharam a sua energia recém-descoberta. Mas... eu continuei cauteloso. Sentia que alguma coisa não era... não sei bem qual é a palavra... *autêntica*, acho eu. Era como se ela tivesse passado do muito fundo para as alturas, depressa de mais. Senti que ela estava melhor em alguns aspetos, mas distante de mim noutros. Era como se ela estivesse numa missão e eu não fizesse parte dela. Clinicamente, alguma coisa não estava bem, mas eu não conseguia compreender bem o que era.

– Segundo me lembro, ela estava muito entusiasmada com a mudança para Alton Road – disse Brooke.

– E foi por isso que não me opus – disse Samir. – Eu queria que ela fosse feliz. E a mudança para este bairro foi algo que ela sentiu muito fortemente, tanto que, com o tempo, comecei a sentir-me extremamente desconfortável com a decisão. Porquê este bairro? Estava sempre a perguntar a mim mesmo. Nós não tínhamos amigos aqui, é mais longe do nosso trabalho e não precisávamos desta casa grande com um filho adulto que ia acabar por estar de novo por sua conta... ou assim *esperávamos*. Nada fazia realmente sentido. Foi quando comecei a reparar nas suas interações com os nossos novos vizinhos, tentando decifrar as suas motivações.

– Com o Ken em particular, aposto – disse Brooke. – Sabe que ele e a Mandy andaram juntos na escola?

Se Samir ficou surpreendido por Brooke ter tomado conhecimento da história que eles tinham em comum, não se notou no seu rosto.

– Sim, acabei por descobrir isso por mim mesmo, mas *depois* da mudança. Comecei a perguntar-me: *Será que ela queria estar perto do Ken ou foi simplesmente uma coincidência?* Nada disso fazia sentido para mim, e foi por isso que investiguei todos vocês. Cada um, vizinho a vizinho, fiz a minha pesquisa, compilei apontamentos, convidando-os para uma confraternização...

– O Dia de Ação de Amigos não foi ideia da Mandy?

Samir respondeu com um leve abanar de cabeça.

– Não, foi minha, mas a Mandy estava feliz por receber – disse ele. – Apreendi algumas coisas no jantar, mas não o suficiente para chegar a uma conclusão. Foi preciso tempo, pesquisa e observação para eu desenvolver uma teoria que, honestamente, não estava disposto a aceitar totalmente; eu *não podia* aceitá-la. Mas também não podia ficar parado. O melhor que eu podia

fazer era tentar manter a Mandy debaixo do meu olhar atento e certificar-me de que ela estava a tomar os seus medicamentos psiquiátricos, não só para o seu bem-estar, como também para a segurança dos outros.

– Segurança dos outros? – repetiu Alex. – O que quer isso dizer?

O rosto de Samir parecia tão perturbado que Alex deu por si a mexer-se, pouco à vontade, no assento. Brooke também parecia tensa e rígida. Algures ali perto, o tiquetaque suave de um relógio mantinha uma batida constante, que combinava com o ritmo do coração de Alex.

– Convenci-me de que a Mandy nos trouxe aqui numa espécie de missão: ela queria mudar-se para Alton Road especificamente para estar perto do seu cunhado, Alex. Ela veio para aqui por causa do Ken.

– E porque faria isso? – perguntou Alex.

– Numa situação normal, eu não partilharia a história da Mandy, mas estas circunstâncias são realmente extremas.

– O que lhe aconteceu? – perguntou Brooke com compaixão.

– A Mandy mudou-se para uma nova cidade no décimo segundo ano – começou Samir. – Queria desesperadamente sentir-se inserida e houve um rapaz em particular que lhe prestou muita atenção.

– O Ken? – perguntou Alex.

Samir assentiu.

– Uma noite embebedou-se numa festa. Não se lembrava de ter dito que sim, mas certamente não estava em condições de consentir. No dia seguinte, o Ken deixou de falar com ela. A Mandy ainda não tinha feito outros amigos e sentia-se muito isolada e sozinha. Havia conversas à boca pequena na escola; podem imaginar o que se disse. Quando ela estava no fundo, um rapaz generoso, que se movia nos mesmos círculos do Ken, veio em seu socorro. Era extremamente simpático. E também popular. Comprou-lhe flores. Levou-a ao cinema. Não tardou a que ela pensasse que estavam apaixonados. Mas depois de dormiram juntos, ele deixou de falar com ela, tal como o Ken tinha feito, *ghosting*, é o termo que se usa hoje, como se ela fosse um fantasma. Naquela época, acho que diríamos que lhe fizeram vista grossa.

– Que horrível para ela – disse Alex.

– E vai piorar – disse Samir. – Mais uma vez, houve burburinho. Podem imaginar os nomes que lhe chamaram. Vários rapazes fizeram avanços inapropriadas, esperando coisas dela. Ela não entendia como toda a escola parecia saber pormenores íntimos sobre os seus relacionamentos.

»Ela teria permanecido confusa se não fosse uma rapariga tímida que, um dia, se aproximou dela com algumas informações inquietantes. Acabou por se verificar que as suas relações com aqueles dois rapazes faziam parte de um jogo elaborado; era tudo frio e calculista desde o início. Sabem, é que os rapazes tinham começado um jogo de apostas, com metade da escola a participar, em como os dois conseguiriam fazer sexo com a nova aluna dentro de dois ou três meses.

»A outra rapariga mostrou-lhe a folha de papel usada para acompanhar

as apostas e o dinheiro trocado. Parecia que toda a gente sabia das apostas... todos, claro está, menos a Mandy. Ela ficou tão perturbada que pensou em matar-se, mas decidiu contar a verdade aos pais. Eles eram bastante conservadores e, sem surpresa, culparam a Mandy pelo que aconteceu. Os rapazes receberam um raspanete, ao passo que a Mandy teve de ser transferida para outra escola. Mas ela nunca recuperou realmente, nunca fez amigos próximos nessa nova escola, nunca escapou da sombra do que aqueles rapazes lhe fizeram. Acho que, num certo sentido, ela se culpou por deixar aquilo acontecer. Seja como for, o calvário seguiu-a muito depois da formatura.

Alex recordou a gravação de Ken e Mandy, na câmara de segurança, quando estavam no deque das traseiras dos Kumars. Viu a verdade por detrás daquela interação: não era romântica, era hostil.

– Porque é que ela haveria de querer estar perto dele? – perguntou Alex.  
– Para se vingar? Para torturá-lo com a sua presença? Deixá-lo desconfortável o tempo todo? Destruir o seu casamento? Porquê?

– Eu tenho a minha teoria – disse Samir.

Antes que ele pudesse partilhá-la, Brooke interrompeu-o, a voz trémula de emoção.

– O outro rapaz – disse ela –, como se chamava?

– Tu sabes o nome dele – respondeu Samir, em tom baixo. – E aquela viagem de aniversário que fiz com a Mandy há alguns anos, aquela que a deixou a sentir-se mais leve, melhor, eufórica... foi um cruzeiro.



## Capítulo 49

### Lettie

Sou adolescente, portanto as campainhas vêm em segundo lugar, depois dos SMS, que escrevo enquanto estou de pé no degrau da frente do Jay. A minha paciência é curta, acabo por tocar à campainha. Como ele não atende suficientemente depressa, sigo com outra mensagem, implorando-lhe que venha à porta.

Finalmente, ele aparece, de camisa cor de lavanda e calças de ganga desbotadas, com um ar *sexy* como sempre. Está de mocassins, sem meias, e, sem surpresa, com um cigarro eletrónico na mão.

– Que tal, Lettie? – pergunta.

Se a minha série de SMS alarmantes o perturbou, não o deixa transparecer. Se puséssemos a sua descontração de marca numa garrafa, o mundo seria muito mais relaxado, isso é certo.

– Tenho de te perguntar uma coisa, e não me mintas – digo eu.

Ele convida-me a entrar, mas não estou com vontade. Quero uma maneira fácil de escapar, caso tudo me expluda na cara.

– Acho que vou ficar aqui mesmo, obrigada.

Por um momento, parece magoado, mas eu não sinto compaixão nenhuma. Faz uma pose desafiadora e eu vejo toda a expressão escorrer do seu rosto, tornando-o mais difícil de interpretar. Está na defensiva. Sabe o que se passa e desconfio que sabe porque estou aqui.

– Vou fazer-te uma pergunta e quero uma resposta verdadeira – digo. – Estás a chantagear o meu primo?

O Jay não vacila, nem sequer pestaneja. Sustenta o meu olhar com uma expressão penetrante.

Dou um passo para trás até os meus calcanhares saírem da berma do degrau de pedra.

– Estás? – volto a perguntar.

O Jay quebra o contacto visual. Sinto-me simultaneamente satisfeita e confusa. Já me respondeu, mas ainda quero que ele o diga.

– Porquê? – pergunto. – Porque é que farias uma coisa dessas?

Não me dou ao trabalho de mencionar o meu trabalho de detetive rasca. Não há necessidade de lembrar ao Jay que ele uma vez me mostrou um vídeo de uma conversa privada entre os pais, que obteve pirateando a câmara do portátil deles. Não tenho dúvidas de que o Jay fez o mesmo ao Dylan, captando-o nalguma posição comprometedora, por razões ainda desconhecidas.

– Ele é da minha família – lembro-lhe. – Julguei que fosses meu amigo.

A pressão aumenta no meu peito e nos meus olhos, mas recuso-me a deixar que as minhas emoções levem a melhor. Agora acho que o Jay é uma espécie de sociopata e não lhe vou dar a satisfação de me ver sofrer.

O Jay põe o cigarro eletrónico na boca, dá uma passa. Estou farta do *vaping*, por isso agarro no aparelho a meio do sopro e atiro-o para trás de mim, onde aterra na relva.

Jay cospe uma pluma de vapor.

– Diz-me porquê – volto a exigir, com os dentes cerrados.

– Chama-lhe carma – diz o Jay.

– Carma?

– Sim, o meu peixe graúdo não era o Dylan. Era o teu tio Ken. Mas os pecados do pai são visitados nos filhos – diz. Acho que ele está a parafrasear a Bíblia. – Fazer mal ao Dylan causou mais sofrimento ao teu tio, por isso foi assim que o justifiquei, a tudo: mostrar-lhe a fotografia da Riley com o Gajo do Chapéu, e aquele vídeo também.

– Do que estás a falar? – Abano a cabeça como se tivesse os ouvidos tapados. – O que é que o tio Ken tem a ver com isto?

– Muito. – O Jay faz um sorriso malicioso. – Consegui o suficiente sobre ele para receber honorários de vinte e cinco mil.

– O meu tio pagou-te vinte e cinco mil dólares? – Fico de boca aberta. – Jay, tu és um criminoso.

Ele gira o braço como se quisesse mostrar-me a tatuagem.

– Sim, acho que sou. – Se a admissão o incomoda, não fica registado no seu rosto.

O meu instinto é recuar, mas arriscar-me-ia a cair das escadas. Finco pé.

– Creio que eu e o teu tio temos algo em comum: esse elemento criminoso.

– O que é que isso quer dizer?

– Quer dizer que ele não é bom tipo, Lettie. Olha, eu sinto-me uma merda por causa do Dylan, *okay*? Deixei-me levar e não devia ter ido atrás dele como fui.

O Jay pode ter ido longe demais, mas fui eu quem trouxe o escorpião para dentro de casa. Não sou um anjo.

– Tu salvaste-o... salvaste a vida do Dylan. Telefonaste-me e... – Paro a meio da frase. Fico sem fôlego. As palavras não saem. E depois: – *Ainda* estavas a observá-lo, não estavas?

O Dylan não seria descuidado com o computador, depois de ser chantageado. Então, como é que o Jay sabia que o Dylan estava em crise? Foi então que me lembrei da pedra atirada pela janela na véspera de Natal e da conversa dura do tio Ken sobre uma segurança melhor e sobre apanhar o merdas que fez aquilo. A sorte de o Jay andar fora de casa mais ou menos no mesmo momento em que o Dylan andava aos tropeções pelo relvado não foi sorte nenhuma.

– Tu *hackeaste* a câmara de segurança da campainha deles, não foi?

O Jay acena, sem hesitação, mas também sem orgulho. Uma mera declaração de facto.

– Sim, tenho um *feed* dela a correr para o meu computador, por isso eu estava no andar de baixo a trabalhar quando o Dylan saiu a cambalear. Chamou-me a atenção. Pareceu-me que não estava bem e conheço a pedrada de opiáceos. Peguei no *Narcan* e liguei-te.

– É por isso que paraste de o chantagear – digo. – Porque te sentiste culpado por ele ter tentado suicidar-se e achaste que era por tua causa.

– Sim – diz ele. – Eu não devia ter andado atrás dele e lamento tê-lo feito.

– Ele é boa pessoa. Não merecia aquilo. – A culpa arranca outra grande dentada de mim.

– E a minha mãe não merecia ser violada e humilhada pelo teu tio – diz o Jay.

– Do que estás a falar? Isso não faz sentido. – A minha voz ergue-se com raiva.

– Estou a falar do teu tio e da minha mãe terem andado na escola juntos, onde ele a perseguiu, lhe mentiu, a violou e não lhe aconteceu nada.

– Como sabes isso? – pergunto.

– Porque eu não só *hackeei* o computador pessoal do meu pai, como também encontrei todos os apontamentos dele, anotações que ele tem compilado sobre o teu tio... e todos vocês, na verdade.

– Apontamentos sobre nós? Sobre o meu tio? Jay, tu pareces louco.

A minha acusação não o atrapalha.

– Já é mau o suficiente a minha família ter ficado desnorteada com a morte do Asher – diz ele. – Era escusado a minha mãe sofrer anos a fio por causa do que o teu tio lhe fez.

Calo-me de tão atordoada.

– Não foi fácil para mim crescer numa família tão desastrosa – continua o Jay. – Fiz muita terapia, enfiaram-me toda a espécie de medicamentos pela goela abaixo. A minha mãe também fez. Mas o teu tio Ken consegue ter a sua vida perfeita e a vida do Dylan também parecia terrivelmente idílica, vista de fora. Portanto, decidi que alguém tinha de ajeitar a balança da justiça para equilibrar as coisas.

Não consigo processar tudo o que ele me está a dizer. A minha mente ficou em branco.

– Acho que não queres saber tudo o que eu sei – diz ele, trazendo-me de volta. – Não deixa de ser teu tio. Não deixa de ser da tua família.  
– Acho que mereço saber – digo. – Conta-me tudo.  
O Jay baixa a cabeça, pensativo, sem dizer uma palavra.  
– Entra – diz ele. – Vou mostrar-te uma coisa lá em baixo.  
Dou um passo para a porta, mas paro.  
– Não – digo eu. – É melhor não. – Não sinto necessidade de explicar.  
– Okay – diz o Jay. – Como queiras. Fica aqui. Eu trago-ta. – Desaparece dentro de casa, fechando a porta atrás de si.

Por falta do que fazer, começo a olhar para o meu telemóvel, a percorrer publicações aleatórias nas redes sociais, sem conseguir prestar muita atenção a nada. A música está aos berros e dois ou três pais entusiastas estão a empolgar as crianças com bombinhas, um prelúdio para a exibição de foguetes desta noite, que é sempre uma espécie de decepção. Os foguetes são ilegais em Massachusetts, mas usamo-los de qualquer maneira na festa do quarteirão, mantendo-os intencionalmente pequenos: um par de foguetes de garrafa, candelas romanas e foguetes-bomba, que parecem nunca chamar a atenção do departamento de polícia de Meadowbrook. Cada estalo forte dos minúsculos explosivos faz-me saltar, fazendo-me pensar no Dylan e na arma desaparecida.

As crianças gritam e disparam em todas as direções quando um foguete-bomba não explode como esperado. Lá acaba por estourar. Uma pequena nuvem de fumo levanta-se do resto. Ocorre-me a memória de Dylan a dizer qualquer coisa sobre o tio Ken às vezes limpar a arma no seu escritório. E depois penso: O Homem Peste. Pedras por uma janela é uma coisa. Balas é outra.

Mando uma mensagem à minha mãe. *Não estou em pânico. Ainda não. Onde estás?*

Não vejo a resposta dela porque o Jay voltou, e tem alguma coisa na mão. É um telefone, mas definitivamente não é dele. O estojo é rosa-claro, muito feminino.

– Na véspera de Ano Novo, o Dylan atirou isto para o relvado da frente. Vi-o fazer isso no *feed* da minha câmara, enquanto o observava aos tropeções.

– Isso é o telemóvel da Riley? – pergunto.

O Jay acena com a cabeça.

– Tiveste-o este tempo todo?

Acena outra vez.

– Merda, Jay. Tu és *mesmo* destrambelhado.

Desta vez não há aceno, mas não é preciso. Vejo nos seus olhos que concorda. Penso brevemente em Asher, o irmão dele, a afogar-se, o Jay a culpar-se pela sua morte e o que isso lhe deve ter feito. Não é uma desculpa, mas pode ser o início de uma explicação.

– Eu nunca te quis mostrar isto, Lettie. Estava meio à espera de poder deixar tudo passar, sem te dar este fardo. Gosto mesmo de ti, em todos os

sentidos. Acho que és incrível. Mas o teu tio, esse é outra história. Portanto, acho que se queres saber, vais ter de me perguntar de novo. Tens de o dizer, Lettie. Desta vez, vais ter de pedir para ser picada.

Quero ir-me embora. Voltar para a festa. Fazer um cachorro vegetariano. Beber um refrigerante. Quero voltar atrás no tempo, para quando adorava fazer de DJ na festa do quarteirão, quando achava que a minha mãe e o meu pai governavam este mundo como seres oniscientes, voltar a um tempo em que a minha família e a minha família alargada pareciam ser uma grande unidade feliz. Quero inalar a inocência da juventude e deixar que tome conta do meu cérebro, deixar-me esquecer toda esta loucura. Mas não posso desviar os olhos. Tenho de saber.

– Mostra-me – digo.

O Jay acena.

– O telefone foi fácil de *hackear*. Mas não será tão fácil para ti recuperares. Quando eu te mostrar, não haverá volta a dar, Lettie.

Eu aceno de novo. O meu coração bate na minha garganta.

Jay segura o telefone. Mostra-me o que não queria que eu visse. Ouço um estalo de foguetes, e outro estouro pouco depois.

E solto um grito.

## Capítulo 50

Toda a gente teve um sobressalto quando a campainha tocou, incluindo Samir, que era tipicamente reservado. Quando Brooke abriu a porta, pareceu ter um segundo abalo.

– O que está aqui a fazer? – perguntou Brooke.

– Não estou a vender nada, portanto pode deixar a encenação de raiva – disse uma voz familiar.

Alex saiu da sala de estar e viu o Homem Peste de pé no degrau da frente, segurando o boné verde na mão. Os seus olhos grandes estavam ainda mais entóxicos do que o normal. O suor fazia com que o seu cabelo fino e escuro parecesse gorduroso.

– Não é nenhuma encenação – disse Brooke. – A polícia esteve aqui e quase acabou com a festa por sua causa, ou já esqueceu isso?

– Olhe, eu sei que não sou popular por estas bandas, mas não sou um tipo mau. E estou aqui a fazer um serviço cívico, *okay*?

– Ah! Que serviço? – perguntou Alex.

– Fui tentar desanuviar o ambiente com o sujeito que me agrediu – disse o Homem Peste.

– O sujeito? Quer dizer o meu cunhado?

– Sim, eu sei. Ken Adair. Também conhecido como a barata que fez com que eu fosse despedido. Adiante. Eu sei quem todos vocês são. É por isso que estou aqui. Vi-os entrar nesta casa e achei que deviam saber.

– Saber o quê? – perguntou Alex.

– Há alguma agitação na casa do seu cunhado – disse o Homem Peste. – Ouvi alguma coisa. Vozes levantadas, definitivamente uma discussão. Parecia acalorada, ouvi linguagem ameaçadora, mas não consegui identificar nenhuma voz, exceto a do Ken. Ele não me pareceu bem, de maneira que toquei à campainha, mas não obtive resposta. Eu podia ter deixado a coisa ficar por ali, mas, sabem, não é o que um bom vendedor faz. Um bom vendedor olha para além das queixas e apresenta sempre um serviço de qualidade.

– Chamou a polícia por causa dele – disse Alex. – Não é propriamente deixar passar em branco.

O Homem Peste fez um grande espetáculo de indignação.

– Não apresentei queixa, pois não? E eu estou aqui para lhes dizer que alguma coisa se passa lá em cima. Tenho faro para este tipo de coisas. Vai-se a casas suficientes, conhece-se as pessoas loucas, se é que me estão a entender – disse ele, com uma piscadela que Alex achou desconcertante.

– Com certeza reconhece os sinais de loucura – murmurou Brooke.

– Bem, bem, não há necessidade de chamar nomes. – O Homem Peste fez uma vénia excessivamente teatral, como se Brooke fosse uma bela donzela. – Mas um aviso é um aviso. Eu podia ter posto o assunto de parte. Não gosto do homem, mas não quero que ele se meta num problema maior.

Alex não viu necessidade de esperar mais tempo.

Samir, que se tinha juntado ao grupo no *hall*, partilhava o alarme dela.

– Mandy – disse entre dentes.

– Eu e a Alex vamos ver o que se passa – disse Brooke a Samir. – Sem ofensa, mas o Samir pode fazer escalar as coisas... inadvertidamente, talvez, mas, mesmo assim, deve manter-se afastado do Ken.

– Acho que o meu trabalho aqui está feito – disse o Homem Peste, com a sua voz estranhamente nasalada. – Se calhar, deixo-lhes só um panfleto.

Enfiou a mão na mala à tiracolo, mas Brooke já estava do lado de fora, a fechar a porta atrás de si, quando Alex e Samir se juntaram a ela no degrau da frente.

– Guarde isso para mais tarde – disse Brooke. – Se foi útil, prometo que vou ser uma cliente para toda a vida.

O Homem Peste sorriu.

– Nesse caso, mencionou o nome da Mandy, certo? – Estava a olhar para Samir. – Anda à procura dela? É que eu a vi.

Alex e Brooke foram-se embora sem ouvir mais. Puseram-se a andar pelo caminho de acesso, ao passo que Samir ficou para trás para ouvir o que o Homem Peste tinha a dizer.

Alex reparou que Lettie conversava com Jay Kumar no degrau da frente da sua casa, quando passou à pressa. O que se passava com aqueles dois? Não teve tempo de pensar muito nisso.

Uma rajada de foguetes explodiu quando eles se aproximaram da casa de Ken, fazendo Alex sobressaltar-se. Quando chegaram à porta da frente, Alex ouviu-os de novo.

*Pop. Pop.*

Teve um sobressalto, sem saber ao certo a origem do barulho. Decidiu que a música estridente e a agitação da festa tinham feito com que o eco de ricochete do foguete fizesse parecer que tinha sido aceso *dentro* da casa.

Entrou na casa com um misto de emoções: apreço pelo Homem Peste (grande surpresa), preocupação com o bem-estar de Ken e uma aversão total pelo seu comportamento abominável e criminoso com Mandy. E... medo?

Qualquer que fosse a comoção que o Homem Peste tivesse ouvido, tudo parecia tranquilo agora. Alex seguiu cautelosamente pelo corredor. Um cheiro

estranho chegou-lhe às narinas. Alguma coisa se queimou. Será que *tinha* rebentado um foguete no interior?

– Ken, precisamos de conversar – disse ela.

Não houve resposta.

O escritório de Ken não ficava longe da entrada da frente. Alex dirigiu-se para lá, com Brooke ainda na retaguarda. As janelas de correr estavam abertas quando Alex se aproximou. Viu Ken de pé no escritório, de costas para ela.

– Tenho estado a chamar-te – disse Alex, ao atravessar o umbral.

Só quando o vulto se virou é que Alex percebeu que estava enganada; a sua mente pregou-lhe uma partida, fazendo-a ver quem ela esperava ver.

Não foi Ken que a enfrentou, mas Evan Thompson.

Os olhos esbugalhados e vítreos de Evan – claros indícios de que ele estava sob a influência de alguma coisa – voltaram-se para Alex. A sua expressão irradiava um grau de loucura que a abalou antes mesmo de perceber que ele segurava uma arma.

O cheiro inconfundível de pólvora pairava no ar, forte e pungente. Atordoado como se tivesse acabado de sofrer um acidente, Evan desviou-se para a esquerda, revelando o vulto inerte de Ken deitado de bruços, imóvel no chão de madeira, o corpo mergulhado numa poça de sangue fresco.

Alex soltou um grito, interrompido quando Evan a agarrou pelo braço, puxando-a para longe da porta. Deu-lhe um empurrão duro por trás que a fez tropeçar até cair nas estantes em frente à entrada. A dor disparou-lhe pelo braço.

Brooke gritou quando Evan pegou nela para a levar para dentro, puxando com tanta força que a atirou ao chão, não muito longe de onde Ken estava imóvel.

Alex rodopiou, mas não avançou porque Evan tinha a arma apontada ao seu peito.

– Oh, merda... Oh, merda! – gemeu Evan. Passou a mão repetidamente pelo cabelo, puxando ansiosamente as raízes. A arma permanecia firme na sua outra mão, embora a sua respiração fosse irregular. – Vocês as duas não deviam estar aqui – disse ele, parecendo mais chocado do que irritado.

– Isso é claro – disse Alex sem fôlego, de coração acelerado. – Evan, o Ken está vivo? Ele precisa de ajuda médica. Deixa-me pedir ajuda.

Evan riu sem alegria.

– Pois, isso não vai acontecer – disse ele. – Alex, atira o telemóvel ao chão. Agora. Tu também, Brooke. Depois vê se tem pulso, sim? – disparou.

O comportamento de Evan deixava poucas dúvidas na cabeça de Alex sobre o que aconteceu a Ken não ter sido um acidente, sobre o vizinho ter provavelmente cometido homicídio. Como tinha uma arma, Alex não se ia opor à vontade de Evan. Tinha uma filha em que pensar, a sua própria vida para considerar.

Atirou o telemóvel ao chão, mas não para perto de Evan. Ele teria de lho



pedir, talvez estender a mão para o agarrar, e então talvez ficasse à distância de um bom chuto. Brooke, que ainda estava no chão, aparentemente em choque, também pegou no seu telefone. Também ela o colocou fora do alcance de Evan, talvez pensando o mesmo que Alex.

– Empurrem-nos para mim – disse Evan, usando a arma para traçar uma linha imaginária dos telefones até onde ele desejava que ficassem.

*Lá se vai o plano.* Alex e Brooke seguiram as suas ordens.

– Agora o pulso – disse Evan. – Preciso de saber.

Tremendo de susto, Brooke fez o que lhe foi pedido, segurando o pulso frouxo de Ken e depois aplicando pressão com os dedos.

– Não tenho formação – disse ela passado um momento, com pânico na voz. – Mas não sinto nada.

– Evan, por favor, deixa-nos ajudar – disse Alex. – Ele pode ainda estar vivo.

– Sim, sim – disse Evan. – Pois pode. – De alguma forma, conseguiu parecer aliviado e decepcionado ao mesmo tempo. – Brooke, vai para o pé da Alex, sim? – Usando a arma como ponteiro, direcionou Brooke para onde queria que ela fosse.

Alex não conseguia conciliar a incongruência da cortesia de Evan com a gravidade da situação. Ela e Brooke ficaram de costas para a parede de estantes.

Evan fez manobras até à mesa de Ken, onde os planos arquitetônicos para a ampliação estavam espalhados. O seu movimento criou uma abertura para Alex escapar, mas ela não ousou tentar a fuga. Demoraria um segundo – menos do que isso, até – para Evan lhe pôr uma bala nas costas.

Do tampo da mesa, Evan retirou uma garrafa meio vazia de *Johnnie Walker Blue Label*, a bebida sagrada de Ken. Tirou-lhe a tampa, levou a garrafa aos lábios e bebeu um longo gole. Tremia muito. Depois de engolir uns quantos goles consideráveis, bebeu uma última vez, diminuindo significativamente o conteúdo da garrafa.

Brooke falou.

– Evan, por favor. Tens de ser razoável. Precisamos de ajudar o Ken!

– Ajudá-lo? – gritou Evan. – Ajudar? *Okay*, vamos *ajudar* o Ken. Acabei de não o deixar ir para a prisão por violação. – Examinou o vulto imóvel de Ken, levantando a garrafa como que para fazer um brinde. Bebeu mais. Ao afastar a garrafa dos lábios, ele disse: – Aí tens, Ken. Fico feliz por ajudar.

– Olha, nós sabemos da Mandy – disse Alex –, sabemos o que o Ken lhe fez no liceu, mas isso não é motivo para...

– A Mandy?! – gritou Evan, interrompendo Alex a meio da frase. – Quero lá saber da Mandy Kumar. Estou a falar da minha *filha*, estou a falar da Riley.

## Capítulo 51

### Lettie

Vejo a minha mãe a andar em direção à casa do tio Ken com a Brooke, por isso vou atrás. O Jay sabe para onde estou a ir e não faz nenhuma tentativa de me impedir. Pergunto-me se a minha mãe saberá o que acabei de descobrir com o Jay: a prova fotográfica que não posso voltar atrás e não ver.

No instante em que ponho o pé na casa do tio Ken, sei que alguma coisa de mal se passa. Um cheiro estranho paira, pesado, no ar. Ouço a voz do Evan pelo corredor, vinda do escritório do Ken.

– Ela é uma miúda – diz o Evan, e imediatamente sei do que está a falar.

As fotografias no telefone da Riley eram explícitas.

O Ken e a Riley. O homem mais velho com quem ela andava – o Gajo do Chapéu – era o pai do namorado e meu tio. Nunca consegui vê-lo bem, não reparei no carro do tio Ken no hotel nem lhe vi a cara no bar naquela noite nebulosa e chuvosa, mas agora sei e tudo faz sentido: perfeito, horrível, terrível.

Não admira que o Dylan tivesse deixado de falar ao pai. Não foi à toa que teve uma *overdose* e atirou fora o telemóvel. A sua tentativa de suicídio teve muito mais que ver com a traição do pai do que com qualquer envolvimento meu.

Eu já tinha visto o Dylan usar o telefone da Riley antes. Não lhe pediu o código na altura e acho que ela não pensou em mudá-lo depois de eles terem terminado. O Dylan já se achava uma desilusão, mas acrescentar a isso a ameaça de chantagem e a descoberta doentia de que o pai andava a dormir com a sua namorada? Seria demasiado para quase qualquer um, diria eu, mas especialmente para alguém tão sensível como o meu primo Dylan.

Mas não consigo pensar em Dylan ou nas fotografias que a Riley tinha no telemóvel: *selfies* dela e do tio Ken na cama juntos, os corpos nus escondidos pelos lençóis, graças a Deus. Só consigo pensar na segurança da minha mãe. Vi-a entrar em casa e ouvi um tom de voz do Evan de que não gosto. Não tenho a certeza do que se passa, embora tenha uma sensação

profunda e sombria de que a minha mãe está em grave perigo.

O instinto diz-me para manter o silêncio, mas a necessidade de ver o que se passa faz-me aproximar, centímetro a centímetro, do escritório do tio Ken, no primeiro andar. As minhas costas pressionam a parede enquanto percorro o meu caminho pelo corredor, com medo de que o meu coração palpitante me denuncie.

– Ele dormiu com ela. Ele *anda a dormir* com ela. Faz sexo com a minha filha – diz o Evan em voz alta. – A Willow disse-me que ela andava com um homem mais velho e eu decidi seguir a Riley, ver esse gajo com os meus próprios olhos, já que ela não me dizia nada sobre ele. Perseguir é uma coisa em que sou bom... não é assim, Brooke?

O Evan parece desvairado: a sua fala é corrida, distorcida e as suas palavras são arrastadas como se tivesse estado a beber.

– Eu não tinha a intenção de fazer isto – diz ele. – Não vim aqui para disparar. Eu só queria confrontá-lo. Disse-lhe que vinha cá, que queria conversar, só isso. Mas ele deve ter sabido ou, pelo menos, desconfiado do que se tratava, porque tinha a arma no escritório, em cima da secretária, mesmo à sua frente.

O Evan faz uma pausa. Ouço um som líquido, que deduzo vir dele a tomar uma bebida. Tosse como se fosse abrasivo a descer.

Neste momento, estou a cerca de meio metro da entrada do escritório do Ken, mas não me atrevo a fazer-me visível. Também tenho medo de pegar no telemóvel, porque receio que faça barulho se eu tentar mandar uma mensagem ao meu pai.

– Então eu disse-lhe – continua o Evan: – «Ken, seu merdoso, como é que tu pudeste dormir com a Riley?» E quando dou por mim, está ele com a arma apontada para mim. *Para mim!* Eu sou o pai da vítima dele e ele trata-me como um criminoso? E então saco da arma. Fui muito mais rápido do que ele imaginou e o Ken sempre sobrestimou a sua destreza atlética. Lutámos um bocado, mas eu ganhei.

»Quando sou *eu* que tenho a arma apontada para *ele*, já não é tão duro. Começa a implorar pela sua vida, a dizer-me que podemos resolver o assunto a conversar. Mas eu fico tipo: «Resolver o quê a conversar? Não podes reparar o que fizeste. Aproveitaste-te de uma menor, nada mais nada menos do que a minha filha. Chama-se violação com consentimento, sabes. Achas que mereces perdão? Não mereces uma segunda oportunidade. Não podes voltar atrás no que fizeste.»

»E depois dei-lhe um tiro. Foi isso que aconteceu. Foi exatamente isso que aconteceu. Atirei-lhe e pronto: três vezes no peito.

Tapo a boca com a mão para evitar que saia um grito. Quando o faço, vejo a porta da cave abrir-se lentamente... e sem fazer barulho, graças a Deus. É a Mandy Kumar, movendo-se furtivamente como imagino que faça um ladrão.

*O que é que a Mandy Kumar está aqui a fazer? Porque é que ela vem da*

*cave?*

Deixo passar. Não há tempo para isso.

Os nossos olhos encontram-se. Antes que ela possa dizer alguma coisa, ponho o dedo nos lábios. O olhar urgente no meu rosto deixa claro que ela precisa de ficar calada. Faço um gesto para que ela se ponha contra a parede à minha frente. Ela vai para lá silenciosamente, como um fantasma.

– Evan, tu disparaste a sangue-frio – diz a minha mãe. – Podes tê-lo *assassinado*.

O Evan ri quase maniacamente.

– Pois... sim, acho que sim. Foi o que fiz – diz ele, como se só agora interiorizasse o sucedido.

– Tens de te entregar – diz a minha mãe. – Temos de tentar ajudar o Ken.

Segue-se a voz da Brooke.

– Este não és tu – diz-lhe ela. – Há uma razão pela qual nunca chamei a polícia por tua causa. Eu *nunca* tive medo de ti. Tu estavas perturbado, só isso, mas não és um assassino.

– Evidentemente, é isso mesmo que eu sou, Brooke – diz o Evan. – E há um grande problema. Acabei de confessar a duas testemunhas. – Ri para si próprio, como se não pudesse acreditar na sua própria estupidez.

Eu também não consigo acreditar na minha, porque estou a pegar no meu telemóvel. Há o risco de me denunciar, mas não posso deixar que o medo me impeça de conseguir ajuda.

Os olhos da Mandy arredondam como a lua. Tenho a certeza de que partilha a minha preocupação. Felizmente, não há bipes, mas as minhas mãos tremem tanto que tenho medo de deixar cair o maldito aparelho. Vou para as mensagens – não posso ligar, não posso falar – e a última mensagem que enviei foi ao Jay, portanto é essa conversa que eu puxo para cima.

O medo e o terror não impedem os meus dedos de funcionar.

Consigo digitar: *Chama a polícia*.

E primo enviar.

Próxima mensagem: *112*

Enviar.

Próxima mensagem: *Homicídio*.

Enviar.

– E agora o que é que eu faço? – pergunta Evan aos seus botões.

Beber, deduzo, porque ouço um gole e mais som líquido.

– Deixa que seja a polícia a tratar disto, Evan – diz a minha mãe. – Não precisas de piorar a situação.

– Piorar? – exclama ele. – Pior do que a prisão perpétua? Não posso fazer isso.

– Não vamos dizer nada – promete a Brooke. – Foi em legítima defesa. Vamos apoiar-te.

– E eu devo confiar em ti, Brooke? Podes não ter tido medo de mim

antes, mas vais ter muito medo de mim agora. Aposto que me vais querer na cela para sempre. Tenho a certeza.

– Evan, o que pretendes fazer? – A minha mãe parece ansiosa. Não, é mais completamente apavorada.

Estou a olhar para a Mandy, que gesticula para eu ver o meu telemóvel. E lá está ela, uma mensagem do Jay.

*Em cima. Fica em segurança. Chamei a polícia.*

Pronto, então só preciso de alguns minutos; posso esperar até isto acabar.

Depois ouço o Evan:

– Já sei: o Homem Peste... esse parvalhão esteve aqui o dia todo. Ele e o Ken engalfinharam-se. E vocês as duas apareceram na hora errada. Vou deixar umas dicas para a polícia sobre o Homem Peste, e pronto. Ninguém além de mim sabe sobre a Riley e o Ken, portanto não tenho motivo.

– Evan, isso não faz sentido – diz a minha mãe. – É um plano louco e não vai funcionar. Nunca poderia funcionar.

– Tens razão, merda – diz o Evan.

A bola de medo apertada no meu peito esvazia ao de leve. Talvez haja esperança.

– Mas... é o melhor plano que tenho. Não tenho mais nada. Lamento fazer isto, Alex. Lamento mesmo.

Tudo abranda nesse momento. Não consigo ver o que está a acontecer dentro do escritório do Ken, mas ouço.

A Brooke diz:

– Evan, tu não precisas de fazer isso! Podemos resolver isto. Este não és tu. Tu não és um assassino!

– Desculpa, Brooke, não era isto que eu queria. Hei de amar-te sempre.

– Evan, NÃÃÃÃO! – grita a minha mãe.

Tenho uma imagem horrível do Evan a levantar a arma, a apontá-la para a minha mãe e para a Brooke: pronto, mirar, disparar.

É aí que o meu corpo e a minha mente se desassociam. Estendo o braço e tiro do prego na parede uma fotografia emoldurada do Logan, que conheço bem de a ter visto tantas vezes ao longo dos anos. O Logan a usar o seu melhor lacrosse depois de um grande jogo, com o braço à volta dos ombros do tio Ken, o cabelo comprido a brilhar do suor do esforço.

Na esperança de poder criar uma breve diversão, dando à minha mãe e à Brooke mais um segundo de tempo, atiro a fotografia emoldurada ao chão com a maior força possível, à frente da porta do escritório. Segue-se um estrondo, quando o vidro que cobre a imagem se estilhaça em inúmeros pedaços.

Um segundo depois, ouço um grunhido do Evan, como se alguma coisa o tivesse atingido. Depois ouve-se outro som, mais aterrorizador, de parar o coração e esmagar a alma que alguma vez hei de ouvir.

Tiros – não um, mas dois.

## Capítulo 52

Alex preparou-se para morrer. Compreendeu que isso iria acontecer dentro de meros momentos. Viu homicídio nos olhos de Evan e só Deus sabia o que estaria a nadar nas veias daquele homem. Tinha-o visto emborcar a maior parte do conteúdo do premiado uísque de Ken e seguramente o álcool haveria de interagir mal com quaisquer narcóticos que Evan provavelmente teria no corpo.

Podia atirar-se a ele, supôs Alex. Ou talvez ela tentasse usar um dos pesa-papéis que havia na estante de Ken como arma. Mas não podia arriscar, especialmente com Evan a levantar a mão, nivelando a arma com a cabeça dela, e com a expressão nos seus olhos a mostrar intenção de premir o gatilho.

Brooke comprou-lhes mais tempo, implorando a Evan que reconsiderasse, jurando que guardariam o segredo dele. *Nós conseguimos resolver isto. Este não és tu. Tu não és um assassino.* Tentou todos os lugares-comuns, mas sem sucesso.

Alex imaginou, por breves instantes, Nick a vir em seu socorro, entrando pela janela como um príncipe salvador, desarmando Evan com um único soco e deixando-o inconsciente. Mas isso não passava de um lampejo de esperança, uma miragem cintilante que a sua mente tinha conjurado para ajudá-la a lidar com o inevitável. Era difícil acreditar que a sua última interação tinha sido a pior de todo o casamento.

Alex preparou-se para o tiro. Um grito desesperado escapou-se-lhe:

– Evan, NÃÃÃO!

Sentiu o peito encovar quando ouviu um estrondo terrível, mas não foi o tiro que ela esperava. Em vez disso, era o som do vidro a estilhaçar em toda a parte.

Sobressaltado, Evan girou no sentido dos distúrbios, olhando pela porta do escritório e para longe de Alex, levando a arma consigo enquanto rodava a cintura.

Alex não hesitou. Era a sua única oportunidade. À medida que Evan se movia, ela também se moveu, alcançando o pesado pesa-papéis de vidro, que estava na estante. Tão depressa estava desarmada, como, sem mais nem

menos, tinha uma arma. Mal teve o objeto na mão, uma esfera de vidro transparente envolvendo um caleidoscópio de pequenas contas coloridas, ficou pronta para a luta. O seu braço avançou como um chicote e ela manteve os olhos presos no seu alvo: a cabeça de Evan, para ser mais preciso.

Com uma descarga de adrenalina, Alex libertou o pesa-papéis para conseguir um golpe certo, ou assim ela esperava. Evan virou costas ao som do vidro a estilhaçar no corredor para enfrentar Alex, que acabara de completar o seu arremesso. Se ele viu o pesa-papéis seguir na sua direção, não teve tempo para se desviar do seu caminho.

De facto, Alex *tinha* desferido um golpe, que atingiu poderosamente o ombro de Evan. Infelizmente, era o ombro esquerdo, ligado ao braço que segurava a garrafa de uísque, não a arma. Evan deixou cair a grossa garrafa de vidro, que aterrou no tapete antigo de Ken com um baque surdo, enquanto a arma, na outra mão, disparava.

A bala perfurou inofensivamente uma parede próxima, lascando o gesso, mas nada mais.

Evan ajustou a mira, olhando diretamente para Alex. Ela pensou em investir, mas temia que isso a tornasse um alvo mais fácil. Os seus pensamentos embotaram quando o mundo à sua volta perdeu toda a cor, o seu campo de visão agora turvo. Preparou-se, mais uma vez, para a picada da morte, mas, em vez disso, ouviu uma série de arquejos e sufocos vindos de Evan.

A visão de Alex clareou a tempo de o ver balançar nos calcanhares, subitamente instável sobre os pés, como se uma leve brisa pudesse derrubá-lo. O rosto dele ficou lívido. Cada respiração sibilante que conseguia fazer vinha com grande esforço. Incapaz de segurar o braço direito, Evan já não conseguia apontar a arma a nenhum alvo. Um estranho som gorgolejante borbulhou na sua garganta, ao passo que os olhos se reviraram para a parte de trás da cabeça.

*Mas que raio se passava com ele?*, perguntou-se Alex. Estava a ter um ataque cardíaco? Uma convulsão?

Evan perdeu, por fim, totalmente o equilíbrio, caindo para trás. Começou a levantar os braços, numa tentativa inútil de travar a queda. Por uma fração de segundo, a arma foi apontada diretamente para a sua própria cabeça.

Ouviram-se um tiro. Um jorro de sangue explodiu do crânio de Evan quando o seu corpo aterrou com força no chão, não muito longe do corpo de Ken.

Alex não conseguia ver exatamente onde a bala tinha caído, mas o sangue que jorrava, rápido e constante, dizia-lhe com absoluta certeza que nenhuma ligadura ou técnica de primeiros socorros que ela pudesse empregar lhe salvaria a vida.

## Capítulo 53

### Lettie

Estou petrificada contra a parede, tentando não pensar o pior do pior.

Dois tiros.

*A minha mãe morreu.*

*A Brooke morreu.*

*Espera.*

Ouçõ a Brooke e a minha mãe gritarem, mas não consigo entender o que dizem. Os meus ouvidos continuam a vibrar dos tiros fortes no espaço fechado, mas eu não me importo. Consigo ouvir o suficiente para reconhecer a voz da minha mãe. O meu coração eleva-se.

Como se tivéssemos coordenado os nossos esforços, eu e a Mandy saltamos ao mesmo tempo das nossas respetivas paredes para dar uma espreitadela ao interior do escritório de Ken.

Provavelmente eu devia ter ficado no meu lugar. Não faço ideia se continua a haver uma ameaça. Mas uma necessidade irresistível de ver a minha mãe, de ter a certeza de que ela está ilesa, atropela o meu melhor julgamento.

Um grito, desta vez meu, irrompe ao ver a carnificina. Dois corpos jazem no chão: Evan e Ken. Há sangue por toda a parte, com um aroma grotesco que tão cedo não esquecerei.

A minha mãe corre para mim como se fosse fazer uma placagem. E, de certa forma, faz, batendo em mim com tanta força que quase perco o equilíbrio.

A Willow e a Emily correm para a sala momentos depois. Ainda tenho os ouvidos tapados, de modo que não estava ciente dos seus passos a aproximarem-se. Mas consigo ouvir, pela segunda vez neste dia, as sirenes ao longe. Também são audíveis os soluços guturais da tia Emily, que cai de joelhos ao lado do tio Ken, que não mexe um músculo. Olho para trás e vejo a Willow do lado de fora do escritório. Tem os olhos vidrados, congelados de medo.



O Jay deve ter dito à Emily e à Willow que se passava alguma coisa. Ele provavelmente transmitiu a minha mensagem, o que explicaria o facto de terem chegado antes da polícia. Está toda a gente a chorar, incluindo eu. Um vestígio de fumo da arma paira no ar como uma névoa.

A minha mãe está a examinar-me, como se eu pudesse estar ferida, e eu faço o mesmo a ela. Estamos simultaneamente a perguntar se a outra está bem, e depois a minha mãe parece dar-se conta de alguma coisa. A sua expressão muda.

– Partiste o vidro no corredor?

Eu aceno.

A minha mãe abraça-me com mais força.

– Foi uma coisa tão estúpida e perigosa e é impossível eu amar-te mais e estar-te mais grata. Acho que podes ter salvado as nossas vidas.

Ela deixa-me para ir ter com a tia Emily, que está ajoelhada ao lado do tio Ken. Procura o pulso, colocando os dedos no pescoço dele. Tenta virá-lo, mas ele está imóvel.

– Espera pela ambulância – diz-lhe a mãe. – Ele ainda pode estar vivo e movê-lo pode ser prejudicial.

Mas ele não está vivo. Tenho a certeza disso. Tal como tenho a certeza de que o Evan está morto. As únicas pessoas mortas que eu já vi foi em velórios. A visão é surreal. O meu cérebro está a trabalhar fora de horas para processar a cena e, quer eu queira quer não, tenho a certeza de que as memórias destes cheiros, sons e visões ficarão comigo para sempre.

Não faço ideia do que aconteceu aqui (como o Ken e o Evan acabaram numa poça de sangue), mas isso não importa. A tia Emily está em choque. Estamos todos. Infelizmente, a minha tia ainda vai receber mais notícias traumáticas. Ela ainda não sabe do Ken e da Riley.

Estamos todas abraçadas, a chorar, espantadas e atordoadas. A Mandy Kumar, que parece ter formação em emergências, avalia o Evan e o Ken e abana a cabeça sombriamente, confirmando os nossos piores medos. As sirenes soam mais fortes.

Antes que me aperceba disso, chega a polícia. Retêm o meu pai e o Samir Kumar, assim como a maior parte do bairro, que veio ver que comoção era aquela.

A minha mãe está a examinar a divisão. Verifica tudo, à procura de alguma coisa, é o que parece, mas estamos a ser escoltadas para o exterior, enquanto a polícia, os bombeiros e os técnicos de emergência médica entram.

Antes de sermos obrigadas a sair, ela dá uma última olhadela, depois abana a cabeça como que incrédula. Talvez esteja a processar a cena, examinando o horror. Mas penso que não. É outra coisa.

Ela começa a falar. Espero que me diga o que lhe vai na cabeça, além do óbvio. Em vez disso, ela coloca o braço à minha volta e puxa-me mais para perto.

– Amo-te – sussurra. – De todo o coração, eu amo-te tanto.

Estou a chorar. Rios de lágrimas escorrem pelo meu rosto. Também estou a tremer e parece que nunca vou parar. Os técnicos de emergência médica estão a ver como estou, fazem-me toda a espécie de perguntas, mas eu insisto que estou bem.

O meu pai está lá, horrorizado, também a examinar-me, à procura de ferimentos.

Depois, a mãe e o pai abraçam-se: amor pleno. Acho que qualquer problema que tenham tido antes está acabado e resolvido.

Eu estou bem.

Ela está bem.

Essas são as únicas coisas que importam agora.

## Capítulo 54

Numa tarde opressivamente quente, à medida que o verão se aproximava, Alex preparou o almoço que levaria para o lago. Era a primeira vez que as mulheres que moram no beco sem saída – Alex, Emily, Willow, Mandy e Brooke – se reuniam desde os funerais. Foi um momento difícil para todos, mas Alex reservou a maior parte da sua compaixão e mágoa para Dylan e Riley.

Cortou uma sanduíche de atum ao meio, a pensar em Evan e Ken. Cada um tinha feito escolhas fatídicas que conduziram aos seus fins trágicos, mas as crianças foram vitimizadas. Quando pensou em Riley, cortou uma cenoura com força adicional, deixando sair um pouco da sua raiva. Ela tinha sido demasiado jovem e ingênua para consentir em ser parceira de Ken. O pobre Dylan podia nunca vir a recuperar da traição do pai ou da dor confusa que estava a sofrer.

Alex não podia acreditar que Dylan não se tivesse chegado à frente quando encontrou provas incriminatórias sobre o pai no telemóvel de Riley. Talvez ele sentisse muita vergonha, não soubesse como processar tudo. Pelo menos, estava a fazer terapia, a abrir-se mais com a família. Apesar do longo caminho pela frente, Alex sentia-se otimista de que ele iria ultrapassar aquele trauma.

Felizmente, a polícia não divulgou nenhum motivo, portanto as redes sociais ignoravam a relação entre Ken e Riley, e o mesmo aconteceu com as notícias. Além disso, ninguém de Alton Road que sabia sussurrou uma palavra que fosse sobre o assunto. Não havia acusações de abuso para serem cobradas, nem crimes a ser adjudicados, de modo que Riley e Dylan eram livres para viver as suas vidas fora dos holofotes gritantes dos meios de comunicação.

Como sempre, Alex estava preocupada com a irmã. Quando acabou de preparar o almoço, perguntou-se o que teria acontecido se os envolvidos tivessem sido mais honestos. Segredos suficientes para duas vidas, tinha dito Willow.

E se Riley tivesse falado sobre Ken? E se Dylan tivesse contado à mãe o

que viu no telemóvel de Riley? E se Brooke tivesse sido mais aberta sobre o seu perseguidor ou confidenciado a alguém – um terapeuta, um amigo – que o seu casamento com Jerry tinha sido um pesadelo? E se Willow se tivesse aberto com Riley sobre o seu pai biológico anos antes? Será que isso teria alterado a trajetória de vida da filha, ou mesmo a de Wookiee?

Alex também não era nenhuma santa, ela sabia. Escondeu que bebia, enquanto Lettie fazia o mesmo com o seu pequeno plano de vingança contra Riley. Quanta dor poderia ter sido diminuída, quantas vidas salvas, se as pessoas assumissem as suas duras verdades?

Lá fora, o cortador de relva murmurava junto à janela da cozinha, com Nick em cima, como um rei inspecionando as suas terras. Acenou quando passou por ela. Alex retribuiu com um sorriso. Ela não podia estar mais grata pelo seu apoio firme nas últimas semanas. Tinha ouvido Alex pacientemente e sem fazer juízos de valor, sabendo quando lhe dar a paz e o sossego do silêncio companheiro. Também foi uma rocha para Lettie e Emily, quando tentavam aceitar o sofrimento e a dor.

Para alívio de Alex, Emily estava a sair-se muito melhor do que ela teria imaginado. Não há muito tempo, durante o chá da tarde (e era *só* chá, atualmente), Alex revelou finalmente o segredo que guardava sobre o cunhado; dois segredos, na verdade.

*– Eu soube antes de ti que o Ken andava a ver fotografias da Brooke e não te contei – disse Alex.*

*– Como assim? – Emily pousou a chávena de chá com um tinido.*

*– Sabes que os tipos partilhavam as fotografias nas noites de póquer? Bem, é uma longa história, mas eu encontrei uma fotografia no telefone do Nick e pedi explicações. Ele disse-me que a recebeu do Ken.*

*Emily ficou muito quieta.*

*– Porque não me disseste? – perguntou ela.*

*– O teu casamento já estava tão tenso que eu não queria que isso o empurrasse para lá do limite. Depois descobriste por conta própria e eu pensei que já não importava. Mas eu devia ter-te contado. E não é o único segredo que tenho guardado.*

*– O que mais? – perguntou Emily, os seus olhos traindo uma profunda preocupação.*

*Alex filtrou o chá, conseguindo um último momento.*

*– Eu só queria proteger-te e sinto-me doente com isso. Já faz um ano e tem-me pesado mentalmente este tempo todo. Mas todos nós vimos os danos que os segredos podem causar; portanto, para mim acabaram.*

*Emily preparou-se para o embate, os olhos presos aos de Alex, o maxilar apertado, na expectativa.*

*– Então? Vais dizer-me?*

*De testa franzida, como que pedindo desculpa, Alex começou:*

*– Não muito tempo depois de os Kumars se terem mudado para cá, vi o Ken sair de casa da Mandy uma manhã muito cedo. Parecia estar a ir-se*

*embora furtivamente, o que era estranho... suspeito, até, mas eu não sabia como interpretar aquilo.*

*– No verão passado? E só agora é que me contas?*

*Alex sentiu uma pontada de culpa no peito.*

*– Tu já estavas preocupada – continuou ela – e eu não tinha nada de concreto para avançar. Desculpa... Tudo isto foi feito por amor, mas tens todo o direito de ficar com raiva de mim. Estou com raiva de mim própria. Desculpa, Emily.*

*Alex viu apenas um efêmero lampejo de fúria, extinto quase assim que surgiu. As irmãs sustiveram o olhar uma da outra por mais um momento, mas a expressão de Emily suavizou e Alex respirou mais aliviada.*

*– Sou mais forte do que tu pensas – disse Emily. – Aguento um soco, ou dois, ou vinte, não importa. Aguento porque te tenho a ti, e ao Dylan e ao Logan, e às minhas amigas e à mãe, e também tenho fé em mim. Quero que tu também tenhas fé em mim, Alex.*

*– Eu tenho. Tanta que nem sei dizer.*

*Quando se abraçaram, os braços bem apertados uma na outra, as lágrimas de Emily começaram a cair e, logo depois, as de Alex também.*

*Tudo foi perdoado.*

A memória desvaneceu-se e Alex voltou a embalar o almoço. Saiu com a sua mochila, chapéu e óculos escuros para evitar o brilho, juntamente com calças compridas e uma camisa de manga comprida para manter as carraças à distância. Viu Emily em frente à casa de Mandy Kumar com o resto das mulheres já reunidas.

Zoe latiu em saudação antes de se levantar para colocar as patas da frente nas pernas perfeitamente torneadas de Brooke. Não havia como se esconder das carraças com a roupa reveladora de Brooke. A caminhada foi ideia de Brooke e ela tratou da organização, evidentemente com um propósito, embora tivesse sido algo reservada relativamente ao que poderia ser.

– Precisamos de uma limpeza – tinha dito Brooke. – Uma limpeza em grupo... uma espécie diferente de desintoxicação.

Alex perguntou-se se teria alguma coisa que ver com o mergulho planeado, já que todas foram instruídas a levar fato de banho. Mas será que Brooke iria liderar algum tipo de cerimónia?

Houve abraços por todo o lado, mas nenhuma lágrima foi derramada. Pelo menos nesse dia, o choro estava morto e enterrado. Em seu lugar, caiu um peso incerto, que pairava sobre as mulheres como nuvens de tempestade, espessas como o ar húmido. Foi um lembrete para Alex de que os dias podiam mudar, as estações também, mas esse peso estaria sempre agarrado a elas.

Partiram em marcha para o lago, com Zoe trotando alegremente ao lado de Alex. Houve conversas murmuradas, as mulheres emparelhando-se em grupos mais pequenos, enquanto percorriam o caminho estreito. À medida que se aproximavam da clareira, Alex deu por si a caminhar com Mandy, o que lhe deu oportunidade de perguntar algo em que pensava. Não ia abordar o

tema do navio de cruzeiro, que parecia muito conflituoso e, honestamente, um pouco perigoso demais, mas havia mais uma coisa que a incomodava há semanas.

– Estou só curiosa – disse Alex. – Naquele dia, na festa do quartoirão, a Lettie disse-me que tinhas subido as escadas da cave. Eu tenho-me perguntado: o que estavas a fazer na cave da casa do Ken e da Emily?

Tinha sido um caso aberto e fechado, com duas testemunhas a ouvirem a confissão de Evan antes de assistirem ao seu tiro fatal autoinfligido. A polícia recolheu depoimentos de Alex e Brooke, pegou no telemóvel de Riley em busca de provas e fez perguntas a Lettie e Mandy sobre o que elas tinham ouvido, mas não foi uma investigação extensa, já que os factos do caso se revelaram igualmente evidentes e inegáveis.

Mandy desviou o olhar por um momento.

– Digamos que eu tinha mudado de opinião relativamente a algo importante, portanto fui até casa deles para acertar as coisas.

Alex sabia que era tudo o que ia conseguir. De certa forma, Mandy seria sempre um enigma.

Alex levantou os olhos do trilho para ver o lago e foi uma coisa boa. O dia quente e a longa caminhada deixaram-na extremamente feliz por irem nadar. Alex usava o fato de banho por baixo da roupa, mas Brooke vestiu o seu livremente à frente de todas, tal como Mandy Kumar.

– Inspiraste-me a sentir-me muito menos constrangida com o meu corpo – disse Mandy.

Brooke deu-lhe um sorriso de aprovação.

– Esta é a primeira fase da nossa limpeza – disse ela. – A última a entrar na água tem de levar a geleira no caminho de volta!

Foi uma corrida de velocidade para o lago e não se sabe quem foi a última, mas ninguém se importou realmente. A água era tão refrescante que parecia um reiniciar da mente, do corpo e do espírito – uma oportunidade para começar de novo.

Após o mergulho, as mulheres sentaram-se à volta de uma mesa de piquenique rústica, na sombra de um grupo de pinheiros. Alex apresentou as sanduíches que tinha cuidadosamente embrulhado, enquanto Willow servia vinho a todas. Como era agora sua rotina, Alex levou uma garrafa de água com gás gelada. A abstinência alcoólica era uma escolha diária que ela fazia todas as manhãs. Era tão simples e tão difícil quanto isso.

Durante algum tempo, as mulheres comeram e beberam, desfrutando da companhia e da paz do seu ambiente. Embora estivessem na sombra, o dia quente rapidamente secou toda a gente – incluindo *Zoe*, que também tinha gostado de nadar.

Foi Willow quem acabou por quebrar o que tinha sido um período de silêncio.

– Não é que eu queira trazer à conversa assuntos mais sombrios, mas, no outro dia, recebi da polícia o relatório toxicológico do Evan.

Todos se voltaram para Willow.

– E? – perguntou Emily.

– E ele tinha um elevado teor de álcool no sangue e anfetaminas no corpo. Eles acham que a combinação desencadeou uma convulsão.

– Uma convulsão que nos salvou a vida – disse Brooke.

Ninguém brindou a esse sentimento.

– Acho que agora é um momento tão bom como qualquer outro para a segunda fase do meu plano – disse Brooke.

– Referes-te à nossa *limpeza* – disse Emily, que parecia envolvida no plano.

– Isso mesmo – disse Brooke. Retirou da mochila um livro amarelado que Alex reconheceu imediatamente. Era o anuário do liceu de Jerry e Ken.

– Agora todos sabemos o que o Ken e o Jerry fizeram à Mandy no liceu. E algumas de vocês sabem que eu também sofri muito com o abuso do Jerry e que a Emily sofreu com as mentiras e os enganar do Ken. A Willow também foi profundamente magoada por causa do Evan e do Ken. E Alex, tu és, em tantos sentidos, a nossa cola: uniste-nos e mantiveste-nos juntas e, por isso, estarás sempre no nosso coração.

– Por isso, a minha ideia era fazer uma queimada cerimonial deste anuário, transformando simbolicamente as páginas mais negras da nossa história em cinzas.

Finalmente, um sentimento que podia ser brindado por todas.

Brooke dirigiu-se à fogueira ali perto e colocou o anuário no centro. Tirou um isqueiro do bolso e ateou fogo a várias páginas. Todas as amigas se reuniram em redor, esperando ver uma bola de fogo, mas, em vez disso, viram uns cantos arder ligeiramente, sem conseguir pegar uma chama maior.

– Merda – murmurou Brooke. – Não é propriamente o efeito dramático que eu queria. Alguém tem gasolina de isqueiro?

Quase todas se riram da ironia de uma pequena e lamentável chama para uma grande limpeza; todas, isto é, menos Mandy Kumar.

Da sua mala, Mandy tirou uma garrafa de uísque *Johnnie Walker Blue Label*, com um quarto do conteúdo.

– Na verdade, eu própria ia fazer um gesto simbólico hoje e despejar o conteúdo desta garrafa no lago, mas acho que podemos dar-lhe um uso melhor.

Encharcou as chamas nascentes com o álcool, que irrompeu em intensas labaredas que engoliram o anuário. As mulheres ficaram arrebatadas quando a bola de fogo consumiu uma página atrás da outra, até o livro ser maioritariamente cinza.

Emily olhou boquiaberta para Mandy.

– Onde foste arranjar aquilo? – perguntou ela.

Mandy olhou diretamente para Emily.

– Tirei-a do escritório do Ken – disse ela, num tom factual. – Confia em mim, tu não irias querer beber isto. É um bocado... *potente* demais para

qualquer um.

Emily ficou mais direita à medida que o seu olhar desconfiado dava lugar a um de compreensão. Alex lembrou-se da busca desesperada de Samir por Mandy e da sua preocupação de que ela tivesse desaparecido com todos os seus medicamentos. Teria ela envenenado o premiado uísque de Ken? Era por isso que estava na casa? Teria decidido não executar uma vingança tão extrema? Foi essa a sua mudança de opinião?

Se assim fosse, o plano de Mandy tinha inadvertidamente salvado a vida delas. Alex duvidava que tivesse sido uma combinação de álcool e anfetaminas a causar a convulsão de Evan. Ela achava que ele tinha consumido os medicamentos desaparecidos de Mandy, que tinham sido misturados naquela garrafa de *Johnnie Walker Blue*, causando uma reação que levou ao ferimento de bala. Mas as provas dessa teoria tinham acabado de pegar fogo.

A expressão de Brooke fez-se mais sombria. Ela tinha ouvido o apelo de Samir e sabia da medicação em falta, bem como da ligação ao navio de cruzeiro. Deve ter seguido a mesma linha de pensamento de Alex.

Mandy disse:

– Há alguns anos, estive num espaço mental muito negro. Honestamente, não tinha sequer a certeza de querer viver. Tinha traumas por resolver, somados à perda mais dolorosa que uma mãe pode sofrer. O Samir tentou de tudo para me ajudar a encontrar uma saída para a minha depressão, mas não havia solução. Medicamentos, terapia, nada estava a funcionar. E então fizemos aquele cruzeiro. Eu sei que o Samir queria reacender as coisas, mas eu pura e simplesmente não via uma maneira de nos fazer voltar ao normal.

»Eu estava no convés superior, a pensar em saltar para o mar e acabar com a minha vida, quando me deparei, de todas as pessoas possíveis, com o Jerry Bailey. Reconhecemo-nos imediatamente, embora ele estivesse tão bêbado quanto possível. E era o mesmo de sempre. Disse-me, em termos inequívocos, que era melhor eu não ter ideias de ir buscar memórias antigas, usando o movimento #MeToo para ir atrás dele. Ameaçou-me com o seu dinheiro e o seu poder, dizendo-me que era melhor eu ficar de boca fechada. Depois, pôs as mãos em cima de mim e disse-me que ainda conseguia tudo aquilo que queria.

»Empurrei-o, com força, e como ele estava tão bêbado, tropeçou para trás, completamente desequilibrado.

»O corrimão tinha cerca de um metro e vinte de altura. Ele era um homem alto, portanto não era preciso muito para o atirar por cima dele. Não havia ninguém por perto, nenhuma testemunha, por isso afastei-me. Cinco minutos depois, relatei ter ouvido um chape, mas é claro que não assumi o meu envolvimento. O navio virou, começou uma busca, mas... nunca encontraram o seu corpo.

»Isto é horrível de dizer, mas a morte dele abriu algo dentro de mim. De repente, senti-me livre de culpa e vergonha, de pena e tristeza; foi, numa



palavra, *empoderador*. Senti-me viva outra vez. Pus na cabeça que a vingança me curaria e decidi fazer dela a minha missão de vida: procurar justiça nos meus termos e à minha maneira. Então, encontrei o Ken e fiquei de olho nele e, quando uma casa em Alton Road apareceu para venda... eu estava pronta.

»Foi irresistível torturá-lo durante um ano, ficar a vê-lo contorcer-se. Mantive-me na boa, muito controlada, muito metódica, com exceção de uma noite, na véspera de Natal, em que me passei. Eu estava a espiar, porque as nossas épocas festivas não são muito alegres; observava o Ken pela janela de casa, a rir, a beber, como se fosse o dono do mundo. Eu queria tirar-lhe aquele olhar convencido da cara. Em vez disso, rabisquei um bilhete num papel de rascunho que tinha na mala, amarrei-o à volta de uma pedra com um elástico e atirei-o pela janela. Vi que ninguém se ia magoar: tinha um lance limpo até à mesa e soube-me mesmo bem canalizar finalmente a minha raiva para algo tangível. Consegui um certo alívio, juntamente com alguma satisfação, mas os bons sentimentos não duraram.

»Eu sabia que não podia ficar a jogar com ele para sempre. Tinha de decidir como acabar o que tinha começado, o que tinha vindo aqui fazer. Lembrei-me que o Ken tinha feito grande alarido do seu uísque *apreciado*, portanto começou a formar-se em mim uma ideia. Contudo, quando chegou a hora, eu simplesmente não consegui avançar com ela.

»Sabes, é que eu tinha entrado na tua casa, Emily, quando todos se preparavam para a festa do quarteirão. Encontrei o armário das bebidas sem grande dificuldade e envenenei a garrafa do Ken com os meus medicamentos moídos. Dada a concentração de medicamentos que dissolvi, sabia que causaria uma reação fatal, mesmo que ele bebesse uma quantia pequena e, como o Ken fazia questão de não partilhar as coisas boas, senti-me segura de que não iria fazer mal a outras pessoas. E também estava segura relativamente a um possível exame toxicológico, uma vez que o médico-legista teria de testar especificamente as drogas que usei.

A voz de Mandy tremia, os olhos vítreos das lágrimas por derramar.

– Voltei a mim. O que aconteceu ao Jerry foi um acidente. Com o Ken, teria sido homicídio. Uma coisa é a fantasia, mas a realidade, bem... digamos que encontrei a minha consciência pesada. Eu sabia que, naquele momento, seria muito mais fácil viver com o meu trauma do que com a culpa que se segue ao homicídio. Enquanto esperava que o Ken bebesse, tive tempo para refletir sobre o que estava a fazer. Cheguei à conclusão de que a minha dor e o alívio que senti após a morte do Jerry provavelmente tinham mais que ver com o Asher, canalizando a minha dor para alguma coisa que eu podia controlar, do que com o que me aconteceu no liceu. Eu estava a confundir uma mágoa com outra e não conseguia avançar com aquilo. Portanto, voltei para a casa, subindo sorratamente as escadas da cave, tal como antes. Só que, desta vez, cheguei tarde demais para o bem do Ken... e acho que também para o do Evan.

Uma mortalha instalou-se sobre o grupo quando o fogo começou a

diminuir. Os restos carbonizados do anuário arderam a fogo lento.

– O que queres que façamos com estas informações? – perguntou Willow.

– Acho que cabe a vocês decidir – disse Mandy. – Estou preparada para assumir o que fiz, o que aconteceu. Gostava que o meu filho, o Jay, pudesse contar comigo e gostava de ser a esposa e companheira que o Samir merece. Mas talvez eu não mereça essa oportunidade por causa do que fiz.

– O que é que fizeste? – Foi Brooke quem se pronunciou. – O Jerry agarrou-te e tu defendeste-te, depois anunciaste que ele caiu borda fora. Não fizeste nada ao Ken, além de um pouco de vandalismo e de o fazeres sentir-se pouco à vontade; quanto ao Evan, soubeste do relatório toxicológico. Foram as anfetaminas que causaram a convulsão.

Brooke olhou para Willow, que retribuiu com um aceno de cabeça.

– Anfetaminas e álcool eram o seu *cocktail* habitual – disse Willow. Foi para junto de Mandy e pousou o braço em cima dela. Se alguém duvidara da inclinação de Willow, esse gesto dissipou-a. – Eu acho que o lugar da garrafa é o lago, onde tinhas intenção de a deitar.

Passados alguns instantes, as cinco mulheres e uma cadela reuniram-se à beira do lago e ficaram a ver, em silêncio, Mandy atirar a garrafa de uísque o mais longe que conseguiu. A garrafa caiu com um salpico, flutuando por um momento na superfície da água, antes de encher e desaparecer nas profundezas.

## **Página *online* da comunidade de Meadowbrook**

### **Anúncio Especial do Moderador do Grupo.**

O *post* sobre a tragédia de Alton Road foi apagado permanentemente.

Comecei esta página como um recurso informativo para a cidade de Meadowbrook. *Bullying* e comentários insensíveis não serão tolerados. Se não tem a certeza se seu comentário é apropriado, consulte nossos Padrões da Comunidade publicados, ou correrá o risco de ser bloqueado, como o **Ed Callahan**.

MEMORIAL DAY,  
UM ANO DEPOIS. . .



## Epílogo

### Lettie

O objeto gira de extremidade em extremidade, bem acima de mim. Tenho os olhos postos nele. Não vou falhar. Nem pensar. Estou fixa nele como um falcão num rato. E então, no pior momento possível, uma nuvem desloca-se, expondo o brilho ofuscante do sol. Uma luz brilhante atinge-me com tanta força que a minha visão fica branca. É uma fração de segundo no máximo, mas tempo suficiente para eu perder o alvo. *Raios partam!*

Surge o pânico, mas não tenho tempo para isso. *Tenho de me focar! Encontra-o!* Os meus olhos disparam para a esquerda, depois para a direita. À procura... à procura. E depois, *PAM!* Ali está. Lança-se na minha direção como um cometa – o impacto será em breve. O ângulo não é perfeito. Deveria ter sido lançado mais alto. A velocidade será um problema, com certeza. Estendo as mãos no último segundo possível, com os mindinhos a tocarem-se para formar uma concha.

De alguma forma, cronometrei tudo na perfeição. Movo as mãos na mesma direção da trajetória do ovo. Isto, eu sei, vai abrandar a sua velocidade relativa no ponto de contacto. Concentro-me em apanhar os lados. É aí que quero aninhá-lo nas palmas das mãos.

O ovo bate nas minhas mãos com um baque, mas não ouço estalidos. Espero... mas nada, não sinto revestimento pegajoso na minha pele. Olho para as minhas mãos. Lá está: intacto, perfeitamente intacto.

Seguro o ovo para todos verem. Vivas e aplausos encham o ar. O meu pai está a cerca de sete metros e meio de distância, aos saltos como se os Red Sox tivessem acabado de ganhar o Campeonato Mundial. O rapaz de dez anos que está ao meu lado parece prestes a desfazer-se em lágrimas, coitadinho. Ovo amarelo escorre-lhe pelas mãos como um espirro que correu mal.

Vou ter com ele, toco-lhe no ombro.

– Bom jogo. Talvez no próximo ano.

Depois, corro para o meu pai a abrir. Damos um abraço como se fosse o último de sempre. Ele está radiante, talvez à beira das lágrimas? *Ok*, é um

exagero, mas ele está superfeliz, sem dúvida. Apesar de termos vencido, não haverá troféus este ano. Nunca mais haverá troféus. Isso era coisa do Ken, e também nunca mais haverá Ken.

– Bom trabalho, Lettie – diz o pai. – Eu sabia que eras capaz!

– Uma vez lançador de ovos, para sempre lançador de ovos – digo, a piscar o olho. – E podes agradecer à minha cadeira de Física pela vitória. Eu sabia exatamente como ajustar para a velocidade. Da próxima vez, lança mais alto, por favor.

– Ensinam bem na UMass – diz o pai.

Sorrio. É verdade. UMass, não USC. Acho que o que eu realmente precisava era de escolha, não de um mandato. Um diploma dessas universidades é essencialmente a mesma coisa, ou assim me disse certa vez um velho sábio. O meu pai prometeu ajudar a pagar os estudos pós-graduação com o que estamos a economizar. E não tenho de ser assistente de residentes, portanto os meus tempos de delatora ficaram para trás das costas.

O Dylan vem ter connosco meio a correr, a sua pele lisa com o brilho da gema a escorrer.

– Belo trabalho, Lettie – diz-me ele.

– Também não estiveste mal – digo. – Mas tu e o Logan têm um longo caminho a percorrer se quiserem vencer a excelência.

Ele faz-me uma ligeira vénia.

– Acho que isto talvez seja bom material para um conto.

Aceno com a cabeça.

– Li o último que escreveste: era incrível. Não fazia ideia de que tinhas isso em ti.

– Nem eu – diz o Dylan. – E obrigado pelo elogio. Na verdade, decidi estudar Literatura. Bucknell tem um ótimo departamento.

– Quem havia de dizer o que uma aula de escrita criativa iria desencadear? – digo.

– Posso ser professor do liceu: treinador de lacrosse e de luta livre, passar a mensagem de que vitórias e derrotas não são a única coisa que importa.

– Ah, esta derrota é importante – digo-lhe, segurando orgulhosamente o meu ovo intacto.

– Sim, sim – resmunga o Dylan. Torna-se sombrio. – Parece um bocado estranho, não é?

Olho em redor. Churrasco. Balões. Crianças. Música. Bebidas. Comida. Jogos de relvado. A festa do quarteirão de Alton Road. O mesmo de sempre. Mas não é o mesmo. Nunca mais será o mesmo. Este ano todos parecem muito mais reflexivos. Há muitos momentos de alegria e frivolidade, mas lembretes mais sombrios e dolorosos escondem-se logo abaixo da superfície. Tanto em jovens como em velhos, vejo-os borbulhar de vez em quando no olhar, uma distância nos olhos, como se uma memória se tivesse apoderado com força.

Em certos sentidos, acho que o bairro nunca esteve tão próximo: é como se precisássemos da tragédia para nos tornarmos o nosso eu autêntico.

– Sim, lá estranho parece – digo. – É mais contido, isso é certo.

O Dylan acena com a cabeça na direção da tia Emily. Ela está a conversar e a rir com a minha mãe e a nossa avó.

– Talvez a minha mãe tenha razão e fazer a festa *seja* um elemento de cura – diz ele.

– Talvez – digo.

Eu já serei muito, tenho de admitir, embora ainda esteja a processar alguma culpa e talvez um pouco de stresse pós-traumático. Não perdi a convicção de cuidar do planeta, mas percebi que é igualmente importante cuidar das outras pessoas.

Vejo a avó e a tia Emily subirem o caminho de acesso até casa da Willow – ou o que em tempos foi a casa da Willow. A tia Emily comprou-a no outono, depois de a Willow e a Riley se terem mudado. A medida fazia sentido. A minha tia não suportava viver numa casa com tantas memórias perturbadoras, mas também não queria afastar-se da minha mãe. Ela e a avó vivem aqui agora, o Dylan também, quando está em casa, nas férias da faculdade. O Logan mudou-se para Nova Iorque, para um cargo importante na área financeira. Boa notícia: não havia necessidade de ampliação, já que a casa da Willow tinha a configuração perfeita para um apartamento na cave com a sua própria entrada, e uma divisão especial que a avó usa como um «*closet* de grandes dimensões». Meu Deus!

A nova família que se mudou para o beco sem saída tem três filhos pequenos e pleno conhecimento do que aconteceu no escritório do primeiro andar – bem, pelo menos os pais sabem. Duvido muito que tenham contado aos filhos sobre as duas mortes. Tudo parece normal lá agora, idílico até, com bicicletas, giz na calçada, rega automática e muitas gargalhadas.

A Willow e a Riley vêm dar-me os parabéns pela vitória. Podem já não viver em Alton Road – compraram uma casa num condomínio do outro lado da cidade –, mas farão sempre parte do «quartirão». A Riley tem a sua *t-shirt* da Universidade de Miami. Vai para lá no outono, depois de passar um ano a viajar pela Europa com a mãe.

Eu acho que a Willow ganhou muito dinheiro depois da morte do Evan. Como o divórcio nunca seguiu em frente, a convenção antenupcial não importava, ou algo assim. A minha mãe sabe os pormenores.

Passados alguns minutos, o Jay vem a conduzir por Alton Road. Vem devagar, é muito consciente porque é uma espécie de caos aqui. Não o tenho visto muito desde que voltou para a faculdade. Estaciona no seu caminho de acesso, sai a segurar dois cafés do Starbucks.

– Tens sede? – grita para mim. – Comprei a mais um *latte* de leite de amêndoa com especiarias, sem lactose, pensando que podias querer um.

O Jay entrega-me a bebida, que recebo com um sorriso e um agradecimento.

– Não te vejo há séculos – digo. – Não pensei que viesses. Como tens estado?

O Jay pega no seu confiável cigarro eletrónico, como se precisasse de uma passa para partilhar alguma coisa sobre si mesmo.

– Achas que eu ia perder a festa do quarteirão? Alguém tem de cuidar de ti, Lettie. – Pisca-me o olho, a combinar com aquele sorriso dele. – Estou muito bem. Nota máxima em tudo no meu primeiro semestre de regresso.

Arqueio as sobrancelhas.

– Sem piratear o sistema? – Eu tinha descoberto por que razão o Jay tinha sido expulso da sua anterior faculdade.

Ele aceita o golpe com graça.

– Sim, tudo esforço, desta vez sem parvoíces.

– E os teus grandes planos para dominar o mundo com a tua aplicação mistério?

– Ainda não, mas cada vez mais perto – diz ele. – E vocês vão ficar contentes por saber que o meu negócio vai ajudar muitas pessoas. Não é só para fazer dinheiro.

– Mas ainda é segredo? – pergunto, à espera de que ele finalmente partilhe aquilo em que tem trabalhado.

A sua expressão matreira diz-me que isso não vai acontecer.

– Ainda é segredo, mas quando eu a anunciar, serás a primeira a saber. Devo-te muito. Ajudaste-me a tornar-me uma pessoa melhor.

Ele tem razão. Fui eu que o encorajei a confessar ao Dylan que era o chantagista. Ele garantiu ao Dylan que todas as gravações tinham sido apagadas. Mas o Jay encontrou a sua própria consciência ao devolver, sem que eu o incitasse, o dinheiro que coagiu o tio Ken a dar-lhe; se bem que a tia Emily ainda não sabe quem foi responsável por levar e devolver os fundos.

– O que se tem passado na UMass? Algum dos rapazes descobriu a pessoa incrível que tu és? – pergunta Jay.

Acho que finalmente vejo alguma emoção real.

– Estou interessada num tipo com uma tatuagem de aranha no braço – digo. – Acho que continuo vidrada em aracnídeos.

O Jay ri.

– Esses podem ser matreiros, Lettie – diz ele. – Se alguma vez precisares de um amigo um pouco duvidoso para te ajudar a sair de uma embrulhada, sabes onde me encontrar.

Dá-me um abraço. Vejo-o afastar-se. Chega a meio caminho da porta de sua casa e vira-se para se despedir. Eu aceno de volta... e depois desaparece.

Estou a voltar ao caos da festa do quarteirão quando vejo um carro desconhecido: um *Mini Cooper* azul, não pode haver carro mais giro, a seguir por Alton Road. Temos cones dispostos no final da rua para dissuadir os não residentes, mas este carro veio na mesma.

O motorista para em frente à nova casa da tia Emily, a antiga da Willow, que por acaso fica ao lado de onde eu estou. Uma rapariga sai do *Mini*. Tem



cabelo louro-escuro e uns olhos azuis impressionantes.

– Olá – diz-me timidamente. – Estou à procura da Riley Thompson. Ela mora aqui? – Os seus olhos azuis lembram-me os da Riley.

Acontece que a Riley está mesmo perto. Ouve o seu nome e vem a saltitar.

– Olá, sou a Riley – diz ela à rapariga, que parece ter mais ou menos a nossa idade, talvez um pouco mais velha.

A rapariga avalia Riley com um olhar que posso descrever apenas como apreensão nervosa. Passa o peso do corpo de um pé para o outro, sem conseguir sustentar o olhar curioso da Riley.

– Hum, olá – começa ela, com a voz suave e incerta. – Isto vai soar muito estranho, e peço desculpa por aparecer aqui sem avisar, mas... Fiz um teste de ADN. E bem, um... acho que és minha irmã.

A Riley fica de boca aberta. Eu também. Por um momento, ela fica sem palavras, mas depois diz:

– Queres dizer...

A rapariga acena com a cabeça.

– Steve Wachowski... o, hã, Wookiee... ele é meu pai e eu acho...

A Riley não lhe dá oportunidade de terminar.

– Também é meu! – Começa aos pulos como se tivesse outra vez dez anos.

A Willow vem; há conversa, seguida de abraços e risos e, sim, lágrimas.

Aqui têm a vida em Alton Road – repleta de surpresas e um arco-íris de emoções.

Honestamente, tive mais surpresas no último ano do que poderia sequer contar. O suficiente para que eu esteja a pensar em fazer uma licenciatura dupla, em Ciência Ambiental e Psicologia. Se há algo mais interessante para estudar do que o planeta, são as pessoas que vivem nele.

## Agradecimentos

Propus-me escrever *A Festa do Bairro* com uma intenção clara: eu queria trazer um pouco de leveza ao gênero do *suspense* doméstico e combinar isso com dramas familiares com que muitos se pudessem identificar. Devo partilhar que Meadowbrook, Massachusetts, não existe, nem Alton Road, onde a festa do quarteirão ocorre. Isso é intencional. Eu queria escrever sobre um lugar que poderia ser Qualquer Lugar, EUA. Para isso, achei melhor inventar uma cidade. Eu adoro reviravoltas loucas, desvairadas, como qualquer fã de *suspense*, mas dei a mim mesma o desafio pessoal de manter o *suspense* sem depender de uma trama excessivamente complexa.

Como escritora, não gostaria de ter um produto lá fora se não achasse que estava à altura dos meus padrões, mas não tenho todo o crédito por esse sucesso. Escrever um livro é único, na medida em que é sobretudo uma empresa solitária. Não há uma sala de romancistas para discutir ideias. Não há reuniões de equipa a interromper o nosso dia. Não temos diretores criativos nem atores de quem levar ideias emprestadas durante o processo criativo. Nós simplesmente escrevemos. É esse o trabalho. E, no entanto, estou rodeada de pessoas que garantem que eu permaneça no rumo certo e nunca perca de vista a pessoa mais importante no processo criativo – você, o leitor.

Assim, com esta introdução, gostaria de agradecer à minha editora, Jennifer Enderlin, por acreditar em mim e, especialmente, neste livro. A sua percepção e os seus instintos moldaram profundamente a narrativa e instaram-me a ser melhor. Um livro é tão impactante quanto os seus leitores, e por isso devo agradecer a Christina Lopez, Lisa Senz, Brant Janeway, Erica Martirano e Katie Bassel, que encabeçaram os processos de publicação e espalharam palavra sobre os acontecimentos desastrosos que têm lugar em Alton Road.

Estou também grata por ter a representação literária de Meg Ruley e Rebecca Scherer, da Jane Rotrosen Agency, e de Lucy Stille, pelos meus direitos de cinema e televisão.

Embora eu possa ser principalmente uma operadora solitária quando escrevo, editar e rever é mais um esforço de equipa. A minha mãe, Judy, é uma primeira leitora de confiança e fico sempre espantada com a sua

compreensão acutilante da história. Um agradecimento especial e sincero a Kathleen Miller, a quem este romance é dedicado e cujos contributos para este livro nunca serão demais. Obrigada também a Sue Miller, pelo seu olho de águia como revisora, Clair Lamb, pelo brilhantismo editorial e à colega romancista de *suspense* Danielle Girard, que sempre dá sugestões úteis e um porto de abrigo vital.

Quanto ao incrível quadro de escritores que concordaram em passar o seu tempo a ler *A Festa do Bairro* com o objetivo de darem elementos para a contracapa – Elin Hilderbrand, Megan Abbott, William Landay, Lisa Unger, Chris Pavone, Lisa Scottoline, Sally Hepworth, Mary Kubica, Lisa Jackson, Heather Gudenkauf e Lisa Gardner –, estou profundamente grata pelo apoio. Sou leitora devota e fã de cada um desses grandes escritores e o seu talento enformou o meu ofício e ensinou-me muito sobre o que torna as histórias de *suspense* difíceis de pousar.

Por último, gostaria de lhe agradecer por experimentar este livro. Tem imensas leituras ótimas por onde escolher. Fico feliz que tenha escolhido a minha.

Com gratidão, Jamie Day

# Contents

1. Ficha Técnica
2. MEMORIAL DAY, ATUALIDADE
  1. Capítulo 1
3. MEMORIAL DAY, UM ANO ANTES
  1. Capítulo 2
  2. Capítulo 3
  3. Capítulo 4
  4. Capítulo 5
4. VERÃO
  1. Capítulo 6
  2. Capítulo 7
  3. Capítulo 8
  4. Capítulo 9
  5. Capítulo 10
  6. Capítulo 11
  7. Capítulo 12
  8. Capítulo 13
5. OUTONO
  1. Capítulo 14
  2. Capítulo 15
  3. Capítulo 16
  4. Capítulo 17
  5. Capítulo 18
  6. Capítulo 19
  7. Capítulo 20
  8. Capítulo 21
  9. Capítulo 22
  10. Capítulo 23
  11. Capítulo 24
  12. Capítulo 25
  13. Capítulo 26
  14. Capítulo 27
  15. Capítulo 28
6. INVERNO
  1. Capítulo 29
  2. Capítulo 30
  3. Capítulo 31
  4. Capítulo 32
  5. Capítulo 33
  6. Capítulo 34

- 7. Capítulo 35
- 8. Capítulo 36
- 9. Capítulo 37
- 7. **PRIMAVERA**
  - 1. Capítulo 38
  - 2. Capítulo 39
  - 3. Capítulo 40
  - 4. Capítulo 41
  - 5. Capítulo 42
  - 6. Capítulo 43
- 8. **MEMORIAL DAY, ATUALIDADE**
  - 1. Capítulo 44
  - 2. Capítulo 45
  - 3. Capítulo 46
  - 4. Capítulo 47
  - 5. Capítulo 48
  - 6. Capítulo 49
  - 7. Capítulo 50
  - 8. Capítulo 51
  - 9. Capítulo 52
  - 10. Capítulo 53
  - 11. Capítulo 54
- 9. **MEMORIAL DAY, UM ANO DEPOIS. . .**
  - 1. Epílogo
  - 2. Agradecimentos

## Landmarks

- 1. Cover
- 2. Title-Page
- 3. Table of Contents
- 4. Acknowledgments